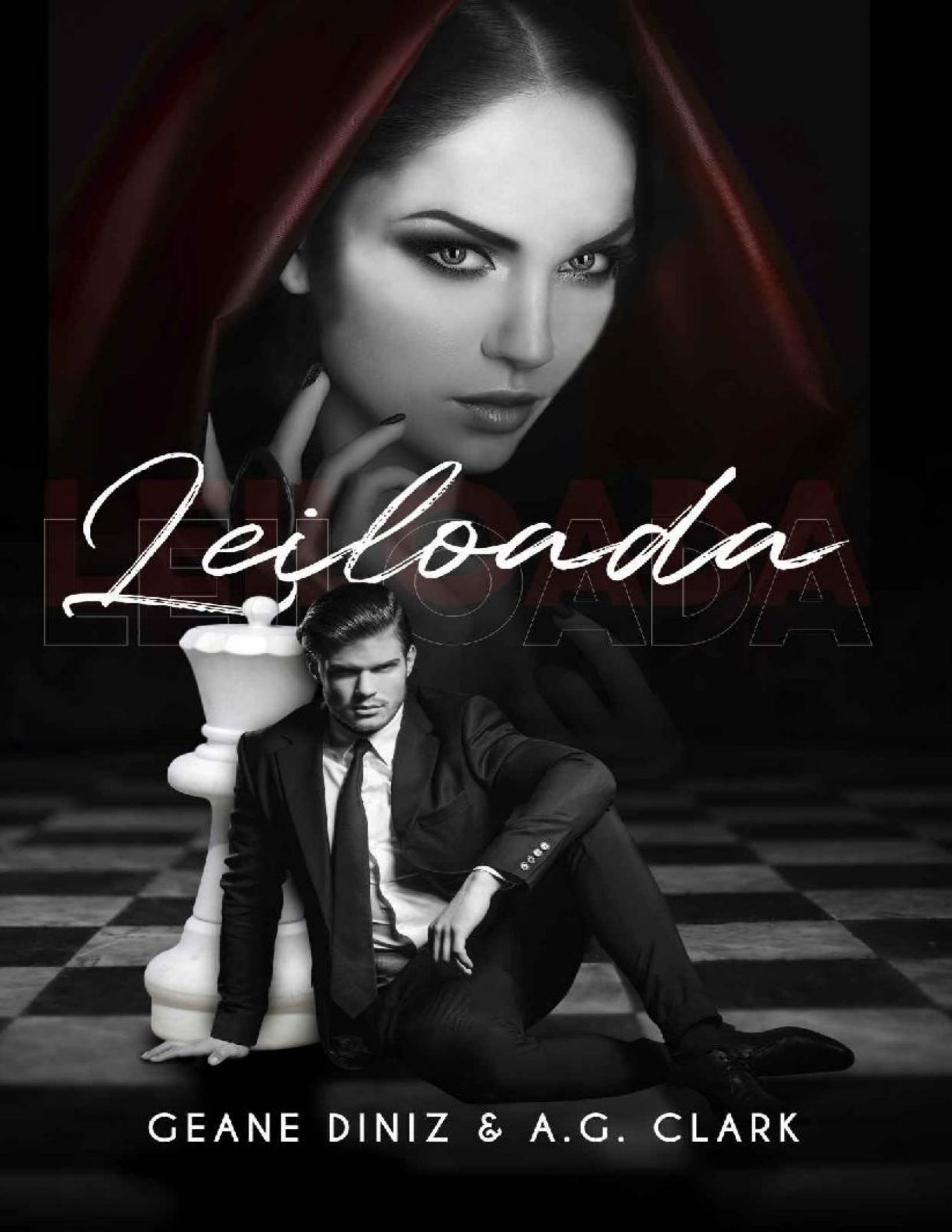




Reilonda

GEANE DINIZ & A.G. CLARK

Leiloadá

GEANE DINIZ & A.G. CLARK

Sumário

[Sumário](#)

[Ficha Técnica](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Epílogo](#)

[Pelos Olhos do CEO](#)

[Paixão Proibida](#)

[Contrato com a Máfia](#)

[Um Agente para a CEO](#)

[Delegado Hermes](#)

[Toques de Sedução](#)

[Promessas de amor](#)

[Amor sem Fronteiras](#)

[Agradecimentos](#)

[Fale com os autores](#)

[Notas](#)

Ficha Técnica

PUBLICAÇÃO VERSÃO AMAZON

2021 — Todos os direitos reservados.

**Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.
Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.**

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização dos autores.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Imagens

Depositphotos

Adobe Stock

Pixabay.com

Escrito por: Geane Diniz & A.G. Clark

Continuidade: Geane Diniz

Revisão: Geane Diniz / A.G. Clark

Inspiração: A.G. Clark

Capa: Will Nascimento

1ª. Edição — 17/Agosto/2021

Publicação: Agosto/2021 — 20210817.1

Dedicatória

Este livro é dedicado às nossas mais fiéis leitoras, que têm acompanhado o nosso trabalho desde o início.

Dedicamos também à todas as pessoas que abandonam sua pátria e suas famílias, passando muitas vezes por situações de risco e humilhação em busca do “sonho americano” com o objetivo de proporcionar mais qualidade de vida para seus entes queridos.



Prólogo

Maxwell

A limusine blindada apontou na entrada do portão duplo de metal iluminando a guarita que havia do lado de dentro de uma mansão em estilo vitoriano, no rico bairro de Manhasset, no condado de Nassau County^[1], um dos tantos pertencentes ao Estado de Nova Iorque.

Um homem alto e forte, usando terno preto, saiu pela pequena porta de metal e se aproximou do vidro do motorista, que trajava uniforme e portava-se com discrição e profissionalismo.

— Cavalo Branco e convidado — disse o motorista estendendo um cartão de plástico dourado com o símbolo de um tridente vermelho estilizado, nele grafado “*Hell’s Club*” (*Clube do Inferno*).

O segurança, pois isso que ele era tendo em vista o coldre com uma pistola em sua cintura e o quase imperceptível fone auricular do lado direito, pegou o cartão e o validou por aproximação em um moderno e pequeno equipamento, provavelmente para reconhecimento do chip em seu interior.

Quando apareceu na tela uma luz verde, ele sorriu e registrou a permissão de acesso.

— Sejam bem-vindos — desejou e logo o ouvi ordenar que os portões fossem abertos.

— Por que Cavalo Branco? — perguntei curioso.

— É uma forma de não usarmos nossas verdadeiras identidades perto dos convidados, os sócios mais poderosos recebem um nome de peças de xadrez, o *status* aqui dentro depende de sua influência e contatos, isso dita a relevância da sua peça — explicou sem se prologar — aqui é o lugar onde podemos realizar os nossos mais selvagens desejos.

— E eu? — questionei curioso.

— Você, por ser um convidado, é um Peão também branco, pois está do meu lado do tabuleiro. Somente Peões recomendados por outras peças do xadrez podem vir ao clube como convidados e, talvez, um dia, dependendo de seu poder e influência, admitidos como sócios, o que não necessariamente significa que ganhará a nomenclatura de uma peça, pode ser um sócio e permanecer eternamente como um Peão.

Meneei a cabeça achando tudo aquilo muito estranho, ao mesmo tempo interessante.

Seria tudo um jogo? Ou estávamos em um tabuleiro real? O xadrez era um

jogo estratégico, um único erro e a partida estava perdida.

O que exatamente o tabuleiro dentro da mansão guardava para mim?



Capítulo 1

Dias atuais

Maxwell

O veículo avançou lentamente pela estrada de pedras, cercada por um jardim com flores e árvores, iluminada por *spots* vermelhos.

— Você vai adorar esse clube, Maxwell — garantiu o deputado Kinsley, um homem caucasiano de trinta anos, com cerca de um metro e oitenta, relativamente magro, cabelos pretos penteados para trás fixados com brilhantina e nariz aquilino.

Era representante de Nova Iorque na Câmara dos Deputados, isto é, a Câmara Baixa do Congresso, estava no meio do mandato. Pertencia à quinta geração de uma família de políticos republicanos, os Worrington, e fora eleito com um discurso anti-imigração.

Eu o apoiara financeiramente nas eleições, assim como também apoiara a candidata democrata derrotada, uma descendente de mexicanos. Minha decisão por apoiar tanto os republicanos quanto os democratas vinha de uma importante estratégia de negócios: não importa em qual país você viva, você precisa ter o governo do seu lado e tomar cuidado como expõe suas opiniões publicamente.

Aos trinta e três anos eu era o herdeiro de um conglomerado de empresas focadas em dois ramos, a Biotecnologia e os bancos de investimentos, onde eu gastava a maior parte do meu tempo, captando investidores e injetando capital em empresas promissoras de quaisquer segmentos, além de me divertir brincando com a valorização de outras na bolsa de valores.

Formado em administração pela prestigiosa *Berkeley*^[2], a Universidade da Califórnia, assumira a segunda vice-presidência das empresas anos atrás, preparando-me para em um ou dois anos tornar-me o presidente.

Até os meus dezessete anos, durante *high school*,^[3] eu era um adolescente fútil que somente pensava em festas, carros velozes e em me dar bem com as garotas, mas meus pais faleceram em um acidente aeronáutico, quando sobrevoavam as Montanhas Rochosas^[4], e depois daquele dia mergulhei de cabeça em fazer aquilo que o meu pai sonhara para mim desde sempre: gerir o conglomerado que ele fundara, isso resultou em meu máximo empenho na universidade.

Meu tio, Rupert, irmão de meu pai, então vice-presidente, assumiu a cadeira de CEO e tão logo eu me graduei, ele passou a me treinar para um dia eu poder ocupar o meu verdadeiro lugar, que era a liderança do conglomerado.

Trabalhando na sede das empresas Reed, que ocupava os últimos seis

andares de um edifício de trinta, em *Wall Street*^[5], a meca dos empresários em Nova Iorque, a cidade que nunca dormia e a capital mundial do capitalismo, continuei investindo nos estudos, agora em Columbia, que era logisticamente conveniente para mim.

Comecei por baixo, como um simples *trainee* da área estratégica da empresa, para aprender os meandros da administração, algo que meu pai sempre quisera que eu fizesse, desde os meus quinze anos, mas que eu sempre me recusara.

A cada ano que se passava, era um degrau que eu subia na minha própria empresa. Lembrava-me dos ensinamentos de meu pai na adolescência e seguia as orientações de meu tio, até chegar à vice-presidência.

O Congressista, ao meu lado no carro, sentia-se agradecido pela injeção de capital que sua campanha recebera das empresas Reed, e como fora eu o responsável a tratar com seus assessores, acabáramos criando um certo vínculo, não que fôssemos amigos, ao menos eu não o considerava um, mas por conveniência aceitava seus convites para jogar tênis, golfe ou até mesmo para o acompanhar em algumas baladas ou festas *privês* que ocorriam em boates exclusivas da cidade. Eu o fazia não pela diversão propriamente dita, mas, pela rede de relacionamentos.

Porque nesse mundo dos negócios, tudo gira em torno dos relacionamentos que você tem, a sua imagem e os seus contatos te elevam a um degrau a deixar os demais em desvantagem.

E agora ele fizera questão que eu conhecesse um famoso clube, ao menos no submundo da aristocracia política e empresarial, “*Hell’s Club*”, um lugar voltado para diversões adultas, fora o que eu conseguira apurar.

Como um lugar exclusivo, somente a elite podia frequentá-lo, para ser sócio o candidato devia ser indicado por um membro e arcar com uma taxa anual, que eu considerava exorbitante, entretanto, a promessa era de que você poderia

satisfazer qualquer desejo que tivesse, por mais mundano que fosse.

Mas eu não era inocente a ponto de acreditar nisso. Sexo, mesmo mundano, uma pessoa como eu conseguia ter em qualquer lugar, de graça. Jamais paguei por isso, jamais paguei por uma mulher. Meu interesse no clube era outro, eu o frequentaria se fosse o local em que pudesse me gerar relacionamentos corporativos.

Kinsley fora indicado pelo próprio pai, um magnata da indústria do aço, Senador republicano pelo Estado de Nova Iorque duas legislaturas antes, mas que em razão de um escândalo sexual em Washington acabara não concorrendo à reeleição e aparentemente passara a apostar tudo na carreira política do filho. Antes de ganhar a eleição, o congressista jamais havia frequentado o clube, o que me fazia compreender que aquele era realmente um local seletos e muito bem controlado.

E agora, como sócio, ele tinha o direito de levar um convidado, desde que esse convidado fosse alguém extremamente famoso, influente, relevante ou vergonhosamente rico, o que era meu caso.

A limusine estacionou em frente à mansão onde fomos recepcionados por um homem que parecia ter saído de um filme de Hollywood, usando *libré* composta por uma jaqueta, culotes curtos, luvas, meias de algodão e sapatos finos. Aquela figura caricata aproximou-se do veículo e abriu as portas traseiras para que descêssemos.

Seguimos o protocolo da noite, ambos estávamos rigorosamente bem-vestidos.

Fomos recebidos em uma sala privada pela *hostess* principal, uma bela loira de olhos azuis, com os cabelos presos em um coque, que trajava corpete, cinta liga e saltos altos. Ela tinha na mão um tablete e parecia conferir o protocolo de segurança habilmente.

— Sejam bem-vindos ao “*Hell’s Club*” — ofertou-nos máscaras

brancas sobre uma bandeja prateada — elas são obrigatórias.

Observei-as atentamente e constatei que cobriam desde a ponta do nariz, deixando as narinas livres, até as sobrancelhas. Segui o mesmo processo de Kinsley para me mascarar.

— Acredite, Max, elas o farão sentir-se melhor dentro do clube — revelou o Congressista e tentei imaginar exatamente sobre o que ele se referia.

— Por favor, deixem seus aparelhos celulares no *hall* — pediu ao nos indicar a pesada porta dupla de madeira, que foi aberta por dois homens usando *libré* iguais ao do que nos recepcionou no carro, com a diferença que as deles eram vermelhas e azuis.

Adentramos em uma sala de pé direito triplo onde se via um enorme lustre de cristal pendurado, dois seguranças vestindo ternos pretos nos observaram atentamente, enquanto duas outras *hostesses* usando os mesmos trajes sumários da primeira se aproximaram, uma delas carregando uma bandeja com dois envelopes.

Kinsley pegou o primeiro, que parecia já estar identificado com o seu nome, colocou seu celular dentro dele e o lacrou. Peguei o meu aparelho do bolso do casaco, desliguei-o e fiz o mesmo. Uma das jovens, uma bela negra de corpo curvilíneo, nos convidou a acompanhá-la até a porta seguinte, onde outro rapaz usando *libré* nos deu passagem.

Entramos em uma sala monumental forrada por um tapete espesso, decorada com esculturas e bustos, além de quadros nas paredes, escadarias de ambos os lados levavam para um segundo andar, dois enormes lustres de cristais estavam pendurados por correntes no teto e iluminavam o ambiente com o tom de luz levemente rosado.

Homens com *smoking* e mulheres trajando vestidos longos estavam espalhados pelo ambiente, em pequenos círculos em pé ou sentados em espaçosos sofás, enquanto a equipe de trabalho da casa, com seus corpos atléticos e

curvilíneos, de todas as etnias, mantinham-se em movimento, completamente nus, carregando bandejas com canapés e taças de bebidas.

Eu ainda estava curioso sobre o que mais o local poderia oferecer, já havia feito parte de festas secretas e exóticas antes e sabia que cada uma tinha um atrativo, qual seria o de hoje nesse lugar?

No centro da sala, dois casais praticavam sexo grupal em cima de um espesso tapete, seus corpos brilhando com óleo, enquanto eram observados avidamente por convidados que os incentivavam, alguns usando as mãos para os acariciar e guiar.

Uma mulher que trajava um *sexy* longo branco, com fenda generosa que mostrava as pernas bem torneadas e decote que deixava à mostra o colo dos seios se aproximou, seu cabelo era ruivo e uma máscara usada no carnaval de Veneza escondia parte de seu rosto, deixando à mostra apenas seus olhos violetas, os lábios rubros e nariz arrebitado.

— Cavalo Branco, que prazer tê-lo novamente em nossa casa para o evento mensal especial — cumprimentou a mulher.

— Esta é a Rainha Branca — Kinsley a apresentou com um sorriso tolo nos lábios.

— Senhor Reed, espero que não se importe se chamá-lo de Peão Branco, é uma forma de preservar sua privacidade — cumprimentou-me estendendo a mão, a qual apertei levemente — neste local, somente a realeza conhece a identidade de todos sócios e convidados.

— Não me importo — respondi com um sorriso forçado.

— Espero que aprecie nosso clube e quem sabe o Cavalo Branco não o indique para uma sociedade? Você seria um membro bastante promissor.

— Obrigado — fui polido ainda sem ter o meu julgamento formado sobre tudo o que eu estava vendo.

Embora jamais fosse frequentador assíduo, eu conhecia outros clubes de fetiches sexuais. Esse excesso de zelo com as identidades no *Hell's Club* significava que a atração principal deveria ser algo mais impactante, portanto, se até agora estava um pouco entediado com mais do mesmo, talvez a atração principal da noite pudesse me entreter.

— Venha, deixe-me levá-lo para conhecer nosso clube — convidou-me ao enroscar seu antebraço no meu, conduzindo-me para a grande escadaria de mármore.

No andar superior havia um amplo corredor com vários quartos.

— Sabia que aqui já foi um hotel décadas atrás?

Neguei com a cabeça, enquanto ela parecia ter a intenção de me mostrar quarto por quarto.

— Sendo a Rainha deste local, assumo que não é somente uma dama de companhia para novos convidados, correto? — tentei entender um pouco melhor sobre como tudo funcionava no clube, agora que Kinsley tinha nos deixado a sós por um momento.

— O meu papel principal é conhecer potenciais sócios como você, seduzi-lo para tornar-se um membro e com isso ganhamos força com um seletor público da roda do poder — riu ela e não soube julgar se dizia a verdade ou era somente uma brincadeira.

— Uma rainha na arte da sedução?

— Na verdade eu faço a parte que nenhum dos outros fundadores gosta de fazer. Rainha Negra e Reis Branco e Negro discutem negócios, eu, entretenho os nossos hóspedes favoritos. A Rainha Negra jamais seria carismática a este ponto — deslizou a comprida unha vermelha sobre a lapela do meu paletó de forma sexy e insinuante.

— Está flertando comigo, Rainha Branca? — fui direto.

— Talvez — fingiu ajeitar a minha gravata — vou deixá-lo com esta dúvida.

— Para onde está me levando?

— A noite só vai começar após o evento especial, por isso, podemos olhar quase todos os quartos — sorriu — não são muitos, este era um local restrito a pessoas da mais alta classe.

— E como será essa noite especial? — perguntei curioso ignorando a explicação dos quartos.

— Você verá...

Não me restou alternativa senão acompanhar a Rainha Branca, sabia que ela estava jogando comigo, havia muito dinheiro envolvido naquele clube, além de muitas identidades que precisavam ser protegidas, não conseguia me imaginar como membro permanente de um lugar assim, mas via possibilidades promissoras de negócios, era fato que gigantes investidores o frequentavam.

— Os quartos são mobiliados de acordo com o gosto do sócio — explicou fazendo aquilo tudo parecer muito interessante.

Havia quartos pintados de vermelho vivo, onde era possível ver correntes e algemas penduradas no teto, além de diversos objetos de sadomasoquismo arrumados em prateleiras. Alguns apresentavam mobília tradicional, outros eram como um mini cinema e no fundo um vidro deixava entrever do outro lado apenas almofadas e em um piso de madeira.

— Aqui é para quem prefere assistir ao invés de participar — explicou.

Quando descemos a escadaria e acessamos uma nova ala, diferente do que vira no começo, comecei a ficar impressionado com o nível de sofisticação das atrações, pois aquele local era uma mistura de bordel com parque temático de diversões, apenas que a diversão era sexo em suas inúmeras formas.

Nesse momento outro homem usando *libré* adentrou no salão e convidou

a todos para se dirigirem ao jardim, nos fundos da casa.

— Como disse, hoje teremos uma noite especial — riu de forma coquete e, ainda com o antebraço encaixado no meu, guiou-me até o fundo do salão, que possuía uma enorme porta francesa dupla que dava acesso ao evento ao ar livre.

Lanternas chinesas coloridas estavam penduradas em algumas árvores, uma enorme piscina oval escondia-se embaixo de um piso transparente, que deixava ver a iluminação azul e vermelha produzida pelos *spots* debaixo da água.

Uma mesa de madeira estava disposta no centro da piscina, sobre o piso, onde dois homens, um usando *smoking* preto e o outro branco, e uma mulher usando vestido negro se sentavam intercalados. Pelas cadeiras similares a tronos, eles deveriam ser a realeza do tabuleiro, aguardando pela última Rainha.

O Rei Negro, que parecia bem mais velho que os demais membros da realeza, tinha os cabelos raspados, ocultava o rosto com uma máscara que lhe cobria a face na integralidade, estava em excelente forma física e dava a impressão de ser extremamente mais alto do que o Rei Branco, que além da máscara dourada usava chapéu da mesma cor, escondendo os cabelos e isso fazia com que fosse difícil até de inferir como seria a sua feição.

Já a Rainha Negra era tão elegante quanto a Rainha Branca, os cabelos presos reluziam como ouro, com enfeites de plumas e brilho que davam-lhe um nível a mais de sofisticação. Ela ainda usava luvas de cetim até acima dos cotovelos e sua máscara era no estilo veneziano, cobrindo-lhe a integralidade do rosto.

Minha acompanhante deixou-me ao lado do Congressista, meu anfitrião, e foi em direção à realeza, tomando o seu trono junto aos demais.

— É a corte real, os reis e as rainhas — Kinsley referiu-se às peças de xadrez novamente — neste clube, a Rainha Branca é do Rei Negro e a Rainha Negra pertence ao Rei Branco.

— Nobres convidados — co

meçou o anfitrião —

esta noite teremos um evento inédito, uma jovem que nunca conheceu os prazeres do sexo.

Um murmúrio percorreu entre os convidados e Kinsley sorriu de forma lasciva.

— Apenas um de vocês terá o privilégio de ser o primeiro a experimentar as delícias de uma jovem — disse empolgado um dos reis, após um minuto de silêncio.

A inquietude dos presentes aumentou quando duas mulheres usando corpete e cinta liga vermelha escoltaram, do interior da mansão até o centro do tablado, uma pessoa que estava coberta com uma longa capa e capuz.

— Vinda da floresta amazônica, eu lhes ofereço essa virgem — disse agora o de *smoking* branco, em tom mais alto, e com um movimento brusco puxou a capa que cobria a atração.

Palmas foram ouvidas assim como alguns risos e conversas animadas em voz mais alta. Debaixo daquele tecido havia uma garota de pele bronzeada, cabelos negros lisos e soltos que caíam sobre os ombros e estendiam-se pelas costas, corpo curvilíneo e pernas torneadas. Ela tentava inutilmente cobrir as partes íntimas e os belos e firmes seios com as mãos.

— Está aberto o leilão, o lance inicial é de vinte mil dólares por uma única noite — anunciou o Rei Negro.

— Trinta mil! — disse um homem obeso e calvo, usando uma máscara parecida com o bico de um abutre.

— Trinta mil e quinhentos — anunciou uma voz perdida na multidão.

— Trinta e dois mil! — quase gritou Kinsley erguendo o braço, bastante entusiasmado.

— Trinta e cinco mil! — foi a vez de uma mulher esbelta usando vestido cor creme.

Os lances se sucederam enquanto a pobre garota ficava protegendo as partes íntimas com as pequenas mãos e mantinha a cabeça abaixada.

Senti algo em meu íntimo se revoltar, não que eu fosse um bom moço, pelo contrário, minha vida sexual era extremamente ativa desde os meus dezesseis anos, não me importava em experimentar certas práticas, como *ménage à trois*^[6], até mesmo *bondage*^[7], mas em todas as minhas experiências o desejo era sempre recíproco. O que estava havendo aqui, na minha frente, era nojento. Um ser humano sendo vendido, visivelmente sem o seu próprio consentimento.

E aquela garota parecia ser tão jovem, seria ela maior de idade? A vontade que eu tinha era de subir ao palco e devolver a ela sua capa, tirando-a daquele estado de humilhação.

— Sessenta mil dólares — gritou o homem obeso que vinha disputando lance a lance com a mulher de vestido creme.

— Sessenta mil dólares, para o senhor Cavalo Negro — anunciou o leiloeiro — dou-lhe uma, dou-lhe duas...

— Cem mil dólares! — elevei o tom de voz dando o meu lance como em um impulso, atraindo os olhares de todos.

— Cem mil e quinhentos! — gritou o obeso e o som das vozes aumentou.

Quinhentos dólares a mais? Era somente isso que o tal do senhor Cavalo Negro podia fazer? Quinhentos dólares não pagavam nem uma noite a dois em um bom restaurante novaiorquino.

— Duzentos mil dólares com a condição de levar a jovem comigo! — anunciei friamente.

O súbito silêncio pairou sobre o jardim.

— Duzentos mil dólares! Dou-lhe uma, dou-lhe duas... — anunciou o Rei Negro e aguardou um momento para ver se alguém mais se manifestava — dou-

lhe três! Vendida para o senhor Peão Branco, com a concessão de a levar com ele.

O burburinho dos presentes agora se misturava aos aplausos. Todos ao redor olhavam para mim.

Nesse momento a jovem que mantivera a cabeça abaixada ergueu o rosto e me encarou, seus olhos verdes e profundos me fizeram sentir vergonha de pertencer à raça humana que, em pleno século XXI, ainda leiloava mulheres como se fossem escravas.

Ela não alterou a sua expressão, não sorriu, não ficou triste, simplesmente manteve o seu olhar duro e frio para mim, como se quisesse me desafiar, permanecendo imóvel enquanto as mesmas duas mulheres de corpete voltavam ao palco para devolver-lhe a capa. A jovem só deixou de olhar para mim quando sua cabeça foi coberta pelo capuz. Só aí foi retirada daquele local de destaque.

“O quão diferente eu era desse povo vergonhoso?” — perguntei para mim mesmo considerando que eu fora o responsável pelo lance vencedor.



Capítulo 2

Semanas atrás...

Perla

Meus pés doíam terrivelmente, estávamos caminhando desde a madrugada e agora, perto do crepúsculo, nos aproximamos do Rio Grande^[8], o ponto de travessia entre o México e os Estados Unidos, em busca de uma chance de conseguirmos uma vida melhor.

Andamos sob o tórrido calor de quarenta graus durante o dia e aguardávamos o escurecer para vencermos a última etapa. Disseram que a correnteza estava excepcionalmente mais forte. O rio mais perigoso passava

insegurança, por outro lado, seriam somente quinze minutos dentro daquelas águas traiçoeiras.

Tentei não pensar sobre o motivo pelo qual papai insistiu tanto nesta loucura. Eu sabia que existiam outras formas de superarmos as dificuldades pelas quais passávamos, mas ele já não via mais saída para nós, ou, talvez ele não enxergasse mais saída para ele.

Mais cinco pessoas embarcavam nessa loucura conosco, todos homens jovens, dois deles mexicanos. Acompanhávamos dois *coyotes*^[9], ambos com aparência bruta e portando armas.

Meu pai, Frederico, vendeu a pequena padaria que possuía em Tabatinga, às margens do Rio Solimões, no Estado do Amazonas, e empregou todo o dinheiro da venda nesse sonho louco de uma vida melhor na América. A padaria já não valia muito, estávamos à beira da falência, os dias fartos já não existiam mais em nossas vidas há alguns anos.

Tínhamos uma história de vida que começara bonita, mas tornara-se um pesadelo.

Ele migrara para o Amazonas vinte e cinco anos antes, quando abandonara uma plantação de vinhas onde trabalhava no Rio Grande do Sul.

Na nova cidade e após muito custo, conseguiu montar sua padaria. As receitas de minha avó paterna, uma descendente de alemães, fizeram sucesso na região e ele ficou conhecido como o “Alemão da Padaria”, tanto que acabou batizando seu comércio com o nome “Padaria do Alemão”.

Sua pele branca e olhos claros causaram impressão nas moças da cidade, dizia minha mãe Lúcia, uma índia de cabelos negros e olhos da mesma cor, por quem meu pai se apaixonou perdidamente. Dela eu herdei o tom da pele e os cabelos negros e lisos, de meu pai herdei os olhos claros, não necessariamente de mesmo tom.

Éramos uma família feliz, mas cerca de oito anos atrás, quando eu tinha onze anos, mamãe morreu em um assalto. Ela trabalhava no caixa da padaria e mesmo tendo dado todo o dinheiro arrecadado no dia, levou um tiro e veio a falecer cinco dias depois no hospital. A polícia nunca pegou os assaltantes.

Meu pai ficou arrasado e pensei que ele fosse morrer de desgosto, passou a ter aversão ao seu negócio e foi deixando tudo nas mãos de funcionários inexperientes.

Conforme eu fui crescendo e compreendendo o que acontecia, passei a me dedicar ao trabalho, eu via que a qualidade dos nossos produtos e serviços caía cada vez mais, meu pai não conseguia ficar ali, olhar para o lugar onde perdera a minha mãe doía-lhe a alma, então, quando não estava na escola, além de ter que cuidar de nossa casa, ainda tinha que acordar de madrugada para ajudar na Padaria.

Eu vinha tentando tanto, mesmo sem qualquer experiência nos negócios, batalhava para permanecermos abertos desde os quinze anos.

Papai, depois da morte de mamãe, nunca mais foi o mesmo, transformou-se em um homem apático, triste e passou a beber, muitas vezes o encontrei chorando, totalmente embriagado, e tinha que levá-lo para a cama.

E assim os anos foram passando, eu me refugiava dos problemas mergulhando de cabeça no trabalho, ainda era uma das melhores alunas da escola e complementava meus estudos pegando livros na biblioteca municipal. Tinha ganhado uma bolsa de estudos para inglês e espanhol, por ser boa aluna e não faltava em uma única aula, pois sonhava com o dia em que passaria em uma faculdade e poderia partir para uma cidade grande levando meu pai comigo.

A crise econômica que o Brasil enfrentou, além da incapacidade de papai em se dedicar ao nosso negócio, acabou levando-nos praticamente à falência, eu tinha dado o meu melhor, mas jamais havia gerido uma microempresa e neste ponto, falhei em ajudar e aos dezoito anos, isso foi meses atrás, nos vimos em nossa mais complicada situação.

Minha vida fora tão dura nesses últimos anos, tanto que eu não podia dizer que levava uma vida normal. Era trabalho, casa, escola. Eu tinha entregado a minha vida à nossa sobrevivência, por isso não tinha amigos, pois não havia tempo para eles, também jamais vivera um romance, embora sonhasse com o dia em que o meu coração pudesse bater forte por alguém.

Sob a péssima influência de companheiros com quem papai compartilhava a mesa de bar, nos dias que ele chegava embriagado em casa, ele colocou na cabeça que a única saída para nós seria viver o sonho da América, daí vieram a venda do que sobrou da padaria e da casa onde morávamos. Quitamos as dívidas e o que sobrou seria para a viagem.

Claro que a nossa tentativa de tirar um visto, mesmo que entrássemos lá como turistas, foi negada. Não tínhamos bens que nos vinculasse ao Brasil, não preenchíamos a qualificação para ganharmos o direito de viajar para lá.

Um desses amigos de papai disse que sua prima residia no Texas e possuía o *green card*^[10] e prometeu nos ajudar a conseguir cruzar a fronteira. Tudo isso por meio de um grupo de *coyotes* especialistas.

Foram alguns meses de preparativos até termos todo o dinheiro, mais de cinquenta mil dólares para atravessarmos os dois, então, com nossos passaportes, embarcamos para a Cidade do México e de lá viajamos de ônibus até uma cidade na fronteira com os Estados Unidos.

Ficamos na praça central da cidade que se transformara em um grande acampamento de refugiados, todos aqueles que eram detidos e expulsos, todos aqueles que queriam tentar a sorte sozinhos e todos aqueles, como nós, que tinham contratado ajuda dos *coyotes*. Hora após hora, debaixo de lonas improvisadas pela prefeitura ou arremedos de barracas, contando com o pouco oferecido ou com a caridade de estranhos.

Homens, mulheres, idosos, crianças, pessoas de todas as idades e nacionalidades da América do Sul e Central aguardavam pacientemente.

Conseguimos um canto perto da velha fonte, onde nos instalamos usando nossas mochilas como travesseiro. Eu carregava o dinheiro enrolado em um saco plástico preso ao meu abdômen, sentia-me imunda, faminta, desesperada, mas meu maior medo era de sermos roubados.

Três dias depois, nosso *coyote*, um homem de meia idade, com uma barba negra e desgrenhada que escondia seus lábios, varria a fila da sopa oferecida por uma igreja com olhos negros cruéis, até que nos encontrou. Ele caminhava calmamente com um cartaz com os nomes de seus clientes, incluindo o de meu pai e o meu.

Ao nos identificarmos, levou-nos até uma pousada onde ao menos pudemos tomar banho. Perto do crepúsculo ele chamou meu pai para conversar e quando papai voltou, pediu-me o dinheiro e com o coração confrangido no peito entreguei todas as economias de sua vida sofrida de trabalhador, se ele perdesse aquele dinheiro, estaríamos na miséria.

Eu pesquisara antes de sair do Brasil, sabia que havia quadrilhas de traficantes que sequestravam os imigrantes e ligavam para suas famílias exigindo resgate, se isso acontecesse conosco estaríamos em apuros, para quem recorreríamos? Não tínhamos mais ninguém no Brasil, duvidava que os falsos amigos de papai nos ajudassem.

Ao anoitecer, o *coyote* nos conduziu de carro, com outras cinco pessoas, até a margem do Rio Grande, entregaram-nos boias salva-vidas e nos guiaram, amarrados uns ao outros pela cintura, até o outro lado. A água estava gelada e agressiva e meu corpo tremia incontrolavelmente de frio quando saímos no lado americano.

Os jovens que nos acompanhavam correram e rapidamente se perderam na escuridão, eles não haviam pago o adicional para serem levados até a cidade, como nós fizemos, por isso agora estavam por sua própria conta e risco. Teoricamente, com esse adicional, teríamos mais segurança, pois seríamos conduzidos até o fim.

Nesse momento fomos iluminados pelos faróis de dois veículos.

— *La Border Police (Polícia da Fronteira), quédense quietos (fiquem quietos)* — ordenou o líder dos *coyotes*.

Dois policiais brancos, usando coletes balísticos e armas na cintura, aproximaram-se jogando a luz de uma potente lanterna em nossos rostos, um deles carregava o que parecia um fuzil.

— Ramón — ouvi um dos policiais cumprimentar o *coyote*.

O homem se aproximou do policial e conversaram em voz baixa, eu não conseguia ouvir o que diziam, mas percebia que seus olhares se dirigiram para mim algumas vezes, por isso mantive-me agarrada a papai.

— Escutem, a rota que vocês pagaram é a mais segura, por isso foi cara, serão levados presos nos carros dos policiais americanos, um em cada carro, até a cidade mais próxima com aeroporto, onde serão libertados — explicou o *coyote* em arrastado *portunhol*.

O policial americano se aproximou e pegou minhas mãos para algemá-las.

— Não! Eu quero ficar com meu pai! — debati-me e voltei a o abraçar.

— *Bitch (puta)!* — rosnou o policial me alcançando e torceu meus braços algemando-me os pulsos.

— Esperem, eu quero ir com ela! — disse papai ao ver o tipo de tratamento que eu estava recebendo.

— Vocês se reencontrarão no aeroporto — disse o mais mal-humorado dos *coyotes*.

— Jamais combinamos que iríamos separados! — papai ainda retrucou.

— Papai, não me deixei só — pedi amedrontada.

— Menina teimosa, você quer que todos sejamos presos? Estamos

perdendo tempo, os policiais não vão aguardar você terminar com o seu ataque de mimo — rosnou o outro se aproximando de mim com ódio no olhar.

— Eu... — senti-me culpada, não queria causar problemas para o meu pai, se não conseguíssemos entrar nos Estados Unidos voltaríamos na miséria para o Brasil, pois tudo o que tínhamos fora investido nessa travessia — Tudo bem papai — disse por fim, resignada.

— Nos vemos daqui a pouco! — ainda ouvi meu pai dizer antes de ser colocada no banco traseiro da viatura policial.

Pela primeira vez na vida eu estava totalmente sozinha e não tinha ideia do que aconteceria comigo. Em um país estranho, de língua que embora eu compreendesse, ainda me adaptava à velocidade com a qual falavam, não confiava nos *coyotes*, muito menos nos policiais que estavam infringindo a lei, embora eu devesse me beneficiar dessa infração.

Sabia que precisava ser forte para encarar a situação, mas não podia ser julgada por estar apavorada.



Capítulo 3

Dias atuais

Maxwell

Hesitei por um momento quando vi que a garota recém leiloadada estava sendo levada de volta ao interior da mansão.

Não tinha certeza do que aconteceria com ela, eu não estava acostumado a este tipo de coisa, muito menos a eventos com este nível de atividade ilícita. As festas fechadas que eu participava tinham um outro cunho. Claro que rolavam muitas drogas, charutos contrabandeados, sadomasoquismo da melhor qualidade para os entusiastas, até prostituição, mas escravidão?

Como é que o Congressista estava em um lugar assim sem o receio de que isso pudesse vazar e impactar a sua carreira política? Ou será que ele fazia parte de quem acobertava e até mesmo apoiava tráfico humano?

A Rainha Branca desceu do tablado com um sorriso nos lábios e se aproximou de mim, era a hora do pagamento.

— Que forma maravilhosa de estreiar em nosso clube, Peão Branco — disse ela impressionada — acredito que dinheiro não deva ser problema para você — e completou enquanto os demais convidados, em meio a risos e conversas, voltavam para o interior da mansão, após terem se divertido com a cena mais bizarra que eu já tinha presenciado na vida.

— Nenhum, se me der o número da conta onde eu devo depositar o dinheiro e o acesso ao meu celular, farei a transferência de imediato — respondi ainda revoltado com o que eu vira, mas tentando demonstrar que tudo estava dentro da normalidade.

Não podia me indispor, não sabia do que se tratavam os dirigentes do clube, acima de tudo, desconhecia quem eram os sócios poderosos apoiadores deste tipo prática.

— Claro, se fizer a gentileza de me acompanhar — sugeriu — creio que nosso Cavalo Branco não se importará em me ceder, mais uma vez, o prazer de sua companhia.

— De forma alguma — riu o Congressista — caso deseje aproveitar a sua *aquisição* peça a cortesia de uma suíte temática à Rainha — piscou o olho para mim, lançando aquela mensagem insinuante, querendo dizer que a noite só havia começado.

— Venha comigo — convidou a mulher de branco para que eu a seguisse.

Entramos no salão principal da mansão, os convidados agora estavam se entrosando com os homens e mulheres nus que cuidavam de os entreter, alguns subiam acompanhados para o andar superior.

Seguimos pela escadaria de mármore e adentramos um dos corredores até que ela usou sua digital do dedo indicador para destrancar a porta, do que constatei ser um escritório com as paredes cobertas de estantes com livros. A lareira eletrônica decorativa parecia ligada, estávamos no verão, portanto, ela só servia para dar um clima mais intimista, já que a temperatura da sala estava agradável com o sistema de ar-condicionado funcionando. Avistei a mesa de madeira de lei próxima à janela, em cima dela um *notebook*.

— Pode usá-lo — disse apontando para a mesa.

— Não terei o meu celular?

— Não se preocupe, senhor Reed, este equipamento faz transações seguras.

Sentei-me em uma poltrona atrás da mesa, contrariado por ter que usar um equipamento não pessoal para acessar a minha conta, mesmo assim, nada disse e digitei as credenciais do meu banco, para proceder com a transferência. Quando voltasse a ter acesso ao meu celular me preocuparia em trocar a senha da conta e a monitoraria pelos próximos dias.

— Pode depositar nesta aqui — entregou-me um cartão com uma sequência de números — é irastreável.

Obviamente!

Como eu era ingênuo neste mundo obscuro, claro que ações ilícitas pediam transações clandestinas em contas fantasmas. Isto é, nessa transação, eles estavam protegidos, somente eu ficaria exposto, pois a minha conta bancária era oficial e legal. Não tinha antecipado que uma loucura dessas seria necessária.

Efetuei a transferência e desconectei minha conta, tentei não pensar sobre o que tinha acabado de fazer, talvez fosse um erro, mas já estava feito e de forma alguma eu voltaria atrás, ainda mais depois de ver o olhar duro da garota objeto do leilão.

Deixei a cadeira e a Rainha Branca se sentou em meu lugar e acessou o equipamento, provavelmente para conferir o depósito na conta indicada.

— Tudo certo? — perguntei com sarcasmo.

— Perfeitamente, agora você é o feliz proprietário de uma selvagem virgem — sorriui ignorando meu tom de voz — posso perguntar o que você pretende fazer com ela?

— Posso perguntar como ela veio parar aqui? — devolvi a pergunta.

— Se você acha que ela está aqui contra a vontade, está enganado — continuou sorrindo — ela aceitou nossa proposta de leilão.

Senti uma ponta de decepção, quem em sã consciência se submeteria a algo tão degradante? Será que eu tinha jogado o meu dinheiro fora e tentava salvar a quem não queria ser salva? Respirei fundo sem me deixar decepcionar, não podia ter sido isso, aquele olhar penetrante e desafiador dirigido a mim quando dei o lance vencedor dizia-me outra coisa.

— Ela não é americana, certo? — tentei disfarçar meus sentimentos.

— Uma imigrante ilegal — revelou, como se isso desmerecesse um ser humano — deu sorte de ter sido encontrada por uma *agente* minha, caso contrário teria sido estuprada, isso se não fosse presa e deportada.

Dado o cenário, será que a pobre garota tinha alguma escolha? Ser presa, estuprada ou comprada para ser violada da mesma forma? Não senti que qualquer dessas opções teria um final feliz. E porra! Ela era uma menina.

Pensei no que faria agora que eu a tinha *comprado*, como se algum ser humano nesse mundo tivesse direito à posse do outro.

— Como você pagou uma pequena fortuna pela *selvagem* que tal se eu te oferecer uma das nossas suítes para que aprecie sua mercadoria? — sugeri.

— O acordo foi que eu poderia levá-la embora — fui firme na resposta.

— É claro, mas veja bem, ela é uma imigrante ilegal, uma garota sem experiência qualquer em como viver em uma sociedade civilizada, já imaginou o escândalo se alguém o flagrar com ela? Use-a como quiser hoje e depois deixa-a conosco, pois a trataremos bem, ela será hospedada em uma de nossas suítes e estará sempre pronta e disponível para que você a desfrute aqui no clube, um lugar seguro e discreto e, quando você se cansar, pode simplesmente dispensá-la sem nenhum constrangimento — insistiu.

— Eu insisto nos termos do acordo, pela quantia que desembolsei ela me pertence para que eu possa levá-la embora — que tipo de juízo de valor aquela mulher tinha de mim?

Eu não era santo, algumas de minhas aventuras amorosas renderam até fofocas em revistas especializadas em bisbilhotar a vida dos ricos e famosos, mas ser considerado um abusador? Isso era um absurdo.

— Bem, ela lhe pertence — disse a mulher conformada como se tivesse lido meus pensamentos — faça com ela o que bem lhe aprouver e depois que terminar, seja quando for, peço somente que nos mande-a de volta. Não acredito ser prudente ficar com um animalzinho desses dentro de casa ou soltá-la na rua.

Uma batida na porta interrompeu a conversa e a jovem estrangeira entrou no aposento escoltada pelas duas mulheres que a tiraram o palco.

— Fique à vontade — disse a Rainha Branca e saiu da sala na companhia das mulheres, deixando-me sozinho com a jovem, que ainda mantinha a cabeça abaixada, seu rosto escondido atrás das sombras do capuz e estava vendada.

“Em que merda eu me meti?” — pensei comigo mesmo.

Perla

Estava sendo difícil respirar com o capuz gigantesco e nada via com a venda. Sentia o coração bater muito forte, quase saindo pela boca.

Ainda assustada, a dor de estômago era nauseante, provavelmente porque não me alimentava direito há muitos dias, além do que, não sabia onde estava, fui levada de uma cidade para a outra, prisioneira em um trailer, praticamente tratada como um bicho selvagem.

Passara os últimos dois dias trancada em um quarto escuro, sem janela, mas, pelo menos o banheiro tinha ducha. Somente hoje, após mais uma transferência de lugar, viera para cá e cheguei a tempo somente de me prepararem para subir ao palco.

Tentei ser forte, mas sentia-me humilhada, fora exposta ao público completamente nua, vendida como um objeto e agora, estava em um local que era mais silencioso. Quando ouvi a porta se fechar, sabia que estava sozinha com o meu *comprador*!

Quem era ele? O que faria comigo?

Que tipo de homem compra a primeira relação de uma mulher? Tinha para mim que a valorização da castidade da mulher era um dos atos mais machistas do mundo, eu era um ser humano acima de tudo.

Mas o pior de tudo, que tipo de homem era capaz de comprar uma mulher e a levar embora?

Será que ele me violentaria? Usaria o meu corpo e me abandonaria em um beco qualquer? Ou me manteria como sua escrava sexual? Por quanto tempo?

Talvez, a pergunta a ser feita fosse para mim mesma: “*Que tipo de mulher aceita vender a virtude?*” Será que eu tinha alguma escolha? Será que eu tinha noção das consequências de qualquer das minhas respostas, fosse ela a negativa ou a afirmativa?

— “*Você pode subir naquele palco, portar-se como uma dama e agradecer por ter um comprador ou voltar para o Bordel de onde foi tirada, quase estuprada*” — eram as duas opções que me foram dadas.

Qual a diferença entre um e o outro? No primeiro seria estuprada por um ser imundo qualquer, no outro a imundice seria a mesma, mas vestida de belos trajes sociais e muito dinheiro no bolso.

Respirei fundo, o ar parecia pesado, comecei a tremer, por mais que tentasse esconder a minha fraqueza, outra vez senti o estômago me incomodar, transpirava frio embora meu corpo estivesse quente e meu estado de excessiva náusea, entretanto, não baixaria a cabeça em momento algum.

Sabia que ele estava ali, de frente para mim, percebia a sua temperatura corporal, mas ele não dizia uma palavra e isso não tornava a situação mais fácil. Seria inútil eu sair correndo, estávamos fechados naquela sala e lá fora havia toda aquela multidão conivente com o espetáculo. Riram e se divertiram a minha custa.

— Por que não clama logo pela sua *mercadoria* e me deixa em paz? — soltei arredia como uma tigresa — O sofá não é confortável o suficiente para você? — metralhei-o com palavras de ódio, em português, sabia que ele não entenderia.

— Você não fala inglês? — perguntou ele pausadamente em resposta.

— Não muito bem — retruquei em sua língua, mesmo com o forte sotaque, não tinha vontade de me esforçar para nos comunicarmos — mas sei que comprou uma noite comigo — joguei com tom severo e desgostoso.

— Não comprei uma noite com você, eu *a comprei* esqueceu? — continuou ele, mas imediatamente se calou.

Não tinha certeza sobre o que ele tinha em mente. E não me disseram que me venderiam e sim a minha castidade.

Apesar de que, a esta altura, que diferença faria? Ficar nas mãos dos cafetões sujos, que imediatamente me transformariam em uma prostituta devedora a eles, ou ser o objeto de um ricaço idiota que logo se enjoaria de mim? Talvez fosse mais fácil ganhar a minha liberdade assim. Ou não, talvez ele me tornasse sua escrava para o resto da vida.

Para alguém que já tinha perdido tudo, será que faria alguma diferença?

Era difícil prever o que seria de mim daqui para frente e novamente o silêncio pairou no local, mas eu podia ouvir o meu próprio coração acelerado, era tão intenso que chegava a me deixar sem ar.

— Vou tirar o seu capuz e a venda — finalmente disse ele, com palavras pausadas.

E foi assim que eu senti que aquele pedaço de tecido grosso era lentamente retirado da minha cabeça, em seguida, a venda foi desamarrada. Pisquei os olhos incomodada, levou algum tempo para eu me acostumar com a claridade.

Olhei ao redor, eu estava em uma sala, como se fosse um escritório, sentada no sofá com a estampa xadrez como a de um tabuleiro. Inúmeras prateleiras repletas de livros cobriam um lado da parede e o outro tinha quadros com fotografias de pessoas mascaradas em trajes de festas. De frente para mim, recostado em uma imensa escrivaninha, estava ele, o meu comprador, usando uma máscara branca, que cobria o seu rosto parcialmente.

Encarava-me com um olhar curioso, não era em meu colo desnudo ou em qualquer parte descoberta da minha coxa que ele prestava atenção, parecia ser a minha expressão que o intrigava. Foram por longos minutos que me estudou, sem que eu soubesse traduzir o significado daquela sua reação.

Ele, de repente, tirou sua máscara e voltou a me encarar. O homem de frente para mim era jovem e não como a maioria dos velhos nojentos e barrigudos que buscavam meninas inocentes. Seus cabelos parcialmente ondulados e negros, com a pele bronzeada que combinava com o castanho de seus olhos. Vestia traje grafite ajustado ao corpo e camisa branca. Tinha mãos grandes, brancas e pareciam macias, como qualquer homem que jamais se dedicara ao trabalho braçal teria.

— Meu nome é Maxwell, mas você pode me chamar de Max — disse ele

ainda de forma pausada e eu nada respondi.

O fato de Maxwell, ou Max, como queria ser chamado, ser um homem de extrema boa aparência, não fazia dele menos asqueroso que um decadente e endinheirado homem de meia idade em busca da carne nova para saciar sua necessidade, ansiando pelos prazeres do sabor de uma garota imaculada.

Não foi por puritanismo que eu ainda não conhecia a intimidade do ato sexual e não gostava de ser taxada de virgem. Uma mulher como eu, que levava o futuro a sério, precisava estudar e nos últimos anos também tive que trabalhar muito e cuidar de meu pai, que tempo eu tinha para me divertir?

A minha inexperiência sexual não podia me julgar, quer fosse para me valorizar ou desvalorizar. Isso, só o meu caráter podia fazer.

— Não vai me dizer o seu nome? — perguntou ele quando percebeu que eu permaneceria calada.

— Faz alguma diferença? — retruquei arredia soltando as palavras na ordem que eu consegui, não necessariamente com a melhor construção gramatical, pois eu estava nervosa demais.

Qualquer pessoa que tinha ao menos se formado no ensino médio e se empenhado nos estudos conheceria *o básico do básico* do inglês, neste ponto eu até me sentia superior, pois embora reconhecesse ter um forte sotaque, ao menos sabia me comunicar. Olhei para o homem em minha frente e assumi que provavelmente nem o ‘bom dia’ na minha língua ele saberia dizer.

Max se desencostou da escrivaninha, caminhou até a janela, ficando de costas para mim, parecia tentar tomar alguma decisão.

— Muito bem, *Jane Doe*^[11], vamos embora. Este não é o melhor lugar para uma conversa, muito menos para uma garota como você — completou ao caminhar em direção à porta e antes de a abrir voltou a cobrir o rosto, para depois fazer um sinal para que eu o acompanhasse.

Assim que dei um passo para fora daquele escritório, ele voltou o capuz para a minha cabeça, mas dispensou colocar-me a venda, só aí descemos os degraus da escala, com ele ao meu lado, mas em momento algum Max me tocou.

Caminhamos por entre convidados igualmente mascarados, alguns usavam as de tecido preto, outros as de tecido, mas todos me devorando com os olhos em meio a conversas e risos, até que nos dirigimos para a saída, onde ele pegou alguns de seus pertences e disse algo inaudível a um dos rapazes fantasiados do lado de fora, não tardou muito uma limusine branca era estacionada em nossa frente e foi assim que ele me indicou a porta, que fora aberta pelo rapaz fantasiado.

Havia uma divisória entre o motorista e o banco de passageiros, que formava um L dentro do carro, parecia que o carro tinha isolamento de som. Max sentou-se ao meu lado, ainda mantendo o cuidado de deixar um pequeno espaço de distância entre nós.

Eu poderia sobreviver ou morrer, que diferença fazia? Estaria morta se tivesse permanecido com aquelas pessoas loucas que me venderam, portanto, se algo de ruim fosse acontecer comigo, eu só estava postergando o grande momento. Já tinha me convencido de que me desesperar não me ajudaria em nada.

— Perla — disse eu, do nada, sem olhar para o meu *dono*.

— Como? — perguntou ele confuso.

— Meu nome é Perla — repeti e só então voltei-me para ele.

— Per... *okay* — parecia que aquela pronúncia era um pouco complicada para ele — eu a chamarei de Pearl^[12], se estiver tudo bem para você.

Pérola, Pearl, parecia ser um apelido fácil para os norte-americanos, não que eu me importasse com isso.

— Qual a sua idade, Pearl?

— Dezenove — respondi um pouco desconfiada.

Quando, na minha vida, imaginei que estaria em um carro em direção à casa de um estranho? Mesmo quando morava no Brasil isso estaria fora de questão. Mas agora, tão pouco tempo depois, já tinha passado por sujos dormitórios de imigrantes ilegais, dividido quartos com prostitutas das cidades fronteiriças, dormido enjaulada e amarrada em uma gaiola para humanos.

Eram todos seres humanos como eu, que tiveram tratamento inconcebível como eu.

Depois de tanto ter pedido para ser capturada pela polícia, pois no começo achei que eles poderiam ser a minha salvação, no lugar onde eu estava aprendi rapidinho que a polícia só serviria para me surrar, talvez me violentar, pois não era possível identificar os corruptos dos corretos. Se tivesse sorte, passaria alguns dias na cadeia antes de ser deportada, se não tivesse sorte, seria somente mais um corpo a boiar no rio.

Em tão poucos dias fui obrigada a entender que não podia perder tempo derramando lágrimas, tinha que fazer o necessário para sobreviver.

Disseram-me que eu estava no estado de Nova Iorque, talvez pudesse encarar essa situação como uma oportunidade de fuga, só não antes de ter a certeza de que meu pai estava vivo e em segurança.

Tentei aproveitar um pouco daquele confortável banco no carro, algo me dizia que poderiam ser os meus últimos momentos de paz, pois cedo ou tarde o meu comprador iria clamar pela *mercadoria* e só o fato de imaginar ser tocada sem meu consentimento fazia a ânsia e a tontura voltarem.

Eu estava cansada, o estômago ainda mais revoltado que antes e sentia frio, na maior parte do tempo pela falta das roupas, embora, por algum motivo, o meu corpo estivesse fervendo. O ardor dos olhos fez-me desconfiar de que eu estivesse febril, então, os fechei por alguns minutos, a minha cabeça doía e fazia tudo girar cada vez mais rápido, tentei deixar a adrenalina baixar mesmo sabendo que o

ambiente era hostil.

Por ora, não havia muito que eu pudesse fazer. Precisava somente aguentar firme.



Capítulo 4

Maxwell

O motorista nos deixou em frente ao edifício centenário onde eu residia. O meu apartamento, uma cobertura que englobava os dois últimos andares, com vista para o Central Park.

Pearl parecia exausta. Não sei se era cansaço físico ou psicológico. Não podia julgá-la.

— Boa noite, senhor Reed — cumprimentou-me o porteiro uniformizado abrindo a porta dupla da entrada.

— Boa noite, Paul — respondi, tentando não sair do meu convencional.

O homem era muito bem treinado e não esboçou reação ao me ver conduzindo a jovem coberta ainda pela capa com o capuz, assim como os dois seguranças que ficavam em um balcão de onde monitoravam o sistema de segurança do edifício.

Fora aquela curta conversa onde disse-me o seu nome, Pearl não dissera qualquer outra palavra na viagem até Manhattan, ficara sentada com as mãos prendendo a capa que escondia seu corpo, o capuz cobrindo seu rosto, mergulhado na escuridão e ao descermos, aguardou como se esperasse ordens minhas e não adentrou o prédio enquanto eu não a conduzi.

Ela não parecia ter ideia de onde estava.

Por um momento pensei em lhe dizer que ela era livre e podia ir embora, mas como ela se viraria? Estava praticamente nua por baixo da capa, não possuía qualquer documento, não tinha dinheiro, não tinha certeza sobre qual era o seu nível de fluência na língua.

Além disso, Pearl era só uma menina! Meu Deus! Alguém precisava cuidar dela!

Pensei também em deixá-la em algum Distrito Policial, mas ela com certeza seria enviada para um centro de refugiados ilegais e depois deportada para o país de origem e assumi que fora exatamente de um lugar assim que a pegaram, ou raptaram, ou sei lá. Por mais que dissessem que a venda da sua virgindade fora consensual, não era isso o que a situação me transparecia.

Portanto, acabei guiando-a sutilmente, pela primeira vez, tocando em sua cintura, o que a fez se encolher ao meu toque.

Dentro do elevador, após eu digitar o código de acesso que permitia que subíssemos até o penúltimo andar, ela se afastou encostando em uma das laterais.

Seu corpo parecia balançar, tive a ligeira impressão de que estava pálida e de repente ela começou a cair lentamente, tentando se apoiar na parede.

Foi em um impulso que a amparei e a peguei no colo, nossos olhares se cruzaram e novamente me senti envergonhado pela capa deixar parte de seu corpo exposto. Para o meu alívio ela fechou os olhos, então veio o desespero, provavelmente Pearl desmaiara.

— Inferno — murmurei.

Tudo o que eu não desejava para minha vida eram problemas.

Estava com uma imigrante ilegal, seminua, cujo histórico de vida nada sabia, desmaiada em meus braços. O que é que eu ia fazer com ela? Como justificaria isso? Por sorte ela era maior de idade, mas sem os documentos, como poderia provar?

A capa que a protegia escorregava cada vez mais dada a posição que eu a segurava no colo, desviei o olhar constrangido e irritado, essa garota ainda acabaria me fazendo ser preso.

Pensei sobre a minha situação. Jamais fora o tipo *Don Juan* e até hoje nunca possuía uma namorada fixa por muito tempo, não tinha paciência para os problemas que um relacionamento acarreta. Relacionava-me casualmente com qualquer outro homem solteiro, nunca fora desleal com minhas parceiras, prometendo algo que jamais cumpriria, também nunca me envolvera com mulheres muito mais jovens do que eu. Não tinha paciência com namoricos que tomavam tempo, e tempo era valioso, tempo era dinheiro, principalmente no mundo rarefeito dos altos negócios.

E dinheiro definitivamente não fora feito para comprar mulheres, muito menos sexo.

Tinha preferência por parceiras experientes, que como eu, sabiam o que queriam sexualmente, envolvia-me com mulheres profissionalmente realizadas e cultas, que curtiam jogos sexuais. Essa nativa brasileira obviamente não preenchia os meus pré-requisitos, afinal, eu não desvirginava mocinhas inocentes.

Pearl não estava em minha casa para satisfazer as minhas fantasias, muito

menos para compartilhar os lençóis comigo e agora, torcia para ela não estar doente, porque eu estaria muito ferrado se precisasse a registrar em algum hospital.

O elevador se abriu e entrei no *hall* do meu apartamento ainda tentando tomar uma decisão sobre o que fazer.

Abri a porta que dava acesso ao interior equilibrando a jovem em meus braços e a coloquei deitada no sofá. Sua face arisca e arredia dava lugar à palidez, a respiração dela parecia irregular, o que me levou a ligar para um amigo médico.

Aquilo foi tudo muito rápido e ela voltou a despertar, mas dessa vez parecia um pouco zonzinha quando tentou erguer o corpo para se levantar.

— Fique quietinha aí! — pedi ao tocar seu ombro, fazendo com que voltasse a se deitar. — Você está bem?

Ela demorou um pouco para entender o que estava acontecendo, primeiro olhou ao redor. Eu estava sozinho em minha casa, a sala permanecia à meia luz, fora só o que tinha dado tempo de eu acender.

— Acho que sim — respondeu com a voz baixa, em meu idioma, e os olhos pesados.

— Você tem se alimentado? Sente algo específico?

Não tinha a mínima ideia do que ela conseguia entender, então desisti de a metralhar com perguntas e limitei-me a sentar na poltrona e a vigiar, até que o meu amigo chegasse, não dava para saber o quão lúcida ela estava.

Quarenta minutos depois ele chegou, Vincent era ítalo-americano, alto, atlético, com cabelos negros, volumosos e olhos da mesma cor, possuía o nariz levemente adunco, que lhe dava uma expressão de força e que ele alegava ser herdado dos antigos imperadores romanos. Havíamos nos conhecido anos antes em uma academia de boxe, um esporte que eu praticava desde a faculdade, para me manter em forma.

Nosso primeiro contato fora no ringue usando protetores de cabeça e o que era apenas um treino, tornou-se uma luta séria que acabou chamando a atenção dos demais presentes. Depois de dez *rounds* concordarmos que fora um empate. Por isso, ao invés de nos tornarmos adversários, acabamos nos tornando amigos, um respeitando a determinação de vencer do outro.

— Espero que seja mesmo muito importante Reed — resmungou quando abri a porta — eu estava no meio de um jantar — apontou para sua acompanhante, uma bela mulher, alta, com cabelos negros cortados curtos na altura dos ombros e olhos castanhos escuros.

— Desculpa, é urgente — tentei ser polido, mas a verdade é que estava aflito demais para seguir os protocolos do “*oi, tudo bem, como vai?*” — Maxwell Reed — apresentei-me rapidamente para a sua acompanhante.

— Elisabeth Cluther Costa^[13] — correspondeu ela sem se importar com a minha falta de classe e jeito apressado ao colocá-los para dentro do apartamento.

— A doutora Elisabeth? — ri de forma matreira — Vincent fala muito de você.

— Qual a emergência? — bufou ele irritado e constrangido por eu o denunciar.

Meu amigo vinha falando dessa cardiologista há semanas, desde que ela viera estudar técnicas de cirurgia cardíaca no hospital onde ele trabalhava.

— Quero que a examine — aponte para o sofá — sei que não é a sua especialidade, mas vai ter que servir.

Pearl tinha passado aqueles quarenta minutos deitada, ela dormia e acordava em um sono agitado, parecia que tentava de tudo para se manter alerta, mas a moleza era mais forte que ela, por isso sofria esses pequenos momentos de apagão.

Ela estava lutando, era essa a impressão que eu começava a ter dela e eu

não conseguia deixar de a ver como uma *pequena* lutadora.

— *Mamma mia*^[14]! (*minha mãe!*) — exclamou o meu amigo, seguido de um assobio, observando a jovem.

Com todo aquele movimento, Pearl não parecia muito confortável com a situação, por isso, moveu-se no sofá outra vez, talvez intencionasse se levantar, não sei ao certo, mas ao se mover, sua capa novamente se entreabriu, deixando transparecer o óbvio, ela estava nua.

— *Fuck!* — grunhi irritado, não sabendo se era pelo espanto de meu amigo, ou pelo corpo dela estar exposto ao olhar dele. Por isso fui até ela e ajeitei a capa.

— Não seja tolo — riu Vincent — quem está aqui, agora, é o doutor Banzini — referiu-se ao seu sobrenome e apontou para a maleta preta que ele sempre carregava no carro.

— Preciso saber se ela está bem — resmunguei mal-humorado — ela sofreu um breve desmaio, seu corpo está quente e desde então alterna entre o sono e a consciência. Também não tenho certeza se fala bem a nossa língua.

— Eu a examinarei, mas depois você vai me dizer que diabos está acontecendo — pediu de forma séria.

Temia que Pearl tentasse ser arisca, mas acho que ela estava tão esgotada que mal se moveu, nem tinha mais certeza se ela compreendia tudo o que estava acontecendo.

Observei-o auscultar o coração da jovem, após ter medido sua temperatura, depois conferiu sua pressão, ao tentar separar as pálpebras ela pareceu tomar maior consciência do que acontecia e, de repente, encolheu-se ainda mais no sofá apoiando as costas em uma das laterais.

— *Hey, take it easy (tenha calma)* — pediu com voz suave — *I am a doctor, um doctore, capiche?* — explicou em uma mistura de inglês e

italiano mostrando o estetoscópio.

Não que ele fosse exatamente fluente na língua de seus ancestrais, mas usava as poucas palavras e frases que conhecia para impressionar as mulheres. E neste caso, talvez estivesse tentando qualquer coisa que a fizesse compreender o que falava.

— Acho que ela é brasileira — avisei ao me recordar de que fora apresentada como uma virgem selvagem da floresta amazônica.

— Brasileira? — perguntou Elisabeth, que imediatamente se ajoelhou ao lado do sofá, segurando a mão de Pearl e conversando rapidamente em uma língua desconhecida para mim.

A jovem pareceu entender e relaxou perceptivelmente, permitindo que Vincent examinasse sua garganta, ouvidos e olhos.

— *Good girl (boa garota)* — disse ao final, guardando seus instrumentos e dando um sorriso para ela, que retribuiu timidamente, ainda com o olhar assustado em minha direção.

Não tinha ideia do que o meu amigo estava pensando de mim e novamente me senti um monstro.

— E então? — perguntei exasperado, talvez eu devesse mandá-la para um hospital, depois o problema não seria mais meu e sim das autoridades.

— Ela parece bem, um pouco desnutrida talvez, a febre está alta, mas dado o que vejo pode ser por inúmeros motivos, sua pressão está alterada, assim como os batimentos cardíacos, isso pode ter causado o desmaio. Em distintas circunstâncias desconfiaria de outras coisas, mas dependendo do que você tem para me contar a respeito dela, eu apostaria que tudo isso se dá por forte estresse — explicou ao se levantar do sofá, onde estivera sentado, encarando-me interrogativamente — mas quero pedir alguns exames, precisamos ter certeza.

— Não sei o que Elisabeth conversou com ela — coloquei curioso e

ansioso por saber mais, embora Pearl parecesse monossilábica na conversa.

— Ela realmente está ilegalmente neste país — a doutora começou a explicar — parece que se perdeu de seu pai na travessia do Rio Grande, na fronteira México-americana, não sabe precisar como veio parar aqui em Nova Iorque — completou — ela não quis me contar mais nada, parece bastante assustada.

— Importa-se em continuar tentando? — pedi à médica e puxei o meu amigo de canto, deixando as duas conversarem um pouco mais à vontade.

Vincent ergueu uma sobrancelha interrogativamente, aguardando por uma explicação, mas a realidade não era nada plausível.

— Eu a comprei em um leilão — expliquei.

— Puta que pariu, você é louco? — Vincent cortou a minha explicação de imediato.

— Não é o que você está pensando — continuei — fui com o Kinsley em um clube e ela foi leiloada, o maior lance ganharia de presente a sua virgindade.

— *Cacete, Reed!* — percebi que meu amigo ficara irritado — Não conte comigo para ir adiante com isso — pela primeira vez vi uma expressão de pura decepção em meu amigo e da médica, que pareceu não conseguir extrair mais nenhuma informação de Pearl e juntou-se a nós, lançando-me um olhar severo.

— Espere eu terminar de falar, seu *carcamano* ^[15] do caralho — resmunguei irritado ignorando as boas maneiras, mesmo com a médica ao nosso lado — eu a comprei para impedir que ela fosse entregue para algum animal. O leilão era para uma noite com ela, eu a arrematei com a condição de que ela fosse minha, em definitivo. O problema é que eu não sei onde estava com a cabeça quando tomei essa decisão de impulso, queria livrá-la dos outros, mas eu não pensei sobre o que fazer depois.

— Merda! Nunca gostei daquele babaca do Kinsley — disse Vincent com uma expressão ainda azeda no rosto, eu os havia apresentado e até jogáramos *squash*^[16] juntos algumas vezes.

— Preciso de um conselho, não posso simplesmente entregá-la às autoridades, o que eu fiz, comprar um ser humano em um leilão, provavelmente é um crime de tráfico e isso seria um escândalo sem precedentes — passei a mão em meus cabelos sentindo-me enrascado.

— Ela precisa de ajuda nesse momento, é só o que eu posso dizer para contribuir — interrompeu-nos Elisabeth — Perla parece geniosa, mas é a forma que ela busca para tentar se defender, por dentro está apavorada, eu consigo sentir isso.

— Mais um motivo para você se comportar — meu amigo fez uma brincadeira infeliz, ao apontar para o meio das minhas pernas.

— O que você acha que eu sou, seu idiota? — ralhei com ele — Não sou um aproveitador, não me interessa por adolescentes e menos ainda virgens!

— Ela pode até ser uma virgem, mas aquele mulherão deitado no seu sofá nada tem de adolescente.

— Parem com isso! — sussurrou uma Elisabeth irritada, franzindo o cenho para o meu amigo, fazendo com que ele voltasse a falar sério.

— Bom, eu seguiria o conselho de Elisabeth e por enquanto cuidaria dela, pelo menos até termos certeza de que está bem. Isso também te dará um pouco de tempo para pensar. Trate de fazê-la comer alguma coisa, pelo som do seu estômago acho que está faminta, desidratada também e muito. Dê um analgésico a ela, preferencialmente paracetamol, quinhentos miligramas está de bom tamanho, mas precisa ser de quatro em quatro horas. São quase duas da madrugada, pela manhã eu darei um jeito de mandar algumas vitaminas, também providenciarei um kit de enfermagem para colhermos o sangue, pois precisamos de alguns exames e definitivamente a queremos longe de um hospital, pois assumo que ela

não tenha documentos.

— Tudo bem, posso fazer isso — dei-me por vencido, ele estava certo — Fico me perguntando como ela foi parar em um leilão, isso é tráfico humano, crime, tendo consentido ou não, uma menina nas condições dela não me parece que teve muita escolha — ainda estava indignado.

— Acho que eu posso ajudar, minha irmã Beatriz é repórter *freelancer* e está passando alguns dias aqui comigo. Esse tema é um tipo de matéria que sempre a atraiu, portanto ela sabe como investigar, se você quiser, posso falar com ela para ver se consegue alguma informação para nos dar algumas respostas — sugeriu Elisabeth.

— Pode ser uma boa ideia, desde que a identidade de Pearl seja resguardada. Não quero fazer ainda mais mal a ela com um escândalo que a envolva. Também não pretendo a entregar para as autoridades.

— Tenho certeza de que Beatriz estará de acordo com isso.

— Obrigado pelo apoio — agradei — e Vincent, se puder manter isso entre nós dois.

— Claro, e para quem eu iria contar? Para a Alisson? Ela te mataria — riu ao se referir à mulher com quem eu estava saindo, uma das diretoras da empresa, embora fosse algo casual.

— Boa noite, Vincent — resmunguei — boa noite doutora.

Acompanhei-os até a saída e fechei a porta sem esperar que eles entrassem no elevador, mas ainda ouvindo a risada alta de italiano do meu amigo. Ao voltar, deparei-me com a jovem em pé, no centro da sala, parecia apreensiva novamente por estarmos sozinhos. Medi-a de cima a baixo, foi a primeira vez que me dei ao trabalho de verdadeiramente olhar para ela, enquanto ela abraçava a capa com toda a força para esconder o corpo, o que acentuava ainda mais as suas curvas escondidas por aquele tecido fino.

Put a que pariu, pensei tentando não parecer um maníaco tarado a observando. O meu amigo estava certo, ela nada tinha de adolescente, ao menos não em seu corpo. Pearl era uma mulher exótica e belíssima. A cor de sua pele tinha um tom único, igualmente aos seus olhos, que eram grandes e ovalados.

Girei a cabeça em tom negativo imperceptivelmente. Eu não estava aqui para apreciar seus dotes físicos, minha prioridade agora era que estabelecêssemos uma comunicação.

O que é que eu podia fazer para que ela entendesse que estaria protegida em minha casa?



Capítulo 5

Perla

— Eu não vou tocá-la — foi o que ele disse para mim ao me ver em pé, fazendo alguns gestos na negativa com as mãos.

Claro que entendia o que ele queria dizer, mas não tinha certeza se podia confiar. O dinheiro que aquele homem havia gastado para me comprar era o equivalente a uma casa de luxo em várias cidades do Brasil, considerando o valor do câmbio. Alguma coisa ele me pediria em troca, ninguém joga um dinheiro desses fora a troco de nada.

Talvez, por eu ter me deixado capturar, ele pensasse que eu era uma tola e

ingênua, mas eu sabia o valor do dinheiro, também sabia sobre muitas outras coisas, principalmente o quão difícil é a vida quando não se tem posses.

— Venha — fez um gesto com a mão pedindo que eu o acompanhasse.

Parecia que ele queria me levar para a cozinha e ainda desconfiada o acompanhei. Ele, então, pediu para que eu me sentasse no pequeno espaço usado como mesa de quatro lugares, enquanto insinuou tentar preparar alguma coisa.

Foi a primeira vez que ameacei esboçar um sorriso, eu estava faminta, há três dias eu não me alimentava direito e quando cheguei no local da festa, só houve tempo para me obrigarem a tomar um banho, alguém escovou os meus cabelos, fui depilada, as sobrancelhas aparadas e apresentada ao palco. Não tiveram a decência de me oferecer nem um prato de comida.

— Está muito tarde para algo pesado, mas eu tenho sopa enlatada — mostrou para mim a lata que havia tirado do armário — deve servir por enquanto. Amanhã eu prometo que terá um café da manhã decente — continuou forçando-se a falar pausadamente.

— Obrigada — limitei-me a responder, quando ele voltou a olhar para mim com a expressão de pura curiosidade.

O que será que se passava pela mente desse homem?

Logo ele voltou a sua atenção para a lata, abriu-a rapidamente e despejou o seu conteúdo em uma tigela, colocando-a no micro-ondas, depois pegou um copo e o encheu com suco de laranja, colocando-o de frente para mim.

Abri um sorriso tímido e bebi quase o copo inteiro de uma vez e aquilo só serviu para aguçar ainda mais o meu apetite.

— Calma garota, devagar — parecia cuidadoso com as palavras e voltou a completar o copo com mais suco, colocando um comprimido ao lado do copo — é só um analgésico, para a febre — mostrou a embalagem de onde o havia tirado.

“*Tylenol*”, estava escrito. Era o que eu tomava no Brasil também.

Decidi não ser resistente e engoli o remédio com um pouco do suco, sabia que precisava dele, sentia-me febril desde que saíramos do clube.

Satisfeito com isso, Max correu para o micro-ondas, pegou a tigela de sopa quente, uma colher e a serviu para mim.

Dei a primeira colherada e era horrível. Que tipo de comida sem gosto esses norte-americanos gostavam? Por outro lado, faminta como eu estava, era possível que eu comesse até pedra e não rejeitaria a sopa.

Max sentou-se de frente para mim e ficou me assistindo enquanto eu me alimentava. Em outras circunstâncias, até me sentiria encabulada, mas eu vinha vivendo no modo *sobrevivência* e aos poucos aprendia a não me importar mais com o que não fazia diferença.

E a verdade é que, se aquele homem me encarava de forma curiosa, eu também estava curiosa quanto a ele.

Alto e de porte atlético, que parecia ser refinado e vaidoso. Daria uns trinta ou um pouco mais para ele, em qualquer outra situação, se fosse na minha terra natal, teria chamado a minha atenção assim como meu pai, um descendente de europeus chamara a atenção da minha mãe. Mas hoje, ele era só o homem que havia me comprado como uma mercadoria. Anjo ou demônio, pouco me importava, muito em breve eu acharia uma forma de fugir. Só precisava saber como localizar o meu pai primeiro.

— Não tenha medo, Pearl — disse ele após um longo silêncio, enquanto eu me perdia nos meus próprios pensamentos e terminava a sopa — eu não vou machucá-la. Espero que entenda isso.

— Sim, eu entendo — respondi com o carregado sotaque e vi seus olhos brilharem com a minha resposta.

O que ele precisava enxergar era que entender não significava a mesma coisa que acreditar e neste momento, a única pessoa em que eu acreditava era em mim mesma. Mais ninguém.

Quando eu terminei a tigela de sopa e tomei o último gole do suco, ele me conduziu para a área interna do apartamento. Caminhei um pouco desconfiada por aquele corredor escuro, até que me ofereceu um quarto.

Apontou a cama, tirou uma toalha do armário e indicou o banheiro, do lado oposto à janela.

— Aguarde um minuto — pediu ele e então não me mexi, não saí dali, não olhei para os lados.

Logo ele estava de volta com algumas camisetas e uma calça de moletom. Aquelas roupas tinham o dobro do meu tamanho, mas teriam que servir por enquanto. Eram muito mais do que o que eu tinha para proteger o meu corpo usando somente a capa.

Foi aí que ele me deu boa noite e sumiu pelo corredor.

Maxwell

Quase não consegui dormir pensando na jovem que estava no quarto de visitas, o repentino desmaio, seu jeito arisco, a petulância, tudo demonstrava querer lutar, ao mesmo tempo que sabíamos que estava tão indefesa.

Depois, quando começamos a tentar nos comunicar, veio um outro lado, o medo, talvez. Ela escondia algo e eu precisava descobrir o quê. E como homem, não pude deixar de notar a delicadeza de seus traços, a beleza por trás daquela menina... não... mulher, a beleza por trás daquela mulher exótica que agora, por algum motivo, começava a me fascinar.

Ela lutava por algo que as mulheres que eu conheci jamais sonharam em precisar, Pearl lutava para sobreviver.

Tantas coisas nessa história me deixaram inquieto. Como é que ela tinha vindo parar aqui em Nova Iorque? Isso me atormentou a noite inteira.

Seis da manhã eu já estava de pé, na academia montada em um dos quartos do andar superior, equipada com máquinas de musculação e um saco de pancadas, que eu espancava com violência, tentando afastar meus pensamentos de Pearl e no problema que ela representava para mim.

Com uma última sequência violenta de cinco socos e um grunhido de satisfação, afastei-me do saco pesado que balançava com os golpes firmes. Meu corpo estava coberto de suor e meu peito arfava buscando acalmar as batidas violentas de meu coração em razão do esforço despendido.

Ao me virar para pegar a toalha que estava pendurada em um dos equipamentos de musculação, levei um choque, Pearl estava parada em frente a porta, que estava aberta, vestia a camiseta de algodão que eu havia emprestado a ela, que chegava até o meio de suas coxas e me observava com a fisionomia séria.

Senti-me nu sob seu olhar pois usava apenas um calção e isso me irritou novamente, eu estava acostumado com a minha privacidade, não havia empregados na casa, eles tinham dias e horários certos para aparecerem para as atividades domésticas. Às vezes costumava até mesmo andar nu pelo meu apartamento, essa era a minha rotina e aquela menina somente estava trazendo complicações para a minha vida.

— Bom dia — tentei ser gentil dando um meio sorriso enquanto passava a mão em meus cabelos retirando o suor e pegava a toalha para começar a me enxugar.

— Bom dia — respondeu ela, ensaiando dizer mais alguma coisa, mas desistiu no meio do caminho.

— Acho que vamos ter que comprar algumas roupas para você — evitei olhar para suas pernas torneadas e me esforcei, sem sucesso, em não me excitar com a visão sexy dela, sabendo que não usava nada por baixo da comprida camiseta — você não pode ficar vestida assim aqui em casa — ri deixando casualmente a mão abaixada, a toalha escondendo minha ereção que estufava o tecido do short sem cueca.

Onde é que eu estava com a cabeça? Mocinhas inocentes, donzelas em perigo ou mulheres inexperientes jamais chamaram a minha atenção. Eu também nunca tinha dado uma de príncipe salvador e não seria agora que tudo isso mudaria em minha vida.

Recriminei-me mentalmente pela milésima vez por meu impulso em comprá-la naquele macabro leilão humano, eu não deveria ter me envolvido, no máximo, talvez, denunciado à Polícia, não que isso fosse significar algo, não com o nível de pessoas que estavam presentes.

Mas naquela hora todas as lições que meus pais me ensinaram sobre ser um homem correto e honrado, que ter nascido em berço de ouro não me eximia de responsabilidades nem me dava o direito de ser superior ao meu semelhante afloraram e sentindo meu âmagio ferver de indignação, acabei dando o lance que a salvou.

Entretanto, estava decidido a encaminhá-la para as autoridades competentes tão logo ela se recuperasse o suficiente, ou no mínimo encontrar alguma pessoa responsável por ela.

Ela me encarou com uma expressão de dúvida.

— Meu inglês não é perfeito, por favor, fale mais devagar — pediu com a expressão tímida.

— Roupas, para você, vou comprar — tentei de novo falando pausadamente e fazendo gestos com a mão que estava livre, em uma imitação de mímica.

Seu sorriso se abriu apenas um pouco e ela balançou a cabeça concordando.

— Agora, se me der licença, vou tomar um banho — apontei para o banheiro que havia no quarto — depois tomaremos café.

Ela corou e deu as costas, deixando o cômodo, e ouvi seus passos na

escada. Foi aí que suspirei resignado, como eu poderia ir trabalhar com um problema desses na mão? Pensei caminhando para o banheiro.

Após uma ducha revigorante, vesti camisa de cor clara e conjunto de terno marinho, além de gravata com pequenas listras e sapatos de couro italiano. Agora, já sentindo-me apresentável, encontrei Pearl encolhida no sofá da sala de visitas.

O seu comportamento me despertava curiosidade. Ela poderia ter tentado abrir a porta e fugido, ou, com o telefone ao alcance da mão poderia simplesmente ter ligado para alguém, mas nada fez.

Será que isso era porque ela realmente não tinha nada ou ninguém a quem recorrer? Eu a havia *comprado*, fato! Mas ela não era uma prisioneira em minha casa. Jamais seria.

— Pearl — chamei por ela que se assustou voltando o olhar para mim — café? — fiz um gesto a convidando a ir até a cozinha.

Ela se sentou em um banco de frente para a grande bancada de mármore, enquanto eu retirava dos armários e geladeira leite, suco, pão, queijo e tudo mais que eu imaginava que poderia ser consumido em um café da manhã, não que eu fosse de cozinhar, mas Abigail, a governanta, praticamente uma segunda mãe para mim, fazia questão de manter a casa abastecida.

Peguei a caixa de panquecas congeladas e as coloquei na torradeira. Sem tempo ou aptidão para fazer ovos decentemente, ao menos as panquecas quentes com xarope de bordo eu serviria a ela.

Nesse meio tempo, fiquei me questionando sobre como eu poderia explicar para Abigail, que estava com a minha família há anos e que agora acumulava o cargo de governanta, a presença súbita dessa jovem?

Dona de um humor contagiante, essa exuberante afrodescendente de quase sessenta anos, que mantinha meu apartamento impecável ao coordenar o trabalho das faxineiras que apareciam semanalmente, organizava também os meus compromissos fora da empresa, tendo acesso total à minha agenda.

Ela devia chegar por volta das oito horas, vindo do bairro do Brooklyn^[17], embora isso fosse do outro lado da ponte, ela vivia bem, residia em um ótimo apartamento e orgulhava-se da criação dos filhos, um formado em administração e que trabalhava em minha empresa, o outro, que se alistou nos fuzileiros navais e estava servindo além-mar. Seu marido falecera quando eu ainda era um moleque de sete anos.

Após colocar na frente de Pearl tudo o que eu tinha para servir, preparei dois expressos na cafeteira italiana e coloquei uma xícara em frente a ela.

— Bom apetite — disse fazendo um gesto para que se servisse.

— O que você quer de mim — perguntou ela surpreendendo-me, não pelas palavras corretas que eram pronunciadas de forma carregada, mas pela forma direta que me abordava.

— Primeiro, quero que se alimente — coloquei duas panquecas em seu prato e empurrei o xarope de bordo para o seu lado — e quero que confie em mim — peguei o celular e coloquei a frase em um programa tradutor e mostrei a tela a ela.

Pearl nada disse, somente voltou-se para o prato e começou a comer e outra vez senti que se fechava em seus próprios pensamentos. Existiam tantas barreiras entre nós, a língua, a cultura, a desconfiança...

Observei-a comer com um apetite voraz, não parecia a garota frágil que tinha desmaiado em meus braços na noite anterior, embora ainda me parecesse pálida, agora que a via em plena luz do dia. Sua imagem capturada e sendo exibida no palco voltou à minha mente, uma sensação repugnante tomou-me por completo outra vez. Perguntei-me o que ela não teria vivenciado até chegar no *Hell's Club*. Definitivamente devia ter passado o *inferno*.

Peguei outro comprimido de analgésico e coloquei ao lado de seu copo de suco.

— Sente-se melhor?

— Sim, obrigada.

Ouvi a porta da sala abrindo e fui até lá para recepcionar Abigail, que para a minha surpresa estava na companhia de uma jovem de cerca de vinte e cinco anos, alta, provavelmente perto de um metro e setenta, cabelos loiros acastanhados lisos, presos em um rabo de cavalo e com perspicazes olhos azuis que me encararam avaliativamente.

Meus dias pareciam que tinham ficado agitados de uma hora para outra.

— Olha só quem eu encontrei na porta! — cumprimentou-me Abbey ao me entregar uma sacola com frutas — essa linda jovem estava descendo do carro de seu amigo Vincent, ele me disse que você pediu para ela vir aqui hoje de manhã.

— Eu... — mal pude terminar e a minha governanta olhou para metros à frente.

— Olha! Mas quem é essa outra bela moça? — perguntou passando por mim como um furacão, não antes de me jogar um olhar questionador, já que Pearl, embora não estivesse mais seminua, vestia, além da minha camiseta, a calça de moletom que eu entregara a ela na madrugada anterior, amarrada à cintura com o cordão para não cair, e a minha governanta conhecia aquelas peças muito bem.

Com o seu jeito afetivo e acolhedor, de uma cultura mais latina do que propriamente norte-americana, mal pisquei os olhos duas vezes e ela já estava abraçando e beijando ambas as faces de uma atônita Pearl.

— É minha convidada, brasileira. Precisamos falar mais devagar para que ela nos entenda completamente — respondi.

— Ah! Não tem problema, meu espanhol é muito bom e aposto que vou conseguir conversar com ela nessa mistura de idiomas — riu com seu jeito aberto e se voltou para ela — *Cómo estás, chica? (Como vai, menina?), Yo soy*

Abigail (eu sou Abigail), llamame Abbey, por favor (me chame de Abbey, por favor).

Com isso ela a levou de volta para a cozinha e eu me virei para a visitante.

— Maxwell Reed — apresentei-me estendendo a mão e ela foi bastante receptiva, com seu aperto de toque firme.

— Beatriz Xavier Costa^[18].

— Conheci sua irmã ontem, ela contou sobre o meu *problema*?

— Contou, mas quais são as suas intenções? — perguntou encarando-me de um jeito firme.

— Ela veio parar em minha casa da forma mais ilícita possível. Foi capturada, vendida, acredito que sofreu maus tratos. Quero saber se ela tem família, onde estão e a entregar para eles. Talvez seja pretensão demais achar que conseguirei descobrir o que exatamente houve com Pearl e como chegou até aqui, já que, embora arredia, ela pareça travar quando o assunto é esse, mas não consigo pensar em outra forma de a ajudar — respondi enquanto caminhávamos até a cozinha, onde Abbey, já agindo como se fosse íntima da jovem, tinha enchido o seu prato com *croissant* e queijo e já apressava-se em preparar uma porção de ovos mexidos.

— Pearl — chamei seu nome e ela voltou o olhar para mim — Abigail é minha governanta, ela vai ajudar a comprar algumas roupas para você. E essa é Beatriz, também é brasileira e vai tentar te ajudar, eu tenho que ir trabalhar, fiquem à vontade — conclui ao mesmo tempo em que Beatriz traduzia o que eu dissera.

— Eu entendo o que diz, obrigada — e foi a primeira vez que vi seu sorriso espontâneo.

Talvez ela estivesse começando a se sentir confortável.

Enquanto Beatriz puxava uma cadeira e sentava-se ao seu lado, voltei para sala e logo estava descendo o elevador em direção à portaria, onde um táxi já me aguardava.

Todas as manhãs o mesmo motorista da *Yellow Cab*^[19], um imigrante indiano, *me* aguardava na porta do edifício.

— Bom dia Radesh — cumprimentei.

— Bom dia, senhor Reed, como vai hoje? — retribuiu com seu sotaque arrastado.

— Muito bem — respondi, enquanto pegava meu celular e liguei para Abigail — compre tudo o que o Pearl precisa. Roupas, sapatos, itens de uso pessoal. Ah, e um aparelho celular, ela vai precisar de um pois se tivermos problemas com a língua, poderemos usar aplicativos de tradução. E... Abbey... por favor, sem pensamentos especulativos. Eu só quero ajudá-la, ela é uma menina que precisa o nosso apoio.

Conhecia muito bem o jeitão dela, era melhor deixar claras as minhas intenções. Depois, abri o *browser* para ler a versão digital do *The New York Times*^[20], algo que eu gostava de fazer rotineiramente em meu apartamento enquanto tomava café.

Mas aparentemente minha rotina não seria a mesma por alguns dias, tentei me conformar buscando a concentração na leitura.



Capítulo 6

Perla

— Muito bem, Perla — a mulher de tom de voz firme e sorriso acolhedor sentou-se de frente para mim e pegou uma das panquecas — agora estamos só nós duas, precisamos conversar.

Abigail tinha acabado de me servir os ovos e deixado a cozinha para falar ao celular.

— Quem é você? — fui direta e deixei transparecer o meu tom desconfiado.

— Eu sou irmã da doutora Elisabeth, que esteve aqui ontem — serviu-se

de um pouco de geleia para a panqueca e suco de laranja antes de continuar a falar — também sou jornalista, mas não estou aqui pela profissão. Estou aqui porque se você se abrir comigo, talvez eu possa ajudá-la. Você tem família no Brasil?

Ter alguém que falava a minha língua era um conforto, embora eu já estivesse me acostumando a compreender o inglês. Difícil era ter o bom julgamento sobre com quem me abrir.

— Não, eu não tenho mais ninguém lá.

Jamais conheci meus avós por parte de mãe, soube que ela tinha irmãos, mas também não sabia quem eram. Quando ela decidiu ficar com o meu pai, desvinculou-se totalmente da família pois era nativa puro sague, que embora tenha ido à escola, não fora criada para se misturar com os *brancos*.

Já o meu pai, era filho único e meus avós paternos falecidos. Salvo a saudade da minha terra, da comida brasileira, nada mais me restava lá.

— Como você veio parar aqui? — ela era discreta ao mirar seus grandes e inquisitivos olhos azuis em minha direção.

— Meu pai e eu pegamos um voo para o México e de lá cruzamos a fronteira com um *coyote*. Deu tudo errado. O combinado era que meu pai iria para um lado e eu para o outro com a garantia de que nos encontraríamos no aeroporto. Mas, fui capturada, levada e... bem... aqui estou eu.

Nada havia sido assim tão simples, eu rezava para que o meu pai estivesse vivo ainda. Fui pega pela polícia corrupta, entregaram-me em um local onde escondiam imigrantes e os faziam de faxineiros. Até hoje não sei que ataque foi aquele que fez de mim uma prisioneira e entregue a um bordel, sob os cuidados de uma cafetina nojenta, gananciosa.

Que tipo de acordo o meu pai tinha feito, ou se fôramos traídos, ou se até a invasão ao dormitório fora real, eu não tinha como saber.

— Sabe o que fizeram com ele?

— Eu não tenho ideia. Mas apego-me à esperança de ainda voltar a encontrá-lo. Faria qualquer coisa para o ter de volta.

— Até aceitar ser leiloada em clube VIP clandestino? — ela jogou de repente, fazendo-me engolir em seco com as lembranças que eu tinha de tudo o que havia acontecido até eu chegar naquele lugar.

— Eu o teria feito, se isso fosse a garantia de ter o meu pai de volta, mas não foi exatamente isso o que aconteceu. Eu simplesmente fui vendida pelo bordel e trazida a força para Nova Iorque e lá no clube, fizeram-me assinar um papel que eu não tinha noção do que se tratava. Depois que eu o assinei, só me disseram que eu tinha valor para eles por uma noite e que depois disso estaria livre por minha própria conta e risco.

— Você sabia que seria leiloada?

— Claro que não. Muito menos que o leilão envolveria me prostituir. Isso tudo eu só descobri minutos antes de entrar naquele palco, cercada por adultos banais, mascarados como idiotas imaturos. Eu não acho que a minha *pureza*, forma essa ridícula de se definir uma mulher, seja algo de maior valor que eu como ser humano. Como é que eu venho para um país como esse, de primeiro mundo, e sou medida por uma pele idiota que existe em meu interior, um selo de castidade de mentalidade medieval. Como isso pode ser mais importante que o meu valor como filha, como estudante, como batalhadora, como um ser humano correto, como mulher? Eu fui em frente, pois era isso ou voltar ao bordel.

— Calma, Perla — ela pousou sua mão quente sobre a minha e foi a primeira vez que senti que era amparada — você teve sorte. Eu não conheço o Max, mas minha irmã é grande amiga do melhor amigo dele. São pessoas do bem. É verdade que ele te *comprou*, mas fez isso para salvá-la do abuso sexual. Ele pode ser preso por isso, portanto, saiba que ele se arriscou para a tirá-la dali, tenho certeza de que só quer o seu bem.

— A troco do que um ricaço como ele salvaria uma pessoa como eu? Ainda mais gastando tanto dinheiro. Deve haver algo que ele tenha interesse —

voltei a colocar de forma desgostosa, temendo o dia em que ele viesse me cobrar essa dívida.

— Não há nada que eu possa dizer para trazer a você mais tranquilidade, se der a chance a ele, o próprio Max mostrará o seu caráter, já no meu caso, eu quero te ajudar.

— Como?

— Passe-me os dados do seu pai e tudo o que puder me falar sobre esse acordo com os *coyotes*, como entraram em contato com eles. Também preciso saber do que se recorda sobre as pessoas com quem teve contato e lugares pelos quais passou. E o mais importante, sabe me dizer em qual delegacia foi parar quando cruzou a fronteira?

— Não, a transação entre os policiais e os donos do bordel foi feita no meio de um descampado desértico, alguns minutos de carro após a minha captura. O *coyote* principal chamava-se Ramón, seu acordo foi com um grupo de policiais norte-americanos da fronteira. Dois carros patrulhavam a área e fui levada por dois policiais caucasianos, meu pai ficou com os outros, não sei dizer como eram os policiais que foram com ele.

— Eles te mantiveram em cativeiro?

— Eu não ficava algemada ou amarrada, nada assim. Mas não era um lugar que desse para fugir. Durante o dia eu lavava, limpava e a noite ficava trancada com outras imigrantes em um quarto. Até que fomos capturadas e levadas para um bordel, havia um cafetão que me obrigava a servir as bebidas. Eles queriam que eu fizesse os programas e apanhei por não aceitar fazer, foi quando descobriram... — aquilo era muito constrangedor, eu não tinha muito mais o que falar — meu valor triplicou e acho que fui vendida para as pessoas que me leiloaram.

— Este aqui é o meu cartão — ela o colocou sobre a mesa — não se preocupe, não pretendo a expor ou causar mais problemas para você, entretanto,

se você tiver algo mais para me falar ou quiser alguém para conversar, pode me ligar, Perla.

— Pearl — disse eu ao pegar o cartão — Max me chama de Pearl.

— Não tenha medo dele — ela sorriu em retorno — ele me parece muito preocupado com você.

Tocou a minha mão em um gesto de conforto e foi embora, deixando-me ali sozinha novamente, vestindo aquelas roupas que tinham o dobro do meu tamanho e uma mesa ainda cheia de alimentos para o café da manhã.

Maxwell

Ao chegar à sede da empresa fui direto para a minha sala, onde me afundei na poltrona e liguei o *notebook* para começar a resolver os problemas cotidianos de um conglomerado de empresas, decisões estratégicas faziam parte da minha rotina, mas nem sempre vivia do glamour da tomada de decisões. Toda empresa tinha burocracias e elas faziam parte daquilo que me entediava no dia a dia.

Três horas depois, enquanto estava concentrado em avaliar o resultado do mês, definitivamente irritado porque os custos haviam aumentado, ouvi as batidas na porta e Rupert assomou sua cabeça após entreabri-la.

— Ocupado? — perguntou sem muita cerimônia, só para ser polido.

— Não muito — fiz um gesto convidando-o a entrar.

Rupert, meu tio, era um homem de quase sessenta anos, alto e forte que se mantinha em forma jogando *squash* três vezes por semana em uma academia nas proximidades, a pele branca se perdia com o tom dos cabelos ruivos, seus olhos azuis denotavam firmeza e uma certa frieza. Era um verdadeiro W.A.S.P.^[21], como diziam pelas costas dele nos corredores da empresa, um perfeito *Branco, Anglo Saxão, Protestante*, como a sigla.

Ele era o irmão mais novo de meu pai, nossa família era tradicional, um nome ostentado há quase quatro gerações.

Quando meus avós morreram, a herança foi dividida entre os dois, papai usou sua parte e construiu o império que agora meu tio e eu comandávamos.

Ele era uma presença constante em casa, mas após a morte de meu pai, enquanto eu me enfiava nos estudos para terminar o colégio e depois o curso de administração, fomos nos distanciando e conseguíamos nos falar apenas uma vez por mês, geralmente por telefone.

Somente após o término dos meus estudos, quando troquei a ensolarada Califórnia por Nova Iorque, para começar a trabalhar na sede da empresa, é que voltamos a ter contato, quase sem nenhuma intimidade, era mais como uma relação entre mentor e pupilo, apesar do laço sanguíneo, pois esse sempre foi o estilo do meu tio. Hoje eu o respeitava como homem de negócios, afinal, ele conhecia as empresas como ninguém.

— Noite difícil ou ocupada? — perguntou ao se sentar em uma poltrona, de frente para a minha mesa, provavelmente percebendo meu ar de cansaço.

— Apenas longa — ri.

— Kinsley me ligou perguntando como você está, especulava o quão boa foi a noite por causa do *Hell's Club* — jogou uma expressão maliciosa para mim.

O congressista era um inconveniente, pensei comigo mesmo, eu vira suas ligações durante a manhã, mas resolvera não atender. E Rupert só estava sendo um homem como qualquer outro, já que nós sempre achávamos sexo tão importante.

— Foi interessante — respondi não querendo entrar em detalhes.

— Que bom, venho dizendo que você precisa sair mais para se divertir, afinal você ainda é jovem e o *Hell's Club* é um ótimo lugar para quem busca

coisas exóticas — disse e ficou por um momento em silêncio, esperando para ver se eu revelaria algo.

Maldito Kinsley, pensei endurecendo minha fisionomia, o quanto ele tinha contado sobre a Pearl?

— Você conhece o *Hell's Club*?

— Vou te contar um segredo — abriu um largo sorriso — eu sou a Torre Negra. Nem sempre estou lá, mas ontem eu presenciei o que você fez.

Encarei o meu tio surpreso! Jamais considerei haver alguém do meu convívio naquele lugar, ainda mais porque o convite viera de Kinsley.

— Há quanto tempo?

— Isso não é importante, Max, entenda que lá é um lugar para viver experiências sexuais que nos levam ao limite. Não que eu seja conivente com todas elas, mas há um protocolo de silêncio entre os membros.

— O que você sabe sobre a atração de ontem? — não sabia se podia me abrir com ele, estava tateando um campo que parecia minado e não podia pisar em nenhuma granada.

Considerando um fato delicado e ilegal como aquele, sendo Rupert uma das peças do tabuleiro, qual o tipo de envolvimento que ele teria?

— A atração também foi uma surpresa para mim, não tenho qualquer conhecimento sobre como escolhem as atrações, ou como elas chegam até lá — buscou um tom sério — sei que não é da minha conta, mas espero que você despache a garota de volta para o *Hell's Club* ao invés de largá-la na rua, eles saberão como cuidar dela — continuou ao perceber meu ar de espanto — as brincadeiras lá, às vezes, podem sair do limite, portanto, se me permite um conselho, deixe os problemas no local onde eles foram gerados.

— Talvez você esteja certo — respondi sem ser honesto com a minha opinião, eu não podia fazer isso com a garota, de alguma forma temia por ela.

— Eu pedi para Kinsley o convidar pois achei que estava na hora de você fazer parte desse mundo mais seleto, é uma ótima oportunidade para conhecer gente importante, ainda mais se fizer parte do círculo interno — explicou — quando soube da atração, não antecipei que você seria capaz de dar um lance, esse tipo de coisa nunca o atraiu.

— Foi um impulso, ainda não a enviei de volta, não me decidi a esse respeito, ela estava dormindo quando saí, Abigail está de olho nela — disse me recuperando da surpresa.

— E como vai aquela velha bruxa? — tentou soar simpático e brincalhão, mas eu sabia que ele não gostava dela, um sentimento mútuo, pois Abbey também não simpatizava com ele, apesar dos muitos anos de convivência.

— Muito bem — ri disfarçando minha crescente e inexplicável irritação.

— Certo, se precisar de *ajuda* para cuidar da garota me avise — ofereceu se levantando — temos uma reunião às quinze horas com alguns investidores de *Wall Street*.

— Estarei lá — murmurei ainda tentando digerir as informações.

Por volta do meio-dia liguei para o celular de Abigail, assuntos delicados, monitoramos com cuidado, sempre pensei dessa forma.

— Onde você está? — perguntei curioso ouvindo o som de vozes ao fundo.

— Brincando de “*Pretty Woman*^[22]” (*uma linda mulher*) como você me pediu — riu do outro lado com seu jeito espalhafatoso, referindo-se a um velho filme que ela adorava — não espera que a menina fique usando suas camisetas por mais um dia, espera?

— Claro que não — resmunguei embora a visão *sexy* dela usando apenas a camiseta, suas coxas torneadas à mostra e os mamilos de seus seios espetando o tecido não saíssem da minha mente e recrimei-me de imediato pelos

pensamentos.

— Ainda bem que o seu limite de crédito é escandalosamente alto — riu novamente ao se referir ao cartão que eu deixava em seu poder para os gastos diários com o apartamento.

— Está bem, Abbey — cortei — ela está melhor?

— Sim, sem febre, pressão arterial estável.

— Ótimo. Quando voltarem ao apartamento mande-me uma mensagem.

— Pode deixar — respondeu e ainda a ouvi, antes de desligar o celular, pedindo para um vendedor mais vestidos para que Pearl experimentasse.

Precisava voltar a colocar a cabeça no lugar, tinha muito o que fazer durante o resto de todo o dia. Pedi para Bonnie, minha secretária na empresa, que providenciasse algo para eu almoçar em minha sala mesmo, ainda estava pensando sobre como me livrar desse meu *problema*.

Queria saber sobre a conversa de Beatriz com Pearl, porém, lembrei-me que eu não pegara o número de celular da repórter e liguei para Vincent.

— Fala meu amigo príncipe cavaleiro, herói das donzelas desamparadas — atendeu rindo — com vai a *nossa* convidada?

— Vai *pro* inferno seu *carcamano* — rosnei tentando não rir — é justamente sobre isso que queria falar.

— Conheceu minha *futura* cunhada? — *me* cortou — ela te entregou as vitaminas que prescrevi? Beatriz conversou com a Pearl?

— Você não cansa de falar não? — foi minha vez de o cortar — Sou um homem ocupado, deixei Beatriz em meu apartamento com Abbey e Pearl e vim trabalhar, só que não tenho o número do celular dela para perguntar o que ela descobriu.

— Entendi, minha *futura* namorada está no centro cirúrgico, assim que

ela sair eu pego o contato da irmã dela para você.

— Obrigado — agradei — e quanto aos exames que você queria fazer? — eu não tinha me esquecido da saúde de Pearl, isso também me preocupava.

— Mandarei uma enfermeira da minha confiança hoje no final do dia. Os resultados, quando ficarem prontos, virão direto para as minhas mãos e aí terei um melhor diagnóstico.

— Obrigado pela ajuda — eu não deveria me envolver, mas precisava muito saber se ela estava bem.

Mesmo sendo jovem e aparentemente forte, sem saber sobre o seu histórico de vida, a situação de sua saúde, o real motivo dos desmaios, isso dava uma abertura para inúmeros pensamentos sobre o seu estado que eu não conseguia abafar.

— Até mais, tenho que ir, estão me bipando, manda um beijo para a Abigail e, Reed...

— Sim?

— Seja gentil com a garota — advertiu em tom mais sério — você é um cara meio seco, às vezes, não é disso que ela precisa nesse momento.

— Está bem *mamma* (mãe) — ri e desliguei.

Perla

Ainda usando o par de sapatos altos do leilão e um sobretudo feminino que a Abigail me emprestou, por cima de uma das camisetas de Max, pegamos um taxi e fomos parar em um lugar lindo, cheio de lojas, pessoas andando de um lado para o outro e muitas sacolas nas mãos.

— Este é o Fashion District — disse ela em inglês, pausadamente, para

que eu me acostumasse com o seu sotaque, que era um pouco diferente do de Max. Ela só mudava para o espanhol quando eu não conseguia entender — primeiro, você precisa de um pouco de Calvin Klein.

Calvin Klein? Meu Deus! Ela ia me levar na Calvin Klein?

Eu não podia aceitar algo assim. De forma alguma. Ela estava falando de Calvin Klein! Eu só usava roupas do bazar da esquina da padaria do meu pai.

Mas foi inútil argumentar. Ainda mais com o meu inglês irritantemente ridículo.

Ela escolheu pelo menos uma dúzia de conjuntos de *lingerie* de diversas cores e modelos! Max já tinha gastado o equivalente a uma mansão no Brasil para *me comprar* e agora estava me dando mais *lingeries* do que eu já tive de uma única vez em toda a minha vida.

Depois de Abbey, como ela havia me pedido para ser chamada, fechar a conta, caminhamos para as próximas lojas.

Estava encantada com aquela multidão e roupas lindas. A simpática senhora me fez experimentar vestidos em uma boutique mais chique, jeans em outra mais moderna, sapatos, camisetas, blusas, malhas, acessórios e até maquiagem.

Passamos em uma farmácia, que era uma mistura de loja de cosméticos, e ela encheu a cesta com xampus, cremes, perfumes, escovas e pasta de dentes, pente, fiquei até tonta de tantas coisas que ela tinha separado. Eu não estava acostumada com nada disso.

— Tem somente mais um lugar que quero te levar — disse ela puxando-me pela mão — e pare de resmungar, mocinha.

— Isso tudo é muita coisa — olhei para a quantidade de sacolas que nós duas estávamos carregando, sentia as mãos ardendo com peso, nem mesmo a minha virgindade vendida em um prostíbulo pagaria por tudo isso.

Mal sabiam Max e Abbey que a única coisa que eu queria era encontrar o meu pai e achar uma forma de voltar para o Brasil, juntos poderíamos tentar recomeçar em nossa pátria. A vida nesse país tinha me dado cicatrizes o suficiente. Era por um milagre dos deuses que eu ainda me mantinha de pé. Sem falar na minha castidade, não que eu ligasse para a virtude propriamente dita.

Chegamos a um salão, imediatamente as atendedoras começaram a conversar com a Abbey, era como se ela conhecesse a todas. Fui puxada pelo braço por três delas. Uma para as mãos, outra para os pés e a última começou a se ocupar dos meus cabelos.

— Eu não preciso disso — tentei argumentar.

Não que eu não fosse vaidosa, mas havia um limite no que eu podia aceitar daquele homem, a não ser que ele estivesse mesmo me tratando como sua mercadoria, neste caso, eu jamais seria a minha própria dona, o que deixava a situação ainda pior.

— Verdade, não precisa — Abbey riu com gosto, como se nada que eu dissesse fosse levado a sério — mas eu quero, e isso é um presente meu para você, não tem nada a ver com Max. Nell é minha amiga há anos — apontou para uma senhora afrodescendente de cabelos tingidos de loiro — e assim que você terminar tudo isso aqui ela a maquiará e a ensinará a usar tudo o que compramos — apontou para a sacola de cosméticos.

— Eu sei usar o meu próprio batom — ainda tentei argumentar.

Entretanto, sem a certeza de que ela havia me compreendido, ou se simplesmente não entendeu o meu carregado sotaque, só sei que riu da minha situação e conformada com o fato de que eu seria capaz de peitar todo mundo, menos aquela senhora de personalidade forte, fechei os olhos e as deixei me tratarem como se eu fosse uma *Barbie*.

— Sempre quis transformar uma menina em uma princesa, mas só tive filhos homens, por isso, hoje você vai ser a minha diversão.

Almoçamos em um restaurante que me pareceu ser caríssimo, pois era refinado, mas Abbey não deixou ver a conta. Eu já estava vestida com roupas adequadas, bem penteada e maquiada. Quem diria que no dia anterior fora tratada como animalzinho da selva?

Olhando tudo o que recebera até agora, começava a ficar mais e mais preocupada.

“Como é que um dia eu seria capaz de pagar tudo isso de volta?”

Essa era a única coisa que não me saía da cabeça.

No meio da tarde, com as mãos cheias de sacolas, voltamos para o apartamento de Max e a primeira coisa que ela fez foi separar as minhas roupas novas para as lavar, principalmente as peças íntimas.

— Eu posso fazer isso — disse incomodada, pois não estava acostumada a ter pessoas me servindo, ou fazendo coisas para mim.

— Não se preocupe, você já se esforçou demais por hoje, ontem estava com febre — foi o que Abbey respondeu ao me enxotar da área de serviço e entregar um aparelho celular na minha mão — Por que não o configura? — ela ainda misturava o inglês e o espanhol quando percebia que eu franzia a testa — Ele vai ajudá-la a se comunicar melhor conosco, precisa compreender as nossas gírias. E a noite, ele vai te ajudar a contar como foi o seu dia a Max, quando eu já tiver ido embora e você for conversar com o meu menino sobre como foi a sua primeira aventura em Manhattan.

Constrangida por ganhar mais um presente e ao mesmo tempo ansiosa por me conectar à internet, após configurar o aparelho, a primeira coisa que eu fiz foi acessar o meu *e-mail* para saber se havia alguma notícia do meu pai.

Tínhamos esse combinado. Se por algum motivo nos perdêssemos um do outro, ainda haveria os nossos e-mails, era a melhor ferramenta de comunicação que poderia ser acessada de qualquer lugar, de qualquer forma, por qualquer

aparelho.

Entretanto, frustrada, vi que não havia qualquer sinal dele.

Senti os olhos marejados e um enorme bolo se formando na garganta. Será que tinha acontecido algo pior a ele do que havia acontecido comigo? Ou ele simplesmente não tivera acesso a qualquer infraestrutura que o possibilitasse a se comunicar comigo?

“Papai,

Eu estou bem.

Vim parar em Nova Iorque, é uma longa história, mas agora eu estou sendo bem cuidada.

De hoje em diante acessarei o e-mail todos os dias aguardando notícias suas.

Eu te amo,

beijos,

Perla”



Capítulo 7

Maxwell

Na parte da tarde participei, com o restante da diretoria, de uma reunião com os representantes de uma grande firma de investimentos.

Eles desejavam conhecer nossas empresas, pois estávamos nos aventurando em novos negócios para uma *joint-venture*^[23] e se gostassem da nossa proposição, era possível que seguissemos para esse co-investimento em uma ideia nova.

Após duas horas de uma maçante debate com apresentação de projeções estratégicas, expectativas de desembolso e crescimento visando o retorno, a

reunião foi encerrada. Rupert convidou os três executivos para um *happy hour* em um badalado bar, ponto de encontro de empresários e investidores do centro financeiro da *Big Apple* (*grande maçã*), como Nova Iorque era chamada pelos turistas.

Recusei o convite e voltei para minha sala, estava me preparando para voltar para casa e foi nesse momento em que minha porta foi aberta, era a Alisson, a diretora de aquisições e novos negócios, encarregada de prospectar empresas passíveis de serem incorporadas pelo nosso conglomerado, ou com grande potencial de receber ou fazer investimentos. Aquela mulher era um trator em se tratando de negócios, conhecida como *tubarão branco*, em razão de sua agressividade nas negociações e alianças.

“*Não estou aqui para ser simpática, estou aqui para ser eficiente*” — dizia ela a cada novo negócio fechado.

Alisson era uma linda mulher de olhos azuis, com fartos cabelos loiros ondulados e lábios carnudos. Outro ponto que a fazia ganhar respeito era a sua estatura, seus quase um metro e oitenta poderiam intimidar alguns homens, mas não a mim. Seu corpo era proporcional à sua altura, com seios fartos e firmes, cintura fina e nádegas voluptuosas. Vestia-se com a elegância sóbria das grandes empresárias, um *tailleur* de cor escura e saltos altos que a deixavam ainda mais alta e quase podia olhar de igual para igual comigo.

Ela fora contratada um ano antes e mostrara sua competência se sobressaindo e recentemente ganhara a cadeira de diretora.

Há cerca de dois meses, pouco depois de sua promoção, tivéramos um envolvimento que começou no dia em que alguns dos diretores se reuniram em um bar para um *happy hour*. Quando a deixei na porta de seu apartamento e ela me beijou, puxando-me para o interior, onde fizemos sexo que beirou a brutalidade. Ela não era nada convencional quando se tratava de prazer.

Não tínhamos um compromisso, mas essa primeira noite foi o início de algo, pois voltamos a nos encontrar algumas vezes depois e sempre terminávamos

na cama.

— Você parecia distraído na reunião — disse ela ao se aproximar, enquanto passava as mãos pelos cabelos de uma forma sensualíssima.

— É um tédio ficar ouvindo contadores falarem sobre lucros e perdas — ri ao me encostar na beirada do tampo da mesa.

— Ganhar e perder faz parte de quem investe. Os negócios são como jogos estratégicos para nós. Aliás — cruzou as pernas de frente para mim — temos um grupo privado árabe muito interessado em injetar capital em ações de petrolíferas nacionais, isso pode dobrar os bilhões anuais de nossas operações.

— Você sabe que não temos interesse de entrar nesse tipo de transações, elas não são investimentos financeiros e sim políticos — Alisson estava certa sobre a rentabilidade, ela já tentara outras vezes nos inserir em negócios que intermediavam investimentos que poderiam culminar na internacionalização da extração de petróleo no país, mas essa era uma briga na qual não queríamos nos envolver.

— A Reed Investments já é um dos principais fundos investidores do país, eles querem os melhores e nós somos esses melhores para movimentar esses bilhões, na bolsa ou não.

— Sejam os francos, esses grupos sempre têm segundas intenções e não queremos nos envolver em conflitos políticos que possam colocar a segurança nacional em risco — fui transparente com ela — gosto mais da ideia do co-investimento em setores privados em países aliados.

Eram muitos bilhões em jogo, mas abrir as portas do país para transações em setores importantes da nossa economia parecia ser dor de cabeça desnecessária e estava longe do nosso foco.

— Tudo bem — ela não insistiu e buscou mudar de assunto — como foi sua escapadela com Kinsley? — perguntou rindo enquanto desamarrava minha gravata — Conheceu alguma garota interessante?

— O que você está fazendo? — perguntei sem me mexer, observando-a começar a desabotoar minha camisa após jogar minha gravata para longe.

— Você não me respondeu, conheceu?

— Não... — menti descaradamente, o fato de não termos um compromisso não queria dizer que ela não especulasse sobre os meus casos de vez em quando.

— Então, que tal relaxarmos após um dia estressante? — murmurou com voz rouca e, pegando meu rosto entre suas mãos, beijou meus lábios com voracidade.

Segurei-a pela cintura e retribui ao beijo puxando seu corpo de encontro ao meu, meu membro já ereto pressionando sua intimidade.

— Hummm, alguém parece animado — constatou, aparentemente satisfeita, afastando-se um pouco e deslizando a mão até minha calça, onde o apalpou com força, em seguida abriu o zíper e o liberou da cueca.

Com um sorriso de más intenções em seus lábios, já com o batom manchado pelo beijo, desceu se ajoelhando e roçando a boca por meu corpo até que alcançou meu membro que pulsava em sua mão, que o movimentava ritmicamente para frente e para trás.

Ela passou a lambar a glândula lentamente, sem deter o movimento, até que abocanhou o máximo que conseguiu e passou a chupá-lo, deslizando sua língua, sugando com força, tentando o colocar inteiro na boca sem sucesso.

— *Fuck!* — rosnei segurando sua cabeça e a forçando de encontro a mim.

Aquela mulher sabia como chupar um pau, pensei observando-a com os olhos semicerrados.

Eu bem que estava precisando extravasar, desde que Pearl tinha surgido que eu me sentia em um estado de extrema tensão. E olha que fora na noite anterior. Além disso, já fazia quase cinco dias que não transava. Tudo o que eu buscava agora era relaxar, para tirar da minha mente aquele problema que eu não

sabia ainda como poderia resolver.

— O que foi, não está bom? Está em outra dimensão? — Alisson retirou meu membro da boca e me encarou.

Merda, melhor me concentrar, pensei comigo mesmo, irritado pelo fato da imagem de Pearl atravessar minha mente e foi estranho perceber que aquilo me excitava, pois ao mesmo tempo também me envergonhava.

“Onde é que eu estava com a cabeça?” — Eu só podia estar maluco mesmo, ainda mais com essa mulher na minha frente, que sabia exatamente como dar e receber prazer.

Ergui Alisson pelos ombros e a virei para a mesa, fazendo-a arrebitar as nádegas e colocar as mãos no tampo.

— Vou te mostrar — rosnei — que estou muito bem concentrado nisso!

Erguei sua saia até a cintura e retirei de minha carteira uma camisinha, cobrindo meu membro, após deixar a calça cair embolada aos meus pés.

Afastei sua *sexy* calcinha preta e encostei a glândula na entrada de sua vagina, segurando firmemente sua cintura, penetrando-a de uma só vez, deslizando com certa dificuldade até o fim, o que a fez soltar um gritinho abafado.

— *Me fode com força!* — pediu ela e eu não pretendia decepcioná-la.

Penetrei-a com necessidade, saindo até o fim e voltando a me enfiar nela, nossos corpos se chocando com violência, enquanto eu apertava com força a carne firme de suas nádegas, deixando as marcas dos meus dedos.

— Você gosta disso, não gosta? — provoquei-a sussurrando em seu ouvido, depois mordiscando seu pescoço.

— Adoro — arfou com mais uma investida minha, o corpo agora deitado no tampo da mesa.

Enquanto a segurava com uma das mãos, desci a outra pela frente dela

alcançando seu clitóris que comecei a acariciar com a ponta dos dedos.

Retirei meu membro e a ouvi gemer de insatisfação. Mas isso foi só o tempo para eu encostar a glândula em seu ânus rosado, já que uma boa foda por trás sempre me excitou. Penetrei-a lentamente, forçando a passagem, enquanto a acariciava ouvindo seus gemidos.

Ali no improviso e sem preparo, consegui ir até a metade, já fizéramos sexo anal duas vezes antes, mas ela ainda não estava acostumada com o meu volume.

Continuei a massagem em seu clitóris até que percebi que seus gemidos se tornaram mais altos e ela começou a empurrar as nádegas em minha direção tentando me agasalhar por inteiro.

Voltei a segurar sua cintura com ambas as mãos e a penetrei com força, até onde foi possível, fazendo-a soltar um grito real.

Passei a me movimentar em seu interior, primeiro de forma comedida e gradativamente fui intensificando as penetrações, até começar a ir com força outra vez, enquanto ela murmurava palavrões e palavras desconexas reboando de encontro a mim. Com algumas investidas mais, ela soltou um grito de prazer e senti seus músculos internos esmagando meu pênis. Ela estava ensandecida quando aumentei a velocidade das estocadas.

— *Fuck!* — rugi ao gozar em seu interior apertado e deixei-me cair sobre o corpo dela, ainda conectados.

— Meu Deus — murmurou ela após alguns minutos, ainda com a respiração ofegante.

— Ainda acha que eu estava distraído? — perguntei em seu ouvido.

— Pode ficar distraído assim quantas vezes quiser — riu enquanto eu saía de seu interior e retirava a camisinha a enrolando em uma folha de um bloco de anotações.

— Quer sair para jantar ou ir para a minha casa? — perguntou subindo a calcinha e ajeitando a saia de volta ao lugar — Eu ia adorar um pouco mais da sua distração.

— Hoje não, eu ainda tenho coisas a resolver — respondi enquanto vestia minha cueca seguida da calça — e quanto a você, acho que deveria estar naquele *happy hour* com Rupert. São investidores importantes para novos negócios.

— Tudo bem, posso aparecer por lá — beijou-me na boca — *nos* vemos amanhã, então — e saiu rebolando para fora de meu escritório, limpando os lábios para não correr o risco de aparecer em público com o batom borrado.

Ajeitei minha roupa e após jogar a camisinha no lixo do banheiro que havia em minha sala, desliguei o *notebook* e pedi um táxi.

Estranhamente, estava ansioso para voltar para meu apartamento, o que era raro, já que era comum eu ir para casa somente de madrugada, após sair para encontros de negócios, jantares e até mesmo um pouco de diversão na cidade que nunca dormia.

Perla

Abbey foi embora assim que as minhas roupas novas foram tiradas da máquina de secar, de onde elas saíram incrivelmente macias e o esforço para as passar a ferro foi quase nulo.

— Max raramente janta em casa, por isso não me preocupo em deixar nada pronto para ele, mas hoje ele disse que voltará mais cedo. Quando isso acontece ele pede algo de algum restaurante da região, pela entrega em domicílio, portanto, não se preocupe, você não passará fome — explicou ao ir embora.

Pelo que havíamos conversado mais cedo, ela só aparecia para administrar a casa, como cuidar das contas, das compras e coisas assim. Max tinha uma faxineira semanalmente e uma lavadeira também, para as suas roupas, ele não

gostava de muitos empregados ao redor, se havia compreendido direito, prezava pela privacidade.

Assim que ela foi embora, usei o celular que estava comigo para fazer algumas pesquisas e a primeira delas foi sobre o *Hell's Club*, mas aquele parecia ser um clube fantasma, não havia nada a respeito dele em lugar algum da internet. Frustrada, comecei a jogar outras perguntas na busca que pudessem me dar alguma luz sobre como achar o meu pai.

Encontrei alguns grupos de discussões sobre imigrantes ilegais que foram pegos e deportados, tentei entender se alguém havia sido vítima da polícia corrupta ou sido entregue aos prostíbulos, mas existia muita desconfiança e medo ao darem respostas abertamente. Não podia os julgar, eu mesma não estava sendo completamente honesta quando só perguntava e não respondia nada a meu respeito.

Peguei o contato de alguns grupos de apoio a imigrantes até que achei um em Manhattan, não sabia ainda o quão perto ou distante estavam da casa de Max, mas tinha a intenção de visitar o local quando conseguisse.

Frustrada com a falta de sucesso em minhas pesquisas, voltei a me concentrar sobre o que eu deveria fazer quanto ao meu *dono*. Decidi arriscar e busquei por Maxwell Reed, o resultado veio recheado de artigos e fotos. Ele parecia bastante famoso. Um empresário milionário, inúmeras fotos com belas mulheres em eventos e festas. Precisava concordar, Max era um homem de extrema boa aparência e porte impecável.

Embora os artigos falassem muito sobre as empresas, os eventos e outras características profissionais, pois entendi que ele era acionista majoritário, informações sobre ele, sua vida pessoal, seu estilo de vida, eram escassas. Artigos de fontes menos profissionais o indicavam como um solteirão cobiçado, mas qual homem bonito e rico não seria?

Nenhuma daquelas reportagens me deu qualquer indicação se ele era uma pessoa confiável ou não, embora ao lado de tantas acompanhantes diferentes,

pareceu-me um grande mulherengo.

Tentei suas redes sociais, mas, apesar de milhares de seguidores, a conta era fechada.

Ainda era cedo demais para tomar qualquer decisão, portanto, concluí que enquanto ele não tocasse a mão em mim, talvez eu estivesse mais segura em sua casa do que nas ruas. Ir à polícia seria pedir para ser deportada e eu não podia me dar ao luxo disso acontecer antes de eu saber mais sobre o meu pai.

Fui para a cozinha, Abbey havia mencionado sobre Max pedir nosso jantar a algum serviço de entregas, mas eu podia preparar algo para nós, desde que encontrasse opções de ingredientes na geladeira, portanto, decidi não ficar de mãos abanando, pois já estava entediada dentro do silêncio do apartamento.

Achei postas de um peixe no congelador, não tinha certeza qual era ele, se sua carne era fibrosa, macia ou rígida, mesmo assim ele serviria para o que eu tinha em mente.

Protegi as postas em filme plástico e as deixei mergulhadas em água para acelerar o descongelamento, não que fosse boa prática, mas era o que eu poderia fazer com tão pouco tempo.

Achei batatas e torci para que fossem o suficiente e as pré-cozi, com casca e tudo. Por sorte, havia outros legumes na geladeira. Aquele não devia ser um peixe de água doce como os que eu preparava no Amazonas, mas eu também sabia improvisar, ainda mais considerando a falta dos temperos.

Como os peixes descongelaram rapidamente, montei suas postas com os legumes, as batatas e os temperos em camadas, usando um refratário de vidro. Adicionei uma quantidade abusivamente deliciosa de azeite, porque eu amava o gosto, mas era um luxo que eu raramente tinha em casa por ser um ingrediente caro.

Cobri tudo com papel laminado e levei ao forno. Pelos meus cálculos o prato estaria pronto perto do horário do jantar, agora, se Max já estaria de volta ou

não, quando o prato ficasse pronto, eu não tinha como saber.

Tentei me sentir à vontade na casa, embora não estivesse acostumada com tanto luxo. Abbey havia me mostrado cada um dos cômodos, as duas salas e os três dormitórios na parte inferior, os dois dormitórios no piso superior, sendo que um deles fora transformado em sala de ginástica e a parte aberta da cobertura, que era dividida em duas, uma lacrada com vidro que acomodava uma enorme sala com televisão, que mais parecia um mini cinema, e o pátio ao ar livre, que ela me explicou que só era usado durante o verão, por causa da neve no inverno.

O quarto em que eu estava hospedada ficava ao lado do de Max, no andar inferior do duplex.

Com as novas roupas, sapatos e acessórios já organizados no armário, fui tomar um banho rápido e tive dó de retirar a maquiagem, mas, era necessário. Após o banho eu vesti um dos vestidos de viscose que fez parte das compras de hoje e preferi o par de confortáveis chinelos.

Estava de volta à cozinha quando ouvi o barulho da porta da sala. O prato principal ainda no forno, quase pronto. Eu havia preparado uma porção de salada e colocado à mesa.

Se Max era realmente uma boa pessoa como todos queriam que eu acreditasse e não faria mal a mim, era mais do que hora de eu tentar fazer alguma coisa para pagar o custo que eu representava a ele. Trabalhar em sua casa não me parecia ser uma má ideia.

— Pearl? — ouvi seus passos pela sala — Pearl?

De repente, senti que ele vinha sendo guiado pelo cheiro da comida com passos lentos, até que entrou na cozinha.

Notei o seu olhar de espanto, talvez surpresa, sobre mim. Ele não vestia o casaco do terno, como pela manhã. Estava somente com a camisa branca e seus primeiros botões abertos, a gravata frouxa e tinha as mangas da camisa enroladas, somente o suficiente para não ter que lidar com os botões do punho.

— O que... — respirou fundo — o que está fazendo? — perguntou ao vacilar um pouco entre as palavras?

Hesitei por um momento achando que talvez pudesse estar zangado comigo por eu ter mexido nos armários e usado os ingredientes. Eu não tinha imaginado que seria de bom tom pedir permissão, não me ocorreu falar sobre isso com Abbey, mesmo ela tendo deixado o seu número comigo, para o caso de emergências.

— Jantar... — respondi ao apontar a mesa posta, depois indiquei o forno elétrico, que tinha sofrido um pouco para entender como funcionava.

Tudo naquela cozinha era elétrico, tão moderno, não havia gás, fogo, nada disso.

Abri o forno e mostrei a ele que em breve o prato principal estaria pronto. O vapor com o aroma dos temperos saiu como um bafo apressando, inundando a cozinha e percebi quando Max o inalou e piscou os olhos ligeiramente.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, fui tomada pelo susto com o soar de uma estridente sirene. Meu Deus, parecia o som da polícia, era alto, acontecia dentro da cozinha, será que tinham me encontrado?

Olhei de um lado para o outro, coloquei as mãos sobre os ouvidos, ela não cessava, mas Max correu imediatamente em minha direção, fechando a porta do forno e empurrou-me para o canto, depois correu de volta para a entrada da cozinha e ao lado do interruptor de luz acionou um pequeno botão. Só então a sirene cessou, eu ainda estava muito assustada, sabia que os meus olhos pareciam arregalados pois os sentia assim, meu coração batia forte, quase saindo pela boca.

— Está tudo bem — tentou ele com a voz suave — é só o alarme de incêndio — apontou para uma pequena caixa cinza presa ao teto, que piscava a minúscula luz vermelha de forma cadenciada.

Eu não estava entendendo nada, mas levei a mão ao coração, ele estava a ponto de sair pela boca.

— Desculpe — sussurrei com a voz ainda falhando pelo susto, mas não sabia nem o que tinha acontecido direito.

Ele voltou a olhar para mim e foi a primeira vez que se aproximou e eu não dei um passo atrás, estava atordoada demais para isso, então ele me tomou nos braços e guiou a minha cabeça para pousar sobre o seu peito e eu sabia que ele podia ouvir o meu coração ainda batendo forte, alto e acelerado pelo susto.

— Foi só o alarme — disse ao passar a mão pelos meus cabelos — um erro do arquiteto que colocou o forno muito próximo ao detector de calor e fumaça da cozinha.

Tentava explicar com a voz macia e entendi menos ainda o que se passava. Portanto, somente busquei o ar para me acalmar, precisava controlar o meu coração ou ele sairia pela boca a qualquer momento.

Entretanto, outra vez o jorro de adrenalina me tomou, quando a estridente campainha começou a soar na parede da cozinha e dei um pulo ainda protegida em seus braços, meu coração voltou a pulsar forte, parecia que eu ia morrer de um ataque cardíaco ali mesmo.

— Calma, é só o interfone — ele apontou para o aparelho e me trouxe junto com ele, ainda protegendo-me contra o seu peito, para o atender — Sim? Claro, pode autorizar a subida.

Livre-me de seus braços, aquilo era demais para mim, eu não podia me acostumar a isso. Eu não queria e não confiaria em ninguém, porque neste momento, qualquer dos meus movimentos poderia significar perder o meu pai em definitivo e eu não ia suportar. Papai era a única família que eu tinha na vida.

— Pearl — ele olhou em minha direção quando tomei a distância dele — tente se acalmar, isso foi somente um susto — esticou a mão e fez um gesto para que eu o acompanhasse até a sala.

— *Okay* — respondi com a voz ainda baixa.

— A enfermeira chegou para colher alguns exames, estou preocupado com a sua saúde.

Movi a cabeça de um lado para o outro, como se não tivesse entendido nada. Na verdade, acho que entendi, mas não tinha certeza, ele voltara a falar rápido demais. Será que ele quis mesmo dizer enfermeira? Fui até a mesa pegar o celular que Abbey tinha deixado comigo para confirmar o significado de algumas palavras.

— Repita, por favor — pedi ao abrir um aplicativo de tradução simultânea e assim Max o fez, vi surgir na tela uma tradução precária, mas compreensível, do que ele estava dizendo.

— Eu estou bem — insinuei recusar, já havia causado problemas demais.

— Não posso forçá-la, Pearl, mas estou preocupado com você. Você desmaiou em meus braços ontem, duvido que venha se alimentando bem, ou mesmo se alimentando com o mínimo há um bom tempo. Eu ficaria mais tranquilo se tivesse a certeza de que somente as vitaminas serão o suficiente.

Fiquei pensativa e olhei para ele quando a campainha começou a tocar.

Max saiu da cozinha em direção a porta social e sentindo-me até sem muita escolha, fui atrás dele.

A enfermeira era uma senhora de mais idade, tinha os cabelos presos, usava óculos e trajava branco, além de carregar uma maleta térmica e outra que parecia uma pequena valise de viagem. Eles conversavam entre eles e não me aproximei muito, portanto, não tinha ideia do que falavam e só quando o assunto pareceu encerrado que ela olhou ao redor e caminhou até o canto da sala, onde havia duas poltronas separadas por uma pequena mesa redonda com um abajur, que empurrou de lado e começou a organizar o que precisava.

Sem pressa, pegou um pequeno container com esguicho, que parecia álcool e limpou a mesa, depois a forrou e colocou os artigos descartáveis sobre a área forrada, com uma cestinha e vários tubos, a quantidade era tão grande que

não deixava de ser assustadora. Fez a assepsia das mãos com outro produto, colocou as luvas e só então voltou-se para mim e disse:

— Vamos?

Max fez um gesto tentando me incentivar, mesmo assim olhei muito desconfiada para aquilo tudo. Quando foi que tinham colocado uma agulha na minha veia pela última vez? E de novo, senti-me devedora.

Se ele estivesse fazendo mesmo tudo isso para me ajudar, talvez eu devesse confiar nele, mas, e se não estivesse? O que faria com o meu sangue? Que eu tinha conhecimento, roubo de órgãos aconteciam em países subdesenvolvidos e não entre os mais ricos de Manhattan. Se bem que, um homem como ele, frequentando um lugar repugnante como o *Hell's Club*, também me soava algo questionável.

Mas a maior das verdades era que eu tinha medo daquela agulha e senti-me um pouco congelada. Peitar um cafetão no bordel da fronteira não me pareceu tão assustador quanto olhar a agulha e aqueles inúmeros tubos.

— É só um hemograma e alguns outros exames complementares, todos baseados na amostra de sangue.

Ele foi em minha direção, tomou-me pela mão e pela primeira vez prestei atenção em como ela era quente e macia, conduziu-me até onde a enfermeira estava e ofereceu-me a poltrona. Quando tentou dar um passo atrás distanciando-se de nós, para deixar que senhora fizesse o seu trabalho eu o puxei de volta pelo braço.

— Não tenha medo — riu ele e compreendeu que seria melhor permanecer ali ao meu lado.

Fechei os olhos e virei o rosto na direção oposta à senhora, que agora examinava como faria a punção, estimulando a minha veia com as mãos protegidas pelas luvas, após amarrar um cordão em meu braço.

Max agachou-se ao meu lado, ainda permitindo que eu segurasse a sua mão.

— É só uma agulha, doçura — tentou me acalmar ao passar as costas das mãos sobre o meu rosto, como se eu fosse uma criança acuada.

Escondi os olhos em seu ombro e foi aí que voltei a sentir sua outra mão sobre os meus cabelos e a gélida sensação da enfermeira passando algo molhado sobre a área que seria perfurada.

De repente veio a picada e com um salto enrijei o corpo, sentindo a ardência aguda na área.

— Relaxe, doçura, sua tensão faz doer mais. Se você relaxar não sentirá quase nada.

Ouvi alguns sons estranhos, era como se ela trocasse os tubos sem que tivesse que retirar e colocar a agulha e outra vez, outra pontada aguda e uma forte pressão sobre a área.

— Pronto, já acabou — disse Max ao induzir-me a desencostar minha cabeça de seu ombro.

Olhei para o meu braço que agora tinha um pequeno curativo redondo, sobre a pequena mesa entre as poltronas, a caixa de grades metalizada tinha pelo menos sete tubos do meu sangue.

— Sem movimentos bruscos ou levantamento de pesos com este braço por algumas horas, tudo bem? — disse a enfermeira que parecia ter se divertido com a situação, já guardando todo o seu material os distribuindo entre as sacolas.

— Fique aqui, Pearl. Vou acompanhar a senhora Burns até a porta.

Eles ainda conversaram um pouco mais enquanto o elevador não chegava ao *hall* de saída.

Quando Max fechou a porta e começou a caminhar em minha direção,

perguntou se estava tudo bem comigo e eu fiz um tímido movimento com a cabeça dizendo que sim.

— Muito bem, fique aqui sentada. Eu vou tomar um banho e logo volto para comermos juntos o que quer que você tenha preparado para nós, que está com um cheiro delicioso.

Voltou a me dar um sorriso, pegou o casaco do paletó, que estava sobre o sofá, e sumiu pelo corredor do apartamento, deixando-me ali sentindo-me como uma idiota, pois fora só uma picada aguda na pele, tirar o sangue não tinha sido trauma algum, embora eu tivesse esse inexplicável pavor de agulhas desde criança.

Lembrava-me de uma dor terrível, mas hoje, fora praticamente indolor. Como poderia imaginar que seria assim?



Capítulo 8

Maxwell

Pearl aguçava a minha curiosidade. Era arisca e arredia algumas vezes, vulnerável e dócil em outras.

E eu resistia tanto a admitir que ela era linda. Mas, meu Deus, como aquela menina... mulher... era linda.

O aroma do seu perfume não escondia o seu cheiro natural, que senti quando a puxei para os meus braços para a proteger. O calor de seu corpo tão próximo ao meu. Como e por que aquilo estava mexendo tanto comigo?

Será que era o fato de, pela primeira vez, eu me sentir responsável por

alguém?

Não, isso não fazia qualquer sentido.

Eu jamais havia notado meninas tão jovens como mulheres, até hoje. Porra, o que essa menina estava fazendo comigo? Ela era uma criança, que merda! Isso tudo estava muito errado. Eu já tinha Alisson na minha vida, interessante o suficiente para manter o meu fogo aceso somente por ela e por um bom tempo.

Sentia-me culpado por estar experimentando aquele desejo que me soava quase obsceno, guardadas as devidas proporções, era como se eu fosse o personagem Humbert^[24], do livro *Lolita*, que eu lera na adolescência.

Desliguei o chuveiro, ainda tentei relaxar um pouco e respirei fundo. Eu devia estar sob muito estresse, só podia ser isso.

Enxuguei o corpo rapidamente, vesti um moletom qualquer com camiseta branca de algodão. Era como eu gostava de ficar em casa. Em um dia normal, naqueles em que eu não estava a fim de sair, calçaria um par de chinelos e com um copo de uísque nas mãos assistiria um pouco de televisão, ou me fecharia no escritório para ler um livro.

Só que hoje não era um dia normal. Eu tinha transado com a Alisson e me recusado ao segundo tempo na casa dela porque agora havia uma imigrante *comprada* em um leilão, da forma mais ilegal possível, andando de um lado para o outro no apartamento, com aqueles olhos verdes brilhantes, pronta para me desafiar ou me pedir amparo.

Pearl..., Perla, estava em minha casa há menos de vinte e quatro horas e de repente percebo que está afetando o meu julgamento.

Não sabia quem ela era de verdade, o que havia acontecido para chegar onde chegou e como chegou, seus medos, suas alegrias... nada. E o pior de tudo, não tinha ideia do que fazer com aquela menina desamparada, que me encarava

com um olhar de desafio.

Respirei fundo, passei as mãos pelos meus cabelos molhados e despenteados e tratei de me recompor para voltar para a sala. Isso era só um devaneio, conclui, ia passar logo.

Quando cheguei de volta à sala, Pearl já tinha saído da poltrona e eu ouvia barulho da cozinha. Ela tinha retirado o refratário do forno e ele estava servido à mesa, com um cheiro maravilhoso! E aquela menina moça estava recostada na pia brincando com o celular.

Continuava com aquele mesmo vestido rodado que lhe cobria até o meio das coxas, as alças sustentavam seus seios rijos e bem moldados. Que merda!

Tentei pensar em qualquer outra coisa, lembrei-me de que aos dezenove anos eu não tinha a metade da personalidade que Pearl tem, também não tinha passado por nenhuma dessas dificuldades que são capazes de amadurecer um ser humano, salvo a morte dos meus pais, claro.

Abri a adega, peguei uma garrafa de vinho, não era a melhor bebida para me relaxar, mas a melhor opção para acompanhar o jantar e eu precisava de um pouco de álcool.

— Sente-se bem? — apontei para o braço com o curativo.

— Eu exagerei — respondeu ela um pouco constrangida e demorei dois ou três segundos a mais para associar o seu sotaque à palavra.

— É normal, você está vivendo um momento inóspito e este ainda é um ambiente desconhecido, sem falar no trauma e no estresse! — dado o cenário, ela vinha sendo uma fortaleza — E a febre?

— Não tenho mais...

— Que ótimo — e de repente o constrangimento pairou entre nós dois.

— Está com fome? — perguntou ao apontar à mesa, exatamente o lugar

onde eu havia me sentado esta manhã.

— Sim, muita, e parece ótimo, o cheiro está maravilhoso.

— É só um peixe assado com azeite — explicou enquanto eu abria o vinho e buscava duas taças — batata, temperos e alguns legumes.

Coloquei as taças cheias na mesa e Pearl ocupou-se de nos servir um pouco de salada, embora eu realmente quisesse atacar logo aquele peixe, que parecia delicioso.

Elevei taça para um brinde e ela me imitou, até que os cristais se tocaram “*cheers*” e ela deu o primeiro gole. Imediatamente a vermelhidão tomou conta de seu rosto, achei que ia começar a tossir, mas ela respirou fundo e voltou a taça para a mesa.

Que merda! Só aí eu me toquei! O que eu estava fazendo? Podia ser preso por isso, estava servindo álcool para uma garota que não tinha idade legal para beber.

Com os olhos arregalados, estiquei o braço para tomar a taça dela, mas ela não permitiu, tomando outro gole, que agora pareceu descer mais facilmente.

— Desculpe, você não pode beber, não tem vinte e um ainda — ela olhou para a minha cara de espanto e começou a gargalhar, como se a graça naquela situação fosse a minha expressão de preocupação.

— Eu posso beber, já bebi antes, no Brasil é permitido com dezoito.

— Aqui não é o seu país e eu tenho uma responsabilidade imensa sobre você agora — puxei a taça, derramei todo o resto da bebida na minha e corri para a geladeira para completar seu cristal vazio com suco de laranja, sob o olhar de censura daquela menina que tinha voltado a demonstrar sua adorável petulância.

Isso foi o suficiente para iniciarmos um jantar silencioso, que menina temperamental! Mas que cozinhou maravilhosamente bem.

— Max?

Ouvi sua voz suave, que quebrou o silêncio entre nós durante a refeição e essa foi a primeira vez que a ouvi mencionar o meu nome.

— Sim, Pearl... — deixei os talheres de lado e completei a minha taça, aquela garrafa inteira de vinho não seria o suficiente para anestesiá-la a minha surpresa quando ouvi meu nome saindo por seus lábios.

Eu parecia um adolescente idiota.

— Se vai me acolher em sua casa, eu preciso retribuir por isso. Posso lavar, limpar e cozinhar pelo tempo em que eu estiver aqui, eu sei fazer essas coisas — disse ela com um olhar de esperança ao mostrar fotos da sua rede social com pães e bolos — também posso estudar inglês nas horas vagas, para melhorar a minha comunicação — completou minha língua.

Devolvi o celular para ela, tentando imaginar o que se passava em sua mente, desejando poder saber cada vírgula do que estava acontecendo e que ela não se abria para falar.

— Seria ótimo que estudasse inglês, todo o resto não é necessário. Você não é uma empregada nesta casa, sinta-se como minha hóspede e como tal, pode preparar algumas dessas guloseimas, só não me faça engordar, por favor — sorri para ela, confesso que sua vontade de mostrar o seu valor tocou o meu coração.

— Você pagou caro por mim, quero pagar de volta. Não posso e nem quero ser uma mulher *comprada*.

— Não diga isso, por favor. Você não é uma escrava, é um ser humano. Também não é uma prisioneira, muito menos minha empregada, pois não temos um contrato de trabalho. A porta desta casa não está trancada e você pode ir quando quiser, é uma garota livre — disse a ela ainda com receio do peso das minhas palavras — embora eu não deseje que vá, pois não sei como poderá sobreviver sozinha, ao menos por enquanto. Você é livre, entretanto, peço que fique até que tenhamos certeza de que está em segurança.

— Então, podemos ter um contrato de trabalho?

— Não — tentei dizer a ela com o meu tom mais suave, lembrando-me do pedido do meu amigo Vincent para que eu tivesse algum tato com Pearl — você é uma imigrante ilegal e eu não poderia empregar alguém nas suas condições. Por isso, doçura, por favor, aceite de bom grado a minha hospedagem e vamos tentar achar uma forma de ajudá-la.

Notei uma expressão contrariada se formando naquela arredia Pearl, que fazia formar um beicinho adorável de uma menina que acabava de receber um não como resposta.

— Não estou em condições de recusar — ela finalmente confessou frustrada — mas também não posso aceitar.

— Por que não vamos um dia de cada vez? Hoje estamos nos entendendo e amanhã, bem, amanhã será um novo passo. Agora, acho que precisamos terminar esse maravilhoso assado, pois ele está esfriando.

No dia seguinte eu saí antes que Pearl estivesse acordada. Tinha marcado com Beatriz em um café e cheguei um pouco mais cedo, já que também não tinha conseguido dormir direito. Não saber como resolver essa situação estava me deixando ansioso demais.

Tomava um copo de café quente, embora preferisse o expresso, lendo as notícias pelo celular, quando ela chegou. Fiz sinal para a atendente que logo trouxe outro copo de café, uma cesta de muffins e algumas geleias com pasta de amendoim.

— Não sei o quanto você conseguiu conversar com a Perla, mas sua história é assustadora, Max.

— Não falamos muito, Beatriz. Eu não senti que devia pressioná-la, afinal, eu sou o homem que a *comprou*.

— Ela pensa que foi entregue por policiais da fronteira à uma casa

dormitório para aguardar o momento de ser levada em segurança ao aeroporto, mas eu pesquisei sobre o processo e isso é um esquema com uma hospedaria especializada em enviar jovens imigrantes ilegais para locais de prostituição, afastando-as de suas famílias. Corrupção policial, tráfico de mulheres, imigração ilegal, parece que neste caso está tudo interligado.

— Meu Deus! — passei a mão pelos cabelos, era uma mania minha quando estava nervoso.

— E ainda há esse misterioso *Hell's Club*, um local onde ricos e poderosos se entregam à depravação. Tenha cuidado se essa história explodir por aí, pois não será só essa garota a afetada. Seu nome pode ser jogado na sarjeta de um dia para o outro, ainda mais se houver provas de que você comprou um ser humano.

Eu tinha feito a transferência do pagamento direto da minha conta pessoal, então sim, eu estava completamente ligado àquela sujeira toda. Mas esse era um problema que eu esperava não ter que lidar.

— O que mais descobriu sobre ela?

— Perla, apesar de aparentar ser uma menina ingênua do interior, é inteligente, perspicaz e observadora, decorou o número da viatura que a entregou aos donos do dormitório, além de ter memorizado a fisionomia dos policiais. Ela tem detalhes de como seu pai chegou aos *coyotes* e sabe o nome do chefe deles. Encomendei uma pesquisa que poderá nos dizer algo mais.

— Então, há chances de descobrirmos mais sobre a sua história? E, principalmente, sobre o seu pai?

— Com base em tudo o que ela memorizou, encontrei ao menos dez casas que poderiam ser o cativeiro onde ela e outras jovens foram mantidas, mas é tudo muito preliminar. Eu preciso de mais tempo.

— Como eu posso ajudá-la nesse momento?

— Acolher essa garota já foi de grande ajuda.

— Mas não o suficiente, ela está em busca do pai. Como podemos o encontrar?

— Isso tudo é um pouco complicado, Max. Eu não confiaria na polícia convencional, nem em qualquer um que conhece esse *Hell's Club*. Você tem algum contato no serviço secreto, FBI ou CIA? Digo, não alguém qualquer, alguém grande e de confiança?

— Talvez.... — fui vago na resposta.

Sempre foi contra os meus princípios acionar amigos para favores pessoais quando eles se referiam à lei.

— Certo, vou fazer uma viagem para investigar as informações que Perla me forneceu, qualquer coisa entre em contato comigo — ela me entregou o cartão e saiu do café carregando o seu copo.

Não tinha qualquer certeza de que poderia dar um passo tão grande assim ao levar um problema desses à CIA e pedir discricção. Se Beatriz estivesse certa, a coisa era pesada. Precisava ponderar melhor sobre envolver ou não alguém do serviço secreto como um favor pessoal.

A história de minha hóspede me comoveu, ela e seu pai vieram aos Estados Unidos em busca do *sonho americano*, mas esse sonho há muito tempo morrera, havia um sentimento anti-imigração em meu país, muitos culpavam os imigrantes, fossem legais ou ilegais, pelos problemas econômicos e sociais que não só os Estados Unidos, mas o mundo atravessava.

Policiais corruptos a separaram de sua família e a venderam para uma cafetina que a revendeu para alguém do *Hell's Club*, onde foi *leiloadada* em um show degradante da natureza humana, fora esse o resultado da conversa de Bia com a Pearl.

Agora ela estava sozinha em um país estranho, com uma língua que não

era nativa, em condição ilegal, podendo ser presa e deportada.

Fiz uma anotação mental para consultar um advogado sobre a situação de Pearl. Estava decidido a não permitir que ela fosse presa e enviada para um centro de imigrantes ilegais que mais se assemelhavam às prisões imundas. Ela não era uma criminosa, não desse tipo e eu, como um homem de privilégios financeiros, certamente poderia fazer algo por ela nesse sentido.

Com um suspiro, deixei alguns dólares para pagar a conta e resolvi ir para o escritório.

Perla

Depois que me colocaram no carro, olhei para todos os lados, era somente o breu ao meu redor. Dois policiais se sentavam à frente, conversavam e riam, ignorando-me por completo.

Perguntei, algumas vezes, para onde estavam me levando, mas foi inútil.

Quase uma hora de estrada depois, chegamos em um vilarejo movimentado, obrigaram-me a descer rapidamente do carro e entramos pela porta dos fundos.

Embora estivéssemos do lado norte-americano, fui recebida por uma mulher que falava espanhol, ela tinha a aparência vulgar, pouco prestou atenção em mim.

Disseram-me que eu teria que ficar ali por alguns dias, me escondendo, até chegar o momento de me levarem para o aeroporto da cidade para me encontrar com meu pai, de lá, pegaríamos um voo para o Arizona ou Illinois.

Nos primeiros dias a minha função era limpar, duas outras

imigrantes e eu passávamos o tempo inteiro nos afazeres domésticos e disseram que era para pagarmos as contas da comida que comíamos. Entretanto, a comida era escassa.

Quando faltavam dois dias mais para o momento de eu deixar aquele lugar, houve uma grande confusão, ninguém entendia nada do que estava acontecendo até vermos a casa ser invadida e fomos retirados de lá com muita violência.

Jogaram-me contra o chão, bati a cabeça e a boca, meus lábios sangravam muito.

— Fuking bitch — xingou-me um dos homens e essas duas palavras eu entendi muito bem.

Amarraram meus braços com cordas na altura da minha lombar e fizeram o mesmo com as minhas pernas, mas deixando uma distância razoável entre elas para que eu pudesse caminhar sem correr.

Fomos empurradas para dentro de uma van sem janelas, sem banco, amordaçadas. Lucerito e eu fomos largadas em um bordel, já Carmina não. Lucerito que sabia inglês melhor do que eu, era fluente, disse-me que Carmina teria outro fim, se não fosse a morte, seria jogada em uma detenção de imigrantes pois ela não era bonita nem jovem o suficiente para chamar a atenção em um antro de prostituição.

Fomos recepcionadas pela cafetina Jessica, uma senhora de baixa estatura com peitos tão grandes quanto duas melancias e ao seu lado um homem que beirava os quarenta anos, o rosto tomado por uma nojenta barba, era mal-encarado e usava tatuagens.

Javi, era como ela o chamava. Jamais me esqueceria daquele olhar frio e debochado, pois ele olhou para mim, lambeu os lábios,

levou uma das mãos ao meio das pernas e se massageou por alguns segundos.

Trancadas em um quarto, a única ordem foi: “Tomem um banho e estejam limpas e cheirosas até as sete da noite. Há alguns vestidos no armário, usem o que melhor lhes servir.”

A primeira noite foi nojenta, um homem começou a se esfregar em mim, enquanto eu servia as bebidas, passando a mão por todas as partes do meu corpo, e no momento em que eu dei um chute no meio de suas pernas, fui espancada por Javi.

Machucada, dormi em uma cela de grades que mais parecia uma gaiola. Ali fiquei até as feridas cicatrizarem.

Quando me tiraram de lá, eu estava sob os olhares atentos do casal dono do bordel, dado o meu comportamento. Fui obrigada a esconder os hematomas remanescentes com maquiagem e comecei a ser chamada pelas pessoas da casa de “little animal^[25]”.

— Faça o que sabe fazer de melhor — disse um dos clientes para mim ao tentar forçar a sua língua dentro da minha boca, mas sem sucesso — Você já deu esse cuzinho?

Eu estava assustada, enojada e fiz um sinal negativo com a cabeça, ao me debater tentando livrar-me de seus braços.

— Ora, ora, então vamos com calma, podemos começar com uma chupada. Quero que engula.

— O quê?

— Quero que chupe e engula tudo. Ou você também nunca engoliu? — ele misturava o espanhol com o inglês para se fazer entender e eu estava petrificada, ainda mais porque ele era mais forte do que eu e me segurava os pulsos com toda a força.

Voltei a movimentar a cabeça em negativa, amedrontada com ele forçando o volume entre as suas pernas sobre a minha cintura.

— Diga-me o que sabe fazer.

Voltei a mover a cabeça em negativa, envergonhada comigo mesma por me permitir chorar e mostrar a minha fraqueza.

— Eu não acredito! — exclamou para mim e depois virou-se para o salão — Uma virgem! — gritou em inglês rindo de mim.

E neste momento foi que ele rasgou o meu vestido e começou a lamber os meus seios...

— Não! Pare! — gritei com um pulo.

Meu coração estava acelerado e o rosto molhado de lágrimas e suor. Olhei para um lado, depois para o outro. A claridade do dia já adentrava a janela que tinha a cortina mal fechada, tentei me situar, não tinha certeza de onde estava.

Arregalei os olhos, olhei para o celular ao lado da cama, já passava das nove da manhã.

Passei a mão sobre a minha pele molhada, sequei os olhos e respirei fundo tentando me acalmar.

Toquei os lençóis brancos e macios, os mais confortáveis que tinha usado na minha vida. A decoração em tom pastel do luxuoso quarto e a sensação do cetim do pijama acariciando o meu corpo.

Eu estava na casa de Max. Aquele tinha sido só um pesadelo... na verdade... uma lembrança amedrontadora de como eu fora poupada de ser estuprada para ter a minha virtude vendida a uma outra gangue, justamente a que tinha me entregado ao *Hell's Club*.

Pulei da cama, olhei para a sala de ginástica de Max e ela estava vazia.

Caminhei pela sala, pela cozinha e arrisquei chamar por seu nome. Mas eu estava sozinha na casa.

Voltei a pegar o celular e procurei o número dele na agenda, que Abbey tinha gravado para mim.

“Max?”

Arrisquei uma mensagem, nem sei o que eu queria falar, mas eu estava assustada. A resposta veio quase de imediato.

“Pearl, você está precisando de alguma coisa?”

Só então percebi o quão estúpida estava sendo. Já era meio da manhã e Max, pelo que eu soube, tinha o costume de sair para o trabalho antes das oito horas.

“Não...

é que...

não há ninguém na casa”

Senti-me mais ridícula ainda.

As lembranças daquele bordel me abalavam. Eu tinha sido surrada, desrespeitada e só não fora estuprada porque eu tinha mais valor sendo uma virgem.

Voltei a pensar sobre que mundo era esse em que eu vivia. Tinha sido tratada como uma mercadoria. Jamais sentira tanto nojo dos homens como sentira naquele lugar. “*Little animal?*” Enquanto os animais eram eles.

*“Abigail só nos visita duas vezes por semana.
A não ser que você precise de algo,
posso pedir para ela ir até aí.”*

Seria Max assim tão diferente deles quanto tentava se mostrar? Era muito cedo para saber. Essa era a minha única certeza.

*“Não, está tudo bem.
Desculpe incomodá-lo”*

Sentei-me na sala, passaria o dia inteiro sozinha. Eu poderia lavar e passar a roupa, pensar em outro prato para o jantar. Isso me ocuparia por o quê? Uma ou duas horas no máximo?

Conformada com a minha falta de opção, liguei a televisão. Tentar adaptar os ouvidos à língua poderia ser uma alternativa. Achei a funcionalidade de *closed caption*^[26] na televisão, que legendava na própria língua inglesa o que estava sendo falado, aos poucos adaptava-me mais aos verdadeiros nativos.



Capítulo 9

Maxwell

Pearl, Per-la, murmurei o nome enquanto olhava para o teto do meu quarto. Tinha acabado de chegar, ela já estava dormindo. Não tínhamos nos encontrado nem pela manhã e nem a noite, era melhor assim.

Achei meigo ela ter deixado um prato de comida pronto para mim, sobre a mesa.

Eu já tinha jantado com alguns outros executivos que recebiam nossos investimentos, mas fui obrigado a comer novamente, eu não podia fazer essa desfeita. Ela tinha cozinhado para mim!

Per-la, um belo nome para uma linda mulher.

A história de Beatriz sobre Pearl fora um impacto para mim. Senti-me aliviado por ela não ter sido violentada ou forçada a consumir a prostituição enquanto estava no bordel, nem ela e nem qualquer outra mulher mereciam passar por isso. Sempre considerei coisas assim abomináveis no comportamento humano.

E uma menina como ela em um lugar de luxúria suja, era fato que qualquer um a desejaria, QUALQUER UM!

Ela possuía uma beleza rara, a pele de tom tão peculiar, aqueles enormes olhos verdes, os vastos e lisos cabelos negros, além do seu jeitinho ousado e ao mesmo tempo ingênuo. Não havia maldade dentro dela!

O que é que seu pai tinha na cabeça quando decidiu submetê-la a uma travessia tão arriscada como essa? Coisas dão errado e no caso dela, deram muito mais do que errado.

Eu tinha zero conhecimento sobre como era a cultura brasileira. Sabia somente da fama das mulheres desse país, de serem quentes, *sexy* e esbanjarem extrema sensualidade. Por isso, aos dezenove anos, era de se supor que já tivesse tido um namorado e experimentado os prazeres do sexo, mas não, outra surpresa intrigante. Pearl era um quebra-cabeças a ser desvendado.

Tentei afastar a imagem de seu corpo nu, que vira no palco do *Hell's Club*, de minha mente novamente, sentia-me um monstro e envergonhado ao pensar sobre ela com outros olhos que não o de um protetor, porque em minha casa havia somente uma garota se comparada a um homem como eu.

Beatriz também me contara que Pearl viera de uma cidade às margens de um rio no Estado do Amazonas, onde havia a floresta amazônica, que por sinal minhas empresas investiam em bônus carbono, uma forma de tentar impedir, ou ao menos diminuir, a derrubada da floresta.

Sendo dessa região, a minha ignorância, ou pré-julgamento, fazia-me

pensar que ela deveria ser quase uma selvagem, mas, ao contrário, comunicava-se em minha língua, desde que eu conversasse devagar, o que demonstrava que era uma jovem muito inteligente. Além de que, articulava a sua língua nativa muito bem, as traduções de seus argumentos, quando ela buscava uma ou outra palavra no tradutor do celular, mostravam a construção sólida e culta do que dizia, portanto, eu era só mais um dos idiotas do primeiro mundo que achavam que pessoas que moravam na cidade da floresta não eram alfabetizadas.

E ainda havia sua nobreza de espírito, ela decidira se sacrificar em prol do pai e queria trabalhar para mim, para pagar suas despesas.

Enquanto ela fosse minha hóspede ninguém lhe faria mal. Eu providenciaria um professor de inglês e tudo mais que ela desejasse e precisasse.

Tendo entrado ou não clandestinamente neste país, nada justificava a recepção que tivéramos com ela. Um bordel? Um leilão?

Perla

Era sábado, mesmo assim, acordei cedo, bem cedo, pois, se por um lado era conveniente fugir de Max e suas perguntas, por outro, eu era hóspede em sua casa.

Além disso, precisávamos conversar. Não conhecia a sua rotina e não queria perder a chance de o encontrar.

Hoje era o terceiro dia que eu acessava o meu e-mail e nada de qualquer notícia de meu pai. Isso só podia significar que ele estava em grandes apuros.

Disseram-me que se ele fosse capturado e levado a uma detenção de imigrantes, teria acesso ao e-mail por lá. Se estivesse em liberdade também teria achado uma forma de falar comigo. Esse seu silêncio só podia dizer que ele estava em alguma situação delicada, provavelmente semelhante à que eu estive.

Papai precisava de mim e agora eu teria que pedir a Max mais esse favor, mesmo que isso me custasse a liberdade, mesmo que isso fizesse com que eu fosse deportada. Eu precisava da ajuda dele.

Esperaria por meu anfitrião com o café-da-manhã pronto e o discurso decorado.

Olhei o conteúdo da geladeira, nada havia de interessante que eu pudesse criar, não entendia o porquê de os norte-americanos comerem tantos ovos no café da manhã, mesmo assim, tinha deixado tudo engatilhado para que quando Max surgisse pudesse preparar tudo muito rápido. Também fiz suco de laranja fresco. Esses sucos em caixas eram horríveis.

Passava das oito quando vi surgir um Max de bermuda e camiseta de esportes.

— Bom dia — disse ele quando me viu na cozinha e abriu um lindo sorriso.

Sorri de volta e apontei o seu lugar na mesa, onde havia um copo e uma xícara vazios, além da jarra cheia, depois comecei a preparar os ovos.

— Você não precisa fazer isso — sentou-se e serviu-se de um pouco de suco.

— Sim, eu sei — voltei a minha atenção aos ovos mexidos.

— Isso é fresco, de laranjas espremidas em casa? Que delícia! — serviu-se de mais um copo e pouco depois coloquei o prato com seus ovos sobre a mesa.

— Espero que goste.

— Tenho certeza de que vou gostar — ele apontou a cadeira em frente a ele para que eu me sentasse também — você não vai comer nada?

— Só isso — não tinha o costume de tomar café da manhã farto, por isso, peguei uma maçã e a coloquei sobre o guardanapo, para isso eu não precisava

nem de um prato. Já tinha tomado todas as cápsulas de vitaminas do dia.

— Você precisa se alimentar melhor. Vince me passou o resultado dos seus exames minutos atrás, você está anêmica. Recomendou dieta rica em ferro e disse que passará aqui mais tarde para aplicar uma dose intramuscular.

Eu podia entender mais da metade do que ele falava, tinha estudado por tanto tempo durante a adolescência e agora que eu passava a me sentir à vontade com ele e me habituava com a sua entonação, percebia que não era tão difícil assim.

— Anêmica? Mas eu não sinto nada!

— Não precisamos esperar para você sentir, não é?

Ele levantou-se da cadeira, foi até o armário e pegou mais um prato e um talher, quando voltou para a mesa repartiu a porção de ovos em duas e empurrou o prato em minha direção.

— Você vai sair e me deixar o dia inteiro sozinha novamente? — perguntei tentando comer um pouco, já que eu não tinha muita opção.

— Você está entediada trancada nessa casa?

— Não... — apressei-me em dizer, não queria soar ingrata ou qualquer outra coisa — não... é que...

— Eu vou correr no parque, sempre faço isso nos finais de semana. Você corre?

— Não muito rápido — eu estava acostumada a caminhar distâncias que beiravam a indecência. Tinha fôlego, mas não que eu fosse acostumada a correr.

— Terminemos o nosso café, quero que coma tudo — ele riu da minha careta — depois, que tal vestir algo mais confortável? Vou levá-la comigo. Posso mostrar o Central Park para você.

— Um passeio?

— Isso mesmo, encare como um passeio.

Maxwell

Não demorou e Pearl apareceu vestindo um conjunto de bermuda e camiseta, ambos de cor clara, de uma marca esportiva famosa, e calçando tênis. Seus cabelos longos e negros estavam presos em um rabo de cavalo, ela girava nos dedos os óculos de sol e parecia constrangida.

— Abbey que escolheu — justificou-se, talvez por causa de meu olhar atônito.

Eu não importava com o que Abbey havia comprado para ela, minha surpresa foi mais porque a bermuda que ela estava usando, que não cobria os seus joelhos, era de um tecido que moldava suas coxas bem torneadas, a camiseta um pouco abaixo da cintura escondia sua intimidade, o que agradei mentalmente para não cometer a gafe de olhar.

Senti-me um perverso.

— Você está ótima — sorri tentando disfarçar meu assombro e a convidei para seguirmos em direção ao elevador.

Já na entrada do prédio, embora o porteiro tivesse o hábito de me ver saindo para correr aos sábados, ele jamais me vira sair a pé quando estava acompanhado.

— Sem taxi para hoje, senhor? — perguntou ele.

— Vamos a pé — respondi ao porteiro puxando Pearl para perto, embora a entrada do parque estivesse a três quarteirões à frente, não queria a perder de vista.

— Taxi? — ela estranhou — Você não tem um carro? — continuou ao formular a pergunta cheia de curiosidade.

— Sim, eu tenho um carro, na verdade, alguns, mas não os uso em Manhattan — ri — aqui eu prefiro o serviço de táxi, você não imagina a guerra que é para conseguir uma vaga, pode até sair morte — tentei soar engraçado.

Ela meneou a cabeça e fiquei na dúvida se entendera a piada.

A caminhada foi rápida e uma intrigante Pearl extasiada observava os grandes edifícios que cercavam o parque.

— Igual aos filmes — finalmente ela se manifestou — é lindo!

Eu desisti de correr e me contentei em caminhar ao lado dela. O dia estava bonito e o parque, àquela hora da manhã, cheio.

Jovens novaiorquinas tomavam sol deitadas no gramado, crianças pequenas corriam ou andavam de bicicleta, patins e skate sob o olhar atento dos pais. Jovens de várias tribos culturais faziam rodinhas ouvindo música alta, alguns dançando.

Como um cicerone, mostrei o parque e suas atrações, Pearl parecia verdadeiramente relaxada pela primeira vez desde que ela chegara em casa, seu sorriso agora era constante e eu me pegava observando-a maravilhado. Como ela foi de uma menina inocente podia ter passado por tudo isso, dessa forma?

Comprei sorvete de casquinha e a convidei para se sentar debaixo da sombra de uma árvore. Tentávamos nos entender com frases curtas, pausadas os gestos e mímicas quase não eram mais necessários. Peguei-me pensando sobre aquele momento tão simples que um homem como eu jamais dera valor até então.

Uma bola lançada por um garoto que jogava com os amigos quase a atingiu, ela se assustou e o sorvete sujou a ponta de seu nariz.

— Cuidado garotos! — adverti e após pegar a bola e me levantar, fiz um longo lançamento me lembrando do tempo em que jogara como *quarterback* no time da faculdade.

A garotada correu atrás da bola rindo.

Voltei a me sentar ao seu lado e gentilmente limpei o sorvete com o meu guardanapo. Pearl corou perceptivelmente, mesmo tendo a pele com o tom de carvalho mel, e sorri tentando deixá-la à vontade. Peguei-me apreciando ter a sua companhia, incrivelmente curioso por saber mais sobre ela.

Eu passara de nada a tudo na vida dessa menina em três dias. Pois era assim que me sentia, integralmente responsável por ela.

Como era sua vida? Quais eram os seus sonhos? Seus *hobbies*? Por qual motivo uma menina-mulher ainda não tinha conhecido um homem? Era incrível como ela mexia com os meus pensamentos.

— Sinto que o seu inglês está melhor a cada dia — tentei mudar o rumo da conversa e dos meus pensamentos.

— Acho que só precisava praticar um pouco, falar inglês em sala de aula é diferente de ter que usá-lo de verdade.

— Talvez eu tenha que aprender português — vi a face de uma espantada Pearl com a minha afirmação.

Por sorte meu celular tocou para me tirar daquele vício que era especular sobre a sua vida. Olhei o identificador de chamadas e vi que era Alisson, eu combinara de almoçar com ela em um clube e a noite iríamos ao teatro. Pearl me observou enquanto eu encerrava a ligação sem atender.

— Negócios? — perguntou.

— *Me* perseguem aonde eu for — menti rindo por não querer falar sobre a diretora — mas hoje estou de folga.

Uma mentira inocente. Eu não precisava que ela se sentisse responsável por eu ter cancelado os meus planos do final de semana. A verdade era que Alisson podia esperar e Pearl não, ela só tinha a mim.

Perla

O dia estava sendo agradável com Max, ele parecia ter vontade de comprar todas as comidas servidas no parque para eu comer. Lembrei-me dos piqueniques que fazia com papai e mamãe quando criança.

Eram tempos felizes que eu sabia que jamais os teria de volta.

— Eu preciso de ajuda — finalmente tive coragem de falar, enquanto ainda estávamos sentados na grama — meu pai, ele sumiu e não entrou em contato até agora.

— Você acha que ele também pode ter sido capturado como você? — perguntou ele voltando para mim e arriscou tocar em minha mão.

Era só um toque de mão, mas tão acolhedor. A vida inteira, após minha mãe partir, éramos somente papai e eu. E quando ele começou a se afundar, eu não tive o apoio de mais ninguém, não fora acolhida por ninguém, não havia qualquer outra pessoa e agora Max, um estranho, parecia tão sincero ao me oferecer esse conforto. Seu toque de mão valia mais do que mil abraços. Por quê? Por que ele fazia isso? O que ganharia ao me ajudar?

Ponderei sobre a sua pergunta, aquele era um assunto sério, eu não ia conseguir me fazer entender direito se não desse mais detalhes. Mas, por outro lado, eu não queria que Max soubesse de tudo o que eu havia passado. Aquelas lembranças eram demais até para mim.

— Eu não faço ideia do que pode ter acontecido, mas tínhamos esse protocolo onde, se nos perdêssemos um do outro, voltaríamos a nos reencontrar pelo e-mail e até agora papai não mandou qualquer notícia.

Ele pareceu pensativo por alguns segundos, para, por fim, voltar a me questionar.

— Qual era o nome dele, Pearl?

— Frederico — respondi — Frederico Bastos Becker.

Sem dizer mais nada, ele pegou o celular e fez uma ligação.

— Phil, é o Max (...) verdade, bons tempos os do futebol na universidade (...), não, eu não estou na Virgínia, na verdade odeio dizer que estou aqui para pedir um favor, mas foi exatamente para isso que eu liguei. Sei que Langley^[27] nada tem a ver com Homeland^[28], mas eu preciso saber sobre um imigrante ilegal, só por favor, não me pergunte o motivo ainda. Posso adiantar que não é um criminoso, é só uma pessoa que sumiu ao cruzar a fronteira com um *coyote* (...) sei que, se ele foi capturado o departamento de imigração o terá sob registro e talvez você possa me ajudar (...) Frederico Bastos Becker, brasileiro (...) muito obrigado amigo, eu fico te devendo uma.

— Você conhece pessoas na polícia? — perguntei assustada — Eles estão envolvidos — sabia que eu mostrava a expressão de pânico e tinha o tom preocupado na voz.

— Phil é um grande amigo, eu confio muito nele e atualmente é instrutor da CIA em Langley, tem acesso a muita informação. Se o seu pai foi capturado e estiver em uma detenção ou pronto para ser deportado, ele poderá nos confirmar — disse ele ao tocar o meu queixo com leveza, fazendo-me encará-lo nos olhos — confie em mim Pearl.

— *Okay* — respondi sem qualquer opção.

— Agora, tente relaxar, não quero a ver franzindo o cenho desse jeito. Vamos aguardar o Phil. Por ora, permita-se aproveitar o final de semana.

Maxwell

Almoçamos no parque, em um restaurante com a vista para o lago.

Não era o meu local preferido, considerava-o o típico programa de

turistas, mas, para mim, Pearl era uma turista e não podia alimentá-la com sanduiches ou coisas menos nutritivas, ainda mais sabendo do seu quadro anêmico. E ao final da tarde voltamos a pé para o apartamento.

Apesar de seu sotaque e um vocabulário limitado, conseguimos manter uma boa conversa, meu espanhol era modesto, as vezes ajudava, mas ela preferia usar o inglês como uma forma de treinar.

Arrisco dizer que foi um dia muito agradável, entretê-la era tão fácil e tão gratificante. Pearl, quando não se mostrava acuada, não precisava de nada sofisticado para rir e sua expressão era tão sincera.

Eu estava com dois convites para um musical de sucesso na Broadway, seria o meu compromisso com Alisson, mas eu não queria deixar a Pearl sozinha, por isso, achei que poderia os aproveitar para ir com ela. Portanto, depois de rejeitar outras duas ligações de Alisson, simplesmente mandei uma mensagem dizendo:

“eu preciso cancelar, tenho alguns assuntos pessoais urgentes para resolver”.

Não era de todo uma mentira, ainda não tinha certeza sobre o que faria com Pearl, muito menos como a ajudar, mas depois do que ela havia passado, não queria deixá-la sozinha no final de semana, já tinha feito isso na sexta-feira.

Em um primeiro momento ela recusou o meu convite, talvez estivesse intimidada ou sentia-se um incômodo para mim, mas de forma alguma ela seria um incômodo. Eu estava gostando de sua companhia e após muita insistência eu a convenci a ir comigo, e agora, enquanto a aguardava sair do quarto, dava voltas na sala, a situação era estranha para mim.

E isso não era um encontro!

Minha espera foi recompensada, pois quando ela surgiu com passos tímidos, usava um vestido de linha e discreto brilho prateado. Eu podia ver o dedo de Abbey naquela peça, pois ela adorava brilhos. E Pearl estava linda.

Pegamos um taxi até um dos teatros da Broadway, Pearl parecia extasiada com a infinidade de luzes dos cartazes dos inúmeros shows e peças teatrais e quando disse que assistiríamos *Wicked* ela ficou maravilhada, pois nada mais era do que história hipotética de Elphaba^[29], a incompreendida bruxa malvada do oeste de *O Mágico de Oz*.

Tínhamos tempo, por isso descemos um pouco afastados do teatro para que pudéssemos caminhar poucos quarteirões e assim ela apreciaria a Broadway, no Theatre District. Talvez, por causa da multidão de turistas e nova iorquinos, que se moviam apressadamente nas calçadas, ela tenha se sentido intimidada e segurou meu antebraço.

Em segurança, guiei-a até a entrada onde, após apresentar os ingressos, fomos admitidos no *hall* do teatro.

Havíamos chegado quinze minutos antes e expliquei para ela com um pouco mais de detalhes como funcionava um musical, já que ela me confirmara que jamais havia assistido um.

Quando ouvimos o toque da primeira campainha, sinal de que faltava muito pouco para o espetáculo começar, levei-a até nossas poltronas, localizadas em um camarote.

Ao toque das três campainhas, quando as luzes se apagaram e as cortinas foram levantadas, percebi que os olhos de Pearl brilhavam de contentamento e me senti feliz por poder proporcionar para ela algo tão prazeroso.

Para uma menina estrangeira que assumi ser sonhadora, estar na Broadway, ícone internacional dos espetáculos, era um grande marco, um pequenino e fútil momento de alegria perto de tantos momentos difíceis que ela vinha passando.

Quando considerei assistir a peça com Alisson, pois os ingressos haviam sido um presente de um de nossos fornecedores, achei que seria um dos programas mais entediantes da minha vida, na minha cabeça, qualquer coisa ligada ao Mágico de Oz era tão infantil, mas a experiência com Pearl foi ótima, a curiosidade dela tornou-se a minha própria curiosidade sobre a história.

Além do que, ela adorou o musical, embora eu tivesse que explicar, sussurrando em seu ouvido, algumas das passagens do espetáculo. Talvez fosse impressão minha, mas na penumbra do camarote, eu podia jurar que ela corava e os pelos de seus braços se arrepiavam quando eu me aproximava de seu ouvido, quase o tocando com os lábios.

“Ela é só uma menina, Max!” — repeti para mim mesmo múltiplas vezes.

Ao final do espetáculo tomamos um táxi até um restaurante de nome Asiate, no 35º andar do sofisticado hotel Mandarin Oriental, ele servia pratos da cozinha americana contemporânea. Era somente uma caminhada de sete minutos do Gershwin Theater até o local, mas Pearl usava saltos altos e estávamos fora do horário de pico do trânsito, portanto, não havia motivos para a fazer sofrer.

Perla

Eu tinha tanto para falar, o musical, as luzes de Nova Iorque, o tratamento que Max tinha me dado. Era frustrante não ter a fluência que me daria as mais adequadas palavras na língua, não conseguia expressar o quão maravilhada eu estava com tudo aquilo.

Quando, em vida, achei que estaria em um espetáculo da Broadway? Isso era coisa que eu via somente nos filmes. Hollywood, Broadway, Cannes, essas coisas não faziam parte da minha realidade.

Será que algum dia eu seria capaz de retribuir essa gentileza de Max para

comigo?

E o restaurante? Sentamo-nos em uma mesa reservada na janela, com a vista para aquela selva de pedras que tinha uma gigante área verde no meio, o parque que estivéramos durante quase todo o dia.

Sentia-me tão envergonhada por não ser capaz de falar o inglês perfeito e não saber me portar em um lugar assim, que nem consegui escolher o meu próprio prato. Mas Max foi impecável. Pediu em meu lugar, peixe de água salgada, algo que eu, morando no Amazonas, comia muito pouco por termos a conveniência do que era pescado em águas doces.

— Olho para tudo isso — referi-me ao mundo lá fora, do outro lado da janela, ao meu prato de salmão, o lugar lindo que ele tinha me levado — e fico pensando como a minha vida seria diferente se mamãe não tivesse falecido, ou mesmo se papai não tivesse colocado essa ideia louca na cabeça, de viver na América.

— O que houve com a sua mãe? — perguntou ele, com a cautela aparente.

— Ela morreu em um assalto. Papai perdeu a vontade de viver depois disso. E acho que vir para cá, para ele, representava uma forma de deixar a tragédia no passado, pois ele já nem conseguia mais entrar na padaria, ele não conseguia conviver com as lembranças da tragédia de sua morte, cinco anos atrás.

— Lamento muito — disse ele com um tom melancólico no rosto e segurou a minha mão, apertando-a com carinho.

Minha mãe era uma mulher excepcional, tinha sede de viver, sempre fora mais forte do que papai, tinha sangue de uma vencedora nas veias.

— Por que está me ajudando, Max? — perguntei de supetão.

— Porque eu posso, porque eu quero e porque eu achei um absurdo venderem a castidade de um ser humano em um leilão e fico aliviado por ter sido eu a estar lá. Não podia deixar que acontecesse algo assim com qualquer ser

humano. Aquela foi a coisa mais bizarra que eu já havia testemunhado em toda a minha vida — completou ele, paciente ao pronunciar tudo bem devagar — há muito em jogo e ainda não posso denunciar nada disso. Sem falar que eu também infringi a lei comprando um ser humano, mas se eu pudesse, aquele clube já estaria na prancheta da polícia para investigação.

— Você pode ter problemas com a polícia por minha causa? — perguntei preocupada — Não, Max, eu jamais poderia trazer mais problemas para você. Eu digo para qualquer um, em qualquer lugar, que você é inocente. Posso dizer isso para qualquer pessoa na polícia.

— Não se preocupe, Pearl — voltou a segurar firme a minha mão — neste momento eu não estou incomodado com este assunto. Meu objetivo agora é termos notícias de seu pai, já que você, pelo menos, está aqui protegida comigo.

Senti meus olhos marejados, ninguém jamais tinha feito tanto por mim e justamente Max, um estranho, estava tão empenhado em meu bem-estar.

Foi impossível não deixar aquela lágrima solitária rolar por um dos meus olhos. Tinha tentado ser tão forte até aqui, mas não consegui segurar as minhas emoções. Esse homem que tanto queria me proteger estava quebrando a redoma que eu tentava construir ao meu redor.

Max hesitou por um momento, mas permitiu-se levar a mão à minha face e enxugou, com o dedo indicador, a minha lágrima órfã. E esse foi o gesto mais especial que alguém teve comigo em toda a minha vida. Ele era um homem diferente, era um homem correto, ao que me parecia.

No caminho de volta para o apartamento, deixei-me deitar a cabeça em seu ombro. Tinha vivido muitas emoções em um único dia e ele me acolheu em todas elas.

Para a minha surpresa, Max passou o domingo todinho trancado no apartamento comigo.

Dizia ele que esperava um amigo e no meio da manhã ele apareceu, era

Vincent, o médico. Ensaiei os deixar a sós, mas Max me puxou pelo braço.

— Ele veio por sua causa e não por mim — disse ao apontar a maleta médica.

— Eu estou bem! — tentei argumentar.

Era verdade, a febre havia desaparecido no dia seguinte à minha vinda para a casa dele. Eu não sentia vertigens ou fraquezas, também estava me alimentando adequadamente.

— Seus exames dizem que a sua anemia precisa ser tratada — antecipou-se o médico enquanto eu ensaiava me esconder atrás de Max, mesmo sabendo que aquilo seria inútil.

— Não faça essa cara, Pearl — pediu Max ao me acolher em seus braços — onde está aquela menina forte e sorridente de ontem?

Portanto, tentando ser obediente para algo que era importante e inevitável, eu me sentei na mesma poltrona do desespero onde havia feito o exame de sangue dias antes.

Vincent preparou a injeção, que Max me explicou ser de composto com ferro e, outra vez, escondendo o rosto no peito do meu protetor, senti a picada e dessa vez, bem mais dolorida que a do exame de sangue.

— Você é tão valente, doçura. Como pode ser tão medrosa para uma agulha? — perguntou ele após seu amigo colocar o curativo sobre a picada.

— Eu não sei — respondi constrangida.

Sabia que era uma bobeira sem tamanho, mas essa tinha doído bastante e agora deixava a área ligeiramente inchada.

— Isso passa logo — antecipou-se Vincent terminando de tirar as luvas.

Olhei para o relógio, precisava correr para fazer o almoço, caso contrário não teríamos o que comer. Movi o braço de um lado para o outro, a dor existia,

mas nada relevante.

— Você vai ficar para almoçar — perguntei a ele, enquanto ele fechava a maleta médica — eu posso cozinhar para três.

— Não, obrigado — a imagem do médico hoje não me parecia tão assustadora quanto fora no primeiro dia, ele tinha jeito de ser um cara legal — eu tenho vinte minutos para conversar com o Max, depois vou para um encontro com uma bela médica.

— Você sabe que não precisa fazer isso, não é Pearl? Podemos pedir algo de algum restaurante.

— Eu sei — sorri animada e levantei-me da poltrona — mas eu quero.

Deixei os dois homens conversando na sala e fui pensar sobre o cardápio do dia. Cozinhar me fazia ocupar o tempo, trazia-me boas lembranças da padaria e assim eu ficava menos nervosa com o sumiço do meu pai.

E nosso dia foi assim, eu cozinhei as nossas refeições, ele escolheu os filmes. Pedi tanto para que ele me deixasse tomar um gole de vinho, mas ele não deixou.

— A lei em seu país pode ser dezoito anos, mas aqui eu sou seu responsável e não posso deixá-la beber. Já estou encrencado o suficiente por ter uma imigrante ilegal comprada, não vou infringir mais uma lei — disse ele depois de rir da minha cara de *poucos amigos*.

Em algum momento, no meio da tarde, assistindo a um filme, caí no sono. Acordei com Max tentando me ajeitar melhor no sofá, deixando-o inteiro para mim. Toquei em sua mão, olhei para ele, parecia ter a intenção de me deixar sozinha.

— Fique — sussurrei.

Ter a companhia de alguém estava sendo tão especial. Eu era tão acostumada a cuidar do meu pai, ele fora a minha única companhia até então,

mas, dessa vez existia aquele homem, Max, tentando cuidar de mim.

Ele nada disse, somente voltou a sentar-se em um canto no sofá, por isso, nem sei sobre o que eu pensei, somente escorreguei para o seu lado e deitei a cabeça sobre o seu peito.

Se eu não voltasse a encontrar o meu pai estaria sozinha no mundo e um dia, sabia que Max também me faria seguir o meu caminho. Eu precisava saber como era essa sensação de estar protegida, nem que fosse por essa única tarde de domingo, por alguns minutos. Foi quando ele me abraçou e começou a acariciar os meus cabelos.

Senti o seu peito subir e descer com a respiração profunda. As mãos quentes e firmes pareciam me proteger até do ar. Pousei a mão direita sobre o seu peito, direto em seu coração, inalei o seu perfume que começava a se impregnar em mim e fechei os olhos. Era estranho perceber que algo se transformava dentro de mim.

Max não era um rapaz e sim um homem feito. Gigante, forte, de corpo bem moldado e diferente do que eu achei, cuidadoso.

Escorreguei a mão de seu peito para a curva de seu pescoço e ele manteve-se imóvel, então, olhei para ele. Os olhos brilhavam mesmo em seu tom de castanho escuro. Max não havia se barbeado hoje e uma fina marca aparecia mesmo sobre a pele bronzeada pelo sol. Toquei seu rosto e ele respirou ainda mais fundo ao fechar os olhos.

Peguei-me pensando sobre o que eu teria achado se ele houvesse clamado exatamente pelo que tinha comprado. Eu o teria odiado com todas as minhas forças. Mas o homem de frente para mim havia feito exatamente o oposto, não me tomara para ele, dera-me a liberdade e eu sentia-me como aquele pássaro que nada conhece do mundo e quando lhe é aberta a porta da gaiola, não tem coragem para fugir, porque eu sofreria no dia que ele me mandasse embora.

Eu queria ficar.

E quanto mais indiferente ele sentia-se por mim como mulher, mais chamava-me a atenção.

— Pearl.... — sussurrou ele ao abrir os olhos e tocar a minha mão que estava em seu rosto, para remover o contato, desencostando-a dele.

Então ele voltou a acariciar os meus cabelos e conduziu minha cabeça de volta ao seu peito sem dizer qualquer outra palavra.

Duas coisas eram muito óbvias para mim, a primeira, que eu não tinha ideia do que eu estava fazendo e senti-me envergonhada por isso. A segunda, que Max era um homem extremamente atraente e agradável, com tantas belas mulheres novaiorquinas da nata da sociedade, ele jamais olharia para um *bichinho do mato* como eu.

Suspirei entristecida com os meus devaneios e fiz a única coisa que poderia neste momento, que era aproveitar o calor do seu peito e a proteção que ele me dava, enquanto ela durasse.

— Está tudo bem — sussurrou ele face ao meu silêncio — vai ficar tudo bem.

Por que eu sentia que nada ficaria bem?



Capítulo 10

Maxwell

Depois de um final de semana tão atípico em minha vida, ponderei sobre muito do que estava acontecendo, mas a verdade é que me vi estranhamente feliz, foram momentos no mínimo agradáveis ao lado de Pearl.

Existia algo naquela menina que fazia com que eu me afeiçoasse a ela e ao mesmo tempo que era uma sensação gostosa, parecia um sinal de perigo.

Vincent a examinara no domingo e aparentemente ela estava bem, meu amigo fora incisivo em me advertir para não me aproveitar de minha jovem hóspede, aparentemente ele, a doutora Elisabeth e sua irmã Beatriz haviam decidido tomar Pearl sob a proteção deles, como se eu pudesse fazer algo que a

magoasse ou prejudicasse.

Balancei a cabeça de um lado para o outro, demonstrando a minha censura, por outro lado, era reconfortante saber que mais pessoas queriam o seu bem.

No escritório, Bonnie, minha secretária, já me aguardava.

— Bom dia — cumprimentei.

— Bom dia, senhor — ela respondeu com um olhar espantado, não acostumada a me ver de tão bom-humor, talvez por isso tenha aproveitado para cobrar as minhas pendências, pois eu odiava aprovar pagamentos de supérfluos — preciso da autorização de várias despesas programadas para o seu aniversário, elas estão no sistema, mas o senhor não as aprova, por isso, novamente, a tesouraria nos trouxe em papel.

Em duas semanas, no sábado, eu completaria 33 anos, após muita insistência de Rupert eu concordara em dar uma festa em minha casa no Hamptons, o refúgio dos milionários e famosos, em Long Island, que fugiam do calor escaldante do verão em Manhattan para aproveitar as praias mais bonitas e badaladas do norte da costa leste.

Havia me tornado avesso a festas de aniversário desde que perdera meus pais. Entretanto, tinha muitos amigos ou conhecidos no mundo profissional e Rupert apresentou um ponto, a festa poderia ser boa para os negócios, pois a lista de convidados era composta por grandes empresários, políticos, atrizes e atores e até mesmo diplomatas que teriam interesse em um evento assim.

A festa parecia muito mais com um evento de negócios e vinha sendo organizada cuidadosamente, só que eu não estava muito preocupado.

Alisson, ao ver a minha apatia, decidiu tomar a frente do planejamento, junto com a nossa área de Marketing e claro, sob os olhares atentos de minha secretária.

— Esqueci completamente — respondi perdendo o bom-humor e entrando

em minha sala, após pegar os orçamentos das mãos de Bonnie.

E agora tinha mais um motivo, como poderia passar o fim de semana na praia e deixar a Pearl sozinha? A programação incluía almoço em um clube de golfe onde eu jogaria com alguns presidentes de grandes conglomerados com quem tínhamos negócios ou pretendíamos ter, além de políticos de nível estadual e federal.

Analisei as despesas, Alisson não havia poupado, pensei comigo mesmo enquanto torcia os lábios de desgosto e assinava as ordens de pagamento.

E ainda havia outro problema, ela imaginava que eu a levaria como acompanhante, entretanto, eu sempre fora claro que a condição para misturarmos nossos negócios com prazer seria que nada daquilo significava um compromisso.

Ponderei muito sobre a situação, eu sempre soube que não apareceria na frente dos tubarões do mundo dos negócios tendo a minha diretora como acompanhante por dois motivos: primeiro, porque não éramos um casal e segundo, justamente porque ela era a minha subordinada, isso pegaria mal somente para ela e não para mim, aliás, qualquer envolvimento seria ruim para Alisson. Eu só assumiria algo assim se fosse com a mulher da minha vida, o que não era o caso.

E agora com a Pearl, não podia a deixar sozinha em Manhattan. Resolvi que era com ela que eu comemoraria meu aniversário.

A chance de contar sobre esta decisão apareceu horas depois, quando Alisson entrou em minha sala me convidando para almoçar.

— Vi que autorizou as despesas de sua festinha — sorriu animada sentando-se no tampo de minha mesa, deixando sua coxa torneada à mostra.

— Um gasto exorbitante — resmunguei — daria para alimentar várias famílias por um ano — exagerei, não seriam várias, mas algumas, com certeza.

— Achei que você fosse um homem de negócios, isso é um investimento,

a lista de convidados que confirmaram presença inclui até um príncipe da nobreza europeia — brincou ela, que pegou a minha caneta e sensualmente passou-a nos lábios pintados de vermelho — estive pensando, que tal se formos para Hamptons na quinta? Podemos aproveitar dois dias antes da festa.

— Sobre isso — respirei fundo me preparando para a tempestade — você sabe que não somos um casal de verdade, não sabe?

— Aproveitamos de todos os benefícios de um — respondeu ao descalçar um de seus sapatos e levar seu pé até o meio da minha calça começando a me massagear.

Afastei a cadeira no sentido contrário à mesa para tomar um pouco de distância e olhei para ela de forma séria.

— Estou com uma hóspede em casa e vou levá-la comigo.

Alisson me encarou, seus olhos brilharam, seria surpresa ou ódio o que eu vira? Mas rapidamente escondeu sua expressão, como uma jogadora de *poker*. Ela era boa nisso, muito boa!

— Uma hóspede? Não sabia — sorriu se levantando da mesa — foi por isso que não me atendeu e cancelou o nosso encontro?

— Alisson...

— Em todo caso, *nos* veremos no final de semana da festa. Passo por e-mail a agenda que foi preparada para o evento — desconversou escondendo a sua decepção.

— Podemos falar sobre isso...

— Na verdade, vim aqui para saber se quer almoçar comigo no Allure, mas acho que não, certo? — ela cortou o assunto.

— Eu pedi algo para comer aqui, tenho trabalho para fazer e o dia está lotado de reuniões. Preciso adiantar todo o serviço para ficar tranquilo no fim de

semana — sorri para ela tentando amenizar a situação.

— Está bem, até logo — não alterou sua voz, somente se despediu e deixou a sala, como se nada tivesse acontecido, mas eu sabia que ela estava contrariada.

Quando Alisson saiu eu soube que não seria um bom dia. Por mais que eu fosse sincero com as mulheres, de uma forma ou de outra, a maioria sempre nutria alguma esperança de engatar algo mais sério e a parte da decepção era a mais difícil.

Ela até que tentou ocultar bem a sua decepção, mas sabia que ela tinha ficado um pouco magoada e dizer para mim mesmo que “*eu fui honesto desde o começo*” não amenizava a minha culpa.

E agora tinha Pearl... O que é que eu ia fazer com a Pearl? Como ela se sentiria em uma festa assim? Deveria levar também Abbey para me ajudar?

Senti o celular vibrar no bolso do casaco do terno, peguei o aparelho e era Phil no identificador de chamadas, respirei fundo, eu estava aguardando aquela ligação ansiosamente.

— Max...

— Alguma novidade? — esperançoso e sem poder esperar mais pelas notícias, isso fazia com que eu deixasse de lado todo e qualquer protocolo de boa educação.

— Rodei uma pesquisa e não temos qualquer ocorrência de prisão ou indivíduo deportado com o nome que me passou — ele hesitou um pouco antes de continuar — sei que não quer me dar muitos detalhes, mas há alguma possibilidade de ele estar usando um passaporte falso?

— Não, acho que não.

— Se realmente quiser a minha ajuda, eu preciso de mais alguns dados, caso contrário estarei de mãos atadas.

— Do que precisa?

— Foto, dados pessoais como altura, peso, idade. Se ele tem parentes nos Estados Unidos.

— Acho que posso providenciar tudo isso. E não, ele não tem parentes por aqui — menti, não queria expor a Pearl a não ser que fosse realmente necessário — e nem no Brasil.

— Tudo bem, envie-me os dados e faço uma busca mais precisa, pois se foi detido como imigrante ilegal, pode estar sem documentos e aí ter sido registrado com qualquer nome, ou até mesmo... — foi a sua hesitação mais acentuada que me deixou preocupado

— Até mesmo?

— Imigrantes ilegais morrem todos os dias tentando atravessar a fronteira clandestinamente. Alguns corpos são encontrados, muitos sem documentos, ficam registrados como indigentes.

Tentei não pensar sobre isso. Pearl era mais vulnerável que o pai e estava viva comigo, seu pai certamente teria conseguido fugir, restava-nos saber como e onde estava.

— Phil, mais uma coisa, tem uma repórter investigativa procurando o homem, o nome dela é Beatriz Xavier Costa, a Bia, talvez você pudesse entrar em contato com ela para caminharem juntos nessa pesquisa. Vou te mandar o contato dela, mas por favor, qualquer coisa que ela te diga, eu peço sigilo, existem outras variáveis importantes para mim — sugeri enviando o contato da repórter pelo aplicativo do celular.

— Claro, sem problemas.

— E Phil, obrigado pela ajuda — finalizei a ligação me preparando para pedir para que Pearl me mandasse mais informações sobre o seu pai.

Mas, antes disso, fiz outra ligação.

— *Hey Collin, é o Reed, tudo bem?*

— Beleza, cara! Espero que você não tenha se metido em alguma encrenca, pois só me liga quando está enrascado! — Collin era um grande amigo e advogado de extrema confiança. Ele me ajudava sempre que eu não queria envolver a minha vida pessoal com os advogados da empresa.

— Você está certo e preciso mudar esse meu mau hábito, mas dessa vez eu preciso de uma ajuda que não é para mim. Quero legalizar um imigrante, quais as minhas opções e qual o prazo para isso?

— É possível dentro de alguns cenários, mas não exatamente tão rápido.

— E que cenários são esses?

— A sua empresa pode financiar um *green card*^[30] através do processo de emprego especializado. Tem algumas etapas a serem cumpridas e pode ou não ser aceito, pois a América tende a avaliar criteriosamente se este imigrante não vai tirar a vaga de um residente.

— Tem alguma opção sem envolver a empresa?

— Cara, estamos falando de algo ilegal aqui? — especulou o meu amigo.

— Não, só quero saber todas as opções — nesse momento, quanto menos pessoas soubessem melhor e eu avaliaria a forma de dar um futuro mais digno para a Pearl e o pai dela, quando ele fosse encontrado.

— Há a opção de pedido de asilo, essa é um pouco delicada, ou se o indivíduo em questão for vítima de um crime em sua terra natal, há alguns critérios em que se pode pleitear a permissão de imigração.

Não me pareciam muitas essas opções, será que não tínhamos um jeito mais fácil?

— Não pode ser que seja tão restrito assim, o que mais há nesse país são imigrantes.

— Você pode se casar com a pessoa se ela for uma gata, meu camarada — riu ele com a própria brincadeira — é a forma mais rápida! Mas assumindo que esse não é o caso — voltou a falar sério — qualquer outra forma especial vai depender de qual é a história desse imigrante. O caso é real ou hipotético?

— Real.

— Hummm, *okay*, e se você já disse imigrante de cara é porque a pessoa já está neste país e não se trata de um caso de tentativa de se tirar um visto que foi negado, certo?

— Certo.

— Essa pessoa tem documentos?

— Não...

— Primeiro passo é que essa pessoa tem que ir para o consulado do país dela e conseguir legalizar os seus documentos do país de origem, isso é básico. Caso contrário será um indigente ou um fantasma aqui nos Estados Unidos, até ser pego.

— Tudo bem, eu posso providenciar isso.

— Volte a falar comigo depois que conseguir esses documentos e pensaremos sobre quais verdadeiras opções temos, pois como eu disse, vai depender da situação desse indivíduo.

— Obrigado.

— Sempre que precisar. E você ainda está me devendo uma luta, dessa vez não vai ser tão fácil assim você me derrotar, eu tenho treinado!

— Considere o desafio de pé!



Capítulo 11

Maxwell

A convivência com Pearl estava sendo agradável, era surpreendente como seu inglês melhorava dia a dia, eu procurava sempre almoçar em casa, algo que nunca fizera, apenas para fazer-lhe companhia e voltava cedo do expediente do escritório para podermos ter um jantar simples em meio a uma conversa agradável.

Ela vinha se abrindo comigo moderadamente.

A semana passou voando, Rupert estranhava as minhas recusas de convites para *happy hours* com executivos, eu não me justificava, ele não precisava saber. Mas a verdade é que estava gostando de passar as noites

assistindo filmes ou me divertindo com jogos de tabuleiros com Pearl.

Certa vez *me* peguei tentando aprender a fazer pão adocicado com ela e apesar da sujeira que deixei na cozinha, surpreendi-me com o sabor daquilo que tinha feito com as próprias mãos. Sem falar que, enquanto ele estava assando o aroma que deixava no cômodo era incomparável. Se eu não passasse a malhar o triplo, essa menina acabaria por me tirar a forma física.

Ela era inteligentíssima, o que me surpreendeu, afinal, em meu pré-julgamento, uma garota que vivia no meio da floresta não teria um nível cultural como o dela. São os ridículos estereótipos que somos induzidos a criar e quando, envergonhado, disse isso a ela, a única coisa que fez foi rir.

— Eu morava em uma cidade e não no meio do mato — gargalhou da minha falta de informação.

— Desculpe...

— Vocês americanos acham que no Amazonas somente tem cipós e árvores? Ah, e gigantescas anacondas também? — riu sem ser agressiva ou se incomodar com minha ignorância — Onde eu moro temos acesso à televisão, jornais, internet, temos cinemas, teatros, embora eu não tenha conseguido ir a nenhum tão sofisticado e bonito quanto ao da peça que você me levou, *Wicked*. Sempre adorei ler e quando não encontrava algo na biblioteca da escola ou municipal, recorria aos e-books gratuitos que baixava para ler em meu celular de uma plataforma oficial mundial.

— Sei que foram pensamentos ridículos da minha parte. Aqui também há nativos, impomos o progresso e a cultura se perde.

— Não são somente vocês, os norte-americanos, que nos julgam, isso acontece dentro do meu próprio país. A cultura é importante, tanto quanto a alfabetização, a educação e a busca pela conscientização e respeito.

E ela era assim, ao mesmo tempo em que parecia uma menina inocente, se mostrava uma mulher sagaz e rápida nas respostas.

Chegado o final de semana, eu tinha planos para a entreter, no sábado, o roteiro contemplou a Estátua da Liberdade, o Empire State Building, a sede da ONU e a torre monumento ao ataque terrorista do 11 de Setembro.

Jantamos em um charmoso restaurante em *Little Italy*, o tradicional bairro da comunidade italiana, que pertencia a um primo de Vincent, que por sinal nos acompanhou, juntamente com a doutora Elisabeth.

Foi gratificante ver Pearl rir das piadas sem graça e do jeito falastrão de meu amigo, até mesmo a sempre séria Beth riu muito, ao que parecia, meu amigo estava conseguindo conquistar a bela médica brasileira. Ela uma mulher sóbria, ele um debochado, combinavam muito bem.

Chegamos ao meu apartamento tarde da noite e ao desejar boa-noite, Pearl, em um impulso, deu um beijo em meu rosto e rapidamente foi para seu quarto.

Vê-la assim aparentemente feliz e radiante mexia muito comigo e fiquei surpreso com a demonstração de carinho, até mesmo corei, algo que não acontecia desde minha infância.

Fui para meu quarto e após uma ducha e tentei descansar, mas me vi revirando na cama, olhando para o teto e tentando entender o que estava acontecendo comigo, seria algum instinto paternal que Perla estava me despertando? Um desejo de a proteger, como um pai faria com uma filha, ou melhor, um tutor por sua protegida?

Acabei adormecendo, mas acordei com um grito, estava acostumado ao silêncio do meu apartamento e aquele som agudo ainda ecoava quando saltei da cama do jeito que estava, só de cueca e corri até o quarto ao lado.

Ela estava sentada na cama, os lençóis jogados de lado, somente uma camisola rosa cobria seu corpo iluminado pela luz do corredor que passava pela porta do quarto que eu deixei aberta.

— Pearl! — sentei-me ao seu lado a abraçando e sentindo seu corpo

tremer e apesar do suor que escorria estava gelado — Está tudo bem, você está segura.

Ela me olhou com os olhos vidrados, parecia não saber onde estava, mas eles logo me focaram e ela relaxou.

— Um pesadelo, foi um pesadelo — murmurou, sua respiração ainda estava acelerada pelo susto, mas deixou que eu a deitasse e ajeitasse os lençóis sobre o seu corpo.

Fiz menção de me levantar, mas ela segurava com tanta força minha mão que acabei ficando sentado ao seu lado.

— Quando eu fui tirada do bordel, para me levarem nessa viagem até o *Hell's Club*, Javi, o companheiro da cafetina dona do local, surrou-me outra vez. Rasgou as minhas roupas enquanto apalpava o meu corpo. Lambia o meu rosto e dizia que era uma pena que eu tivesse mais valor para eles intacta do que violada.

— Pearl... — Eu não sabia o que dizer, a única coisa que poderia oferecer a ela era a minha companhia e proteção.

O pouco que eu sabia sobre a sua história já tinha dilacerado o meu coração, o quanto mais ainda tinha por vir?

— Fui atendida por um médico, mas ele não veio para olhar as minhas feridas da surra, examinou-me somente para atestar o meu hímen. Machucada e atordoada, colocaram-me em um velho trailer, trancada. Lá eu tinha um banheiro simples, uma cama e algumas latas de comida. Eu podia gritar, esmurrar a porta, qualquer coisa e ninguém do lado de fora ouvia. Foram uns três dias de viagem, quem quer que estivesse dirigindo parava pouco para descansar ou se alimentar, mas havia pausa para dormir. Quando cheguei a Nova Iorque, não sabia onde estava, fui colocada em um cativeiro sem luz, perdi a noção do tempo, achei que fosse morrer e só pensava em meu pai.

— acredite em mim, Pearl, eu jamais deixarei que algo de mal volte a acontecer com você! — fiquei ao seu lado até que ela adormeceu.

Liguei o abajur e deixei a porta entreaberta quando sai de seu quarto.

Demorei para voltar a dormir pensando no que aquela menina havia passado desde que atravessara a fronteira para a suposta terra da liberdade e das oportunidades.

Estava devastado, ela quem tinha sofrido aquilo tudo, mas estava doendo em mim.

Perla

Não tinha dormido muito bem após o pesadelo, mas não queria aborrecer Max mais do que tinha aborrecido.

Também não sei dizer que horas ele tinha deixado o meu quarto, mas foi reconfortante adormecer com ele por perto.

Eu tinha uma ligeira cicatriz do lado direito do rosto, na altura da testa, bem próxima aos cabelos, ela fora resultado de uma das minhas tentativas de fuga do cativeiro, quando um homem veio me entregar um pouco de comida. Eu não estava amarrada, então, sem pensar em nada além do que a sobrevivência, dei um chute entre as suas pernas e o vi ajoelhar no chão com dor, derrubando o prato de comida. Saí correndo do quarto, mas deparei-me com outro homem, no final do corredor, e sem hesitar ele me deu uma paulada no rosto, fui parar no chão, bati com a cabeça, lembro-me de sangue, uma dor muito forte e acho que perdi os sentidos.

Ninguém mais me tocava com o cunho sexual, a minha virtude parecia ser valiosíssima, mas isso não queria dizer que não era agredida.

E por causa dessa minha falta de disciplina que fiquei dois dias sem comer e sem beber, parecia que tinham me esquecido ali, até que, alguém surgiu à porta.

A claridade que vinha do lado de fora do quarto feriu os meus olhos,

estava meio zozza, tinha sede e fome, sentia-me suja, fedida.

Sem dirigirem uma palavra a mim, um casal de meia idade me colocou em um carro do tipo sedã com vidros escurecidos, com as mãos amarradas, também amordaçada. Foi uma viagem de talvez uma hora, não tinha certeza. Eu alternava entre acordar e dormir por causa da sonolência, sabia que estava fraca.

Quando cheguei ao que era o *Hell's Club*, deram-me um copo de água, focaram em me deixar limpa e apresentável. A partir da minha chegada ao local, ninguém mais ousou me tocar ou agredir fisicamente, o que não quer dizer que ser tratada como um objeto não seja um tipo de agressão.

Eu só queria esquecer essas lembranças e voltei a me focar nessa nova vida de incertezas em Nova Iorque.

Era domingo, apeguei-me aos momentos divertidos do sábado e com isso busquei forças para levantar e tomei um banho demorado, o amanhecer lá fora anuncia um dia bonito, quente e ensolarado.

Ao acessar o meu e-mail, nada ainda de notícias de meu pai. Max também dissera que nenhum dos seus contatos conseguira ter alguma novidade, papai não passara por nenhum dos registros da polícia. Eu só podia rezar para que estivesse bem e sempre que Beatriz me mandava alguma mensagem com perguntas, esforçava-me ao máximo para responder a todas elas.

Coloquei batom, apaguei minhas olheiras com a maquiagem que Abbey havia comprado para mim no primeiro dia e ensaiei colocar um sorriso no rosto. Não preocuparia Max além do que eu já o havia preocupado.

Maxwell

Acordei tarde pois tinha passado parte da madrugada acordado fazendo companhia à Pearl após o seu pesadelo. Quando deixei o quarto ela já havia preparado o café.

— Bom dia — cumprimentou-me com um sorriso, sem nenhum sinal do terror que a assustara de madrugada.

— Bom dia, que cheiro bom — aspirei o aroma que vinha de cima da bancada.

— É pão caseiro — respondeu orgulhosa e cortou uma grossa fatia, passando manteiga nela.

Comi um pedaço e realmente era saboroso, um pouco diferente do estilo de pães que estava acostumado.

Pearl parecia alegre, comentando sobre o dia anterior e em como se divertira. Resolvi não forçar o assunto do pesadelo, ela já tinha me contado uma parte do seu horror e eu sabia o quão difícil era para ela se abrir. A vergonha, humilhação, necessidade de relembrar, tudo isso era o que ela não precisava para poder superar os momentos de horror.

— Que tal passarmos o domingo no Central Park? — convidei — o verão está quase no fim, no outono ele é belíssimo, em breve a temperatura começará a cair e não teremos dias lindos como esse.

— Eu adoraria — presenteou-me com seu belo sorriso e senti meu coração aquecido.

Realmente, aquela era uma menina especial.

Chegamos ao parque caminhando, como na semana anterior e a levei para conhecer algumas outras atrações que não tivemos oportunidade de visitar no primeiro dia, como *Strawberry Fields*, um mosaico em preto e branco no chão com a palavra *Imagine* no centro, uma homenagem a John Lennon criada por um grupo de artistas italianos.

Passeamos de barco no lago, onde no inverno pessoas patinavam nas águas congeladas e tiramos fotos usando nossos celulares na *Bethesda Fountain* e a *Bethesda Terrace*.

Perto das treze horas conseguimos um lugar debaixo de uma árvore e após eu estender uma toalha na grama e retirar garrafas térmicas com suco e lanches, que Pearl preparara e que eu trouxera em uma mochila, almoçamos em meio a uma conversa tranquila sobre seus sonhos e esperanças.

— As horas que passamos juntos sempre correm — disse ela e de repente, isso era algo que eu concordava completamente. Não víamos o tempo passar.

— Momentos bons passam rápido mesmo, Pearl.

— Quando eu desejei que as horas passassem rápido presa naquele quarto escuro antes de ir para o *Hell's Club*, achei que não faria mais diferença, pois cheguei a duvidar que eu sobreviveria.

— Deixe tudo isso no seu passado — abracei-a tão forte, com a esperança de que a promessa de dias lindos pela frente pudesse apagar os momentos difíceis que ela passara — sei que você não começou com o pé direito neste país, mas há um futuro lindo e promissor para você por aqui — complementei, pois era exatamente nisso que eu acreditava para ela.

Perto do fim da tarde passamos perto do *Carousel*, uma atração famosa no parque, um carrossel em estilo retrô que apareceu em várias fotos e filmes. Ele era datado dos anos 50 e fora encontrado abandonado em Coney Island.

Pearl ficou encantada e entramos na longa fila, enquanto aguardávamos nossa vez comendo *hot-dogs* no melhor estilo norte-americano, ela me contou que sua cidade era pequena, parques de diversões eram itinerantes e nas raras vezes que apareciam por lá seu pai a levava.

Essa lembrança trouxe um sorriso aos seus lábios e lágrimas aos olhos, o que me fez abraçá-la.

— Desculpe-me o jeito emotivo de hoje, sinto tantas saudades de meu pai, estou tão preocupada com seu desaparecimento.

— Ei, não se preocupe, vamos encontrá-lo — nesses pequenos momentos

de vulnerabilidade que eu podia enxergar dentro dela, mesmo sem muitas palavras.

Durante os primeiros dias eu me enganara com ela, não era inocência que ela exalava, era transparência. Aos poucos, compreendê-la além das palavras era cada vez mais fácil.

Entrelacei os meus dedos por seus cabelos, vi o brilho de seus olhos, sua dor e alegria se misturavam, Pearl estava colorindo os meus dias e eu não entendia o porquê.

— Obrigada, Max — ela me encarou fixamente, nossos rostos próximos em razão de eu tê-la abraçado. Seus lábios estavam levemente entreabertos.

— Ei! Vão andar ou não? — perguntou um funcionário de forma grosseira, quebrando o encanto do momento e eu só pude atribuir isso ao fato de que alguns, como eu, tinham um bom dia e outros...

— Claro! — entreguei os ingressos e sentamo-nos lado a lado, cada um em um cavalo colorido.

Sentia-me ridículo, eu, um dos homens mais ricos da América, andando em um carrossel! Confesso ter considerado recusar, dizendo que a aguardaria se divertir, mas ela fora tão insistente, dizendo que não teria graça se eu não andasse com ela, que acabei cedendo e agora, ao ver seu sorriso de felicidade, não pude deixar de me sentir feliz e me recordar de meus pais, eles também, durante minha infância, levaram-me várias vezes em parques de diversões.

Terminamos o domingo vendo o pôr do sol deixando as nuvens em tons rosados e alaranjados.

Exaustos, após mais um dia animado juntos, voltamos para casa, tomamos banho e enquanto eu me atualizava com alguns pontos importantes do trabalho, ela fora preparar a nossa ceia.

Na hora do nosso boa noite constatei que há muitos anos eu não tinha um

fim de semana tão leve.

Perla

Existia um único fato nessa vida, acostumarmo-nos com coisas boas era muito fácil, só que, chegar a ponto de me encantar por alguém como Max podia ser uma armadilha para o coração de qualquer pessoa, principalmente o meu.

Depois de tantos momentos bons, eu estava confusa.

Logo, encontraria papai, tinha fé que sim, e talvez firmássemos residência em uma cidade menor, onde o nosso recomeço pudesse ser mais fácil e Max seria somente uma lembrança boa em minha vida. Alguém que me acolheu e me ajudou.

Agora não era hora para eu me deixar levar por qualquer devaneio que fosse.

Durante o nosso jantar, Max reforçava o convite para a sua festa de aniversário em Hamptons. Era uma decisão difícil, eu não pertencia ao mundo dele e quanto mais maravilhada ficava, mais difícil seria quando eu fosse embora. Não me sentia assim pela vida sofisticada, as roupas, os passeios... Era por ele. Pelo abraço apertado, o cuidado comigo, as palavras de conforto.

O quanto uma garota como eu poderia se machucar com a vida além do que já havia se machucado até agora?

Mas a minha recusa chegou a ficar sem sentido e eu tive que ceder. Max havia aberto mão de tantas coisas para me ajudar, como eu podia continuar a me recusar a um simples convite? Sua festa de aniversário!



Capítulo 12

Maxwell

Iniciei a semana que antecedia a festa de meu aniversário, pela primeira vez, genuinamente animado com o evento. Desde que meus pais faleceram eu nunca mais comemorara meu nascimento.

Fora com custo convenci Pearl a me acompanhar até Long Island no fim de semana para fazer parte daquele meu momento. No princípio ela não quis, afirmou que não queria me atrapalhar, como se isso fosse possível.

Na quarta-feira meu amigo Vincent insistiu que eu a levasse em uma boate, ele conseguira convencer sua colega de profissão, a doutora Elisabeth, a sair com ele novamente, insinuando que era a chance para que a médica

verificasse, com os próprios olhos e em bom português, se eu estava tratando bem minha hóspede e que também seria uma chance de comemorarmos antecipadamente meu aniversário.

— Aposto que nessa sua festa vai ter gente esnobe que somente sabe falar de negócios, *tou fora* dessa — recusara o convite meu amigo falastrão, e nisso ele tinha razão, eu não possuía muitos amigos como era o Vincent. O meu cotidiano resumia-se a homens de negócios, empresários e políticos que gostavam de se socializar entre eles e eu fazia parte desse meio, mas havia um outro lado meu, Collin, Vincent, Phil, grandes e bons amigos que tinham conquistado a minha confiança.

Como agradecimento pelo que eles fizeram por Pearl, consegui que nossos nomes fossem colocados na lista VIP da boate Le Bain, localizada dentro do hotel The Standard Highline, com uma vista magnífica da Manhattan e até mesmo com uma piscina em seu interior, onde alguns frequentadores mais animados acabavam mergulhando.

Convenci Pearl de me acompanhar e ao chegar no apartamento encontrei Abbey, que passara o dia com ela.

— Oi Abbey, onde está Pearl?

— No quarto dela se preparando — disse pegando sua bolsa e colocando-a no ombro — estava esperando você chegar.

— O que eu aprontei? — ri observando seu olhar severo, algo que me lembrava as broncas que ela me dava em minha infância e adolescência.

— Maxwell Reed, eu o amo como um filho por isso serei direta e franca, não ouse abusar dessa menina nem a iludir com falsas promessas.

— Não entendo o que você quer dizer — somente Abbey podia falar comigo daquela forma e se estava dizendo algo, era porque ela havia observado alguma coisa.

— Estou apenas o avisando, sei a educação que seus pais te deram, tenho orgulho de ter contribuído um pouco para o transformar no homem que você é, e espero que você não caia na tentação de seduzir essa jovem, pois ela já está encantada demais com a proteção que dá a ela — ralhou.

Eu sabia que toda essa situação estava mexendo com Pearl, mas para mim, isso se dava pelo fato de ela estar fragilizada. Qualquer um se apegaria e eu tinha convicção de ser correto o suficiente para não a ferir, nem de uma forma de nem de outra.

— Não se preocupe, Abbey — suspirei resignado com a bronca — estou apenas a ajudando, afinal, não foi isso que papai e mamãe me ensinaram? Que temos que ajudar as pessoas menos afortunadas?

— Que ótimo que não esqueceu dos seus valores — bateu carinhosamente em minha bochecha — estou de olho em você e mantenha aquele seu amigo longe dela também.

— Vincent tem outros interesses — revelei tentando tirar o foco de mim — aquela doutora parece estar dando trabalho a ele.

Como se meu amigo houvesse ouvido o comentário o porteiro avisou que ele e Elisabeth estavam subindo.

— Olá, Abbey! Você está cada dia mais linda! — cumprimentou Vincent ao entrar e encontrar minha governanta, que se preparava para ir embora, dando-lhe um beijo estalado na bochecha, exatamente da forma que pedia suas origens.

— Doutor Vincent! O senhor não tem jeito mesmo — ralhou tentando conter o riso, mas era fato que ambos tinham um carinho mútuo — e você, menina Elisabeth, ainda não a conheço, mesmo assim vou te dizer, tenha cuidado com esse rapaz — aconselhou piscando um olho para a médica após ela a cumprimentar.

— Conselho anotado, Abbey — sorriu ela achando graça naquela senhora de meia idade.

— E então? Onde está Pearl? — perguntou Vincent se esparramando no sofá da sala, após eu oferecer bebidas para ambos.

— Terminando de se aprontar — avisei e servi copos com uísque para mim e Vincent e gim tônica para Elisabeth.

— *Mamma mia!* — exclamou meu amigo detendo o copo no meio do caminho para seus lábios.

Acompanhei seu olhar e me surpreendi, Pearl saía do quarto e agora estava parada na sala nos observando com um sorriso nos lábios.

“*Mamma mia*” — pensei comigo mesmo, sem verbalizar, ao ver como aquela menina-mulher estava linda.

Talvez Abbey tivesse uma preocupação real comigo quando me chamou a atenção mais cedo. Era melhor eu começar a me policiar, pois Pearl não era alguém com quem eu pudesse ter um momento, minha missão era protegê-la e não a magoar.

Perla

O convite de Max para uma noite de diversão foi inusitado, da mesma forma que fora surpreendente seu pedido para que eu o acompanhasse em sua festa na casa de veraneio no fim de semana.

Para o compromisso dessa noite eu estava animada, sabia dançar, talvez porque estivesse no meu sangue, a música, o corpo em movimento, as artes, o artesanato. Mas uma boate? Eu jamais havia ido em uma de verdade, sabia como eram pelos filmes, novelas, fotos... só isso.

Abbey me disse exatamente o que vestir, também me advertiu para que não me distanciasse de Max.

“Um lugar assim para uma iniciante que mal conhece a

cultura do país, é melhor ser cautelosa” — completou depois de outras mil e uma recomendações.

Não sei exatamente do que ela tinha tanto receio, pois Max não me deixava beber, portanto, não era a bebida, ri comigo mesma.

Não queria me sentir como um entrave ou um estorvo em sua vida, por outro lado, meus momentos ao seu lado eram especiais. Eu sempre tinha lutado por tudo sozinha, amava meu pai, mas ele não necessariamente conseguia cuidar de mim e agora, essa sensação de não estar mais sozinha era por causa da forma com que ele me tratava, que era única.

Quando cheguei na sala, a doutora Elisabeth estava com Vincent, às vezes parecia que eles tinham alguma coisa, outras não. Esse pessoal era muito estranho. E Max... Meu Deus, como ele estava lindo, seu par de jeans preto agarrado em suas pernas era como o dos modelos das grifes famosas que eu via nas propagandas da internet.

Não pude me recordar se alguma vez havia visto, *ao vivo e em cores*, um homem tão bem-apessoado como ele. Quando é que uma simples camiseta de algodão justa ao corpo ficaria tão chique e refinada em uma pessoa normal? Sem falar no blazer esporte que nele, tinha o caimento perfeito, diferente dos rapazes que eu já vira na minha cidade, com aquelas roupas desmilinguidas.

Era difícil não admitir que ele estava lindo, na verdade, que ele era lindo.

Talvez, pela facilidade da língua, Elisabeth tenha ficado ao meu lado quase o tempo inteiro, enquanto os homens conversavam entre eles.

Norte-americanos tinham essa mania de grandeza e por isso fomos em uma limusine até a boate. Éramos somente quatro pessoas e o carro podia acomodar facilmente pelo menos oito.

Elisabeth, que agora eu só chamava de Beth, explicou-me que andar de *limo*, como eles a apelidavam, não era um absurdo, custava um pouco mais do que um taxi somente, qualquer cidadão comum podia fazer isso.

Esse país era muito estranho, onde uma garrafa de refrigerante de três litros, isso mesmo, três litros, era mais barata do que a garrafa de um litro e meio.

Durante o caminho, sei que Beth tentava, de forma sutil, me fazer contar um pouco mais sobre a minha vida, porém, me abrir, sempre foi algo complicado, mas eu tentei.

— Não é que jamais tentamos, a ideia de meu pai era vir para cá com um visto de turista para jamais voltarmos, entretanto, tivemos uma negativa.

— Você mencionou que seu pai é descendente de alemães, ele não tentou a cidadania antes dessa loucura? — a médica estava intrigada com o nosso caso.

— Eu pesquisei sobre isso, meu pai é neto de alemães nascidos na Alemanha, mas eles chegaram no Brasil antes da mudança da lei, naquela época, o alemão que ficasse por mais de dez anos consecutivos fora da pátria perdia a nacionalidade, a não ser que fizesse sua matrícula em um dos consulados, mas em 1910, quem ligava para isso? Então a tentativa de briga pela nacionalidade poderia ser infinita. Papai foi convencido a tomar um atalho, através da travessia ilegal, por mais que eu fosse contra, ele estava decidido. Ele queria, na verdade, estava determinado a fugir da cidade que tanto trazia más recordações.

Quando chegamos na boate, furamos uma imensa fila e por eu não ter documentos, Max assinou um termo de responsabilidade, após Vincent conversar com alguém grande no local.

“Por que que eu fiquei com a impressão de que quando se é rico, tudo é possível?”

A música super alta era algo que eu não estava muito acostumada, pelo menos não com aquela potência e qualidade. O local estava muito escuro e colorido ao mesmo tempo, as luzes brilhavam, as pessoas extremamente lindas e bem-vestidas.

Confesso que fiquei fascinada!

Maxwell

A fascinação de Pearl pelo som e as cores era uma reação oposta à minha, pois aquilo feria os meus olhos. Quando eu deixara de gostar de baladas? Anos antes eu adorava curtir a noite, talvez o excesso de trabalho tenha me feito tornar um velho.

Começava a achar que fora uma péssima ideia a que Vincent tivera, mas por outro lado, ver Pearl se divertindo e sorrindo, esquecida de seus problemas, ao menos por algumas horas, compensava qualquer desconforto que eu estivesse experimentando.

— Você dança muito bem — ri aproximando meus lábios de seu ouvido para que ela pudesse me ouvir acima da música alta.

Pearl tinha seu jeito próprio de dançar, seus movimentos eram mais naturais, seu corpo parecia flutuar com a música e alguns passos faziam suas curvas se realçarem. Por vezes ela fechava os olhos e se perdia em seu próprio mundo, acompanhando o ritmo das batidas.

Ao lado dela eu parecia uma múmia e olha que no passado, quando era assíduo frequentador deste tipo de lugar, minhas acompanhantes se gabavam de que eu era o tipo de par que dançava bem.

— Adoro dançar! — confessou animada e percebi gotículas de suor escorrendo por seu rosto e descendo pelo pescoço, deixando-me tentado a abraçá-la e beijar seus lábios.

Perguntei-me mil e uma vezes onde eu estava com a cabeça.

O que quer que aquela menina de frente para mim tinha de diferente das outras mulheres, eu não saberia dizer, só que ela mexia demais comigo. Jamais antecipei que isso pudesse acontecer quando decidi a arrematar no leilão, pois naquele momento ela era somente um ser humano amedrontado que precisava de ajuda.

De alguns dias para cá, ela me desconcertava, deixava-me sem reação em algumas vezes e em outras provocava-me pensamentos que eu queria abafar.

— Preciso de água — foi a desculpa que encontrei para me afastar daquela tentação para retomar o controle sobre mim mesmo — não saia daqui — pedi procurando por Vincent e Elisabeth e logo vi meu amigo finalmente beijando sua paixão platônica.

Fui até o bar que não estava longe da pista e peguei uma garrafa plástica de água mineral, ao voltar avistei um jovem bem apessoado ao lado de Pearl, ele tocava levemente o seu cotovelo e estava com o rosto próximo de seu ouvido.

Algo se contorceu em meu interior, a sensação parecia sombria e desagradável, que somente piorou quando ela empurrou gentilmente o rapaz, espalmando sua mão no peito dele, que apenas deu de ombros e riu.

O que exatamente estava acontecendo entre eles? Acima de tudo, eu era responsável por ela e de forma alguma deixaria que algum desconhecido se aproximasse, ela já sofrera demais.

Com poucos passos eu estava junto a eles.

— Cai fora! — rosnei para o jovem e passei o braço pela cintura de Pearl de forma protetora.

Não tive nem tempo de prestar atenção na reação dela, pois naquele momento nem a música ou as incômodas luzes existiam para mim, era somente aquele rapaz e a minha fúria, por isso, a pista de danças pareceu pequena demais para nós dois.

— Qual é vovô, não sabia que a gata estava acompanhada — segurei com força a garrafa praticamente a esmagando, fazendo com que a água escorresse.

Rapidamente entreguei a garrafa amassada à Pearl e fechei os dedos firmemente, concentrado minha força para dar um soco certo, mas, nesse momento, Vincent que percebera que algo estava errado me abraçou por trás, em

um giro discreto, colocando-me atrás dele para, na sequência, pedir desculpas para o jovem.

Quando voltei a mim, Elisabeth já havia levado Pearl para nossa mesa, no reservado VIP, longe do que poderia ter sido uma confusão, pois se dependesse de mim, a ira que se formara em meu interior já teria feito com que o rapaz estivesse caído no chão.

— *Sei pazzo? (está louco?)* — quase gritou em meu ouvido — o cara é inofensivo, provavelmente só perguntou o nome dela e se estava acompanhada, Pearl disse que sim.

— É um aproveitador — rosnei ainda irritado.

— *Cazzo! (porra!)*, Reed! — ele me encarou espantado — Pare com isso ou vou acreditar que está interessado nela, caia na realidade e aja como um homem, quantas vezes não foi você a flertar com a mulher do outro?

— Mulher e não menina!

— Abra os olhos e enxergue a realidade, Pearl é uma mulher, só você não quer acreditar nisso!

— Não seja ridículo, seu *carcamano*! — liberei-me de seus braços e caminhei até a mesa.

Busquei o ar várias vezes no caminho da pista para a mesa, por mais que eu quisesse negar, meu amigo tinha razão, eu acabara de agir como um idiota inconsequente e não sabia o que exatamente tinha motivado isso dentro de mim. Definitivamente eu estragara minha noite, somente esperava não ter estragado a de Pearl.

Voltamos para casa em silêncio, Vincent e a doutora Elisabeth, que finalmente pareciam ter se acertado, foram embora em outro táxi.

— Sem limusines? — perguntou ela para quebrar o gelo entre nós.

— Somos somente dois agora — respondi consciente da pouca distância que nos separava no banco de trás.

Eu estava constrangido com minha atitude, por sorte o meu amigo estava lá, mas eu ainda não tinha resposta para o que fizera.

Descemos em frente ao edifício e logo estávamos entrando em meu apartamento.

— Você não quer me contar o que aconteceu? — perguntou ela.

— Não foi nada, apenas uma discussão boba — disfarcei enquanto me dirigia ao bar que havia na sala e enchi um copo de uísque.

Pearl me encarou fixamente, como se meditasse sobre suas próximas palavras enquanto eu girava o copo para que o gelo derretesse na bebida.

— Eu me diverti muito essa noite, nunca tinha ido em uma boate antes — sorriu com o semblante leve, talvez tentando me fazer sentir melhor e me odiei por estar assim tão transparente para ela.

— Que bom, fico feliz — tentei, sem sucesso, sorrir de volta.

— Boa noite, Max — desejou ela ao aproximar-se de mim e colocou-se nas pontas dos pés para me dar um beijo na bochecha.

— Boa noite, Pearl — respondi e a observei entrar pelo corredor que dava acesso ao seu quarto.

Fui até o terraço, no andar superior, e fiquei observando os prédios iluminados da cidade, que merda eu fizera? Como podia sentir ciúmes de uma menina?

Ela não era minha propriedade, não era minha namorada, nem parente, era no máximo uma garota que eu vinha protegendo depois de ter passado por tanta coisa.

Sabia que era inexperiente do ponto de vista afetivo, sexual, mas seria

saudável se ela pudesse se relacionar com jovens de sua idade. Pelo pouco que convivêramos em minha casa, tinha certeza de que ela teria um futuro brilhante quando ingressasse em uma faculdade, aproveitando sua juventude, tendo suas próprias experiências e descobertas.

Ela tinha um mundo inteiro para desbravar se alguém se dispusesse a dar essa oportunidade a ela.

Engoli o conteúdo da bebida com uma careta, sentindo o líquido arder em minha garganta.

Ao menos a doutora Elisabeth me contara que sua irmã Beatriz estava com uma pista sobre o paradeiro do pai de Pearl, eu tentara falar com a repórter algumas vezes, mas seu número somente caía na caixa postal e ela não me retornava as ligações, isso queria dizer que ela deveria estar no meio de mais alguma investigação.

Phil, meu amigo da CIA, também não tinha muito para me contar, afirmara que conseguira falar brevemente com a repórter brasileira, que prometera o manter informado sobre sua investigação paralela.

Por Deus! Como eu queria que o pai dela fosse encontrado logo! Eu poderia ajudá-los a se estabelecerem, de preferência em qualquer outro lugar dos Estados Unidos, com exceção de Nova Iorque, assim meu suplício terminaria.

Sentia-me tão incomodado e ao mesmo tempo não compreendia o verdadeiro motivo. Irritado comigo mesmo, fui para minha cama após um longo banho.

Ao amanhecer, saí mais cedo para o escritório deixando um bilhete desejando bom dia para Pearl.

Fui até o ginásio em que eu treinava, mesmo àquela hora da manhã havia gente por lá, era quinta-feira e eu geralmente gastava duas horas no treino, quando o plantão médico de Vincent permitia ele também aparecia para um duelo comigo e foi com irritação que percebi meu amigo já no interior de um dos ringues se

aquecendo com um *sparring*^[31], um dos professores, um latino de meia idade que em sua juventude fora um bom boxeador, chegando a trigésimo no ranking da Federação de Boxe, mas que sofrera uma contusão grave tirando-o das competições profissionais.

— Ei, Reed! Eu te espero aqui! — gritou Vincent enquanto se desviava e socava as luvas de proteção do *sparring*.

— Merda — grunhi irritado comigo mesmo, tudo o que eu não desejava era ouvir um sermão de meu melhor amigo e eu conhecia bem aquela expressão.

Após colocar o calção e a camiseta no vestiário, além do capacete de proteção e um par de luvas, fui até o ringue. O *sparring*, ao me ver, ergueu as cordas para que eu entrasse e em seguida saiu para acompanhar a luta do outro lado das cordas.

— Como foi sua noite? — perguntei enquanto saltitava para relaxar os braços e pernas.

— Maravilhosa, acho que finalmente encontrei a mulher da minha vida — sorriu o meu amigo, mesmo com o protetor bucal, referindo-se à doutora Elisabeth.

— Coitada — sorri de volta enquanto tocava minhas luvas nas dele — mal sabe que você é um *garanhão falso italiano* — referi-me ao fato de Vincent ser conquistador inveterado e que nunca tivera um relacionamento sério.

— Agora é sério, Beth tem algo diferente — respondeu e avançou aplicando dois *jabs*^[32] e um direto que defendi colocando minhas luvas na frente de meu rosto.

Contra-ataquei socando a linha de sua cintura com minha mão esquerda e tentei acertar um *uppercut*^[33] em seu queixo, mas meu amigo era rápido e saltou para trás escapando do golpe.

— E aquela cena de ciúmes na boate? Admitiu que está enxergando Pearl

com outros olhos? Eu não o julgo, amigo, ela é uma verdadeira *gata*, se eu não estivesse tão amarrado com a Beth poderia facilmente me apaixonar pela sua *garota* — provocou-me ao mesmo tempo em que aplicava um *cruzado*^[34] de direita, que defendi colocando meu antebraço na lateral de meu rosto, mas recebi um *gancho*^[35] frontal de esquerda em meu estômago.

Antes que Vincent me aplicasse mais golpes eu o abracei em um *clinch*^[36], o *instrutor-sparring* tocou o pequeno sino indicando a suspensão da luta para que nos separássemos.

— Você não sabe do que está falando — rosnei me afastando alguns passos e quando o sino tocou novamente avancei desferindo uma sequência de *jabs*, que Vincent defendeu, seguida de uma sequência de dois *ganchos* que o fizeram se curvar um pouco, momento em que eu atingi um *cruzado* de direita em seu rosto, que o fez desabar no chão — e fala demais, como sempre!

Fiquei irritado, muito! Ele era o meu amigo, mas colocava-se no meu lugar, nem tinha como, porque ele não tinha ideia do que se passava dentro de mim.

Afastei-me saltitando no tablado do ringue enquanto Vincent se levantava e colocava as luvas em frente ao rosto, usava o ringue para extravasar a minha irritação e por isso desejei que ele não estivesse lá.

Por algum tempo trocamos golpes cada vez mais violentos, até que nos agarramos em um *clinch*, um empurrando o outro, separávamos somente para podermos desferir mais golpes.

— Muito bem, senhores, basta — avisou o instrutor tocando insistentemente no sino.

Nos encaramos por um momento e então nos afastamos, Vincent virou as costas para mim enquanto retirava as luvas. Eu fiz o mesmo, mas logo o alcancei e segurei seu ombro.

— Ei cara, desculpa — pedi me sentindo mal por ter tido vontade de esmurrá-lo de verdade.

Aquela não estava sendo só uma luta de treino, eu sentira mesmo muita vontade de esmurrar alguém e a forma como ele abordava assunto me deixou ainda mais irritado, descarreguei toda a raiva em meu amigo, ainda mais depois do que ele disse sobre Pearl.

— Sem problemas, não devia ter brincado com um assunto tão sério, *me* desculpe também — pediu tocando a mão fechada na minha.

Fomos para o vestiário e após a ducha voltei para meu armário para me vestir, eu teria um longo dia pela frente e meus problemas não haviam sumido no treino.

— Cara, sou seu amigo e se me permite um conselho, você tem que admitir que existe algo aí dentro de você que mudou depois que a Pearl apareceu, você tem que enxergar por si só o que foi e depois disso, poderá decidir o que você quer em relação a ela, ser um amigo? Um protetor? Ou algo mais? — disse enquanto estava sentado no comprido banco de madeira em frente aos armários, colocando os sapatos.

— É que você não estava lá, Vincent! Você não viu como aquela menina indefesa e inocente foi posta a leilão, nua, com um bando de abutres nojentos em cima dela. Ela precisa de alguém que a proteja e não alguém que tente a fazer passar por aquilo novamente.

— Reed, uma coisa nada tem a ver com a outra. E depois, não somente eu, mas Beth também percebeu como você se descontrolou somente porque aquele *franguinho* tentou *flertar* com ela.

— Isso é indecente, ela é uma menina, como posso insinuar querer ter algo com ela? Seria como um abuso — disse me sentando ao seu lado para colocar meus sapatos.

— Uma menina? Ela pode até ser jovem, mas quantas vezes terei que te

dizer que ela é uma mulher? — insistiu — Abra os olhos, amigo!

— Uma mulher jovem — rendi-me à sua insistência — que precisa de ajuda e eu vou apenas ajudá-la, depois ela seguirá sua vida e eu a minha — respondi me sentindo estranhamente triste com a possibilidade de ela ir embora.

— Você vai levá-la mesmo para Long Island? — perguntou.

— Vou.

— Nesse caso, mudei de ideia, Beth e eu iremos também, afinal, se você a enxerga assim tão indefesa, alguém tem que protegê-la dos tubarões e barracudas que tentarão devorá-la, enquanto você estiver ocupado com o sorriso no rosto assinando cheques de cifras milionárias com grandes empresários — riu socando meu ombro.

— Obrigado — agradei — tenho certeza de que ela se sentirá mais confortável com vocês por lá.

— Amigo é para essas coisas, agora deixa eu ir que tenho uma cirurgia dentro de algumas horas — despediu-se pegando sua mochila e me deixando sozinho no vestiário.

Afinal, o que estava acontecendo comigo? Por que uma garota inexperiente, vinda de uma cultura tão diferente da minha, estava mexendo tanto comigo?



Capítulo 13

Perla

Mais uma vez, Max havia saído de casa antes de eu me levantar.

O silêncio de seu apartamento me incomodava um pouco, por isso, pela primeira vez, tentei me arriscar pela cidade. Abbey havia me orientado a esconder os itens de valor, prestar atenção a todos os lados e explicara como funcionava o metrô.

Eu havia descoberto uma entidade sem fins lucrativos para apoio a imigrantes ilegais, por sorte, um dos organizadores era brasileiro e após algumas conversas por e-mail, ao longo da semana, decidi que era o momento de ir até lá.

As linhas de metrô eram mais complexas do que pareciam, mas alguns erros e outros acertos depois, com um mapa de turista nas mãos, consegui chegar lá.

Fui recebida por Josué.

Ele sabia, mais ou menos, sobre o sumiço do meu pai, mas não contei sobre o meu leilão, porque isto eu ainda não estava preparada para abrir.

— Fizemos alguns contatos com alguns colaboradores que vivem perto da fronteira, não tivemos nenhum reporte de alguém com as características de seu pai, mas temos recebido notícias de grandes grupos de deportados constantemente. Não há provas ainda, mas correm notícias sobre abusos nos Centros de Detenção a Imigrantes, ele pode ter sido capturado e estar sem acesso. Também há relatos de imigrantes levados às fazendas de trabalhos forçados. A situação de quem é capturado nunca é boa.

— O meu benfeitor — referi-me a Max para não envolver nesta história — tem um amigo na polícia e dizem que ele não foi registrado em nenhum centro, também não está em lista alguma de deportados.

— Ele pode ter sido pego sem documentos, registrado com um nome qualquer, Perla. Sumiços na fronteira acontecem todos os dias, temos que ser pacientes e esperar pelo melhor, como aconteceu com você.

Eu tinha que concordar, embora tivesse passado pelo pior antes de atingir o melhor a que ele se referia, tentava deixar o meu pesadelo no passado e focava-me somente em quão bem acolhida estava sendo por Max.

Josué me mostrou o centro, lá eles tentavam capacitar imigrantes para que pudessem achar empregos dignos, estávamos acertando para que eu tivesse aulas de inglês com eles, para melhorar o meu vocabulário e a minha pronúncia.

— É tudo muito simples, são os próprios imigrantes que se voluntariam. As aulas acontecem presenciais, aqui no centro, ou on-line, pelas ferramentas de vídeo conferência. Para cada indivíduo que passa por aqui e é ajudado por nós, a

única coisa que pedimos em troca é que no futuro ajudem a um outro alguém. Temos aulas de inglês, de tecnologia, de finanças básicas, trabalhos manuais, essas coisas.

— Então, quer dizer que eu posso tanto me inscrever para ser aluna quanto também dar uma aula como voluntária?

— Sim, quando estiver fluente no idioma teremos o prazer de poder recebê-la capacitando outro indivíduo — respondeu ele tão animado quanto eu.

— Quero dizer agora, isto é, eu tenho habilidades específicas, posso ensiná-las aqui também, se vocês permitirem.

— O que tem em mente? — Josué devolveu a pergunta com a expressão bastante curiosa.

— Durante anos eu trabalhei na padaria do meu pai, eu posso ensinar a arte da confeitaria e panificação. Talvez eu tenha alguma dificuldade com o idioma no começo, pois há nomes de ingredientes que não sei em inglês, mas posso preparar as aulas decorando alguns termos, além disso, toda a comida produzida aqui poderia ser servida entre os colaboradores deste centro.

Talvez essa fosse a forma de eu conseguir ajudar alguém, assim como Max vinha me ajudando tanto. Ou, talvez, isso fosse um aquecimento para eu recomençar a minha vida, papai e eu, em nosso próprio negócio na América. Em uma cidade pequena, apresentando as maravilhas das massas brasileiras, já que, até agora, eu ainda não vira nada parecido com o pão francês, um bolo fofinho caseiro, uma empada...

Senti uma pontada no peito pensando sobre o dia em que isso acontecesse, significaria que eu iria embora da casa de Max. Como eu sentiria saudades dele, demais, mas ser eternamente a sua dependente não era uma opção para mim.

— E então? — coloquei um sorriso melancólico no rosto, por causa daquele meu pensamento de momento e voltei-me para Josué aguardando esperançosa por um ‘sim’.

— Acho que pode funcionar, mas primeiro precisamos correr atrás de seus documentos, você não pode ficar por aí sem ter ao menos os seus documentos brasileiros.

— Não se preocupe, meu benfeitor já os providenciou. Sei que logo estarão pontos, talvez ainda hoje, pelo que ele me disse.

— Isso é ótimo, Perla. Façamos assim, você já se inscreve nas aulas de inglês e em paralelo nós aqui do centro vamos passar uma divulgação para levantarmos interessados em seu curso de *bakery*^[37], assim que formarmos uma turma, podemos organizar um horário adequado para que essas aulas aconteçam na própria cozinha do nosso centro, onde temos forno, fogão e outros utensílios.

— Verdade? — saltitei animada com a ideia de agora ter uma ocupação, estava muito empolgada — Semana que vem eu posso trazer algumas amostras do que podemos fazer em uma cozinha sem aparelhagem especial. Alguns pães recheados, salgados quentes. Testarei os ingredientes daqui que me parecem um pouco diferentes dos que temos no Brasil.

— Seria ótimo!

Deixei o centro comunitário no meio da tarde e experimentei um metrô assustadoramente mais cheio do que no caminho da ida. Algumas estações erradas depois, cheguei no apartamento atrasada para iniciar o jantar, embora eu não tivesse certeza se Max jantaria em casa ou não.

Abri a porta e o encontrei desesperado ao telefone e só entendi:

— Desapareceu, Abbey, não atende as minhas chamadas, não responde minhas mensagens, o porteiro disse que ela saiu no meio da manhã... — até que deu de cara comigo — esquece, ela acabou de entrar na sala — completou ao desligar o celular.

— Eu não desapareci. Só me perdi um pouco no metrô — disse intrigada com o desespero dele.

— Pearl, onde você estava? Eu liguei para você como um louco.

Abri a bolsa e peguei o celular, oito ligações pedidas e mais de quinze mensagens de texto. Senti minhas bochechas enrubescerem de imediato.

— Abbey disse para eu não tirar o celular da bolsa enquanto estivesse na multidão. Ao que me parece, neste aspecto, aqui não é muito diferente do Brasil — enrolei-me um pouco na explicação e sei que comi algumas palavras.

— Ela está certa, mas você precisava ter me avisado, eu estava desesperado com o seu sumiço — ele respirou um pouco antes de continuar, levou as mãos ao rosto, esfregou os olhos e parecia tomar um tom mais suave — você é livre para fazer o que quiser, eu já disse, as portas dessa casa estão abertas, mas saber se está bem é importante para mim.

— Sinto muito, não foi a minha intenção — não me ocorreu avisá-lo, eu não estava acostumada com isso, mas agora, pensando melhor, não era uma questão de ele me podar ou algo assim, eu simplesmente tinha desaparecido em uma cidade que eu não conhecia, não dominava a cultura e pior, não tinha documentos.

Sempre fora criada tão livre com meu pai, não que ele não se importasse, mas papai precisava mais de mim do que eu dele.

“Papai sempre precisou de mim” — respirei fundo.

E, aos poucos, nós dois tínhamos uma trégua e um acordo, mesmo que não tenha sido vocalizado, sabíamos o que fazer, pela expressão um do outro, a comunicação deficitária entre nós fizera com que fôssemos bons em ler o que não era dito.

— Temos que ir para Hamptons amanhã na primeira hora — desconversou ele para ajudar a desfazer o clima estranho que antes havia pairado entre nós — sua mala já está pronta?

— Sim, Abbey me ajudou ontem — outro silêncio estranho entre nós, que

para este eu não tinha explicação, até que o quebrei — eu só preciso de um banho. Depois vou preparar o nosso jantar.

— Pearl... — com a voz ligeiramente baixa, Max aproximou-se de mim e me abraçou.

Não queria que aquele abraço acabasse nunca, ele era protetor, quente, cuidadoso e carinhoso. Suas mãos acariciaram os meus cabelos e precisei fechar os olhos ao também o retribuir.

— Eu que me desculpo — sussurrou ele — só fiquei preocupado demais.

— Tudo bem — de repente já não sabia o que responder — prometo sempre te avisar, você está certo.

Max parecia mais calmo, agora esboçava um sorriso e ao me libertar de seus braços, tirou um pequeno envelope branco do bolso interno do casaco do seu terno.

— Isto aqui é para você — entregou-me o envelope — a segunda via do seu passaporte brasileiro. Ainda não a torna uma residente legal nos Estados Unidos, mas, pelo menos, você tem um passaporte para identificá-la e não será mais uma ‘Jane Doe’.

— Muito obrigada, Max — agradei empolgada, com o sorriso de orelha a orelha e abri o envelope — não tenho palavras.

— Não precisa me agradecer, era o mínimo que eu podia fazer — voltou a acariciar os meus cabelos, dessa vez a uma pequena distância de mim — agora vá tomar o seu banho. Eu também preciso de um. Se você estiver cansada demais para fazer o jantar, sempre podemos pedir alguma coisa.

— Não estarei — coloquei um sorriso no rosto e corri para o meu quarto, saltitante com o meu passaporte de volta.

Max era um presente em minha vida!

Tinha medo de estar me apegando demais ao seu carinho. Tinha medo do dia em que eu tivesse que ir embora. Acima de tudo, era assustador o fato dele mexer tanto comigo, a ponto de fazer o meu coração gritar acelerado. Max era digno de um artista de cinema, mas não era isso que me tirava o sono, não era o seu físico notável. Eram o seu respeito como ser humano e seu empenho em buscar o que era melhor para mim.

E o meu coração ficava descompassado quando ele estava por perto.

Aquele homem era o sonho que eu vivia acordada, foi essa a conclusão que eu cheguei.

Maxwell

Minhas ações jamais foram tão contraditórias em relação aos meus pensamentos como agora.

A manhã de treino com Vincent tinha sido difícil pois ele dissera coisas que eu não queria acreditar, não queria ouvir, porque considerar que algumas delas poderiam ser verdade deixava-me em pânico e eu não era homem de ter medo de enfrentar nada nessa vida.

Até chegar Pearl.

Qualquer coisa em relação a ela deixava-me tenso, em conflito.

No final, o sermão de Abbey, as duras palavras do meu amigo, o meu comportamento irreconhecível, tudo me levava a um único caminho: Pearl tornara-se importante demais na minha vida em tão pouco tempo e eu ainda achava isso tudo errado.

Se o que eu tentava não acreditar fosse verdade, eu a faria sofrer e esta era a única coisa que eu não queria nessa vida.

A minha pequena tinha um futuro brilhante pela frente, faltava somente

alguém para a apoiar. Valente, audaciosa, genuína... eram tantos adjetivos que eu nem conseguia os enumerar. Sua petulância era o que mais havia me conquistado e Pearl só precisava de alguém que a colocasse no caminho certo.

Nós vínhamos de gerações diferentes e eu não queria tirar dela o direito de conhecer a vida como ela deveria. Não com a minha bagagem de um velho, tirando sua inocência de menina.

Não foi assim que eu imaginei que a nossa história terminaria, pois quando a havia arrematado no leilão, era para a salvar e não para a ferir. E fora o meu dinheiro, que eu sabia que era a única coisa que ela não queria, pois Pearl se mostrava horada demais para isso, sabia que não tinha nada de bom a oferecer a ela.

E foi a primeira vez que admiti para mim mesmo que eu estava mais que ferrado, eu estava fodido em uma situação que vinha saindo do controle. Só que, mesmo assim, eu queria que ela estivesse comigo em Hamptons. E estava grato por Vincent estar lá também, pois se alguém saberia como mediar essa coisa nebulosa que se formava dentro do meu peito, essa pessoa seria ele.

Como consequência dos meus pensamentos que me tiravam a paz, não preguei os olhos. Estava exausto, sonolento ao mesmo tempo que não conseguia dormir, e pouco antes do nascer do sol eu soube que não poderia colocar a vida de Pearl em risco dirigindo na estrada.

Foi a aí que eu arrisquei a minha sorte, pois Bonnie, a minha secretária, me xingaria por um mês seguido, mas não houve alternativa senão ligar para ela e a acordar, para que ela providenciasse um helicóptero.

— Só para dois passageiros, pequeno o suficiente para pousar no jardim da casa de Hamptons — fui claro nas especificações — e... Bonnie, sei que estou em dívida com você, pois é uma madrugada de sábado, pode colocar na sua lista que te devo um imenso favor e não questionarei o que me pedir no dia em que você for cobrá-lo de mim.

Virei de um lado e de outro na cama, depois de encerrar a ligação. Eu sabia que dormir era a única coisa que eu não conseguiria fazer, portanto, fui para a sala de ginástica, no andar superior, fechei todas as portas com a esperança de não acordar a Pearl.

Quanto mais demônios eu desenterrava de dentro de mim, mais forte eram as minhas pancadas no saco de socos, mais peso eu levantava.

E quando finalmente Pearl apareceu na sala, carregando suas coisas dentro de uma das minhas malas, provavelmente escolhida por Abbey, eu já estava sentado no sofá, lendo o meu costumeiro NY Times, e todas as outras centenas de jornais on-line, pela insônia.

— Estou atrasada? — perguntou ela confusa.

— Não, eu acordei um pouco mais cedo para fazer ginástica — apontei o andar superior.

— Você é viciado em malhar — riu ela com o seu adorável jeito de menina.

Entretanto, tratei de me recompor. Ou eu tomava vergonha na cara ou tudo seria um desastre.

Peguei a mala de suas mãos e indiquei a ela que partiríamos imediatamente.

— Você não tem mala? — perguntou ela confusa ao ver que eu não levava nada comigo.

— Não, eu tenho roupas lá e Abbey já se encarregou de levar meu traje de festa.

E foi assim que pegamos um taxi até o hangar de onde partiríamos.

Foi durante esta madrugada que eu compreendi que, de uma forma ou de outra, Pearl sempre me tiraria o sono, por diferentes motivos, ela tinha surgido em

minha vida para a virar de pernas para o ar.



Capítulo 14

Maxwell

Chegamos de helicóptero em minha casa de veraneio ainda no início da manhã, mas o sol do verão já brilhava forte.

Pearl me confidenciara que nunca andara de helicóptero, algo bem diferente de avião, e senti sua mão quente segurando com força meu antebraço no momento da decolagem e pouso.

Recriminei-me por gostar, além do natural, de tê-la tão vulnerável perto de mim. Outra vez, não conseguia deixar de pensar na diferença de idade entre nós. Eu era um homem experiente e vivido, enquanto ela recém saíra da adolescência.

Isso me incomodava muito. Aquele molecote na boate me chamando de vovô mexeu ainda mais com o meu ego, óbvio que fora uma hipérbole de mau gosto, entretanto, mesmo colocando os pés no chão, ele tinha um fundo de razão.

Olhava para aquela adorável petulante e sabia que, apesar da inteligência, era ingênua sobre o mundo cruel em que vivia, mesmo considerando o sofrimento que experimentara ao tentar a travessia clandestina.

Eu precisava urgentemente encontrar o pai dela e providenciar para que tivessem um início de vida nos Estados Unidos sem percalços, desejava ajudar, mesmo temendo o dia em que ela partiria.

Resolvi guardar minhas preocupações para depois do fim de semana. Nada havia que eu pudesse fazer neste momento.

Ao pousarmos no jardim da casa, Abbe que viera no dia anterior, para ajudar na organização, já nos esperava acompanhada de um dos assistentes, que se encarregou da mala de Pearl, enquanto minha governanta nos levava até a varanda no segundo andar da mansão, virada para o mar cristalino não muito distante.

— Max me disse que vocês tomariam o café da manhã aqui, por isso preparei o desjejum na varanda — explicou envolvendo seu antebraço no de Pearl. Era interessante ver como ela se afeiçoara à garota tão rapidamente.

— Essa casa parece de filmes de Hollywood — espantou-se quando passamos pela enorme sala de estar e subimos a escada de mármore que dava acesso ao segundo andar.

— Ela está na família há três gerações, é uma pena que Max não a aproveite tanto — ralhou me olhando de soslaio.

— Você não vem para cá? — Pearl voltou-se para mim enquanto subíamos os últimos degraus.

— Muito raramente nesses últimos anos — desconversei. Na realidade eu não gostava de visitar aquela casa desde a morte de meus pais, mas o fazia

eventualmente.

— Foi um custo Rupert convencê-lo a dar a festa aqui, ao menos ele teve uma boa ideia — Abbey deixou transparecer seu sentimento de irritação em relação ao meu tio.

— Quem é Rupert? — perguntou uma curiosa Pearl.

— É o irmão de meu pai — respondi antes que minha governanta dissesse algo desagradável em desfavor dele. Até hoje eu não entendia de onde vinha tanta antipatia, algo que parecia ocorrer desde a época em que meus pais ainda eram vivos.

— Aqui estamos — Abbey abriu a porta de vidro dupla da varanda coberta, onde uma mesa retangular estava disposta com cadeiras em volta — Vou mandar trazer o desjejum — concluiu sorrindo e nos deixou a sós.

Pearl aproximou-se da balaústra e se apoiou nela observando a praia de areia branca e as ondas que morriam na margem.

— É lindo! — ela sorriu erguendo o rosto para que o sol acariciasse sua pele perfeita.

— Você nunca viu o mar? Digo, pessoalmente?

— Não, nunca tive a chance, temos algumas praias no Amazonas, na margem de rios, que geralmente aparecem na época da seca e somem na cheia — explicou — mas o mar mesmo eu somente conhecia de ver na televisão.

— Depois do desjejum podemos dar um mergulho — sugeri.

— Não vai atrapalhar sua agenda?

— Não, nós almoçaremos em um Clube de Golfe mais tarde, até lá temos a manhã livre — respondi pensando no valor exorbitante gasto para alugar o Hampton Hills Golf & Country Club^[38] para os convidados.

— Então, vou adorar colocar os pés na areia — ela sorriu para mim e senti-me feliz em poder realizar o tão pequeno desejo.

Tomamos o café da manhã apreciando a bela paisagem, sentindo a brisa marítima levemente salgada nos refrescando do calor que aumentava.

Abbey, prestativa, levou Pearl para o quarto de visitas para instalá-la e para que ela pudesse se trocar para ir à praia. A janela do aposento tinha vista para os fundos da residência, onde se localizava a enorme piscina e o jardim repleto de flores e árvores, um projeto paisagístico que fora um dos passatempos preferidos de mamãe, quando vínhamos nos finais de semana, e que agora começava a ser decorado com mesas, a piscina coberta por um piso de acrílico, além de um pequeno palco para a banda que tocaria durante a festa.

Fui até o meu quarto, ele ficava em frente ao do que um dia fora dos meus pais. Por um momento me detive em frente à porta dele, desde que faleceram eu nunca mais entrara naquele aposento repleto de lembranças felizes.

Pensei em arriscar entrar, mas recuei, ainda não era o momento certo. Sobre a minha cama, vi a mala que Abbey trouxera para mim já desfeita, o meu *smoking* para a festa e os trajes de golf, pendurados em um cabide no *closet*.

Aproximei-me da janela e entrei na sacada, observando o mar que cintilava.

“Teria sido uma boa ideia seguir com a comemoração?” — pensei observando os preparativos com seguranças circulando pelo terreno da mansão, funcionários de uma empresa de decoração descarregando seus furgões, sob a supervisão de Abbey que parecia estar em todos os lugares ao mesmo tempo, incansável em deixar tudo preparado para os convidados que chegariam à noite.

Ela pareceu saber que era observada e voltou o olhar para mim, percebi que digitava algo no celular e logo senti a vibração no meu bolso, com a chegada de uma mensagem.

“Deixe de ficar pensando no passado e vá entreter sua convidada, ela o aguarda na sala de estar”

Sorrindo, voltei para o quarto e me troquei colocando a sunga e por cima dela uma bermuda, além de chinelos e uma camiseta regata. Há quanto tempo não ia em uma praia? Afastei os fantasmas do passado e saí para encontrar a minha convidada.

Pearl se levantou constrangida do sofá onde estivera sentada, seus cabelos negros estavam presos em um coque, ela vestia saída de praia artesanal que escondia o que quer que estivesse usando por baixo. Assim como eu, calçava chinelos, em sua mão óculos escuros, o mesmo que usara no parque, na outra um chapéu de praia de aba longa, além de bolsa de vime.

— Abbey? — ri, referindo-me à sua produção.

— Abbey — concordou ela achando graça da minha suposição.

— Então não a decepcionemos, vamos para a praia antes que ela nos expulse daqui — ofereci o antebraço a ela que o aceitou e caminhamos em direção à orla.

Sentamo-nos sobre uma toalha que estendi sobre a areia branca e ainda encontramos um protetor solar na sacola que Abbey preparara.

— Ela pensa em tudo — brinquei enquanto Pearl esvaziava a sacola.

— Abbey me disse que você não passa protetor solar e me orientou a não o deixar sem, senão ficará vermelho como uma lagosta — avisou de forma séria.

— Muito bem, não vou desobedecê-las — retirei a camiseta e a bermuda ficando apenas com a sunga.

Controlei minha respiração quando senti a mão quente de Pearl espalhar o

protetor gelado em minhas costas. Seu toque era macio e delicado. Seu gesto inocente estava acabando comigo e relutante a aceitar, conclui que eu deveria ser mesmo um maníaco sexual, dada a minha falta de controle.

— Tudo bem? — perguntou Pearl, talvez sentindo minha tensão.

— Tudo, deixa eu apenas dar um mergulho, estou queimando debaixo do sol — brinquei e corri até o mar jogando-me na água gelada do Oceano Atlântico para baixar a minha excitação.

Dei algumas braçadas vencendo as ondas e boiei por um momento, quando percebi que era novamente senhor de meu corpo e não de meus instintos, voltei a caminhar em direção a arrebentação, onde Pearl me aguardava sem a saída de praia, deixando à mostra o maiô preto e elegante, que moldava suas curvas.

— Venha! A água está uma delícia — convidei-a.

Ela olhou indecisa para mim e para o mar e me recordei que ela nunca estivera na praia antes.

Aproximei-me dela e peguei sua mão, caminhamos juntos, as ondas se chocando contra nós, provocando gritinhos e risos de uma garota que parecia começar a se soltar, *saltando as ondas*, e fiquei observando-a se divertir como uma criança.

E era isso que ela era, se comparada comigo, uma criança, e para minha sanidade eu devia ignorar o que quer que fosse essa atração inexplicável que eu sentia.

— Cuidado! — gritei ao a tomar nos braços, protegendo-a de uma onda gigante.

Quando a água baixou ela ria de forma graciosa, com os braços em volta do meu pescoço.

— As ondas de rio não são tão fortes assim... — sussurrou, agora com sua

boca tão próxima a minha e seus olhos sem desviar dos meus.

Meu coração estava incrivelmente acelerado, escorreguei uma das mãos ao longo de suas costas desnudas até alcançar a curva da sua cintura. Achei que me afogaria com a falta de ar daquele momento, eu estava a três centímetros de perder a cabeça e um erro desses não teria volta.

Fechei os olhos, respirei fundo, ainda sentindo-me sufocado, desejava loucamente provar a sua boca, o sabor de seu beijo, mas a soltei lentamente até que seus pés voltassem a tocar a areia.

Ela ainda olhava para mim, no fundo dos meus olhos, não dizia qualquer palavra, parecia que se alimentava daquele silêncio que se formou entre nós.

O meu peito crescia ao se inflar de ar, ainda assim eu me sentia sufocado, até que ela colocou sua mão sobre o meu coração, sabia que ela podia senti-lo gritar, depois subiu os dedos pelo meu pescoço até alcançar o meu rosto e pousou o indicador sobre os meus lábios.

Voltei a fechar os olhos, aquilo tudo estava sendo demais para mim.

Seu coração pulsava firme e tão rapidamente quanto o meu, separados apenas pelos trajes de banho, nossos corpos moldavam-se com um encaixe perfeito.

Eu a desejava, demais!

Eu a desejava e me recriminava o tempo inteiro por isso, porque na minha cabeça eu estava errado, eu não podia fazer o que negava que queria. Toquei sua mão com delicadeza e a afastei de mim, ainda respirando fundo.

— É melhor voltarmos para casa ou chegaremos atrasados no campo de golfe — dei alguns passos atrás e comecei a caminhar em direção à areia, precisava recobrar a razão.

Talvez o ideal, após a festa, fosse sair com Alisson, juntos poderíamos saciar nossos apetites sexuais. De repente, era isso o que me faltava, uma boa

companhia, para uma boa sessão de sexo, pois eu não voltara a sair com ninguém depois do sexo no escritório.

De volta à mansão, Pearl entrou em seu quarto para se preparar juntamente com Abbey que viera nos receber, enquanto eu ia para o meu, angustiado, com pensamentos conflitantes, a culpa pesando sobre os meus ombros, sem noção alguma da merda que eu estava fazendo.

Após o banho, vesti calça e camisa polo, além de mocassins ideais para caminhar na grama, e desci para a sala onde aguardei minha hóspede. Não tardou muito e ela desceu usando um vestido simples, mas de extrema elegância.

— Vamos? — dessa vez evitei oferecer-lhe o braço, ou mesmo olhar diretamente para ela.

Eu precisava fugir daquele seu olhar, pois ele era a maior armadilha que eu poderia cair.

Sob a atenção de Abbey, que felizmente nada percebeu, saímos da sala e nos dirigimos para a garagem onde sempre mantínhamos um esportivo e uma SUV, ajudei-a a entrar no esportivo, que era mais baixo e após dar partida, acelerei saindo da mansão.

— Nunca tinha visto um carro desses, somente em filmes — ela elevou a voz para se fazer ouvir acima do ronco potente do motor.

— Eu adoro velocidade — ri acelerando mais um pouco.

Logo chegamos ao Hampton Hills Golf & Country Club, onde um manobrista se encarregou de estacionar o veículo. Vários dos convidados já tinham chegado, sabia disso pelo calibre dos carros que vira estacionados.

Na entrada, encontrei Rupert e Alisson que recepcionavam os convidados para o almoço que seria servido em breve.

— Max! — Rupert veio até mim — Você demorou! Alguns convidados especiais o estão aguardando para jogar golfe — avisou se referindo a três

megaempresários com quem tínhamos negócios importantes e três com quem pretendíamos ter, além de um príncipe de uma casa real europeia.

— E quem é esta jovem adorável? — sorriu Alisson após me cumprimentar.

— Pearl, minha hóspede brasileira — apresentei — Pearl, estes são meu tio Rupert e Alisson, uma diretora da minha empresa.

— Muito prazer, querida — Alisson sorriu de forma simpática.

— É uma bela jovem — Rupert a cumprimentou e algo no olhar dele me fez sentir vontade de esganá-lo.

Embora ele fosse meu tio, ele sabia que ela era a jovem leiloada no *Hell's Club*.

Por sorte, aparentemente, ela não o reconheceu, como poderia? Pearl deveria estar apavorada quando foi levada para aquele antro de depravação e durante o seu leilão, usávamos máscaras.

— Obrigada — agradeceu aparentando um pouco intimidada, mas logo voltou a assumir o seu jeito animado e petulante.

— Temos importantes investidores internacionais hoje, Max. Você precisa os conhecer. Muitos interessados em investimento em extração de níquel, cobre e principalmente representantes de bilionários buscando investir na extração de petróleo no país.

— Níquel e cobre podem ser boas opções, petróleo é um assunto político, não tenho interesse, Alisson. Espero que tenha colocado na lista os investidores do setor de tecnologia, serviços e saúde. A biotecnologia é o grande futuro.

— Claro, temos investidores e empresários destes setores também — confirmou a diretora — e estão ansiosos por o conhecer.

— Que tal se formos para o campo de golfe? — sugeriu Rupert.

— Eu posso levá-la até sua mesa — completou Alisson referindo-se a Pearl.

Considerarei que um pouco de distância faria bem para nós, mas não podia a deixar com Alisson e ainda não vira Vincent, talvez ele estivesse atrasado. Neste caso, eu não tinha muita escolha.

— Não precisa, ela pode me acompanhar — respondi — acho que você nunca viu uma partida de golfe, estou certo? — voltei-me para uma Pearl mais aliviada.

— Nunca...

— Ótimo, então vamos — decidi e saímos deixando Alisson para trás, enquanto Rupert nos seguia.

Encontrei os empresários e o príncipe europeu em um bar debaixo da sombra de uma árvore, no início do campo. Alguns funcionários do clube aguardavam em pequenos veículos utilizados para a locomoção na grama, carregando as sacolas com diversos tipos de tacos, em um deles estavam os meus, não que eu fosse um jogador exemplar, aprendera aquele esporte apenas para acompanhar alguns empresários e políticos com quem fazia negócios.

Cumprimentei os cinco homens e para minha surpresa uma mulher, a presidente de um banco de investimentos.

— Senhorita Blair, não sabia que jogava golfe — cumprimentei-a.

— Meu pai costumava jogar profissionalmente e acabei me apaixonando pelo esporte, espero que não se importe em me intrometer nesse *Tubby Tompkins Club*^[39] (*clube do Bolinha*) — riu referindo-se a um personagem de história em quadrinhos criado nos anos trinta, que possuía um clube onde eram proibidas as meninas.

— Claro que não, será um prazer. Também trago comigo uma *Little Lulu* (*Luluzinha*) — sorri e apresentei Pearl para todos.

— Que bela moça — cumprimentou o príncipe Phillipe, beijando galantemente a mão de Pearl, o que me fez ter vontade de lhe enfiar um taco de golfe goela abaixo.

Phillipe era membro da antiga família real romena. Apesar da monarquia não existir mais em seu país, a família ainda usava os títulos nobiliárquicos. Ele não passava de um *playboy*, *bon-vivant*, mas tinha seus méritos como investidor internacional.

Outra vez senti-me um idiota. O que é que eu estava fazendo? Tentei relevar a situação e logo estávamos caminhando pelo campo fazendo nossas jogadas, com os carrinhos nos seguindo.

Em meio a conversa de negócios, consegui também dar um pouco de atenção à Pearl, que parecia se divertir, tentando entender as regras do jogo, entre minhas breves explicações e suas próprias observações.

— Uma partida consiste em uma progressão de dezoito buracos. Mas hoje, como me atrasei, jogaremos nove, isso dá uma rodada média de duas horas. Cada buraco inclui uma área de terreno inicial e uma área final, na qual se encontra o buraco propriamente dito. Entre as duas áreas existem diversos tipos padronizados de terreno e obstáculos e cada buraco possui uma configuração única — expliquei após dar uma tacada longa — estamos jogando *stroke play*, onde o vencedor é definido pelo menor número no somatório das tacadas.

No meio da partida, um carrinho se aproximou e freou bruscamente tirando a concentração do príncipe, o que me fez sorrir mentalmente, afinal, ele estava em primeiro lugar e claramente se exibindo, não sei se para a CEO do Banco, ou se para Pearl.

— Vincent! Seu *carcamo*, você atrapalhou o príncipe — ralhei tentando conter o sorriso.

— Perdão, vossa alteza — fez uma mesura irônica tendo ao lado dele a doutora Elisabeth — pensei em vir salvar esta bela jovem desse jogo chato —

voltou-se para nós sentindo-se o salvador da pátria.

Pearl me encarou indecisa. O sol estava forte e realmente o jogo era monótono para quem não o jogava. E ainda havia a médica, namorada de Vincent, como brasileira elas poderiam conversar mais.

— Aproveite, vá com ele — sorri a incentivando — o jogo não deve demorar muito.

— Está bem — concordou e se sentou no banco de trás do carrinho.

— *Arrivederci signores, signora!* — despediu-se Vincent e acelerou o carrinho de volta à sede do clube.

— Se terminaram com o resgate que acabou por me sabotar, talvez possamos voltar ao jogo e aos negócios — disse Phillipe aparentemente de mau-humor.

Perla

— Está tudo bem? — perguntou-me Beth quando voltamos para a área que estava sendo preparada para o almoço.

— Sim, é só que, este não é exatamente o tipo de evento que estou acostumada — não era de todo mentira, mas o breve momento que eu havia vivido com Max na praia não me saía da cabeça.

Se ele tivesse me arrematado no leilão por algum interesse sexual, já teria feito arriscado alguma ousadia, mas jamais fora capaz de insinuar qualquer coisa, até aquele momento, e não fora algo sujo, nojento, fora só um momento, mútuo, um flerte íntimo, intenso.

E então, ele deu um passo atrás.

Ali na praia, se fora eu que o provoquei, ou ele que se deixou levar pelo

clima entre nós, eu não saberia dizer, mas estaria mentindo se negasse que houve algo ali.

Também estaria mentindo se negasse para mim mesma o fato de que ele me atraía, pois a forma como me tratava, era especial, só que não era só isso.

Era como eu me sentia quando ele estava perto de mim. Como eu percebia o calor emanar de seu corpo, contagiando o meu, fazendo-me respirar diferente quando ele estava ao meu lado ou como o frio percorria o meu abdômen até o baixo ventre quando ouvia a sua voz.

Agora ele dera um passo atrás e eu tinha medo de que tudo entre nós estivesse estragado. Eu não queria deixá-lo. Não por ele ter me abrigado, por eu ter o que comer, o que vestir... eu não queria deixá-lo pois a ideia de não estar perto dele fazia com que eu me sentisse vazia.

— É normal sentir-se assim em festas como essa — riu Beth ao me puxar para nos sentarmos em um banco de madeira sob a sombra de uma árvore, enquanto Vincent fora buscar alguns refrescos para nós — este também não é o tipo de evento com o qual eu esteja acostumada, mas o segredo para não se sentir mal em lugares assim é não se deixar intimidar.

— Eu me comunico mal, não posso falar sobre as minhas origens, não faço ideia de como é a vida neste país, salvo o que vejo nos filmes e li nos livros.

— Pense de outra forma, Perla. O primeiro diferencial que você tem com a maioria dos convidados deste evento é justamente a língua. Eles falam somente inglês e você, apesar de ainda não ter a desenvoltura desejada, pode comunicar-se com todos na língua deles, além de saber a sua própria. É o seu primeiro diferencial.

— Eu não tenho uma profissão...

— Aos dezenove anos eu também não tinha uma — a doutora voltou a rir — não apresse a sua vida. Aproveite que Max a apoia e enxergue isso como uma oportunidade.

— Mas eu não quero que ele pense que só me interesse pelo que ele pode me dar. Porque queria dar algo a ele em troca também.

— Tenho certeza de que ele não se importa com isso, pois ele te enxerga como você é.

— Mas eu me importo e vou além...

— Ah, aqui está você! — fomos interrompidas pela diretora da empresa de Max — Pearl, não é? A convidada de honra do aniversariante.

— Sim... e você... — tentei recordar-me do nome dela, mas ele me fugira completamente.

— Então, conte-me tudo, aposto que Max aceitou hospedá-la pois você deve ser filha de algum magnata brasileiro! Ah, claro, deve ter sido aceita em Columbia! O que veio estudar? Economia de países subdesenvolvidos? — ela falava tão rápido que eu não era capaz de compreender e olhei para Beth em busca de auxílio.

— É somente uma viagem de turismo, como se fosse um rápido intercâmbio — respondeu a médica mais pausadamente, para que eu fosse contextualizada do que estava acontecendo.

Aproveitei para pegar o celular na bolsa e habilitei o aplicativo tradutor, tamanha era a velocidade que a mulher jogava as palavras, além de fazer uso de expressões mais complexas.

— Claro, é verdade, agora recorde-me que Max avisou que ela veio da selva, talvez tenha vindo conhecer do que se trata uma verdadeira civilização — riu a mulher e senti maldade em seus olhos — Jeremy! Jeremy! Corra aqui, temos uma verdadeira nativa da floresta amazônica! Tire-me uma dúvida, vocês costumam mesmo andar nus, pintar os rostos e brincar nos cipós como os macacos? — e dessa vez eu tive certeza de que ela estava debochando de mim.

— Já basta! — Beth imediatamente intercedeu, felizmente antes que

houvesse qualquer aglomeração em volta de nós.

— E você, quem é?

— Alisson, já basta — Vincent também se aproximou de nós, colocando algumas bebidas sobre o banco onde estávamos sentadas.

— Tudo bem, Vince — Beth continuava tomando a frente da discussão — eu sou a doutora Elisabeth Cluther Costa, cirurgiã-cardíaca, faço especialização no New York-Presbyterian Hospital, acho que você conhece as empresas Avelar, um relevante conglomerados farmacêutico, que por sinal pertence à minha mãe...

— Eu... — percebi que a mulher gaguejava, aparentemente surpresa.

— Assim como Perla, eu também sou brasileira, e não, a população do Amazonas não costuma andar nua pela floresta, a não ser que sejam tribos indígenas não adaptadas à civilização, para a sua informação, o Brasil é um país continental que não se resume apenas a carnaval, futebol e floresta.

— Eu... — a mulher agora estava com o rosto vermelho.

— Acredito que esta conversa acaba por aqui. Jeremy, não é? — voltou-se para o homem que tinha se aproximado de nós — Por favor, leve Alisson daqui. A não ser que ela precise de algum atendimento médico, ela não é bem-vinda perto de Pearl.

— Tudo bem, vamos sim Jeremy, esses latino-americanos são muito temperamentais. Vincent, prazer em revê-lo.

— *Mamma mia, principessa!* — ele deu um beijo estalado na boca de Beth — Eu sempre quis colocar Alisson em seu devido lugar — caiu na gargalhada e depois voltou-se para mim — não ligue para isso Pearl, ela é assim mesmo, inconveniente. Coloque um sorriso no rosto — apertou a minha bochecha como se faz com uma criança.

— Obrigada Beth — estava feliz por a ter por perto para me defender e a médica sorriu para mim, ao mesmo tempo que Vince ofereceu a ela uma taça de

espumante.

— E para você, uma garrafa de água! — entregou-me como se também achasse que era um prêmio de consolação e recebeu a minha careta.

— Água fará bem para você — foi apoiado por Beth — não podemos permitir que fique desidratada, está fazendo muito calor. Tem tomado as suas vitaminas?

— Sim, todos os dias, todas elas.



Capítulo 15

Maxwell

Voltei da partida de golfe com boas perspectivas de negócios.

Após a saída de Pearl, as conversas se tornaram mais sérias e ao final havia conseguido estreitar os laços com CEOs chave para futuros investimentos.

O clube havia montado enormes tendas na grama, onde mesas decoradas com toalhas brancas e cadeiras estofadas estavam espalhadas com muitos convidados sentados ou em rodinhas em pé, enquanto garçons uniformizados circulavam equilibrando bandejas e servindo os mais variados tipos de bebidas e canapés.

De bom humor, apesar de ter ficado em último lugar na classificação, aproximei-me da mesa onde Pearl estava sentada na companhia de Vincent e Elisabeth, após ser detido por vários dos convidados que me parabenizaram por meu aniversário.

Diretores de minha empresa circulavam também entre os convidados, prospectando novos negócios ou simplesmente estreitando os laços com nossos associados. Infelizmente, o mundo dos altos negócios era também feito de aparências e uma festa como a que Rupert e Alisson, com a ajuda das inestimáveis Bonnie e Abbey, organizaram, mostrava nosso nível de poder.

— Finalmente! — riu Vincent — Parece que somente vão servir o almoço com sua presença — apontou para a comprida mesa retangular onde garçons, sob a supervisão de um *chef* de cozinha, começavam a organizar travessas sobre pequenos fogareiros portáteis.

— Vê se não amola, seu *carcamano* morto de fome — ri sentando-me ao lado de Pearl.

Voltei meu olhar para ela, a jovem parecia um pouco tensa com Elisabeth ao seu lado, mesmo assim me sorriu.

— Tudo bem? — perguntei a ela.

— Tudo bem — respondeu apertando minha mão que estava em cima da mesa.

Ergui uma sobrancelha para o meu amigo e a médica, mas eles balançaram a cabeça negativamente de forma quase imperceptível.

— Venha Perla, vamos primeiro pegar nossos pratos, os homens podem ir depois de nós — convidou Elisabeth pegando a jovem pela mão e a levou até a mesa de refeições onde convidados já se aglomeravam no estilo *buffet* e eram servidos pelos garçons.

— O que aconteceu? — perguntei para Vincent.

— Nada tão sério, a Alisson deu uma esnobada em Pearl, mas Elisabeth resolveu o assunto — deu de ombros meu amigo — você sabe como sua diretora, às vezes, pode ser arrogante, e para uma garota do interior do Brasil, ela pode parecer meio intimidadora.

— Merda — grunhi procurando Alisson pelo local e a avistei em meio a um grupo de investidores conversando animadamente, ela pareceu sentir meu olhar e ergueu o copo de *espumante* em minha direção com um sorriso.

— Melhor você resolver isso na segunda-feira, Pearl pode ficar ainda mais chateada se ver que você discutiu com Alisson por causa dela — sugeriu Vincent.

— Pode deixar — respondi entredentes, controlando minha irritação.

E se antes eu havia cogitado a possibilidade de retomar o casual com ela, para aliviar a minha tensão, a diretora tinha acabado de colocar um ponto final só com o pouco que Vincent me contou.

Onde que eu estava com a cabeça? Não ia rolar nem com a Alisson e nem com a Pearl.

— Venha, vamos até as garotas, não sei você, mas eu estou faminto.

Segui meu amigo e servi meu prato com alguns tipos de carnes e saladas, voltamos para a mesa e almoçamos em meio a uma conversa amena sobre o clima e o local.

Não pude dar muita atenção para Pearl, pois era constantemente interrompido por convidados que vinham até minha mesa me parabenizar, ou por Rupert que me chamava a todo o tempo para me apresentar alguém importante, o que foi bom, pois qualquer coisa que me permitisse esfriar a cabeça, por conta do nosso episódio na praia, era bem-vinda.

Alisson parecia ter percebido meu constante olhar de irritação para ela, pois me evitava e não voltamos a nos falar.

Ao final do evento, quase dezessete horas, ainda tive que fazer um

discurso improvisado agradecendo a presença de todos e os convidando para a festa complementar, que eu ofereceria em minha mansão a partir das vinte e duas horas.

Voltamos na companhia de Vincent e da médica, já era esperado que eles passariam a noite conosco em minha casa. Isso seria bom para mim e Pearl. Para mim por poder dividir a atenção dela com alguém. Para ela por ter uma companhia com mais liberdade para conversarem em sua língua nativa, principalmente por causa do incidente com Alisson mais cedo. Embora, aparentemente, ela houvesse superado o desconforto inicial e aproveitado o almoço, chegando inclusive a rir das piadas sem graça do inconveniente príncipe Phillipe.

Por sorte, Vincent o expulsara com seus comentários mordazes, poupando-me o trabalho de me indispor com um possível investidor e associado, pois ao vê-lo encantado por Pearl, novamente senti algo frio e selvagem se contorcer dentro de mim, um sentimento inexplicável que a minha mente racional criticava, mas meu lado emocional parecia ansiar.

Com alívio, deixei uma Pearl sorridente na porta de seu quarto e fui para o meu, delegando à Abbey a tarefa de alojar Vincent e Elisabeth, que tinham grandes expectativas em dividir o quarto.

Perla

Ainda um pouco nervosa por ter que enfrentar mais um turno de festa, meu único alívio era que Vincent e Beth estariam comigo. Era para eu ter tentado descansar um pouco, mas não fui capaz de fechar os olhos por um segundo sequer.

Beatriz havia me enviado um e-mail com algumas perguntas sobre os *coyotes* que nos auxiliaram na travessia, disse ela estar seguindo uma pista que poderia nos dar algumas respostas.

Ramón, jamais me esqueceria de seu olhar frio, o bigode arredondado com cavanhaque e os cabelos negros e lisos, olhava-me sempre com desprezo e luxúria.

Expliquei a ela que existiram vários *coyotes* ao longo do processo, alguns que só negociaram com o meu pai. Os do Brasil, que faziam a ponte com os mexicanos, eu jamais soube quem eram, os ditos *Local* e *Recrutador*, mas o *Cobrador* era uma mulher, Melinda, recordo-me bem dela, uma senhora com a idade aproximada de meu pai, áspera e grotesca, contou cada nota de dólar na nossa frente para garantir que não faltava um centavo qualquer.

Seu filho Raul *el Viajero* nos levou até a fazenda onde nos esconderíamos nas barracas até o dia da travessia. Ramón era o *Guia*, seu papel era garantir a cruzada e nos entregar aos *Raiteros* que eram os policiais norte-americanos.

Gastei uma hora escrevendo aquela resposta com o máximo de detalhes que eu tinha, usando o celular. A esta altura eu faria qualquer coisa que pudesse me ajudar a encontrar papai.

Depois tomei um banho, Abbey tinha escolhido o vestido que eu deveria usar, mas, eu ainda tinha uma última missão: parabenizar Max antes do início da festa.

Vesti uma roupa qualquer, peguei o presente de Max e criei coragem para bater na porta de seu quarto. Não era nada especial, eu não tinha dinheiro para comprar um presente de verdade, recusara-me a pegar emprestado de Abbey e mesmo que eu aceitasse sua oferta, o que poderia dar a um homem que já tinha tudo?

Voltei a bater na porta só então ouvi:

— Está aberta!

Girei a maçaneta para a abrir lentamente e dei de cara com Max de bermuda, cabelos ainda molhados revoltos, com a toalha em volta do pescoço.

Por um momento perdi a fala, eu já o tinha visto em trajes menores, lá na praia, por exemplo, mas dessa vez a cena parecia íntima. Eu podia sentir o perfume de seu sabonete ali mesmo de onde eu estava, os cabelos molhados pelo banho davam-me pensamentos pecaminosos de coisas que não imaginava nem como se faziam e foi o meu silêncio que o fez aproximar-se um pouco mais.

— Está tudo bem? — perguntou ele ao deixar a toalha sobre a cama, antes de vencer o resto da distância entre nós.

— Sim... — elevei o olhar e o encarei, tentando não fraquejar — eu ainda não pude te dar os parabéns. Também queria te dar um presente.

Foi quando ele sorriu de uma forma tão carinhosa.

— Você sabe que não precisava se preocupar com isso, não sabe?

Movimentei a cabeça em sinal afirmativo e entreguei a ele um papel enrolado como um pergaminho, amarrado com uma fita de seda.

— Não é nada especial, eu jamais saberia o que dar de presente a alguém como você, mas essa foi a ideia que eu tive.

Ele pegou o canudo de papel nas mãos e antes de o desenrolar, esticou os braços para um abraço.

Outra vez eu senti-me no paraíso, no calor de sua proteção, seu corpo vivo colado ao meu, nossos corações dançando juntos a um ritmo que provavelmente só eu conhecia, mesmo sem compreender. Não sei quanto tempo ele durou, foi longo demais para um simples abraço de praxe, curto demais para saciar o meu desejo de ficar ali perto dele sentindo o seu corpo trocar energia com o meu.

Foi lentamente que ele começou a me soltar e eu olhei direto em seus olhos, outra vez seu peito inflava com a respiração fora de ritmo. Eu queria beijá-lo. O meu desejo de sentir o seu gosto em minha boca era mais forte do que eu, mas, por mais que eu sentisse seu corpo se alterar perto de mim, Max não se moveu, ele não quis atravessar aquela barreira comigo.

— Vamos ver o que temos aqui — disse ele tentando trazer o tom de voz de volta ao normal, após limpar a garganta, e deu um passo atrás, enquanto eu recusei-me a sair do lugar.

Prestei atenção em cada um dos seus movimentos. Ele tentava regularizar a respiração obrigando-se a se concentrar no presente, como se abrir um laço fosse a tarefa mais difícil do mundo, até que começou a desenrolar o papel.

— Pearl... — arregalou os olhos sem parar de estudar o desenho que eu fizera para ele — esse sou eu...

— Minha mãe aprendeu a pintar quando criança, uma arte que me ensinou também. Eu não tinha nenhum material especial, mas peguei uma folha da sua impressora e achei um lápis comum no seu escritório.

— É lindo — permanecia admirando aquele agrupamento de rabiscos alinhados e sombreados em grafite.

— Eu decorei os seus traços, fecho os olhos e sei cada uma das linhas do seu rosto.

Ele deu mais um passo atrás e só dessa vez olhou para mim.

— É um belo trabalho, estou impressionado... — E outra vez o silêncio se fez reinar entre nós.

Confusa com a sua reação dei um sorriso melancólico.

— Fico feliz que tenha gostado — quebrei nosso silêncio quando ele pareceu tomar consciência de si mesmo, colocando um sorriso no rosto.

— Muito obrigado, mesmo, o retrato é lindo! Vou mandar emoldurar — completou e com um rápido e paternal beijo no topo da minha cabeça, foi até a mesa onde havia um notebook desligado e colocou o desenho sobre ele — agora acho melhor nos arrumarmos, não é? Nos vemos lá embaixo?

E foi quando me senti sendo convidada a me retirar de seu quarto, mesmo

ele não tendo dito mais nenhuma palavra.

Max me confundia, já não sabia mais o que pensar.

Maxwell

Desci para a sala já quase em cima da hora combinada com a equipe organizadora.

Eu tinha tirado um cochilo, estava exausto da noite sem dormir e quando achei que aquele rápido descanso me deixaria revigorado, Pearl fora me visitar em meu quarto e a minha inquietude voltava a me assombrar.

Ao contrário de meu amigo, que provavelmente aproveitara as horas antes da festa para outras atividades típicas para novos casais, eu me condenava por ter desejos que não deveria ter.

Fora difícil relaxar depois disso, a visita inesperada com aquele presente singelo, mas que conseguiu me emocionar, seu corpo de encontro ao meu peito quando a abracei, seu perfume, os olhos brilhando de expectativa, tudo conspirara para me abalar. Por muito pouco eu não a beijei ali e sabia que se eu fizesse isso e fosse correspondido, provavelmente acabaríamos ultrapassando uma fronteira de onde não teria volta.

Eu não podia ser esse inconsequente que vinha sendo em pensamentos!

Sentia-me um crápula, um aproveitador, aquela jovem precisava de apoio e ajuda, não de alguém mais velho que a seduzisse para levá-la para a cama, ainda que agora temesse não ser capaz de a deixar partir.

Com tanta coisa na cabeça, ainda tinha que me fazer de sociável em uma festa a rigor, de *smoking*, em plena cidade praiana.

Estranhei o vazio da sala, embora souber que havia alguns convidados do lado de fora, ao som da discreta banda. Ouvi a música sem interesse, meu olhar

constantemente se voltando para o topo da escada que dava acesso ao segundo andar, na expectativa de ver Pearl, mas quem apareceu foi Vincent, ajeitando a gravata de seu *smoking*.

— Parece que o final de tarde foi interessante para você — cumprimentei o meu amigo quando ele chegou ao fim da escada.

— Maravilhoso — suspirou mantendo um sorriso bobo nos lábios.

— E onde está a responsável por esse sorriso idiota?

— Elisabeth está com Abbey preparando aquela pequena e encantadora mulher que você teima em chamar de menina — riu e caminhou até o sofá se esparramando nele.

Bufando de impaciência, sentei-me em uma poltrona que dava visão para o topo da escadaria.

— Ei, Reed — Vincent chamou minha atenção — Pearl não vai fugir pela janela, dá para você relaxar?

— Não me amole — fiz um gesto de desdém para ele.

— Cara, você parece um adolescente...

— Olha quem fala! Você que parece um tolo que não pode ver a doutora Elisabeth que coloca a língua para fora como um cachorrão faminto vendo um osso suculento.

Vincent riu alto, ele não se importava com minhas observações mordazes, nada parecia atingir seu bom-humor.

Ouvi risos e voltei o olhar para o topo da escadaria, Abbey e Elisabeth desciam os degraus, tendo Pearl entre elas, levantei-me de supetão da poltrona e ouvi o deboche discreto de meu amigo, mas não consegui tirar o olhar daquela linda brasileira amazonense.

Ela estava magnífica, usava um longo vestido de festa de cor creme que

combinava com a cor indecifrável de sua pele, um decote simples, mas insinuante, deixava à mostra o colo de seus seios, conforme ela descia os degraus a fenda que havia na lateral revelava um *sexy* par de coxas torneadas.

Seus cabelos estavam presos em um penteado elegante, a discreta maquiagem realçava a bela cor de seus olhos e os lábios rubros, ela percebeu meu olhar e sorriu para mim.

Como um estúpido moleque ansioso me vi transpirando debaixo da camisa social e senti que precisava de um uísque urgentemente.

— O que achou? — perguntou ao chegar ao fim da escada, com o olhar que quase alcançava os meus — Abbey e Elisabeth me ajudaram a me preparar, nunca usei um vestido de festa como esse. Eu o achei lindo!

— Você está simplesmente deslumbrante — peguei sua mão galantemente, onde depus um suave beijo, ouvindo novamente o riso de deboche de meu amigo.

— Obrigada — agradeceu e percebi que ela corava.

— Já temos convidados? — perguntou Abbey.

— Parece que sim — respondi sem desviar os olhos de Pearl.

— Então, parece que o meu trabalho começa aqui, se me dão licença, vou verificar se está tudo certo — disse e se afastou com passos rápidos.

— Então? — meu amigo continuaria me provocando durante toda a festa, sabia disso — Ficaremos a noite inteira aqui nessa sala ou vamos para o jardim?

— Claro, claro — respondi ainda meio aturdido e ofereci o antebraço para Pearl, que o segurou delicadamente enquanto caminhávamos em direção à área externa.

Perla

Assim que adentramos o jardim, onde as mesas haviam sido dispostas e toldos cobriam uma parte delas, um aglomerado de pessoas se formou ao redor de Max e os *flashes* de uma dupla de fotógrafos começavam a brilhar na noite.

É claro que seria assim, ele era a estrela da festa!

Antes que fosse totalmente monopolizado pelos engravatados, Max passou a mão suavemente pelo meu rosto, beijou a minha testa e sussurrou para que só eu pudesse ouvi-lo:

— Vincent cuidará de você enquanto eu estiver ocupado.

Senti-me um pouco mal por estar dando tanto trabalho para eles. Mesmo assim, Beth e Vince me puxaram para um canto, enquanto Max dividia a sua atenção entre os convidados que já estavam presentes e os que aos poucos começavam a chegar.

Alguns rostos eram os mesmos do campo de golfe, outros eram novos.

— Max ficará com alguns investidores, mas Abbey foi taxativa quando avisou à organização que o seu assento deveria estar marcado junto ao nosso — disse Beth que me levou com eles para ocuparmos a mesa.

— Não conhecemos muitas pessoas, não somos do meio empresarial, portanto não fará diferença se dessa vez não nos socializarmos com eles — completou Vince ao pedir ao garçom uma taça com suco para mim e espumante para Beth e ele.

— Uma foto? — fomos interrompidos por um fotógrafo.

— Claro, por que não? — riu ele me puxando para perto, assim como Elisabeth, ficando entre nós duas.

O flash disparou por três vezes até que o fotógrafo se deu por satisfeito.

A festa estava animada, Max, sempre que conseguia se livrar dos convidados, que o cercavam constantemente, passava na mesa onde estávamos

sentados. Eu me sentia constrangida, parecia que estava *segurando vela*, como dizíamos no Brasil, quando eu via o amoroso casal de médicos jogando sorrisos um para o outro. Obviamente eles teriam preferido um pouco de privacidade, não era para menos.

O local começou a encher muito rapidamente. Bebidas e canapés eram servidos. O entretenimento ficava a cargo de uma banda que tocava animadamente em um canto do jardim. Casais dançavam em um tablado de madeira ao ar livre.

Em certo momento Vince convidou Beth para dançar na pista que não estava longe de nossa mesa.

— Não, Vince — riu da insistência — não podemos deixar Pearl sozinha.

Senti meu rosto corar, eu definitivamente estava estragando a diversão do casal.

— Por favor, Beth, vá dançar com Vincent, senão ele não vai te dar sossego, além do mais, parece que em breve vai chover — ri tentando parecer descontraída, apontando para as nuvens que escondiam a lua — prometo que me comporto direitinho, não vou sair da mesa.

Beth me encarou ainda em dúvida.

— Certo, estaremos logo ali — decidiu apontando para a pista — vai ser apenas uma dança.

Vincent abriu um sorriso e saiu puxando a médica pela mão.

Suspirei observando-os passo a passo até se misturarem na multidão e depois dançando uma música lenta, faziam um belo par. Peguei-me pensando se um dia Max seria capaz de me tirar para uma dança como essa, mas essa era uma fantasia idiota, estava claro que éramos de mundo diferentes.

— Eu não conheço a senhorita? — ouvi uma voz levemente embolada, quase me impedindo de entender.

Voltei meu olhar para o dono da voz, era um homem baixo e obeso, seus olhos estavam úmidos e possuía um nariz repleto de veias.

— Sinto muito, acredito que não — tentei ser cortês e olhei novamente para a pista de dança e depois para Max cercado de homens e mulheres entretido em uma conversa.

— Rudholf, ela é a convidada de honra de nosso aniversariante — voltei novamente o olhar e encontrei Alisson me encarando com um sorriso divertido, segurando uma taça na mão.

— Notícias correm e soube que ele a resgatou em um clube privê.

Senti meu rosto arder de vergonha e lágrimas ameaçaram aflorar em meus olhos, mas respirei fundo para me recompor, eu não daria esse gosto a ela.

— É isso! Por esse motivo acho que a conheço, você é a virgem da floresta amazônica! — o homem guinchou como um porco — Eu estava lá, até dei um lance.

Arregalei os olhos perplexa! Quantos dos presentes frequentavam aquele mesmo lugar imundo onde Max havia me encontrado? Quantos espalhados pelo jardim sabiam quem eu era e agora debochavam de mim? Com quantos deles Max conversava a meu respeito?

— Oh! Quer dizer que Max anda comprando prazer? — vi os olhos de Alisson se arregalarem, mas ao invés de haver o espanto em sua face, percebi a recriminação e o sarcasmo — Você é o novo brinquedinho sexual de Max? Desde quando ele tem interesse por aborígenes^[40]?

— Com licença... — tentei ser educada, mas encarei a ambos com ódio enquanto me levantava.

— E ela tem modos! — Alisson ainda riu — Não se apegue muito a ele ou a esta vida de luxo, querida, ele não é de manter relacionamentos duradouros e assim que se cansar vai te largar em um centro de imigrantes — completou com

maldade enquanto eu saía correndo.



Capítulo 16

Maxwell

Finalmente consegui me livrar dos convidados que Rupert ficava levando para me cumprimentar e conversar sobre investimentos.

Minha vontade era de fugir dali e tirar a Pearl para dançar, mas eu não podia fazer isso. Existia uma grande confusão dentro de mim e isso só pioraria a situação. Quanto maior a minha certeza de que eu precisava ficar longe dela, mais difícil era não a procurar com o olhar.

Aproximei-me da mesa e ela havia sumido, ali vi apenas um empresário de uma indústria de mineração conversando com Alisson.

— Onde está a minha hóspede? — perguntei aos dois.

— Não sei, Rudholf estava puxando conversa com ela e resolvi vir ajudar, afinal ela não conhece bem a língua e não sei se tem traquejo social para um evento desta magnitude, mas ela foi embora. Aliás, você tem certeza de que ela tem idade para estar aqui, Max?

Fulminei-a com o olhar, mas antes que eu respondesse fomos interrompidos pelo empresário que estava parcialmente bêbado.

— A virgem, você pagou caro por ela, espero que tenha valido a pena, se quiser recuperar uma parte de seu investimento pode me vendê-la, não me importo que ela não seja mais virgem, ainda continua sendo carne nova e suculenta — riu de forma desagradável colocando a mão em meu ombro.

Senti o sangue ferver e parecia que tudo se tornara vermelho em minha frente. Agarrei a mão do homem e a torci o afastando de mim.

Ele me olhou surpreso e antes que dissesse algo desferi um cruzado de direita em seu rosto, ele virou duas vezes em volta do próprio eixo como um pião e desabou no chão, após cair em cima da mesa, espalhando as taças e o vaso decorativo.

— Max! — espantou-se Alisson se ajoelhando para ajudar o imbecil.

— Ei, cara, o que aconteceu? — Vincent e Bia se aproximaram vindo correndo da pista.

— Onde está a Pearl?

— Ela ficou aqui por alguns minutos, só para dançarmos uma música...

— Eu vou atrás dela — saí com passos apressados sem me importar com o murmúrio e olhares espantados dos convidados.

Procurei por toda a mansão, mas não a achei, voltei para o jardim, o empresário não estava mais à vista, nem Alisson.

— Procuramos por toda a propriedade, mas não a encontramos — avisou meu amigo que parecia se sentir culpado — foi por apenas uma dança, insistiu.

— Isso não faz diferença agora, o importante é achá-la!

— Max! O que aconteceu? Uma *hostess* me avisou que Perla passou por ela chorando e correndo em direção à saída! — era Abbey que se aproximara com uma expressão severa.

Antes que eu pudesse dar atenção a ela, um aglomerado voltava a se formar ao meu redor.

— Que diabos aconteceu? — Rupert se aproximou com ar irritado — você socou um empresário com quem vínhamos negociando há meses! Por sorte, para evitar tumulto, dissemos que ele caiu por ter se excedido na bebida. Alisson está com ele tentando evitar um escândalo maior.

— Acabou a festa! — elevei a voz por impulso.

— Está louco? Isso pode prejudicar a imagem das empresas, é um prato cheio para a mídia, primeiro passo para um escândalo! — advertiu Rupert segurando meu antebraço.

— Faça o que tiver que fazer, Rupert, diga que eu passei mal, que explodiu uma bomba atômica em Nova Iorque! Mas quando eu voltar quero a minha casa vazia! — irritado, soltei meu braço de sua mão com um repelão.

Entrei em um veículo que estava na garagem, por sorte a chave ficava em uma gaveta na bancada onde eu guardava algumas ferramentas automotivas.

Acelerei em direção ao portão, onde dois seguranças garantiam que não entrassem repórteres ou outros curiosos.

— Vocês viram minha hóspede? Ela está usando um vestido longo de cor creme.

— Ela seguiu correndo naquela direção, senhor, ainda perguntei se eu

podia ajudá-la, mas ela me ignorou — respondeu um deles apontando para o lado direito da estrada, que corria paralela à orla, mas sem vista para o mar.

— Obrigado — agradei e me coloquei na direção apontada.

Dirigi lentamente, observando não apenas a calçada que margeava as casas de veraneio, mas também as ruas perpendiculares. A noite estava escura, o céu encoberto de nuvens, o vento forte soprava entrando com violência pelas janelas abertas do carro, indicando que uma tempestade estava se aproximando.

Na linha do horizonte eu via relâmpagos cruzando o céu, onde eles se encontravam com o mar.

— Inferno, Pearl! — reprimi meu tom de voz com o rosto quase fora da janela.

Senti uma gota grossa me atingir e logo em seguida a chuva desabou torrencialmente, diminuindo a visibilidade, o que me obrigou a reduzir ainda mais a velocidade do veículo.

O desespero aumentou e ao fazer uma curva freei bruscamente e saí do carro. Caminhando pela calçada, mais à frente, avistei-a com o vestido enxarcado, já colado em seu corpo, os cabelos estavam soltos e ela carregava as sandálias na mão.

— Pearl! — corri até ela.

Ela deteve-se por um segundo, virou-se em minha direção e me encarou, seu corpo tremia de frio, tentei me aproximar, mas ela me empurrou forçando a palma da mão em meu peito.

— Se você ia dizer para todos que me comprou, ou se sua intenção fora me colocar frente a frente com os frequentadores daquele clube nojento, por que simplesmente não cobrou por sua *mercadoria* e me deixou partir? — lágrimas escorriam de seus olhos se misturando à água da chuva.

— Eu não disse para ninguém! — tentei me justificar, mas sabia da

possibilidade de estarmos entre membros do clube, Kinsley, meu tio Rupert, quantos mais poderiam a reconhecer?

Qual era a possibilidade de eu ter feito uma merda sem precedentes?

— Alisson foi bem clara em me contar que eu não passo de um brinquedo exótico, que tão logo você se canse de mim me largará em um centro de imigrantes.

— É isso que você pensa de mim? Acredita que eu faria algo assim? Se eu fosse o monstro que você pensa que eu sou certamente teria exigido o que comprei, ou então nem teria me envolvido naquela situação!

— Como eles sabiam? Se você não contou, como ficaram sabendo?

Não podia julgá-la pela desconfiança, a forma como ela fora parar comigo deveria ser um segredo, mas como isso seria possível quando o *Hell's Club* tinha tantos visitantes naquele dia?

— Rudholf te deu um lance, não foi? Ele não deveria ter sido convidado para a festa, mas eu não sabia... — entretanto, sabia que meu tio estivera lá todo o tempo.

Percebi que ela titubeou, talvez indecisa, talvez sentindo minha sinceridade e dor pela acusação que me fazia, ou até mesmo por não ter compreendido tudo o que eu estava falando, estávamos ambos exaltados.

— O que você quer de mim, Max? — voltou a me atacar, seus olhos brilhando com sentimentos que eu não conseguia decifrar.

— Eu quero te ajudar, quero encontrar o seu pai, quero que vocês tenham uma chance nessa terra que um dia foi a esperança de liberdade — aproximei-me ainda temeroso de a abraçar, enquanto o temporal continuava caindo, os raios cruzando o céu escuro e os trovões reverberando alto pela praia, o barulho das águas era tão forte quanto o da chuva, o mar estraria em ressaca, embora não pudéssemos vê-lo da rua — precisamos sair daqui, você está encharcada...

— É só isso que você quer? — dessa vez foi ela quem se aproximou, ficando a milímetros de mim.

— Eu...

O que eu poderia dizer para aquela menina-mulher? Que eu a desejava com uma intensidade que chegava perto da loucura? Um desejo que para mim parecia obsceno, afinal, tínhamos quatorze anos de diferença!

Pearl era inocente, como é que eu poderia fazer isso com ela? Quando eu já corria atrás das garotas e me divertia em baladas ela ainda era um bebê de colo.

— Diga, Max, o que você deseja de verdade? — insistiu ela, agora com a voz baixa, uma de suas mãos em meu peito, fazendo-me refém.

— Você tem dezenove anos, Pearl.

Seus olhos expressivos brilhavam como se refletissem os raios que cruzavam os céus e caíam com um estrondo em meio ao oceano, aqueles lábios rubros estavam entreabertos, senti o calor de seu rosto tão próximo ao meu, um calor que nem mesmo a tempestade gelada conseguira esfriar e que parecia ter invadido o meu corpo fazendo-me arder de desejo.

— Eu já disse — respondi resistindo à necessidade de tomá-la nos braços e beijá-la com violência.

Era insana a vontade que eu tinha de tomá-la, o desejo de a fazer descobrir as sensações de uma mulher.

— Você não consegue ser verdadeiro nem com seus sentimentos — acusou ao abrir uma curta distância — talvez Alisson esteja certa, no fundo eu não passo de uma distração, um brinquedo.

— Não diga isso! — supliquei a segurando com força pelo antebraço, quando ela tentou se virar e sair de perto de mim — Você é tudo, menos uma distração, jamais um brinquedo.

— Então assumo seus sentimentos — ela se deteve e me encarou fixamente, com toda aquela petulância que eu tanto admirava em sua personalidade — você acha que eu não percebo como você me olha com desejo? Posso ser uma *virgem*, mas nunca fui tola, ou uma menininha inocente, eu conheço o mundo e a maldade que há nele, assim como a bondade e a beleza.

— Isso é errado — soltei seu antebraço, afastando o contato com a pele macia dela — você é apenas uma menina se comparada comigo.

— Eu não sou uma menina, Maxwell Reed — sua voz se elevou acima do som da chuva e dos trovões — sou uma mulher, como qualquer outra e vou te provar isso.

Pearl segurou meu rosto com suas mãos e senti como se a eletricidade estática fizesse minha pele se arrepiar, ela me puxou em sua direção e me beijou nos lábios, de forma tímida, mas ousada na atitude, sua língua procurando a minha.

Aquela foi uma explosão dentro de mim, liberando uma enorme onda que arrastava tudo em seu caminho, meu desejo por aquela menina-mulher venceu todos os meus escrúpulos, toda minha moralidade, e eu simplesmente a tomei em meus braços puxando-a com força de encontro ao meu corpo, meu membro dolorosamente ereto pressionando-a, enquanto eu devorava a sua boca, em um beijo carregado de paixão, uma de minhas mãos a segurando com firmeza pela cintura e a outra em sua nuca, meus dedos emaranhados em seus cabelos molhados.

Se desejá-la era um pecado, eu era o maior dos pecadores, e seus lábios eram ao mesmo tempo minha maldição e tormento e minha salvação ao paraíso.

Quanto mais firme a segurava contra o meu corpo, mais perdia a cabeça. Eu precisava do gosto dela e agora tomava a frente em comandar aquele beijo, minha língua sedenta viajando em sua boca, nosso encaixe, uma de suas mãos explorando o meu peito.

Como eu a desejava, era tão forte que chegava a ser insano da minha parte.

Perla

Nada do que eu fiz fora planejado.

Fugi de desespero, mas não havia para onde ir, não tinha nem certeza do que eu estava fazendo! Porém, a ideia de que eu podia significar nada para Max, como Alisson dissera, fez-me sentir desesperada, sufocada.

E o beijo...

Eu tinha beijado dois garotos até hoje, mas Max, aquele era o beijo de um homem.

Quando voltamos para a casa, as luzes permaneciam todas acesas, como se ainda houvesse uma festa, mas o lugar estava deserto e silencioso.

— Graças a Deus você está bem! — Abbey me abraçou quando eu saí do carro e não se importou que eu estivesse molhada a ponto de a molhar também.

— A chuva foi uma boa desculpa para acabar com a festa! — disse Vince a Max — Está tudo bem com vocês?

— Eu não tenho certeza — foi o que eu acho que ouvi Max dizer ao seu amigo quando Abbey me soltou de seus braços.

— Vince, vamos — Beth o puxou — acho que agora eles precisam de um pouco de espaço. Ninguém está ferido fisicamente, não somos necessários aqui. Abbey, que tal nós a ajudarmos a terminar de liberar os funcionários remanescentes da empresa de eventos?

— Seria ótimo — respondeu ela — E vocês, subam e tomem um banho quente, não queremos que fiquem doentes, tudo bem? — pediu ela, mas voltando

o seu olhar carinho para mim.

Aquela senhora que já vivia dentro do meu coração abandonou o olhar de carinho e voltou-se para Max, tinha uma expressão severa no rosto dirigida para ele.

— Não se preocupe, Abbey — ele respondeu com o tom de voz baixo — Alisson quis afetar Pearl com uma calúnia e eu vou cuidar disso.

Olhei para todos ali, de repente eu tinha virado o centro das atenções e não me sentia exatamente bem com isso.

— É melhor mesmo eu subir e tomar um banho quente — disse ao me apressar em me recolher e foi a única coisa que arrisquei a verbalizar.

Entrei correndo na casa, subi os degraus mais rapidamente ainda e me fechei em meu quarto.

Loucura ou não, não havia como voltar atrás no que eu tinha feito. Max podia ficar bravo comigo, *me* expulsar de sua casa, ou até relevar o meu comportamento precipitado, mas o desejo e a necessidade de o sentir tão próximo a mim foi mais forte do que eu. Se havia uma escolha que eu podia fazer por mim mesma, Max era essa escolha.

Colocar às claras a minha percepção do seu comportamento era parte do meu jeito de ser e mesmo que eu estivesse errada sobre os seus sinais, ou até que ele tivesse todos os motivos do mundo para querer esconder o que sentia, não era mais possível negar que eu precisava ser sincera sobre isso.

E fora um beijo cálido, mágico, delicioso, protetorista que o havia despertado para muito mais, bem, pelo menos era o que o seu corpo me dizia, mas suas palavras continuavam a negar e foi por isso que estivemos em silêncio durante o caminho de volta para a casa dele.

Max era uma incógnita.

Ele aparentava acreditar em dilemas que eu não conseguia compreender.

Tirei o vestido que me gelava o corpo, abri a ducha quente e deixei a água cair sobre a minha pele arrepiada pelo frio. Sei que gastei mais tempo do que deveria debaixo da água. Ela me acalmava, fazia-me ponderar sobre o que eu tinha feito.

Enrolei a toalha no corpo e usei o secador para tirar o excesso de água dos cabelos. Já era tarde, a única coisa que eu queria era me deitar e esquecer que esse final de semana tinha existido. Pelas grosserias de Alisson, pelo beijo em Max, por tudo.

Entrei no quarto, o banho havia me esquentado e sentia-me menos tensa. Deixaria para pensar sobre os problemas amanhã...

— Pearl...

Eu não esperava por isso, não tinha me preparado para esse confronto, mesmo assim ele estava ali, sentado na única poltrona da suíte, com uma camiseta regata, de bermuda e os cabelos ligeiramente úmidos.

Evitei olhar em sua direção, não precisava testemunhar mais dos seus braços fortes e bem desenhados, com as pernas rijas e torneadas. Acima de tudo, proibi-me de olhar para ele.

Não tinha ideia de como seriam nossos dias daqui para frente, comigo morando em sua casa, mas a minha interpretação do seu silêncio no carro tinha sido uma grande negativa e agora eu não tinha como antecipar o motivo de ele ter vindo me procurar.

— Acho que já me expus demais por hoje — ensaiei voltar para o banheiro, mas eu precisava das minhas roupas que estavam sobre a cama — seja cavalheiro e poupe-me da humilhação — voltei a segurar a toalha em volta do corpo.

— Precisamos conversar, Pearl — disse ele ao se levantar e caminhar em minha direção.

— O seu silêncio no carro já me disse tudo o que eu precisava saber — continuei sem o encarar, mas mantinha o tom firme na voz.

— Não... não é verdade.

— Eu não sou uma criança, Max! E a minha falta de experiência não faz de mim uma boba ingênua.

— Pearl, por que não entende que é você a pessoa que está acabando com a minha paz? — puxou-me para os seus braços, apertou-me firme contra o seu peito e levou os lábios ao meu ouvido para sussurrar — Não foi para isso que eu te tirei daquele leilão imundo, no entanto, a que ponto cheguei? É só isso o que eu quero.

— Max...

— Você é livre, Pearl — disse ao soltar-me de seus braços imediatamente, como se aquilo fosse uma punição para nós dois.

Os mesmos passos que ele abriu de distância entre nós eu venci em sua direção, pousando mão direita sobre o seu coração.

— A única liberdade que eu quero é de poder fazer as minhas próprias escolhas — sussurrei de volta em seu ouvido, na ponta dos pés — e eu sei o que eu quero. Não estou aqui porque você me comprou, eu estou aqui porque quero estar.

Escorreguei a mão de seu coração até a sua cintura, puxei a barra da camiseta e a pousei diretamente sobre a pele de seu abdômen, sentindo a sua textura, as linhas divisórias entre os moderados músculos.

Sabia ser, outra vez, uma grande ousadia, nem eu conseguia explicar a minha insistência. Mas aquele homem tinha despertado algo em mim e isso nada tinha a ver com a gratidão que eu devotava a ele. Era algo mais, ele mexia comigo de uma forma que nenhum outro garoto foi capaz de fazer, talvez porque fosse maduro, correto. Eu o desejava tanto, o queria como homem.

Bastava pensar sobre ele que os reflexos em meu corpo eram perceptíveis.

Levei a mão até a ponta da tolha que prendia o tecido enrolado ao meu corpo e a soltei, deixando-a cair no chão, sobre os meus pés, mostrando a minha nudez que aquele homem diante de mim, que me salvara no *Hell's Club*, já conhecia. Novamente eu estava sob seu olhar exatamente como estive no momento do leilão.

— Você é impossível, Pearl — ele gemeu em meus lábios, dando-me, outra vez, a oportunidade de sentir o seu gosto, dessa vez com mãos menos tímidas, que deslizavam pela lateral do meu corpo, trazendo-me uma sensação que me fazia arder de calor por dentro, culminando em meu centro, que precisava ser tocado imediatamente.

Puxei ainda mais a barra da sua camiseta até que ele não ofereceu resistência para que eu a tirasse, explorei seu peito com as mãos, caminhando em um giro de cento e oitenta graus por onde alcancei suas costas e a trilhei de beijos até retornar na posição frente a frente com ele.

Eu podia ver a saliência formada entre suas pernas, escondida pela bermuda e foi justamente para lá que eu levei as mãos quando percebi que ele simplesmente fechou os olhos. Jamais tinha visto ou tocado em membro ereto, mas eu já tinha lido muito a respeito, era como se eu soubesse exatamente o que fazer, embora também estivesse um pouco insegura sobre o que poderia acontecer daqui para frente.

Deslizei sua bermuda por entre suas pernas e introduzi a mão dentro de sua cueca, que parecia mantê-lo apertado ao máximo. Ele era quente e estava extremamente rijo. Minha mão parecia pequena demais para o abraçar.

Acaricieei-o para cima e para baixo. Sua pele era macia e deslizava no sentido dos meus movimentos por cima do interior que era como pedra.

Max tentava segurar os gemidos com as minhas carícias, mas eu queria que ele se soltasse tanto quanto eu me sentia livre para fazer o que quisesse.

Flexionei as pernas para retirar sua cueca boxer e quando dei a entender que me ajoelharia, ele imediatamente me puxou de volta para ficarmos cara a cara.

— Você já fez isso? — perguntou em voz baixa, referindo-se ao que eu pretendia fazer em sua rigidez — Ou alguém fez em você?

Somente girei a cabeça lentamente em sinal negativo e ele voltou a fechar os olhos, acariciando minha face que agora queimava como brasa e levou seus lábios aos meus.

Era como se ele quisesse me acalmar com aquele beijo, acariciava a minha nuca por baixo dos meus cabelos, a outra mão deslizava pela curva da minha cintura e lentamente foi subindo até alcançar um dos meus seios e os acariciava com maestria, tornando impossível não sentir o reflexo disso no meu baixo ventre.

Sua língua penetrava a minha boca lentamente e brincava com a minha, viajava de um lado ao outro em um ritmo paciente, mas que deixava as minhas pernas trêmulas.

Nenhuma literatura no mundo podia explicar o que eu estava sentindo. Era simplesmente intenso, eu perdia o ar ainda respirando, escutava mesmo no silêncio, porque seu corpo falava como o meu, enxergava ainda que com os olhos fechados, pois existia somente a sua imagem em minha mente.

Impulsionou-me pelos quadris e trouxe-me para o seu colo, sua respiração pesada de encontro a minha e caminhou comigo até a cama, deitando-me sobre a colcha, ainda estendida, e debruçou-se em minha direção, voltando a possuir os meus lábios.

Era maravilhosa a sensação de ter seu peso sobre mim, seu calor me aquecendo, sua rigidez pressionando o meu ventre e o arrepio que todo esse ritual causava.

Max passou a beijar o meu pescoço seguindo para o meu colo, massageando os meus seios provocando uma sensação quase insuportável de prazer. Depois beijou e acariciou um dos meus mamilos com a língua, ao

escorregar a mão para a minha área central e me tocar ali.

— Pearl, como você está molhada! — exclamou entre chupadinhas nos meus seios que estavam dolorosamente rijos em sua boca — Você já se tocou tão molhada assim? — perguntou ele ofegante.

Outra vez, sem nada dizer, somente movimentei a cabeça em sinal negativo.

Foi quando ele pegou uma das minhas mãos e a levou para o meu centro, guiando-me em movimentos circulares sobre uma intensa camada molhada de viscosidade, fazendo-me contrair as pernas e os músculos internos da minha vagina de forma involuntária.

— Relaxe o corpo — pediu ao viajar a língua entre beijos pela linha central do meu abdômen até chegar na área molhada que eu massageava.

Quando ele tirou a minha mão do local e senti sua boca faminta tomar o lugar, estimulando a minha pequena saliência que parecia inchada, o meu corpo deu um salto involuntário, por isso ele teve que pousar a mão sobre o meu peito e forçar com que eu ficasse imóvel.

Eu tinha vontade de gemer, de gritar e o meu corpo era tomado por espasmos incontrolláveis só com aqueles movimentos inesperados de sua língua ou suas chupadas, parecendo que ele degustava o meu líquido íntimo como se fosse um néctar.

Foi impossível segurar o meu gemido quando ele penetrou sua língua na minha abertura, obrigando-o a impor mais força ao me segurar, para que eu permanecesse imóvel, pois eu já não era dona dos meus próprios movimentos e reações.

De repente, minhas pernas começaram a formigar e os braços tinham a sensação de circulação intensa com a respiração cada vez mais difícil, meu coração batia tão aceleradamente quando meus músculos internos sofreram múltiplas contrações trazendo uma primeira sensação de explosão, seguida da

maior experiência de alívio que eu já sentira na vida.

— Ah, M-a-x... — sussurrei por seu nome sem forças, parecia que toda a minha energia havia sido drenada por ele.

Ele voltou a debruçar sobre mim e tomou os meus lábios, deixando-me sentir o meu próprio gosto levemente agriçoce, em um beijo profundo e lento.

Sentia-me feliz, a forma carinhosa com a qual fora tratada era inexplicável. Não havia palavras para detalhar a intensidade daquele prazer, pois era muito diferente das vezes em que eu tinha tentado. Era Max a diferença, era ele que fazia isso comigo, com o meu corpo, com o meu coração e a minha razão.

— Você é deliciosa, Pearl — sussurrou — poderia passar a noite inteira provando do seu gosto, mas eu não ia suportar, estou a ponto de explodir e você precisa se comportar agora — pediu ele ao puxar a colcha com o lençol para nos cobrir.

— Por quê? — perguntei frustrada.

— Porque eu não vim a Hamptons preparado para isso e não podemos ir além sem nos protegermos — colocou seu abdômen em minha lombar abraçando-me firmemente como se precisasse me proteger de tudo e todos.

Ele estava certo, eu também jamais teria coragem de seguir adiante sem proteção, era um risco que eu conhecia e sabia que não podia correr, principalmente na minha situação e saber que ele não tinha planejado fazer sexo deixava-me frustrada e feliz ao mesmo tempo.

Mas a felicidade era maior, pois significava que não havia ninguém em sua vida. Ou pelo menos, ninguém em Hamptons.

— Tente dormir, doçura.

— Você vai ficar aqui comigo?

— Sim, não vou abandoná-la por nada nesse mundo — confessou

apertando-me ainda mais firme e senti um grande alívio por estar em seus braços e por passar a noite protegida por ele.

E foi muito rápido que me deixei levar pelo sono, estava em um estado de grande relaxamento e exausta, era como se as minhas forças tivessem sido drenadas integralmente por aquele momento íntimo.



Capítulo 17

Maxwell

Acordei cedo, a claridade do dia já invadindo o quarto. Eu estava na cama de Pearl.

Ela dormia serenamente e me vi sem reação.

Como era linda!

Seus olhos fechados e a respiração lenta passava-me uma sensação de paz. Fizéramos muito menos do que eu já havia feito com qualquer outra mulher, entretanto, fora muito mais importante do que qualquer envolvimento em minha vida, porque havia algo de especial nela.

Ela me ganhara, não sabia explicar o motivo, mas nem ela poderia compreender o poder que tinha sobre mim.

Pensei em meus pais, talvez, se fossem vivos, soubessem o quê e como me dizer alguma coisa que abrandasse essa angústia que eu sentia dentro do peito, deixando só o outro lado, que era o da felicidade, pois essa menina trouxera algo inédito para a minha vida, o brilho!

Recordei-me da noite anterior, a forma como ela se entregara ao prazer e o quão transparente foram os seus sentimentos. Havíamos cruzado uma fronteira sem volta, eu só não sabia ainda como agir daqui para frente.

Deixei a cama em silêncio, ela tinha um sono tão tranquilo que não queria a aborrecer, vesti a regata e a bermuda e deixei o quarto. A um passo de adentrar o meu, para tomar um banho, vi-me de frente para a porta daquele que foi o local de maiores lembranças da minha infância com os meus pais e ali fiquei parado por alguns minutos.

Eu não entrava ali desde o acidente que ceifara a vida de ambos, simplesmente mandei lacrar aquela porta e era como se eu trancasse qualquer possibilidade de sofrimento daquela perda. Meus pais adoravam esse lugar e eu também, todos os finais de semana viajávamos para cá e nas férias de verão nos instalávamos permanentemente.

A propriedade estava repleta de boas lembranças, em especial aquelas que aconteceram por trás daquela porta e percebi como havia tantas coisas que eu deixara para trás.

Durante a minha infância, quando eu acordava e corria para a cama deles, onde ficávamos assistindo televisão e às vezes até tomávamos nosso café da manhã, as guerras de travesseiro que eu iniciava, minhas estripulias pulando em pé sobre o colchão entre eles, às vezes caindo de propósito.

Meus pais eram o puro reflexo de um casal que se alimentava do verdadeiro amor.

Todos os objetos pessoais deles estavam guardados ali, eu mandara trazer tudo o que remanescera do apartamento em Manhattan quando ele passou por uma reforma.

Ouvi passos descalços e ao me virar encontrei o olhar de Pearl, que vestia apenas uma camiseta minha, grande demais para ela, como um longo vestido, e meias, o que para mim era extremamente *sexy*. Ela sorriu me incentivando e segurou minha mão esquerda enquanto eu girava a maçaneta com a direita.

As janelas estavam fechadas e após acender a luz, iluminando aquele cômodo tão especial, as escancarei, permitindo que a brisa marinha arejasse o local. A tempestade trouxera uma manhã de sol que brilhava em um céu azul sem nuvens.

Lençóis brancos cobriam os móveis, a grande penteadeira com espelho onde minha mãe se maquiava, a escrivaninha perto da janela onde meu pai, às vezes, trabalhava tarde da noite.

O pequeno sofá onde eu me deitava para assistir televisão e a enorme cama quase ao lado.

Havia caixas de plástico empilhadas no closet e peguei uma delas a abrindo e espalhando seu conteúdo, enquanto Pearl se sentava com as pernas cruzadas em cima da cama, ao meu lado.

Minha mãe adorava fotografias e naquela caixa havia álbuns de fotos impressas, meu pai implicava que um HD ou *pendrive* armazenaria todas as fotos poupando o papel, mas minha mãe afirmava que a foto impressa era muito melhor.

Abri um dos álbuns e folheei as páginas com fotos 20x25 em preto e branco, outra paixão de minha mãe.

— Ela era uma mulher linda — disse com seu sotaque que eu achava encantador — e você se parece com seu pai.

— Mamãe era mesmo linda, inteligente e engaçada, sempre conseguia me fazer rir e meu pai a idolatrava — suspirei sentindo saudades deles.

— Por que você nunca mais entrou aqui?

— Acho que eu me sentia culpado por não estar com eles no mento do acidente, era para eu estar naquele avião também — expliquei encarando seus belos olhos claros — em princípio minha mãe não ia viajar com meu pai, era uma viagem estritamente de negócios e duraria no máximo dois dias, mas papai, na última hora, nos convidou para o acompanhar, sugeriu que poderíamos estender a viagem por alguns dias e nos divertirmos juntos, mamãe logicamente aceitou na hora, mesmo tendo que cancelar um compromisso social, mas eu não aceitei, queria estar com meus amigos, haveria uma festa na casa de um deles aqui em Hamptons, os pais haviam viajado e ele resolvera aproveitar em grande estilo, era o nosso último ano de *high school*^[41], logo eu iria embora de Nova Iorque e cada minuto aqui para mim era importante.

Fiquei em silêncio recordando-me da festa, realmente meu amigo extrapolou, contratou um *DJ*, bufê de comida e bebida e distribuiu convites para os filhos da elite. Impossível dizer que não tinha me divertido, acabei por trazer as gêmeas que conheci na festa para casa, onde continuamos a nos divertir por horas fazendo *ménage à trois*^[42] até que finalmente dormimos.

Fora acordado por Abbey, que teoricamente estava cuidando de mim na ausência de meus pais, batendo com força na porta de meu quarto.

Ainda tonto de sono e de ressaca, ela me levou até o escritório onde, com os olhos marejados de lágrimas, dera-me a notícia do acidente.

— Depois daquele dia nunca mais fui o mesmo, deixei de ser um adolescente inconsequente e me tornei um homem. Não frequentava mais as baladas e me dediquei aos estudos, enquanto meu tio Rupert cuidava das empresas de meu pai.

— Você não pode se sentir culpado por ter sobrevivido, você era um adolescente, todos os adolescentes são assim, preocupados em conquistar garotas e ir em festas — ela sorriu tentando me animar.

— E sua adolescência, que não foi há tanto tempo, como foi? — sorri de volta, recordando-me que Pearl ainda era tão jovem, mas tentando não mais fazer disso um tabu entre nós.

— Eu tive que amadurecer rápido, ajudava na padaria, sem mamãe, conforme fui crescendo, praticamente tomei a frente do negócio mesmo sem saber nada sobre isso, eu era tão jovem ainda, mas papai ficou muito abalado — seu belo rosto expressou a tristeza que sentia.

— Desculpe, sou um tolo — segurei sua mão e beijei-a — posso imaginar o quanto a sua vida foi difícil.

— Não precisa se desculpar, somos de realidades bem diferentes e não tenho como agradecer tudo que tem feito por mim.

— Nós encontraremos seu pai, eu prometo — curvei-me em sua direção e a beijei ternamente nos lábios.

— Reed? — ouvi a voz de Vincent a minha procura.

Meu quarto era em frente ao dos meus pais e quando ele voltou a bater na porta e eu não respondi, deu meia volta e nos viu com as fotos nas mãos.

Levantei-me da cama onde estávamos sentados em um pulo, aquela era uma cena íntima demais entre mim e Pearl para que Vincent, mesmo sendo um amigo de tanta confiança, presenciasse.

Saí em disparada em direção a ele no corredor.

— Cara, vocês realmente... — começou ele em voz mais baixa e agradeceu por Elisabeth não estar junto.

— Não! — adiantei-me em dizer — Não!

— Não? E de repente essa cena...

— Não... acredite em mim, é verdade. Algumas coisas aconteceram, mas não fomos até o fim, entretanto, conversamos um pouco sobre nós — finalmente confessei, pois, eu sabia que ele estava preocupado.

— E está tudo bem?

— É tudo uma loucura, Vincent, mas Pearl é... ela é... — eu não sabia o que dizer, o meu coração não sabia explicar.

— Não machuque essa menina, ela é especial — disse o meu amigo — e amanhã, leve-a ao hospital, darei um jeito para que seja atendida por uma amiga minha, ela poderá conversar com Pearl sobre... você sabe... o que ela precisa para fazer com segurança isso que não fizeram “ainda”.

Maxwell

Na segunda, ao amanhecer, voltamos para Nova Iorque, com uma Abbey tagarela ao nosso lado.

Ela não sabia, ainda, que eu passara as duas noites na cama de Pearl, embora eu não me permitisse avançar o sinal. Tratar desse assunto com aquela que eu enxergava quase como uma segunda mãe seria algo complicado.

E quanto a Pearl, não queria tratá-la como um predador, ela era especial e eu havia voltado para a fase adolescente dos amassos.

Elisabeth se comprometera a acompanhar a minha pequena na consulta com a ginecologista. De alguma forma parecia que o início da vida sexual de uma mulher era muito mais delicado que a de um homem e com ela eu precisava fazer tudo certo.

Deixei ambas no apartamento e após uma ducha fui até a sede da empresa.

Eu ainda estava furioso com Alisson, minha vontade fora demiti-la sumariamente, mas ao encontrar Rupert, em sua sala, ele me convenceu de que o melhor era não o fazer, apesar do contrato de confidencialidade que tinha conosco, ela poderia prejudicar nossos negócios em um cenário de demissão por desentendimento.

— Apenas a mantenha longe de mim — pedi irritado e sai de sua sala.

Perto da hora do almoço Bonnie me avisou que havia um casal querendo falar comigo, eles não tinham hora marcada, mesmo assim aguardavam na recepção do térreo.

Olhei para o relógio, irritado, eu prometera para Pearl que almoçaríamos juntos, mas Bonnie foi insistente com os argumentos.

— Tem que ser comigo? — questionei a secretária pelo interfone.

— Acredito que sim, senhor — ela titubeou — parece que ele é um amigo seu, agente Phil Turner.

Claro! Eu tinha me esquecido completamente que combináramos de conversar, mas por ele morar em Virgínia eu achei que me chamaria para uma videoconferência. Se ele viera pessoalmente e acompanhado, de quem presumi ser Beatriz, significava que as notícias eram importantes.

— Mande-os subir — ordenei sentindo um frio no estômago.

Não demorou e ela introduzia em minha sala, meu amigo Phil e Beatriz. Eu os recebi em pé, ansioso pelo que tinham a me contar, apertei a mão do agente com firmeza e sorri para Bia os convidando a sentar no sofá que havia em minha sala, enquanto eu me sentava defronte a eles em uma poltrona.

— Para virem os dois juntos deve ser algo bem importante — sorri tentando disfarçar meu nervosismo.

— Viemos direto de Houston — avisou Phil sem sorrir, referindo-se à capital do Estado do Texas — e as notícias não são boas.

Fiquei em silêncio e os encarei fixamente, temendo por Pearl.

— Eu investiguei o desaparecimento do pai da Perla com as informações que ela me passou e descobri um esquema de prostituição e trabalho escravo de imigrantes ilegais que atravessam a fronteira — começou ela.

— Jesus Cristo... — arfei tentando dimensionar a gravidade da situação.

Como é que isso ainda existia em um país como o nosso, que tinha meios financeiros para impedir essas atrocidades? Não estávamos falando de drogas ou cartéis de narcotráfico, falávamos de pessoas.

— Jovens imigrantes, as mais belas são separadas de suas famílias e enviadas para casas de prostituição não apenas no Texas, mas em outros Estados, familiares ou acompanhantes são enviados para fazendas de criação de gado ou lavouras onde trabalham em um esquema de escravidão, recebem um salário, mas ele nunca é suficiente para pagar pela alimentação e estadia e ficam em uma dívida que nunca se extingue, além da constante ameaça de serem entregues às autoridades — continuou Bia com o maxilar contraído de raiva — rastreei Frederico, o pai de Perla, até a zona rural de uma pequena cidade próxima da fronteira.

— Um grande risco pessoal, diga-se — admoestou Phil.

— Eu precisava ter provas suficientes — deu de ombros a garota — depois de alguns percalços consegui ligar para o Phil e ele veio em apoio, isso virou um caso Federal, Max.

— Estouramos o cativeiro e iniciamos uma investigação, a fazenda está sob gestão de uma *holding* em um paraíso fiscal, o que dificulta descobrirmos os responsáveis — completou o agente — mas graças à Beatriz temos o *fio da meada*.

— Acreditamos que alguns dos investidores dessa *holding*, que parece possuir inúmeras fazendas e lavouras espalhadas pela América, além de fornecerem mão-de-obra para outras, frequentam o círculo interno desse *Hell's Club*, para onde Perla foi enviada.

— Não entendi, um clube privê em Nova Iorque ligado a imigração ilegal e fazendas de trabalho escravo? Não faz o mínimo sentido.

— Eu sei que faltam algumas peças desses quebra-cabeças, mas o tráfico humano move bilhões no mundo e está abaixo do radar de qualquer órgão federal

— explicou Phil.

Por que não tínhamos todas as respostas?

— Tráfico de drogas é uma luta mundial constante, ao que me parece — completou Bia — tráfico humano também.

— Há algo que não faz sentido para mim — coloquei frustrado — se encontraram a fazenda, onde está o pai de Pearl? Ele não estava sendo mantido como escravo? Vocês o deportaram? — perguntei ao meu amigo.

— Max — ele fez uma pausa e nesse momento eu soube que acontecera o pior — infelizmente ele está morto — respondeu meu amigo agente do FBI.

— Meu Deus — murmurei chocado.

Como eu contaria para Pearl que o seu pai estava morto? Agora ela estava definitivamente sozinha no mundo, não, sozinha não, ela tinha a mim! Mas era de seu pai que estávamos falando, sua única família.

— Encontramos um cemitério clandestino na fazenda, um dos homens que resgatamos nos contou que o senhor Frederico tentou fugir com outros quatro, ele e mais dois foram mortos e enterrados — completou Phil — os corpos ainda estavam em início de decomposição, pela fotografia que você me enviou, foi possível fazer o reconhecimento do pai de Pearl, mas precisamos confirmar com exame de DNA, embora tenhamos encontrado seu passaporte na sede da fazenda.

— E agora? — perguntei ainda atordoado com a notícia.

— Recomendo que você regularize a situação dessa moça o mais rapidamente possível. Apesar da tragédia, ela ainda é uma imigrante ilegal. Max, entenda que, oficialmente eu não sei do paradeiro dela, caso contrário a teria que deter para que prestasse depoimento e depois teria que enviá-la para um centro de imigrantes, até que a situação dela fosse analisada — Phil foi categórico.

Jamais!

Eu jamais permitiria que isso acontecesse a ela! A minha pequena já havia sofrido demais e eu faria qualquer coisa que estivesse em meu alcance para a poupar.

— Obrigado, meu amigo — agradei, ele estava arriscando a carreira dele para me ajudar.

— Você quer que eu conte para ela? — ofereceu-se Beatriz.

— Não, eu mesmo contarei — senti a dor da verdade — ela precisa saber isso por mim.

Devia isso a ela, ainda mais agora com a nossa proximidade, Pearl estaria vulnerável ao saber do pai e eu precisava ter claro para mim o que estava acontecendo entre nós. Embora ainda não tivéssemos transado, o nosso nível de intimidade evoluíra muito e eu não podia, em qualquer hipótese, a ferir.

— Certo, ainda tenho algumas pesquisas a fazer para a minha matéria, o caso não está encerrado para mim.

— Que somente vai ser publicada quando o FBI autorizar — cortou o agente.

— Isso se não demorar muito — respondeu a repórter — meu compromisso é somente poupar a Perla, pois isso é um furo!

Essa garota era durona, pensei comigo mesmo, Phil teria trabalho em convencê-la a não publicar a matéria, que com certeza causaria um escândalo.

— Obrigado por tudo, Beatriz, posso fazer algo por você? — perguntei — Uma reserva em hotel, contato com alguns editores?

— Agradeço, ficarei com minha irmã, mas vou aceitar os contatos quando eu terminar a matéria — ela se levantou, assim como Phil — mais tarde eu passarei em seu apartamento para ver Perla, se você não se importar, claro.

— Você é sempre bem-vinda — levantei-me e os acompanhei até a saída.

— Manterei contato também — avisou o agente enquanto descíamos pelo elevador.

Acompanhei ambos até a rua, um veículo descaracterizado, provavelmente da CIA, com um agente ao volante, os aguardava.

Fiquei os observando partir enquanto um *Yellow Cab* estacionava após eu fazer sinal.

Pela primeira vez odiei o fato de ter conseguido tão rapidamente um táxi, eu preferia que demorasse um pouco mais, adiando assim o momento em que eu daria a notícia que devastaria a Pearl.



Capítulo 18

Perla

Beth havia me acompanhado a uma consulta com uma médica muito simpática e com um pouco de ajuda na tradução, por causa dos termos médicos técnicos que eu desconhecia, eu tinha conseguido tirar muitas dúvidas.

Ela me passou uma receita para um método contraceptivo injetável e outra vez, sofri muito com aquela agulha, já tinha sido picada mais vezes neste país do que em quase toda a minha vida no Brasil.

De qualquer forma também me explicou que, com responsabilidade de ambas as partes, eu não precisaria esperar pelo efeito, desde que cuidados específicos fossem tomados e o principal deles era o uso do preservativo.

“Entretanto, não faça isso se não estiver em um relacionamento, neste caso, aguarde o remédio fazer efeito” — orientou e sua voz ficou ecoando em minha mente.

Eu realmente não sabia o que Max esperava de mim e nem se engataríamos um relacionamento, estava tentando dizer a mim mesma que era prudente ir um passo de cada vez em minhas expectativas.

Evitei pensar sobre o assunto e quando Beth me deixou em casa, corri para fazer o almoço, Max disse que voltaria para me acompanhar na refeição e embora não tivesse horário certo, eu queria ter algo pronto para quando ele chegasse.

Meu voluntariado na instituição de apoio a imigrantes só começaria na quarta-feira, Josué havia conseguido montar uma turma mais rápido do que todos esperávamos. Eu ainda teria a terça-feira inteira para preparar a aula. Não poderia estar mais ansiosa.

E Max... nosso final de semana juntos fora tão perfeito.

Vince e Beth foram embora no domingo à tarde e com Abbey ocupada para garantir que tudo ficasse em ordem, nós dois aproveitamos a praia pela manhã, a piscina a tarde e os beijos e amassos durante a noite.

Seu jeito de me proteger, de me fazer sentir desejada, de me tocar. Eu estava nas nuvens com esse novo e romântico Max que se mostrava para mim. Sem falar nas novas experiências, nos toques, nas carícias e no orgasmo só com seus estímulos.

Se já era assim quando ele me tocava, imagine quando estivéssemos prontos para irmos até o fim?

Deixei o assado pronto para servir com uma salada de grãos e não tardou muito ele apareceu.

Corri em sua direção e joguei-me em seus braços. Tinha ciência de que parecia uma menina deslumbrada com tudo, mas era o efeito daquele homem

sobre mim.

Adorava ser beijada por ele, abraçada por aqueles braços fortes e ser deixada sem fôlego só por sentir o seu cheiro. Vendo a minha alegria, ele suspendeu-me no ar e deu um giro completo comigo para voltar a possuir os meus lábios.

Eu estava vivendo um sonho, não estava?

“Por favor, não me acordem!” — ri comigo mesma.

Puxei-o pela mão em direção à cozinha, mas depois de nos recompormos ele me pediu um minuto para ir até o escritório, guardar a maleta de documentos do trabalho e trocar de roupa.

— Não vai voltar ao trabalho? — perguntei curiosa.

— Hoje não — foi sério na resposta — tudo o que eu tenho para fazer posso fazer daqui de casa hoje.

Achei maravilhosa a notícia, seria um dia a menos em que eu ficaria sozinha e soltei sua mão para voltar aos últimos retoques em nossa mesa para dois.

Quando ele voltou, já de moletom e camiseta, beijou-me a testa e sentou-se à mesa, não antes de também se servir de um copo de bebida.

— Max, tenho uma ótima novidade! — finalmente disse empolgada quando já nos sentávamos à mesa para iniciarmos o almoço, mas ele parecia longe — Max?

— Pearl... sinto muito... — voltou a me dar atenção.

— Minha primeira aula no centro comunitário de apoio a imigrantes foi confirmada para depois de amanhã. Estou tão empolgada em poder fazer algo que me ocupe o tempo e que ajude outras pessoas.

— Que notícia maravilhosa, doçura! — pareceu se esforçar em esboçar

um sorriso, mas ele estava distante enquanto alimentava-se lentamente.

Estudei um pouco mais do seu comportamento, até que terminamos a refeição.

— Max, o que houve?

Ele simplesmente puxou-me pela mão levando-me para a sala, onde sentamo-nos no sofá.

— Quanto mistério... — ri de seu comportamento, mas já não tinha certeza se o correto seria me preocupar.

— Bia e Phil se uniram para buscarem mais informações sobre o que exatamente aconteceu quando cruzaram a fronteira — pareceu hesitar, mas como em um impulso, começou a falar até mais rápido do que o normal.

— Oh meu Deus! — exclamei cheia de esperança — Vocês descobriram alguma pista de meu pai?

— Pearl... — olhou para mim sem conseguir dizer qualquer outra palavra, fazendo um sinal negativo com a cabeça e ao ver meus olhos se encherem de água puxou-me para o seu peito — eu sinto muito.

O meu dia tinha virado do sonho que eu não queria acordar para o pesadelo. Aquele silêncio entre nós somente aumentava e eu me recusava a acreditar que ele estava me dizendo que o meu pai estava morto.

Eu acreditava ser forte, mas essa notícia era dolorosa em um nível sem igual. Senti o estômago embrulhar, uma parte de mim estava morrendo junto com aquele silêncio.

O mal-estar intensificou-se e foi inevitável, saí correndo em direção ao quarto e bati a porta do banheiro sentindo o estômago revoltado doer e comecei a vomitar. Não podia ser verdade! Papai não tinha me abandonado assim!

Ouvi a porta se abrindo, mas não conseguia prestar atenção em nada além

da ânsia que não me permitia levantar do chão, recostada no bidê.

Senti que Max segurava meus cabelos e abraçava-me pela cintura para me dar força.

— Você não está sozinha, doçura, você tem a mim — disse ao continuar me sustentando enquanto eu sabia que aquela era uma das cenas mais nojentas da face da terra e ficamos ali por longos minutos.

Quando finalmente o meu estômago deu uma trégua, ele me ajudou a ficar em pé e eu comecei a chorar, tentando escovar os dentes para tirar o gosto amargo da boca.

Max foi paciente.

Depois acompanhou-me até a cama e deitou-se comigo acariciando meus cabelos e enxugando minhas lágrimas.

“Papai tinha sofrido?” — fora algo que não tive coragem de perguntar.

Por que eu estava viva e papai não? O que eu tinha de especial em relação a ele que me dera a chance a tantos luxos na casa de Max e a ele o sofrimento? Já tinha perdido mamãe de forma tão trágica e agora papai.

Tentei controlar a revolta dentro de mim, mas existia uma única certeza na minha vida, o mundo era incrivelmente injusto e eu não via o porquê de pessoas hipócritas serem tão felizes e pessoas corretas não.

— Chore o quanto precisar, doçura, faz bem — os carinhos de Max tentavam me acalmar, mas eu estava devastada —ficarei aqui com você pelo tempo que precisar.

Talvez ele soubesse como me sentia, também perdera os pais de forma tão trágica, mas saber que ele conhecia como era intensa a dor da perda não a diminuía em meu peito.

Maxwell

Não sei quanto tempo fiquei abraçado à Pearl em seu quarto, ela estava transtornada e eu não sabia exatamente o que dizer para abrandar a sua dor.

Talvez nada do que eu fizesse a ajudasse a curar essa ferida.

Ela tinha chorado tanto que seus olhos ficaram inchados e eu sentia a sua fala pesada, até que, dado momento ela adormeceu.

Contra a minha própria vontade, deixei-a dormir e fui para o escritório. Precisava trabalhar um pouco. Embora Pearl fosse a minha maior prioridade nesse momento, eu também tinha que olhar as pendências da empresa.

O grande problema era que eu não conseguia me concentrar.

Lembrei-me de avisar a Bia que hoje não seria um bom momento para uma visita, mas que durante os próximos dias da semana talvez fosse uma boa ideia e quem sabe ela pudesse aparecer acompanhada de sua irmã, a minha pequena estava vulnerável e precisaria de pessoas de confiança por perto.

Trancado no escritório, ainda fiz duas videoconferências no final do dia.

A minha inaptidão em lidar com a dor de Pearl refletia a minha própria quando perdi meus pais. A diferença era que eu não precisava me preocupar muito em como viver.

Na minha tragédia, Abbey tinha permanecido ao meu lado monitorando meus tutores que eram geridos por meu tio Rupert. Ao comparar a nossa situação, eu estava cercado de pessoas, já ela, fora a mim, quem a minha pequena tinha?

Já era tarde, voltei a olhá-la em seu quarto e continuava dormindo, por isso, tomei um banho e fui me deitar. Estava exausto, sentia-me impotente sobre tudo o que estava acontecendo e eu odiava não poder fazer alguma coisa para acalantar a sua dor.

Virei de um lado para o outro, o sono não vinha.

Ouvi discretas batidas na porta e o girar da maçaneta, imediatamente acendi a luz do abajur. Era Pearl, agora vestida com uma camisola de cetim, seus olhos ainda pareciam inchados com a baixa luz.

— Está tudo bem? — perguntei preocupado.

Ela nada disse, entretanto continuou caminhando em direção à minha cama e levantei o lençol para que ela se acomodasse ao meu lado.

Senti que colava seu corpo ao meu, eu só trajava a cueca e aquele tecido de sua camisola era uma barreira fina demais entre nós. Apertei-a firme contra o meu peito, até que Pearl procurou os meus lábios e não pude resistir. Essa menina já parecia ser dona do meu corpo e agora, do meu coração.

Pearl

Não queria ficar sozinha, não depois do sono cheio de sonhos estranhos e várias lembranças.

Deitei-me sob os lençóis de Max, mas estar protegida por seus braços não era o suficiente para mim, enrosquei minhas pernas entre as dele, reclinei-me sobre o seu abdômen e ofereci os meus lábios.

Senti o seu arfar com a respiração profunda, fazendo-me perceber o inflar de seu peito enquanto seus lábios eram suaves e macios ao colidirem aos meus.

Suas mãos deslizavam sobre a minha pele por baixo da camisola enquanto sua língua espalhava o seu sabor por minha boca, explorando-me de um jeito demandante, mas ao mesmo tempo lento. Eu não sabia explicar tudo aquilo que esse homem provocava em mim.

Parecia errado, eu mesma me censurava, estava sofrendo, não tinha mais ninguém, perdera o meu pai e agora era como se o carinho e a ligação que eu

tinha com Max pudessem abrandar a minha dor.

Eu temia estar morta por dentro, com essa tragédia, precisava desesperadamente sentir a vida novamente pulsando em minha alma, e somente aquele homem que me salvara da degradação, por quem eu estava apaixonada, fosse capaz disso.

O atrito de sua pele contra a minha, o quanto ele me fazia ferver por dentro. Nossos beijos eram tão intensos que chegavam a me tirar a razão e foi em um dos momentos em que precisamos buscar o ar que ele escorregou as duas mãos a trilhar o caminho das laterais do meu corpo, levando consigo o tecido delicado da camisola, deixando-me nua sobre o seu corpo.

Eu usava nada além e agora os meus mamilos túrgidos roçavam o seu abdômen firme pela musculatura.

Voltei a beijá-lo enquanto percebia que ele tentava se livrar da cueca, sem pressa, deixando sua masculinidade rígida sendo acariciada por uma parte do meu baixo ventre, enquanto eu fazia movimentos lentos de ir e vir sobre ele.

— Pearl, foram mil e uma as formas que eu imaginei esse momento e nenhuma delas me fez crer que seria assim.

— Isso é ruim? — perguntei ao trilhar beijos pelo caminho do seu pescoço até chegar ao seu abdômen outra vez.

— Sentir atração e fogo é comum — sussurrou ele permitindo que eu continuasse beijando o seu peito, enquanto massageava a sua ereção — ter alguém para fazer sexo é fácil — gemeu ele com o estímulo da minha mão — mas encontrar uma pessoa que te toca a alma e te leva a fazer tudo o que você sempre acreditou que jamais faria... essa... é só você Pearl — completou ao girar comigo na cama e colocar-se sobre mim, tomando o cuidado de não deixar todo o peso de seu corpo recair-se sobre o meu.

— Só eu?

Seu beijo agora parecia mais sedento, suas mãos deslizando por minhas curvas ganhavam firmeza e segui os meus instintos. Dobrei uma das pernas e a encaixei na altura da sua cintura para o manter o mais próximo possível.

Ele já tinha me estimulado com as mãos e a boca incansavelmente durante as duas últimas noites em Hamptons, mas eu queria mais, precisava de mais, era quase uma necessidade insuportável. Talvez, para nós dois.

Meu desejo era tão grande que eu sabia o quão molhada estava somente pela forma que eu sentia os dedos de Max deslizarem pela minha área mais sensível.

Ele sugava e lambia os meus mamilos e o reflexo desses estímulos eu sentia bem lá embaixo, onde ele ainda acariciava, até que, lentamente começou a introduzir um dos dedos.

— Tudo bem, Pearl?

— Sim... — eu estava ansiosa demais, meu coração batia como se fosse explodir.

Max massageava-me internamente, de forma lenta e cuidadosa, em movimentos circulares, enquanto o máximo que eu me vi capaz de fazer foi fechar os olhos e absorver aquela inédita sensação.

Em seguida ele introduziu um segundo dedo e enrijei a musculatura em um primeiro instante, mas a sensação era tão boa que logo me habituava com ele brincando em círculos ao redor da minha entrada repleta com a viscosidade.

Por mais que eu não quisesse soltar os gemidos, eles saíam por minha boca como se tivessem vontade própria. Foi só quando ele percebeu que eu já estava no meu limite, que abriu a gaveta do móvel ao lado da cama, pegou um envelope de preservativo e habilmente nos protegeu.

— Eu posso parar a qualquer momento, basta me pedir — sussurrou próximo aos meus lábios, antes de os tomar e notei suas pupilas dilatadas e

desfocadas como se vivesse um transe, até que me beijou com incrível luxúria.

Não tinha ideia do que eu estava fazendo, se meus movimentos eram certos, se eram errados. Eu o deixava me conduzir ao mesmo tempo que seguia os meus instintos e não importava o que eu fizesse ou pensasse, havia uma necessidade desesperadora de ser integralmente preenchida por ele. Era uma sensação inexplicável que eu jamais sentira antes.

Senti-o mirar a cabeça da sua rigidez em minha entrada, mas ele não me penetrou de imediato, focava em degustar os meus lábios com tanta avidez, tentando fazer com que eu entregasse o meu coração para que ele batesse no mesmo ritmo de nossas respirações, mas era quase impossível, pois o meu gritava descompassadamente.

Estava ansiosa, e foi quando, cada vez que eu buscava o ar ele me invadia um pouco mais, era como se houvesse uma sensação de ligeiras picadas, a sutil ardência e a percepção de um alargamento preenchido por algo quente e duro.

Levei a mão ao seu peito, quase o pressionando para que se mantivesse imóvel, por isso ele voltou a olhar para mim, um olhar preocupado.

— Está tudo bem? Quer que eu pare?

Movimentei a cabeça em sentido negativo, mas mantive minha mão ainda imóvel, impedindo-o de seguir.

A sensação não era ruim, mas também não tão confortável considerando a velocidade que ele imprimia tentando me penetrar assim tão lentamente. Por isso eu respirei fundo, dessa vez, cruzando as duas pernas ao redor de seus quadris, fechei os olhos, tomei coragem e o trouxe para mim, colando-me a ele tão rapidamente que as estrelas de dor que eu vira, agora em milissegundos, pareciam se tornar algo muito diferente, alívio.

— Está tudo bem — respondi buscando o ar, sentindo o agudo da dor aos poucos se esvaír.

O meu desejo era mais forte que o incômodo e foi essa necessidade que começou a fazer com que eu me movesse.

Ao mesmo tempo, sensações de ardência e prazer tomavam o meu centro, tanto do lado externo quanto interno de mim, era algo único sentir-me preenchida.

Max começou a se movimentar também e gradativamente aumentava a velocidade daquele ritual de entra e sai. A cada novo estágio a sensação mudava. A ardência tinha ido embora, dando lugar a algo muito desesperado formando-se dentro de mim.

Meu coração acelerava ainda mais, a minha circulação corria pelas veias em uma velocidade imensurável, injetando cargas de sensações geladas e prazerosas, seguidas por sangue quente.

Senti uma de suas mãos massageando o meu clitóris inchado enquanto suas estocadas permaneciam ritmadas e cada vez mais firmes. Eu estava a ponto de explodir, não ia mais suportar, era impossível lidar com toda aquela sensação que, por mais que estivesse acontecendo em meu centro, tomava conta do meu corpo.

— Eu posso senti-la Pearl — disse ele em tom quase inaudível.

Os meus músculos internos se contraíram com tamanha intensidade que causaram o tremor das minhas pernas, não foi possível evitar o meu baixo grito, demonstrando a minha total perda de controle, pois quanto mais eu sentia as minhas contrações de prazer, mais fundo e rápido Max me penetrava, forçando a invasão, pois minhas contrações musculares tentavam o expelir.

Aquela explosão interna tirou-me a razão, eu não era mais dona de mim, das minhas sensações, dos meus movimentos, era somente o prazer vindo em ondas e mais ondas, cada vez mais agressivas, em um momento em que eu me sentia a pessoa mais sensível do mundo.

Tive a impressão de que o meu ápice causava uma reação intensa nele também e não foi somente o gemido desesperado e masculino que eu ouvi, ele

lutava contra mim, lá dentro, expandindo-se ainda mais enquanto eu o comprimia e o expelia com mais força.

Jamais vira Max tão esgotado e aliviado quando colou seu peito meu, enterrando sua cabeça na curva do meu pescoço, após dar-me um beijo casto nos lábios.

Tentava acalmar as batidas de nossos corações buscando ar, mas elas estavam em sincronia e tinham vontade própria, como se dançassem seu próprio ritmo independente de nossas vontades.

Senti que Max não queria me sufocar com o seu peso, por isso, ainda muito ofegante, ele passou as mãos por baixo das minhas costas, como em um abraço e deu outro meio giro para deitar-se sobre o colchão puxando-me sobre o seu peito, abraçando-me como se eu pudesse fugir a qualquer momento.

Max e eu tínhamos acabado de fazer sexo... ou seria fazer amor?

Naquele momento em que qualquer pessoa mundo afora diria que eu tinha me entregado a ele, eu sentia que o que houvera entre nós fora exatamente o oposto, era como se Max tivesse se entregado a mim.



Capítulo 19

Maxwell

Acordei às seis horas como sempre, Pearl estava aconchegada em meu peito, sua perna por cima das minhas, senti a fragrância de seu corpo e aspirei fundo, sentindo-me inebriado.

O que acontecera durante a noite fora muito acima de qualquer outra experiência que eu tivera em minha vida. Eu sempre preferira mulheres mais experientes que sabiam o que queriam, não tinha paciência para ensinar as mais jovens, mas com ela foi tão mágico fazer sexo, não, sexo não, na verdade fizéramos amor, nosso ato fora repleto de paixão e sentimento. Talvez essa tenha sido a diferença, eu estava envolvido, não era somente físico.

Temia estar me aproveitando de seu momento de vulnerabilidade, mas seu desejo e necessidade por conforto, por calor humano, por esperança, eram tão urgentes, assim como o meu desejo e minha vontade de a consolar, por isso, quando tudo começou foi impossível parar.

Fui extremamente cuidadoso, embora perto do clímax eu quase perdesse o controle, desejando me afundar nela com força para me saciar.

Exaustos, acabamos dormindo sem emitir nenhuma palavra, elas não eram necessárias e tê-la em meus braços durante o sono fez-me dormir bem, sua proximidade de mim era a minha tranquilidade.

Despertei cheio de energia, mas a minha realidade não era a mesma que a da minha pequena, como achar que ela estaria bem sabendo que acabara de perder o pai, sua única família? Deixei-a dormir mais um pouco, estava com a expressão tranquila.

Fui até a sala de ginástica onde, após me aquecer pulando cordas, fiquei meia hora socando o pesado saco de pancadas, tentando racionalizar o que acontecera e tudo o que eu vinha sentindo em relação à minha jovem hóspede.

Seria eu um perverso?

Ela era uma menina inexperiente de dezenove anos, enquanto eu era um homem que recém completara trinta e quatro, com uma vasta experiência de vida.

O que diriam meus empregados? As pessoas do círculo social que eu frequentava? Meus pares no alto mundo dos negócios? Meu tio, Rupert, que tinha conhecimento de que Pearl fora leiloada? Vincent, meu melhor amigo, e Abbey, uma senhora que eu amava como uma segunda mãe?

Sem falar nos demais, como Elisabeth e Beatriz, que agora eu considerava como amigas ou Phil, meu amigo do FBI.

Será que todos acreditariam no tanto que eu lutei para evitar isso? Compreenderiam que o que havia entre nós não era apenas físico, mas algo muito

mais íntimo?

Soquei com mais força o saco de pancadas, tentando organizar minhas ideias, minhas mãos estavam apenas cobertas por uma faixa de gaze, em vez de luvas, o suor pingava de meu rosto e minha respiração ofegante da fúria.

Parei exausto abraçando o saco e colocando a testa suada no couro, enquanto acalmava minha respiração.

Quando ergui o rosto observei Pearl parada na porta, ela usava a mesma camisola de cetim azul com que fora ao meu quarto na noite anterior, seus cabelos estavam despenteados de um jeito *sexy*.

Não pude deixar de a desejar, eu deveria mesmo ser um perverso, pensei constrangido com a ereção que forçava o tecido do short.

Com os pés descalços, aquela linda mestiça nativo-brasileira caminhou lentamente em minha direção, com graça, apesar da aparente indecisão enquanto, sem deixar de observá-la, afastei-me do saco desenrolando a gaze das minhas mãos.

Pearl colocou-se a centímetros de mim, seus olhos brilhavam, os lábios estavam entreabertos, seus seios com os mamilos túrgidos subiam e desciam debaixo do fino tecido que os protegia.

Ela envolveu meu pescoço com os braços e eu a abracei pela cintura a puxando de encontro ao meu corpo, beijando-a com violência e paixão.

— Você me deixa louco, sabia disso? — declarei encarando-a fixamente.

Ela sorriu e abriu a mão esquerda, que estava fechada, mostrando uma camisinha embalada em seu interior.

Voltei a beijá-la e a puxei até a estação de musculação, próxima ao saco de pancada, composta de uma mesa articulada que estava dobrada, servindo de banco.

Perla começou a descer por meu pescoço, seus lábios roçando meu peito suado, a ponta de sua língua deslizando por meu abdômen. Arfei com força quando ela desceu meu calção, eu não usava nada por baixo e meu membro pulsou de antecipação.

Ajoelhada, sem erguer a vista para me encarar, de uma forma insanamente ousada para alguém tão inexperiente, ela segurou meu membro com sua miúda mão, mal conseguindo o envolver completamente e passou a manuseá-lo para frente e para trás.

De repente ela tocou a ponta da língua na glândula e senti como se uma corrente elétrica percorresse meu corpo, causando-me uma imediata reação. De forma insegura ela colocou uma parte dele em sua boca quente e passou a sugá-lo desajeitadamente, mas de uma forma tão prazerosa que temi gozar em sua boca.

Tentei me controlar para não forçar sua cabeça de encontro a mim, obrigando-a a engolir mais do que conseguiria.

— Estou fazendo certo? — ouvi-a murmurar após deter a carícia.

— Tudo que você faz é maravilhoso, você é maravilhosa — afirmei com total convicção e a ergui puxando-a de encontro ao meu peito para um longo beijo.

Sentei-me na estação de musculação e ela se encaixou entre minhas pernas, com movimentos rápidos rasguei o invólucro da camisinha que ela havia me entregado e agasalhei meu membro que estava ereto. Ansioso como um moleque, conduzi suas nádegas e a ergui ajudando-a a se sentar nele, suas pernas em volta de minha cintura.

Lentamente a penetrei e percebi um leve tremor em seus lábios, como se ela estivesse sentindo dor e imediatamente me culpei, ela ainda não estava acostumada com o meu volume, por isso segurei sua cintura e comecei a erguê-la, mas Pearl segurou meus ombros e sem desviar os olhos dos meus, deslizou lentamente engolindo-me em seu interior.

Com um gemido ela grudou sua pélvis na minha ficando imóvel, como se precisasse de tempo para se recompor. Também não me movi, apenas mantive minhas mãos em sua cintura, sentindo meu membro pulsando.

Contraí o maxilar para não a estocar com força, Pearl me fazia perder o controle. Ela pareceu sentir minha agonia e fechando os olhos começou a se mover lentamente, ainda grudada em mim, esfregando sua pélvis de encontro a minha.

Senti suas unhas se cravando na pele de meus ombros e a sensação fez-me, por impulso, apertar suas nádegas com força e a beijei. Aquele era um ritual, algo que estávamos criando entre nós.

Ela se curvou para mim e tive ao meu alcance seus seios perfeitos escondidos pelo cetim, os mamilos visíveis. Abocanhei o seu direito enquanto minha mão subia e apertava o esquerdo. Suguei e mordisquei ambos por cima do fino tecido da camisola, alternando com carícias usando a ponta da língua e massagens com as mãos, enquanto ela continuava a se movimentar lentamente, seu corpo colado ao meu.

— Max... — ela gemeu alto e percebi quando ela ergueu o rosto que sua expressão não demonstrava mais dor ou incômodo, apenas tesão com seus olhos brilhando e sua respiração ofegante.

O fino tecido parecia nos atrapalhar, foi quando ela se despiu da camisola deixando-a cair no chão ao lado do banco.

— Como você mexe comigo, Pearl... — gemi e não me contive, segurando suas nádegas a ergui e puxei de volta, a fazendo se movimentar, meu membro deslizando dentro de seu interior extremamente lubrificado.

Ela se curvou novamente e eu beijei seus lábios com voracidade, minhas mãos ainda em suas nádegas a erguendo e puxando, a penetrando cada vez mais rápido, cada vez mais forte.

Seus gemidos se tornaram maiores, suas unhas romperam minha pele

fazendo-a arder, mas a dor era ao mesmo tempo prazer, sentia que eu explodiria em breve e pela primeira vez temi que eu alcançaria o clímax antes de uma parceira minha, algo que não acontecia desde minhas primeiras transas na adolescência.

Suas pernas estavam firmemente em volta de minha cintura, nosso suor se misturava, assim como nossos gemidos.

Escorreguei meu dedo pela pele suada de suas costas descendo até o seu ânus e o pressionei, sem, contudo, a penetrar naquele local.

— Não pare! — Perla gritou voltando o rosto para o teto, expondo seus seios que abocanhei e suguei com força, enquanto usava uma das mãos para a erguer e descer e a outra para continuar a massagem em seu ânus.

— Não vou aguentar! — grunhi desesperado para que o alívio do gozo viesse, tamanha era a tensão que sentia, mas não antes que ela fosse capaz de sentir o seu prazer.

— Max! — foi quando ela gritou se curvando novamente para mim, buscando meus lábios em um beijo voluptuoso, ao mesmo tempo em que eu sentia seus músculos internos se contraírem com força em volta de meu membro.

Não resisti e usando ambas as mãos a erguia e descia de forma rápida, a estocando com força enquanto grunhia como um selvagem em meio aos seus lábios e explodia em um clímax prolongado, ainda a penetrando, até que, exausto e saciado, mantive-a colada ao meu corpo. Ficamos imóveis sentados no banco da estação de musculação, nossas respirações ofegantes, nossos lábios grudados.

Lentamente ela se afastou um pouco, seus olhos tímidos procurando os meus, eu sustentei seu olhar e sorri como um adolescente em sua primeira transa.

— Você é especial, Pearl, jamais conheci alguém assim — disse para afastar qualquer dúvida de sua mente.

Ela sorriu e beijou meus lábios lentamente, desfiz o contato íntimo com

delicadeza e senti-me culpado ao ver novamente uma leve contração de dor em seu semblante e discretos vestígios de sangue no preservativo.

— Eu a machuquei? — perguntei preocupado e envergonhado por ter perdido o controle.

— Não, você nunca me machucaria, você me deu um prazer que eu desconhecia — sorriu corando como a menina que ainda era.

Levantei-me a pegando em meus braços e a levei para o banheiro do meu quarto. Após uma ducha revigorante nos trocamos em meio a sorrisos, brincadeiras e olhares e Pearl fez questão de preparar nosso café da manhã.

— Você vem almoçar hoje? — perguntou enquanto tomava um gole de seu suco de laranja.

— Você cozinha maravilhosamente bem e eu vou acabar engordando — curvei-me sobre ela beijando seus lábios ternamente — mas hoje é o único dia que não poderei vir para cá. Eu tenho um almoço de negócios, mas estarei pontualmente a noite para passarmos mais tempo juntos.

— Tudo bem, então — ela fez um beicinho lindo fingindo estar brava, mas logo voltou a sorrir.

— E você, tem planos?

— Preciso preparar a aula que darei amanhã, no centro de imigrantes, então é possível que eu tenha um dia cheio hoje.

— Eu fico tão preocupado de saber que você ficará andando pela cidade sozinha, ainda sem estar legalizada, posso mandar um motorista para levá-la amanhã e a acompanhar.

— Max! Eu não quero ser um estorvo — ela ergueu a mão ao ver que eu iria a contradizer — e outra coisa, sei que Nova Iorque é uma *cidade santuário*, a polícia daqui não colabora com a imigração.

— Mas isso não quer dizer que você não possa vir a ser abordada por alguém ou encaminhada para um centro de detenção.

Eu sabia que as “*ciudades santuário*” protegiam, de certa forma, os imigrantes irregulares da deportação, recusando-se a cooperar com forças federais de imigração.

— Bem, Abbey só virá para cá amanhã, portanto, doçura, qualquer coisa que precise, você pode ligar ou mandar uma mensagem.

Pearl fez questão de me acompanhar até o elevador e nos despedimos com um longo beijo, que me fez querer dar meia volta e gastar o dia inteiro com ela na cama. Mas, infelizmente, hoje não seria possível.

Perla

A casa ficava silenciosa e vazia sem Max ou Abbey por perto. No Brasil eu estava acostumada com o movimento na padaria, o barulho da sala de aula do ensino médio.

Não tive oportunidade de ingressar na faculdade, embora tenha sido admitida em algumas através do exame do ENEM, mas os meses sem estudar foram os que mais estive ocupada. Eu trabalhava muito.

Fui até o quarto de Max e troquei a cama. Existiam ali evidências da nossa noite de amor que eu não queria fossem vistas por Abbey ou pela faxineira. Deixei os lençóis de molho com as manchas avermelhadas para depois poder os lavar.

As lembranças dos nossos momentos juntos ainda faziam-me flutuar. Quando é que eu poderia imaginar que me envolveria com um homem como ele?

Entretanto, a alegria que preenchia o meu coração pelos meus momentos com Max foi vencida pela minha tristeza, por saber sobre a tragédia de meu pai.

Subi até a área aberta da cobertura e olhei para a cidade. Nova Iorque era barulhenta, mas não era esse o tipo de barulho que eu buscava, eu queria ouvir a risada de meu pai com uma cena engraçada de um filme e até mesmo o seu ronco quando dormia no sofá, que antes tanto me incomodava.

Eu já tinha chorado tanto na tarde anterior, mas parecia que as lágrimas jamais seriam o suficiente.

Peguei o celular, abri o aplicativo de e-mail e comecei a digitar:

Papai,

Eu jamais achei que viveria para esse dia, o dia em que teria que aceitar que você não está mais junto comigo, compartilhando do mesmo pote de pipoca, rindo dos mesmos filmes que eu sempre achei sem graça.

Você não tem ideia do quanto isso dói, pois quando perdemos a mamãe eu ainda tinha você.

Como é que eu vou seguir em frente, sabendo que a minha dor é só minha, que eu estou sozinha?

Para quem eu vou poder dizer: “Eu te amo” se você me deixou?

Mesmo assim, eu te amo, papai.

Da sua, para sempre,

Perla.

Cliquei no botão enviar do e-mail, como todos os e-mails que eu enviara quase todos os dias desde que Abbey havia me entregado o celular.

Deixei as lágrimas escorrerem livremente. Agora eu estava sozinha nesse mundo quase sem fim, em uma selva de pedras que eu teimava em não permitir me amedrontar, mas que era tão intimidadora.

Perdi a noção do tempo, entre lágrimas, naquele terraço. O sol já ardia nos ombros quando voltei para dentro do apartamento e fui pensar sobre a aula que eu daria no dia seguinte.

Tinha a certeza de que ele não gostaria de me ver abatida pelos cantos, era por papai que eu precisava ser ainda mais forte agora. Também por ele que eu precisava começar a pensar sobre o que fazer da minha vida.

Não era justo jogar mais essa responsabilidade sobre Max.

Maxwell

Estava aborrecido por não ter podido ir almoçar em casa, com a Pearl, ainda mais nesse momento difícil para ela, por isso precisava me redimir.

Quando cheguei, no final do dia, encontrei-a esparramada no sofá da sala da cobertura. Embora ela tenha brilhado os olhos e aberto um lindo sorriso quando me viu, existia um tom de tristeza em seu olhar, também vestígios aparentes de que havia chorado.

— Como vai a minha pequena? — perguntei quando ela correu em minha direção e jogou-se em meus braços.

— Impossível ter sentido mais a sua falta do que senti — respondeu ela enquanto eu a apertava contra o meu peito.

Pearl tinha esse poder inexplicável de transformar e ela vinha fazendo de mim um homem sentimental. Beije-i-lhe os lábios ainda com uma das mãos escondidas na altura da minha lombar.

— Quando eu era criança, minha mãe dizia que não existia dor que não

pudesse ser suportada quando tínhamos um bom chocolate — entreguei a ela uma pequena caixa de bombons, dos mais especiais, exatamente os que a minha mãe era apaixonada.

— Oh meu Deus, Max, você me trouxe bombons? — testemunhei o seu sorriso acolhedor e a grande surpresa em sua expressão.

— Os favoritos de minha mãe, quando sinto saudades dela eu os compro para mim, hoje, eu os trouxe para você.

Percebi os seus olhos marejarem e outra vez se protegeu em meus braços. Eu sentia tanta necessidade de cuidar dela, mas a verdade é que, por tudo o que ela havia passado, eu tinha certeza de que Pearl era uma pessoa até mais forte do que eu. E ainda conseguia ser adorável.

— Eu amo chocolate — enxugou os olhos com as mãos e abraçou a caixa cheia de laços.

— Ótimo! — faria de tudo para ver o seu sorriso — Eu vou tomar um banho e volto aqui, podemos comer esse chocolate assistindo juntos o que quer que você esteja assistindo.

— Combinado! E como vocês, norte-americanos, adoram comer sanduíches, eu tenho para o nosso jantar pães salgados recheados, diversos tipos de recheios e os servirei quentinhos para nós.

— Hummm, que delícia, Pearl. Especialidades brasileiras fresquinhas! — pisquei um dos olhos para ela, dei-lhe um rápido beijo e corri para o banho.

*** *** ***

Depois da overdose de chocolate com pães e a certeza de que nossas risadas juntos, assistindo aos filmes antigos, tinha feito Pearl relaxar um pouco, ela adormeceu em meus braços, na minha cama.

E nessa manhã, fui eu quem acordou atrasado, mesmo assim ela correu para preparar algo enquanto eu me arrumava para o trabalho.

Quando cheguei na cozinha e vi que ela já tinha aprendido a preparar o meu copo de proteínas, percebi o quão adaptado eu já estava com a sua presença em minha casa, pois ela havia se dedicado a me conhecer, a saber o que me agradava, mesmo eu tendo sido claro que o encanto dela era ela e não as coisas que fazia por mim.

Pearl era uma garota muita fácil de se apegar.

— Abbey estará aqui mais tarde, é o dia das compras, vocês poderão passar a tarde juntas — disse ao atacar o prato de frutas picadas.

— Não quero atrapalhá-la, mas a companhia dela é ótima.

— Você passará muito tempo na aula do centro de imigrantes? Tem certeza de que não quer que eu peça para um motorista a levar? Fico tão preocupado com você sozinha no metrô.

— Eu vou apenas dar uma aula, volto a tempo para fazer o almoço, ou, quem sabe o traga pronto da aula de panificação? — insistiu com seu olhar meigo e sorriso cativante — Não há necessidade dessa sua preocupação excessiva — riu de mim e sei que me derreti por ela.

— Está bem — suspirei conformado, eu não podia podá-la, apesar da idade, Pearl era uma mulher inteligente, que desejava se tornar independente.

— Max...

— Sim, doçura?

— Você acha que a polícia será capaz de descobrir quem foi o responsável pela morte de meu pai?

— Com certeza — peguei suas mãos e as segurei entre as minhas — Phil, meu amigo do CIA, e Bia, não vão sossegar enquanto não exporem essa quadrilha e levarem todos à prisão, eu juro — prometi enxugando uma lágrima que escorreu pelo seu belo rosto.

— Ele teve um enterro cristão?

— Ainda não, mas pedi para Phil que liberasse o corpo, após o legista terminar seu trabalho. Contratei uma funerária que cuidará o enterro, com um padre para rezar por sua alma. Assim que possível a levarei para visitar seu local de descanso.

Ela concordou meneando a cabeça, tentando controlar as lágrimas. Puxei-a para o calor dos meus braços e a embalei por algum tempo aguardando que o seu pranto suave cessasse

Após terminarmos o desjejum, ela me acompanhou até a porta e ao nos despedirmos me beijou os lábios levemente, trouxe-a firme junto ao meu corpo e aumentei a intensidade do beijo, quase deixando-a sem fôlego.

— Max, assim você não vai para o escritório e eu vou perder minha aula
— riu me empurrando com a palma da mão no peito.

Sorrindo, caminhei até o elevador enquanto ela tinha ficado parada na entrada da sala, com um cativante sorriso. Antes das portas se fecharem, ainda coloquei a palma da mão em frente à minha boca e fiz um gesto enviando um beijo. Pearl fez um gesto como se o agarrasse e colocou a mão em cima do peito, parecíamos um casal recém-casado.

Era impossível não me sentir cativado por ela e assustava-me o fato do quão rapidamente ela se tornara parte da minha vida.



Capítulo 20

Perla

Caminhei com passos lentos em direção ao Centro de Apoio a Imigrantes, poder me distrair ajudando outras pessoas talvez me fizesse bem, não podia ser um peso para Max, queria me sentir útil e nesse momento de dor era ótimo ter com o que ocupar a mente.

A aula inaugural seria rápida, mais uma apresentação do que uma aula, e logo eu voltaria para poder almoçar junto com Max.

Feliz e triste ao mesmo tempo, se pudesse esquecer de todo o resto e falar somente de Max... eu estaria nas nuvens, nunca pensei que minha primeira vez seria tão intensa, Max se mostrou tão cuidadoso, tão carinhoso, tão gentil.

Distraída, pensando nos momentos mágicos, não percebi a aproximação de dois homens que me cercaram, assustada, encarei-os sem saber direito o que fazer, pois não eram bandidos, vestiam coletes e pendurados em seus peitos, distintivos, demorei para compreender que eram policiais.

— Documentos, por favor — pediu o mais velho.

— Eu... — gaguejei assustada ao perceber que não tinha o meu passaporte comigo.

— Turista ou imigrante?

— Sou... — outra vez hesitei — eu posso explicar, estou hospedada na casa de Maxwell Reed, um empresário, esqueci meu passaporte, se pudermos ligar para ele — tentei pegar o celular em minha bolsa.

— Verificaremos a sua história, por favor nos acompanhe — insistiu o outro agente, segurando-me pelo antebraço, puxando-me com firmeza em direção a um veículo estacionado no meio fio, enquanto seu parceiro retirava a bolsa que estava pendurada em meu ombro.

Tentei libertar meu braço do aperto incômodo, mas o oficial, em uma manobra rápida, virou-me de costas para ele e me algemou, em seguida abaixaram minha nuca e me fizeram entrar no banco traseiro de um veículo oficial.

Lágrimas de vergonha afloraram em meus olhos, eu nunca infringira a lei, nunca fora detida na vida, na verdade, no Brasil, eu nunca entrara em uma viatura policial ou delegacia, quanto mais ser algemada!

Mas, então, recordei-me de que imigrar ilegalmente é crime.

— Por favor, *me* deixem ligar para Max — pedi.

Apenas o silêncio foi a resposta que recebi.

Entendi que o melhor era ficar em silêncio, eu conhecia um pouco como funcionava o serviço da polícia de imigração, pois fizera algumas pesquisas ainda

no Brasil. Sabia que seria levada para um Centro de Detenção de Imigrantes no momento em que confirmassem que eu não tinha um visto ou o registro de entrada legal no país e lá ficaria, até que fosse apresentada para um juiz de imigração.

Pela sigla ICE, que observei nas costas dos coletes dos dois homens no banco da frente, percebi que havia sido detida pelo *Immigration and Customs Enforcement*, o Serviço de Imigração e Controle de Aduanas dos Estados Unidos da América, uma agência policial subordinada hierarquicamente ao Departamento de Segurança Interna, responsável por detectar, investigar e corrigir vulnerabilidades relacionadas às fronteiras, um órgão que era o terror dos imigrantes que se referiam a ele como “*La Migra*”.

Fui levada para o que parecia uma delegacia de polícia, deixaram-me sentada, algemada, em um banco duro de madeira no interior de uma cela por duas horas, pelo que me pareceu, até que os mesmos agentes voltaram e sem dizerem qualquer palavra me levaram de volta ao veículo.

— Eu não tenho direito a um telefonema?

— Você é uma *ilegal*, não tem direito algum, nem documentos você tem e pelo que me consta pode ser membro de alguma gangue latina — o agente mais novo se voltou no banco para me encarar — o melhor que você pode fazer é ficar com a porra da boca fechada.

Desviei o olhar para a janela observando os prédios passarem e as pessoas andando pelas ruas da cidade cuidando de seus próprios problemas.

Tentei ser forte e não deixar as lágrimas escorrerem, estavam praticando abuso de autoridade comigo, era claro que não me dariam os meus direitos, quanto mais eu argumentasse seria pior, precisava achar o momento certo para fazer alguma coisa que não me encrencasse ainda mais.

A minha força de vontade era maior do que a bola incômoda que se formava em minha garganta, mesmo imobilizada pelas algemas, consegui tomar

uma mão na outra para esconder o quão trêmulas estavam.

Transpirava frio, era sempre essa a sensação que eu experimentava quando sabia que algo muito sério ia dar errado e ainda não tinha ideia do que fazer, mas aprendera a administrar o pânico. Embora houvesse a certeza de que Max também procuraria por mim quando percebesse o meu sumiço, eu estava impotente.

Ao prestar atenção no caminho e nas placas de trânsito, finalmente descobri para onde estávamos indo, um aeroporto!

Novamente me deixaram esperando por um longo tempo sentada em outro banco, ainda algemada, no interior do que parecia um escritório, até que vieram me buscar e me levaram para um jatinho.

Fui entregue aos cuidados de um homem e uma mulher de expressões severas, que me obrigaram a sentar em uma poltrona.

Ainda tentei questionar o que estava acontecendo, para onde me levariam e o motivo de não ter sido concedido o meu direito a uma ligação telefônica, mas fui ignorada e continuava sendo tratada como se eu fosse uma criminosa.

Antes de me tirarem da sala, ainda fiz uma última tentativa de chamar a atenção:

— Eu sei que tenho direitos! — gritei chacoalhando as mãos tentando me livrar da amarra que prendia as algemas ao banco, mas a única coisa que recebi foi um “*QUIETA!*” seguido de uma bofetada na cara de uma agente da imigração que me monitorava.

Fui levada para um avião sob a ameaça de que se eu fizesse qualquer barulho seria entregue a um presídio e não um centro de imigrantes e quando decolamos o sol já começava a se pôr no horizonte, para onde estavam me levando? Será que Max já percebera o meu desaparecimento?

Perdi a noção do tempo em razão da longa viagem, estava transtornada, temia pelo que vinha pela frente.

Desembarcamos em meio a um calor infernal e após outra longa espera me colocaram em um veículo na pista do aeroporto. Ainda algemada, novamente trafegamos pelas ruas movimentadas de outra cidade americana, ao menos ainda não haviam me tirado do país.

Não sabia onde estava, pelas placas de trânsito não conhecia os nomes das cidades ou bairros, sentia-me exausta e faminta. Durante o voo eu recebera apenas uma garrafa plástica de água e duas barras de cereais.

Acabei cochilando no banco traseiro do veículo e acordei sendo puxada pelo braço, por um dos agentes.

Percebi que estávamos em um grande conjunto de prédios, alambrados de metal com serpentinas no topo mostravam que aquilo poderia ser um centro de detenção de imigrantes ou pior, uma cadeia.

Levaram-me até o que parecia o *hall* de entrada, enquanto os dois agentes que me escoltavam conversavam com um atendente atrás de um balcão, deixando-me sentada em um banco, ainda algemada.

Finalmente eles se aproximaram, tiraram minhas algemas e foram embora, duas mulheres uniformizadas me levaram até outra sala onde havia outras cinco mulheres de idades variadas, falar não era permitido.

Aquilo parecia uma sala de triagem, uma funcionária, atrás de uma grade de metal, nos chamou uma por vez e entregou-nos o uniforme que deveríamos usar, um macacão laranja, camiseta branca, conjunto de calcinha e sutiã, além de tênis de solado fino. Também nos forneceram um saco plástico contendo sabonete, escova e pasta de dentes e uma toalha.

Tivemos que nos despir de nossas roupas e colocá-las em um saco plástico com os objetos que carregávamos, que nos seriam devolvidos quando saíssemos, ao menos foi o que informaram. Mas eu já não carregava mais nada comigo, não tinha ideia de onde haviam deixado a minha bolsa, o celular e até o meu casaco.

Em seguida, as duas agentes prisionais nos fizeram passar por duas portas

automáticas e entramos na área das detentas. Passamos por um corredor com portas de ambos os lados, que estavam abertas, onde algumas mulheres das mais variadas idades nos observavam e gracejavam, principalmente em espanhol, mas também havia algumas asiáticas e de outras nacionalidades que eu não pude identificar.

— Este é o seu quarto — avisou uma das agentes e me empurrou para dentro do cubículo.

Fiquei parada, não havia janelas, apenas uma cama beliche em cada lado da parede e um pequeno reservado onde se localizava o vaso sanitário.

Uma mulher forte de meia idade estava sentada em uma das camas na parte de baixo e me encarou curiosa.

— De onde você é? — perguntou em espanhol.

— Brasil — respondi ainda imóvel.

— Pode ficar com cama de cima — ofereceu se levantando — Meu nome é Francisca, sou do México, essa é a segunda vez que sou detida como “*ilegal*”.

— Prazer, meu nome é Perla — coloquei minhas coisas na cama.

— Nunca foi detida, né?

— Não — tentei sorrir para esconder o meu medo.

— Garota, eles podem não chamar isso aqui de cadeia, mas é isso que é na realidade. Venha, vou lhe mostrar o local.

— Eu não deveria ter o direito a um telefonema? Ou avisar a alguém que fui pega? — perguntei tentando entender o porquê de não terem me dado qualquer resposta ou informação.

— Você não foi levada a um juiz ainda? — perguntou a senhora bastante curiosa — Imigração ilegal não é um caso criminal, é civil, se você não infringiu a lei criminal, nem sei se deveria estar aqui.

— Não acho que eu tenha feito algo de errado, eu fui abordada na rua, estava em Manhattan, simplesmente me algemaram e me trouxeram para cá. Pedi para me deixarem avisar o meu... bem, a pessoa que estava me acolhendo, mas trataram-me como uma criminosa desde o início.

— Você deve estar na mira de alguém, *chica*, ou tem algum político com fortes interesses em que você seja deportada, pois a grande verdade é que qualquer imigrante detido tem direito a se apresentar a um juiz e a uma corte de imigração. Claro, não no meu caso. Eu já tenho ficha criminal, fui condenada por desacato no passado e nem tenho dinheiro para pagar uma fiança, mas no seu, se realmente não fez nada, poderia permanecer em liberdade enquanto o processo rola nos devidos trâmites, ainda mais se tiver familiares ou alguém legal que arque com os seus custos na cidade.

— E nunca poderei fazer uma ligação? — precisava desesperadamente falar com Max, descobrira que estava no Texas, isso não fazia qualquer sentido, haviam me tirado de Nova Iorque sem que eu pudesse avisar alguém.

— Aqui, basta ter dinheiro para pagar que poderá usar o telefone, nos momentos certos, mas essa é uma das coisas mais caras que pode encontrar em um centro de detenções e aposto que não deve ter nada, pois confiscaram os seus pertences, não foi? — perguntou ela com um certo sarcasmo e compreendi o que ela queria dizer — Venha, a primeira coisa a fazer antes de começar a se lamentar aqui neste *infierno* é conhecer o lugar.

Será que Max conseguiria me encontrar se eu não conseguisse falar com ele? Estava em pânico, mas tentei não demonstrar, em um momento tão difícil como esse se eu me desesperasse seria muito pior. Talvez fosse mesmo melhor compreender as regras do local com Francisca, já que ela parecia interessada em me ajudar e para isso respirei fundo e tentei ganhar forças.

Saí na companhia da mulher e atravessamos o corredor, no final havia uma porta dupla.

— Este é o banheiro onde você pode tomar banho — explicou e ignorou a

porta passando por outra, do outro lado do corredor, que dava acesso a um grande pátio descoberto — aqui é o que eles chamam de centro de convivência.

Observei o local, havia vários grupos de mulheres em rodinhas separadas, em uma quadra de basquete algumas jogavam a bola no cesto, em outro canto, em uma pequena academia com equipamentos de musculação, algumas mulheres malhavam.

Parecia tudo muito tranquilo se eu não soubesse que estava em uma prisão, as detentas todas uniformizadas.

Atravessamos a quadra e entramos por outra porta, o cheiro de comida me atingiu revoltando meu estômago.

— Aqui ficam o refeitório e a cozinha, são três refeições diárias, perca uma e passará fome pois não poderá comer fora do horário — explicou.

Saímos novamente e nos sentamos em um banco em volta da quadra.

— O que você tem que fazer para sobreviver é aguentar até que seu processo seja lido e você deportada, depois, se tiver coragem, tente atravessar a fronteira novamente. Tome cuidado com as gangues, a que domina este centro é a M-13.

— M-13? — perguntei curiosa.

— *Mara Salvatrucha*^[43] — explicou — é uma gangue formada principalmente por salvadorenhos.

— Quem é essa *guapa*, Francisca? — perguntou uma mulher enorme que se aproximara, cercada por outras cinco, de idades diferentes.

— Ela chegou hoje, Maria — respondeu minha acompanhante — é brasileira, não pertence a nenhum grupo.

— *És muy bonita, chica* — a mulher segurou meu queixo com sua mão forte, obrigando-me a encará-la — seja minha amiga e seus dias aqui serão

tranquilos.

— Deixe-a em paz, Maria — pediu Francisca.

— Por enquanto, tudo bem, por enquanto... — riu e após piscar para mim se afastou com as demais mulheres.

— Tome cuidado com ela, Maria assumiu a liderança do M-13 há um mês, depois que sua antecessora foi deportada.

— E você? Não faz parte de nenhum grupo?

— Não, elas me respeitam e eu não as incomodo, sabem da minha fama.

— Sua fama?

— Na primeira vez que fui detida, há dois anos, uma mulher tentou se engraçar comigo, eu a espanquei até a inconsciência — deu de ombros — aqui o que impera é a lei do mais forte.

— E por que você está me ajudando?

— Tenho uma filha de sua idade na Cidade do México, você se parece com ela — deu de ombros novamente.

Maxwell

Odiava a ideia de ter que quebrar a minha promessa para Pearl, mas como eu andava um pouco omisso no trabalho, algumas pendências foram se acumulando. Resultado? Não poderia ir almoçar com ela, o pior é que seria o segundo dia que eu fazia isso.

Sentia-me péssimo, pois ela estava vulnerável pelo pai, sem falar que agora havia sexo envolvido entre nós. Para uma garota de dezenove anos, sexo mudava tudo.

Mandei uma mensagem para ela, mesmo assim, isso não aliviava a minha culpa, precisaria recompensá-la a noite.

*“Oi doçura,
sinto muito,
mas não poderei almoçar com você.
Prometo compensá-la a noite.
Infelizmente são problemas no trabalho”*

Eu teria ligado se não tivesse certeza de que ela estava no meio de sua primeira aula como instrutora de panificação.

E foi assim que eu mergulhei de cabeça, uma reunião atrás da outra, um problema ou uma decisão mais crítica que a outra. Rupert na empreitada junto comigo e dessa vez ele seguira à risca o fato de eu não querer Alisson por perto, pois seria ele o mensageiro dos temas sobre novos negócios para ela.

Daqui para frente seria assim, ou ela, ou eu, nas reuniões dos temas de sua área, até eu decidir o que realmente faria em relação à sua situação empregatícia na empresa.

Já passava das quinze horas quando tive uma breve pausa entre reuniões, olhei para o celular e não havia resposta de Pearl. Que droga! Em um momento tão delicado como esse ela realmente tinha ficado chateada comigo.

Liguei para ela e foi direto para a caixa postal.

A esta hora era provável que ela estivesse com a Abbey, divertindo-se com as compras, por isso liguei para a minha governanta.

— Abbey!

— Max — respondeu ela animada — ligou na hora certa, se esqueceu de alguma coisa na sua lista de compras este é o momento, estou quase terminando.

— Na verdade quero saber se Pearl está com você, pois não atende minhas ligações.

— Eu saí antes dela voltar para o apartamento, não nos encontramos hoje.

Será que, outra vez, ela havia se perdido no metrô?

Não, não podia ser. Pearl havia feito uma promessa para mim que jamais me deixaria no escuro sobre onde estivesse. Senti gelar o corpo, depois de tudo o que havia acontecido com ela e o momento em que estava passando, era impossível não estar excessivamente zeloso por seu bem-estar.

— Abbey, algo aconteceu. Você tem o contato do Centro de Apoio que ela frequenta?

— Dê-me um minuto, Max, ligarei para lá agora e já te retorno — dessa vez até o tom de voz de Abbey mudara. Ela também sabia da promessa de Pearl de jamais deixar de nos avisar caso acontecesse algum atraso seu, ou estivesse perdida.

Avisei à Bonnie que me atrasaria para a próxima reunião através do interfone, comecei a ficar tenso além do normal, talvez porque eu estivesse com uma sensação ruim.

Ignorei as batidas na porta e caminhando de um lado para o outro com o celular na mão, parei em frente à janela olhando para a imensidão de prédios lá fora.

— Max — era Rupert que adentrou a minha sala mesmo sem eu o convidar.

— Agora não, Rupert!

Imediatamente senti o celular vibrar em minha mão.

— Abbey!

— Max, ela jamais apareceu no Centro de Apoio, eles também ligaram várias vezes para ela, sem resposta.

— Acionarei as autoridades — foi a única coisa que disse e olhei para um confuso Rupert que se recusara a sair da minha sala.

— O que está havendo? — perguntou ele e só fiz um gesto para que aguardasse enquanto eu ligava para Phil.

— Amigo... — ignorei qualquer gesto de educação e fui direto ao assunto — a Pearl sumiu, preciso da sua ajuda para a encontrar. Pelos meus cálculos está sumida desde as nove e meia da manhã, quando deveria estar dando uma aula em um centro comunitário e jamais chegou lá. Não atende ao celular, não deu notícias.

Passei a ele o número dela para rastreio de geolocalização, se possível, também fui enfático de que era sério, nós tínhamos um acordo, ela jamais mudaria os planos sem me avisar, ou ao menos a Abbey. Algo havia acontecido e eu sabia disso.

Compreendia os protocolos oficiais sobre reporte de desaparecidos e era exatamente por isso que eu não podia esperar e Phil, sabendo de tudo o que havia acontecido com ela, melhor do que ninguém, compreendia a minha angústia.

— Pearl está desaparecida — finalmente disse a Rupert ao desligar a ligação telefônica com Phil.

— Ela é uma selvagem, meu sobrinho. Mais dia menos dia bateria suas asas e iria embora, ainda mais se você deu dinheiro a ela — disse inconsequente e não pude acreditar no que eu estava ouvindo.

Voei para cima dele, mesmo sendo o meu próprio tio, empurrei-o contra a parede e faltou pouco para não o pegar pelo pescoço.

— Jamais volte a dizer algo assim dela! — gritei sem nem medir as

consequências — Saia da minha sala, agora!

— Max...

— Saia daqui!

Não tinha mais cabeça para continuar as reuniões. Desliguei o *notebook*, fechei a mala e só disse para Bonnie que estaria indisponível por tempo indeterminado. Sabia que não havia muito o que ser feito, mas eu também não ficaria no escritório com o meu nível de estresse beirando ao ingerenciável.



Capítulo 21

Maxwell

No taxi, de volta para casa, recebi uma ligação, era Phil.

— Calma, amigo, não tenho tantos detalhes, mas ela foi registrada pelo departamento de Homeland Security (DHS) uma hora atrás. O processo me parece um pouco estranho, não tem detalhes de onde ela está, ou o que houve, estamos investigando, mas queria que soubesse que ela não está perdida e temos um norte.

— Homeland? Como eles chegaram até ela?

— Infelizmente ainda não descobri nada além disso. Tenha um pouco de

paciência neste momento, pois estou usando caminhos extraoficiais. Mas tenha a certeza de que farei tudo o que estiver ao meu alcance.

Desliguei a ligação e imediatamente recorri a Collin.

— Amigo, eu sei que só tenho pedido favores, mas dê-me o seu preço pois o que eu preciso hoje é que faça tudo o que estiver ao seu alcance. É Pearl, ela foi detida por Homeland.

— Como isso foi acontecer? Em Nova Iorque há muita vista grossa para imigração ilegal, a não ser que ela tenha cometido um delito...

— Pearl não fez nada de errado salvo sair de casa esta manhã para poder se distrair dando uma aula de panificação, eu sei disso, ela é transparente. É este país que está acabando com a vida dela! Foi sequestrada ao cruzar a fronteira — evitei dar detalhes do que acontecera com a minha pequena até então — chegou a Nova Iorque presa como um animal, seu pai foi assassinado nas fazendas de imigrantes ilegais e agora ela é capturada. Ela não merece nada disso.

— Calma, Max! — meu amigo ainda tentou me acalmar — Se ela foi detida como imigrante ilegal deve ser levada a um juiz, ela tem direito a ficar em liberdade mediante fiança, ainda mais tendo alguém como você ao lado dela.

— Faça o que for necessário, dinheiro não é problema.

Desliguei a ligação transtornado.

Se o departamento de imigração dos Estados Unidos achava que eu deixaria isso barato, estava enganado. Não havia nada mais importante, neste momento, do que trazê-la de volta para mim.

A noite chegou e não havia notícias de para onde Pearl fora enviada. Phil me aconselhou a ter paciência, após minha décima ligação cobrando por notícias, explicou que a burocracia do governo era grande e às vezes as informações demoravam para chegar, assim como as atualizações do sistema, os contatos extraoficiais que ele tinha nada sabiam a respeito, aquele estava sendo um caso

anormal. Mesmo assim ele estava tentando usar de sua influência por ser agente da CIA.

Beatriz e Elisabeth apareceram na companhia de Vincent, Abbey ligara informando meu amigo do desaparecimento. Agora estávamos todos em minha casa.

— Isso é bem estranho — afirmou Bia — quando Beth me contou eu fiz algumas pesquisas, entrei em contato com algumas pessoas ligadas à causa dos imigrantes que conhecem pessoas com acesso aos processos, Pearl não foi enviada para nenhum Centro de Detenção no Estado de Nova Iorque. Talvez por isso Phil esteja com tanta dificuldade em saber o que houve e reticente ao dizer algo que pode ser uma informação incoerente, eu entendo o cuidado que ele está tendo. Entretanto, algo está errado Max, Phil sabe disso, estamos entrando em uma zona muito nebulosa.

— Tenho alguns contatos na cúpula NYPD^[44], operei o coração do pai de um capitão, ele pesquisou no sistema da polícia, Pearl ainda não foi fichada em nenhum distrito — explicou Vincent.

— Como é possível que o “sistema” desapareça com alguém dessa forma? — irritou-se Elisabeth.

— Infelizmente esse governo vem implantando uma política linha dura contra os imigrantes — completou Bia.

— Meu medo não é por Pearl ser deportada, porque se isso chegar a acontecer eu a trago de volta, a qualquer custo — sim, eu estava determinado — mas temo pelo que possa acontecer a ela durante todo esse trâmite, não a vejo em um Centro de Detenção, muito menos sozinha nas mãos da polícia. Sabemos dos escândalos de maus tratos a alguns imigrantes em determinados locais, não consigo nem a imaginar passando por algo assim.

— Calma, Max — Vince tentou me acalmar, mas a sua tentativa foi em vão.

— Collin, meu advogado, tentou me tranquilizar também, disse que nesses casos uma fiança precisa ser arbitrada para ela aguardar o pedido de regularização de sua situação em liberdade, o ponto é que, se nem sabemos onde ela está, como saberei se uma audiência será feita? Enquanto isso ela está desamparada — estressado, passei ambas as mãos pelo cabelo tentando não entrar em desespero.

— Pesquisei esses centros durante minha investigação sobre o desaparecimento do pai de Perla, em sua maioria são administrados por empresas privadas, mais preocupadas com lucro do que com as condições dos imigrantes em suas dependências — Bia estava tão preocupada quanto eu — não quero os alarmar, mas há queixas de abusos sexuais praticados por guardas, violência interna, maus-tratos, uma verdadeira afronta aos direitos humanos!

— Quanto tempo você leva para levantar quais os responsáveis por cada um desses centros? — pedi a Bia, nem que eu tivesse que ir um a um, eu faria isso.

— Isso é fácil, conversarei com Phil e acho que teremos isso em poucas horas.

Por volta de uma da madrugada meus amigos foram embora e fui me deitar, Abbey se recusou a ir para casa e resolveu dormir no quarto de hóspedes.

— Não se preocupe Max, vamos encontrar a nossa Pearl — consolou-me após eu lhe desejar boa noite — Ela é uma menina forte e em breve estará novamente enchendo esse apartamento de alegria.

— Abbey, eu... — sentia-me envergonhado, precisava contar para ela sobre o que acontecera entre nós.

— Vocês estão juntos — ela cortou — eu já sei.

— Como você descobriu?

— Sou velha, mas não sou cega, em Hamptons percebi que ela está apaixonada por você, era óbvio — sorriu — e acredito que algo tenha acontecido,

bastava ver os olhares que vocês trocaram durante a viagem de volta, tentando enganar essa velha aqui.

— Eu...

— Apenas não a magoe, Max, se você não está apaixonado por ela a ajude e depois deixe-a seguir seu próprio caminho, ela já sofreu o bastante — completou batendo de leve, carinhosamente, na minha bochecha — mas eu acredito que você também esteja apaixonado.

Sorrindo, ela foi se recolher e fiquei na sala, do andar superior, na cobertura, de onde através das paredes de vidro eu podia olhar as luzes da cidade.

Eu estava verdadeiramente apavorado e preocupado com Pearl, mas seria apenas pelo fato de que me considerava responsável por ela, ou eu realmente estava apaixonado pela jovem brasileira?

Quatro dias depois, já nem dormia direito, os contatos de Bia também não tinham notícias. Nossas ligações aos Centros de Detenções resultavam sempre em negativas, Phil também não tinha pistas.

— Ela simplesmente desapareceu, não encontramos pistas em nenhum registro — avisou-me também preocupado quando nos reunimos em meu apartamento.

— Onde ela está? Meu Deus! — desesperei-me com o cenário. Se nem a CIA conseguia achar a minha pequena, só podia ter acontecido algo grave.

Estávamos falando que tínhamos em nosso favor acesso a dados da Central de Inteligência e a Pearl havia evaporado, eu não conseguia compreender como algo assim podia acontecer!

Espalmei a mesa de centro, na sala, com violência, joguei o celular longe, do outro lado do sofá e levei as mãos ao rosto respirando fundo para não perder ainda mais o controle.

— Olha, minhas investigações sobre o desaparecimento do senhor Becker

apontam para o *Hell's Club*. Os imigrantes resgatados dessa fazenda entraram clandestinamente pelo mesmo ponto em que Perla e seu pai entraram, alguns já se reencontraram com suas famílias após a nossa operação e um deles teve a irmã também enviada ao clube.

— Então meu tio Rupert deve saber de tudo! — estava a ponto de sair correndo e buscá-lo até no inferno se necessário fosse. — Vou arrancar a informação dele, nem que seja sob tortura.

— Calma, Max, se agir impulsivamente e eles estiverem mesmo envolvidos em tudo isso, o desfecho pode ser ainda mais perigoso. Não sabemos o que podem fazer com Pearl! Supondo que o pior já não tenha acontecido...

— Você quer dizer.... — temi falar em voz alta o que ele pensava, a minha pequena morta!

— É uma possibilidade, você precisa estar preparado, mas não vamos desistir, acho que a melhor solução é nos infiltrarmos no *Hell's Club*, se conseguirmos levantar informações internas, talvez consigamos pistas relevantes sobre o esquema e quem sabe o possível paradeiro de Pearl.

— Ela é só uma jovem garota, Phil, nunca fez mal a ninguém. Veio buscar um sonho, cruzando a fronteira ilegalmente como milhares de outras garotas já fizeram. Qual a importância dela para qualquer que seja esse esquema mirabolante? Eu não consigo entender!

— O ponto não é ela, Max — o agente começou a tentar explicar, mas eu estava revoltado, ela era somente uma menina inocente — ela deve ser só mais um número, uma peça em um esquema cuja dimensão não temos ainda. Mas, pode representar uma ameaça ao esquema deles, por isso estarmos lá dentro pode nos trazer informações valiosas.

— E como faremos isso?

— Leve-me até lá — pediu Bia determinada e parecia estar muito sincronizada com Phil — eu darei um jeito de entrar no escritório eu você

mencionou e vasculhar por pistas, inclusive o *notebook*. Se o *firewall*^[45] de segurança deles nos impede de *hackearmos* a informação, eu sempre posso plantar alguma coisinha para brincarmos depois.

— E como você faria isso? As portas possuem fechaduras eletrônicas, o *notebook* com certeza deve possuir senhas, os fichários trancados — perguntei.

— Deixe essa parte comigo, a CIA tem alguns brinquedinhos muito interessantes — sorriu de forma dura Phil.

Disposto a qualquer coisa que pudesse me render alguma pista sobre Pearl, não mediria esforços para tentar.

— Falarei com meu tio, pedirei para ele um convite para o próximo encontro que, se não me engano, será amanhã.

— Lembre-se Max, ele deve acreditar que você não se importa com o desaparecimento de Perla. Cuidado, a partir de agora, como se posiciona publicamente em relação a esta garota, pois será importante montarmos o seu álibi.

— Farei o possível — suspirei tentando ser racional, perder a cabeça em nada ajudaria a minha pequena.

Maxwell

Fui até o escritório e sem ser anunciado entrei na sala da presidência sob o olhar atônito da secretária que não ousou me impedir, afinal, todos sabiam que em breve eu assumiria aquela cadeira, que era minha por direito.

Rupert estava ao celular e ao me ver encerrou a ligação, após murmurar algumas palavras.

— Max, que surpresa, pensei que não viria essa semana ao escritório — disse ao se levantar e fazendo um gesto para que eu me sentasse em uma poltrona

em frente à sua mesa.

— Rupert, precisamos conversar — avisei ao aceitar sua oferta.

— Sou todos ouvidos...

— Você me disse que é a Torre Negra no círculo dos membros permanentes do *Hell's Club*.

— Sim... — incentivou cauteloso.

— Gostaria de saber quem são os reis e rainhas — fui direto ao ponto.

— Max, não posso lhe contar isso, os membros permanentes assinam um acordo de confidencialidade, eu posso ser processado e pagar uma multa milionária. De qualquer forma, há peças importantes no tabuleiro que se escondem mais, outra menos, sou honesto ao dizer que não sei a identidade de todos, somente alguns e os reis estão na lista dos que eu não sei.

— E como eu faço para me tornar membro permanente?

— De onde vem esse interesse — indagou curioso e um pouco desconfortável.

— Esse é um momento de muita pressão e estresse, sinto que preciso de um pouco de distração regada a prazer.

— Eu até tinha esperanças de torná-lo membro um dia, mas o *incidente* com aquela selvagem, sua teimosia em não se *livrar* desse problema são empecilhos para que seja aceito.

— Sabia que foi sequestrada na fronteira antes de ser encaminhada ao clube? — se Rupert soubesse de algo ele teria que me contar.

— Eu sou uma peça relevante no tabuleiro, mas não tenho acesso a este tipo de informação — reclinou-se em minha direção, mas sem transparecer qualquer alteração em sua expressão — Fico sabendo da atração especial da noite como qualquer outro membro e não faço parte de qualquer comitê deles. O

privilégio que eu tenho ao ser um membro permanente é livre acesso às atrações, importantes contatos de negócios, pois há muitos poderosos naquele lugar e claro, uma suíte privativa.

Bufei irritado, não era possível que o meu tio soubesse quase nada, ele contribuía com uma mensalidade salgada demais para ter só isso como benefício.

— Você sabe como ela foi parar lá? Pois talvez tenhamos a oportunidade de ter outras para o nosso deleite.

— Não, a única coisa que eu sei é que ela assinou um contrato autorizando sua participação no evento da noite, as atrações, sejam as esporádicas ou permanentes, não são obrigadas a nada, todas assinam contratos e são muito bem pagas.

— Pearl não recebeu nenhum centavo — acusei tentando controlar minha raiva, mas imprimi um tom tranquilo — talvez por isso ela tenha ficado alguns dias em minha casa, usufruiu do que queria e fugiu com o que conseguiu levar.

— Porque você não a devolveu ao clube, se tivesse feito isso ela teria recebido uma parte do que você pagou e estaria livre para ir ou ficar no clube como uma atração, como bem quisesse! — ele suspirou — Não entendo sua obsessão por essa jovem, desde a adolescência você nunca teve um relacionamento fixo, nunca se interessou por meninas ingênuas, por que isso agora? Uma *selvagem* vinda da floresta amazônica? Ela não deve conseguir manter uma conversa civilizada por mais de quinze minutos, sua única qualidade é sua beleza ímpar.

Seria o meu tio mais fiel ao clube do que a mim? Precisava pensar rápido e mudar a minha estratégia ou não seria capaz de descobrir nada do que eu precisava.

— Digamos que eu me afeiçoei a ela, é verdade, como se fosse um cãozinho, ou um brinquedo — tentei soar lascivo, sentindo-me nojento por dentro e controlando minha vontade de socar meu próprio tio — mas esse problema foi

resolvido, ela desapareceu, simplesmente foi embora, você já sabe disso.

Encarei o homem à minha frente, podíamos não ser íntimos, mas ele era irmão de meu pai, até onde eu sabia ele sempre dirigira as empresas com lisura, estaria envolvido em algum possível esquema criminoso por trás do *Hell's Club*?

— Max, se quer um conselho, esqueça o *Hell's Club*, foi um erro ter pedido ao Kinsley para o levar até lá.

Relaxe o corpo e recostei-me na poltrona, precisava ser esperto, como meu pai sempre me ensinara. Máscaras, um dia, caem e eu não me importaria se a minha caísse em breve, eu só precisava que ela durasse o suficiente para descobrir quem estava atrás de Pearl, pois a sua captura fora encomendada, essa era a minha aposta. O governo não agia assim quando seguia os protocolos como deveriam ser.

— Por que tão preocupado, tio? — levantei-me da poltrona, fui até o aparador na parede oposta à janela e servi dois copos de uísque, entregando um a ele e voltei a me sentar — Eu paguei caro pela indígena, verdade, ainda queria usufruir um pouco mais do meu investimento, mas parece que fiquei no prejuízo — ri erguendo o copo de uísque e tomando um gole.

— Tranquiliza-me saber disso.

— Você sempre soube o meu estilo. Fato que durante esses dias longe do trabalho estava empenhado em encontrar a garota, afinal, aquilo foi muito dinheiro para se perder assim, mas também conheci algumas outras mulheres, você sabe, explorando esse mundo das mais jovens descobri que há um caminho interessante de prazer a se provar e tenho uma outra garota muito interessante.

— Que surpresa, Max — riu ao dar o seu primeiro gole — e eu aqui preocupado achando que você começaria a me dar problemas, principalmente com a selvagem.

— Eu não me acho tão louco assim, não acredito que você me conheça

verdadeiramente. Sou um homem viril e preciso desses momentos, por isso que eu peço um favor.

— Se estiver ao meu alcance — recostou-se em sua poltrona mirando seus olhos nos meus.

— Gostaria de ir novamente no clube, tenho uma nova *amiga* que gosta de experiências exóticas e talvez ela se interesse pelo que o lugar pode oferecer para nos proporcionar um tempero a mais. E lá no clube, quem sabe, ainda fazer mais contatos para futuras aventuras?

— Esse é o Max que eu conheço — riu pela primeira vez, deixando para trás o resto da tensão, agora dando um gole generoso em seu copo — mas não tenho certeza de que você deveria voltar lá. Você está marcado.

— Uma noite inocente para apimentar um *rendezvou*^[46] com uma mulher de gostos peculiares? Qual o risco?

— Posso tentar — disse pensativo e reticente — teremos uma reunião amanhã, por que não me manda o currículo social dela? — concordou — Apenas por questão de segurança, você entende, certo?

— É claro. Isso não será um problema, ela é *gabaritada* no mundo da alta classe!

Nesse momento bateram na porta e em ato contínuo Alisson entrou na sala.

— Rupert eu... — deteve-se ao me ver sentado na poltrona — desculpe, não sabia que você estava ocupado.

— Não precisa se desculpar Alisson, eu que devo desculpas pela forma como a tratei e aos nossos convidados na festa. Acho que estava meio enfeitiçado pela selvagem brasileira, afinal, ainda não tinha conseguido concretizar o meu desejo, mas depois que eu colhi sua virtude — tentei rir da piada que causava nojo em mim mesmo — ela perdeu a graça, acho até que foi melhor ela ter ido embora,

acredita que sumiram alguns objetos de valor do meu apartamento?

— Eu sabia, uma pequena ladra com carinha de inocente! — Alisson sorriu com a expressão vitoriosa — Que bom Max, não sabe como eu estava mortificada por você ter ficado com raiva de mim.

— Não se preocupe, quem sabe podemos jantar um dia desses? — sugeriu piscando um olho — Entenda o convite como forma de me desculpar pelos meus modos.

— Adoraria — sorriu e controlei minha vontade de a agarrar pelo pescoço.

— Acho que vocês têm assuntos a tratar, por enquanto é só, obrigado Rupert — levantei-me e saí da sala.

Envergonhado por ter usado aquelas palavras sobre a minha pequena, mas satisfeito por ter dado um passo rumo a um novo passaporte ao clube, agora eu precisava que o pessoal de Phil produzisse uma identidade falsa para Beatriz.

*** *** ***

Desci da limusine e dei minha mão para auxiliar Beatriz. Ela trajava um longo vestido negro com um decote generoso nas costas, colo aparente e fenda que deixava à mostra seu par de coxas grossas, o que poderia chamar a atenção de qualquer *caçador*.

Um modelo exclusivo de um ateliê famoso e que custara uma pequena fortuna, cortesia minha, afinal, se ela iria entrar no *Hell's Club* disfarçada, deveria ser algo crível e a maioria das mulheres daquele local reconheceriam a marca do vestido que a minha acompanhante usava.

As joias também eram de uma joalheria famosa em Nova Iorque e um artífice quase chorou ao ter que desmontar o colar e os brincos, para camuflar um microfone e uma minicâmera que começariam a funcionar tão logo entrássemos.

Repassei mentalmente a instrução de Phil, que conseguira aqueles equipamentos com o pessoal da CIA^[47], em Langley, Virgínia.

— Você terá um kit diferente, Max — disse ele enquanto me ajudava com os aparatos e senti-me quase um James Bond — este cinto tem um agrupamento de microfones e se interligam com o sistema celular que está adaptado no solado grosso desse par de sapatos. Além disso, pode parecer irreal, mas este nano fone de ouvido, que tem cerca de meio centímetro, permitirá que vocês dois ouçam as minhas instruções. Ele será colado no interior do canal auditivo de vocês. Falarei o mínimo possível pois é incômodo para quem não está acostumado.

Só a Bia teria uma câmera e suas gravações seriam enviadas diretamente para um furgão estacionado alguns quilômetros da mansão que agora entrávamos, após eu deixar meu celular com a *hostess*.

Quando passamos pela porta, senti meu estômago se contrair com a adrenalina, mas Phil garantira que aquele equipamento era de última geração e indetectável.

Com alívio, entramos no espaçoso *hall* e não pude deixar de me recordar da última vez que estivera no local.

— Que prazer em tê-los aqui esta noite! — uma mulher ruiva trajando longo vestido branco se aproximou, usando uma máscara veneziana que escondia suas feições por completo.

— Rainha Branca — fiz questão de mencionar o seu nome pausadamente para que Phil, que nos ouvia, começasse a se situar naquele tabuleiro e depois cumprimentei-a pegando sua mão e depositando um beijo nela.

— Se não é o meu Peão Branco favorito... — disse com um largo sorriso.

— Esta é a convidada que indiquei — apresentei Beatriz, eu enviara um currículo falso preparado pelos especialistas em internet da CIA, informando que a repórter era filha de um bilionário da indústria petrolífera da Venezuela, caso eles pesquisassem encontrariam notícias plantadas, confirmando a sua identidade.

— Muito prazer — Beatriz estendeu a mão para nossa anfitriã que a tocou levemente.

— O prazer é meu, querida, que vestido e joias lindos — sorriu enquanto me tomava pelo antebraço e nos guiava para o jardim externo, nos fundos da mansão — espero que aprecie nossas *diversões* — voltou-se para Beatriz.

— Também espero — respondeu Beatriz colocando um tom de empolgação na voz.

— Ouvi dizer que a *jovem selvagem* que comprou fugiu — seus olhos se fixaram nos meus — e que você parecia bem apegado a ela.

— Vejo que as notícias correm, não é? — odiava ter que mentir ou desvalorizar qualquer coisa sobre Pearl, mas o faria, se necessário, para mantermos o nosso disfarce acima de qualquer suspeita.

— Elas voam — corrigiu-me a Rainha com certa malícia — teria achado interessante o ver interromper uma festa por causa da *selvagem*. E quando acho que esse todo poderoso bilionário não tem mais como me surpreender, chegou ao meu conhecimento que usou de o seu poder para tentar encontrá-la.

— Torre Negra te contou? — perguntei ao me referir a Rupert.

— Claro, não temos esse tipo de segredos em nosso círculo de poder — respondeu especulativa — ele é uma das minhas peças favoritas em nosso tabuleiro.

Eu estava preparado para essas especulações. Questionamentos sobre Pearl e como eu a havia acolhido surgiriam, principalmente neste cenário de seu desaparecimento e meu empenho inicial em encontrá-la, mas eu não podia falhar.

— Ela era uma companhia agradável — confessei — sendo uma imigrante ilegal, sem ninguém, acabou aceitando o que eu podia oferecer por seus “favores”, tornando-se minha submissa — respondi sentindo nojo de minhas próprias palavras — entretanto, a mal-agradecida roubou coisas de valor em meu apartamento e fugiu, por isso meu empenho inicial em encontrá-la. Você mesma sabe que paguei caro por ela e queria aproveitar o máximo antes de despachá-la, terminei por amargar um prejuízo ainda maior, objetos de valor pessoal

inestimáveis da minha família — fingi um sorriso lascivo a Bia — mas agora tenho outra companhia que concorda com minhas necessidades e *hobbies*. Quando a polícia encontrar a *selvagem*, ela será pressionada a me retornar esses bens.

— Todo aquele alvoroço por uma simples sub? — insistiu.

— E os bens de família.

— Soube da coleção de joias de sua falecida mãe, lamento muito.

— Também não gosto que brinquem com o que é meu, além do que, o fato de alguns convidados terem deixado escapar que ela foi *comprada* poderia causar problemas não só para mim, mas para vocês. Apenas tentei garantir meu investimento e preservar o seu clube, espero que ela seja encontrada, presa e deportada o mais rapidamente possível.

— Somos gratos por sua discrição! E já tomamos a nossa providência em relação ao membro que disse isso abertamente em sua festa — a mulher tocou meu antebraço — agora você entende o porquê de não recomendarmos que se apeguem aos nossos *bichinhos de estimação*, não é?

— Sim e lamento não ter seguido o seu conselho enquanto era tempo.

— Ainda bem que percebeu isso agora, poderia ter evitado muitos problemas se após usufruir de sua virgindade nos tivesse devolvido a garota, talvez pudéssemos ter conseguido uma colocação para ela em nossa equipe de *diversão* — especulou enquanto eu prestava atenção ao jardim, que, como da última vez, estava repleto de convidados usando *smoking* e vestidos longos.

— Bom, agora não é mais problema meu, por sorte as joias que ela levou são registradas e se ela tentar as vender será imediatamente presa — dei de ombros com ar de enfado.

— Ótimo! — ajeitou a minha gravata e sei que transpirei frio neste momento, receoso pelos aparatos de espionagem — Espero que se divirtam, hoje

teremos uma apresentação especial — apontou para um palco montado no jardim e se afastou.

— Mulher nojenta — sussurrou Beatriz ao meu lado.

— Você acha que vai conseguir entrar no escritório? — essa era a minha única preocupação.

Phil a fizera decorar a planta da casa e em uma das gemas do colar havia um equipamento desenvolvido pela CIA que, ao ser colocado ao lado de um *notebook* que aceitasse emparelhamento por *bluetooth* iniciava o processo de cópia de arquivos relevantes para uma área da nuvem.

— Claro! Esses *hashis* tem mil e uma utilidades — sorriu se referindo ao acessório oriental que prendia seu cabelo em um coque alto e elegante — e eu não seria uma repórter investigativa se não soubesse abrir uma fechadura, mesmo que biométrica.

Circulamos pelo jardim em meio aos convidados mascarados, além dos homens e mulheres de corpos perfeitos usando trajes minúsculos que serviam canapés e bebidas em taças de cristal.

— Rainha Branca e o Rei Negro deixaram os seus tronos e subiram ao palco — sussurrei para Phil, torcendo para que fosse ouvido, enquanto sabia que Bia olhava naquela direção para que fossem gravados.

— Hoje apresentaremos uma sessão de sadomasoquismo, deleitem-se com o limite entre a dor e o prazer — anunciou a mulher mascarada.

Ambos desceram do palco e dois homens e duas mulheres, usando máscaras e roupas de couro, tomavam os seus lugares iniciando uma sensual dança que simulava o acasalamento, enquanto alguns ajudantes instalavam cadeiras e colunas com algemas e correntes.

Quando o show degradante começou, com os convidados ficando em volta do palco, podendo até mesmo tocar o corpo dos atores, Beatriz se misturou na

multidão e logo a perdi de vista.

Agora só me restava torcer para que ela conseguisse entrar no escritório sem ser vista.

Em meio os expectadores, avistei um homem usando *smoking* e máscara preta, escondendo o rosto, pela altura, cor do cabelo e porte físico impecável, com certeza aquele era meu tio Rupert, percebi que ele conversava com os reis e rainhas que se encontravam mais afastados do palco, gesticulando de forma nervosa.

— *Alvo uno* — referi-me ao meu tio ao sussurrar para Phil — em contato com os reis.

— Entendido! Último *status* Bia ainda na sala, conectou o dispositivo, estamos baixando os dados — ouvi enquanto o agente me atualizava.

— Peças-chave no interior da mansão — narrei quando os Reis e Rainha desapareceram do jardim e temi que Beatriz fosse flagrada no escritório, pensei em tentar interferir, mas devia confiar em sua astúcia, ela se provara mais que eficiente desde que começara a investigar aquele caso.

— Bia em alerta — voltou a me posicionar.

O show demorou pouco mais de uma hora e terminou com as duas jovens com vários pontos de sangramentos espalhados pelo corpo em razão das torturas sexuais a que foram submetidas.

Após uma longa salva de palmas, os ajudantes cobriram os corpos dos atores e os convidados riam e conversavam animadamente sobre o espetáculo, alguns levando homens e mulheres que faziam parte da equipe para os vários quartos disponíveis.

Dirigi-me para o interior da mansão misturando-me com os demais convidados. Bia estava demorando muito e eu cada vez mais preocupado, ainda mais agora que as grandes peças do tabuleiro estavam livres com o término da

apresentação.

A minha ansiedade falou mais alto e subi as escadas, não chegaria perto do escritório, mas de lá poderia monitorar melhor.

Puxei papo com uma das meninas que tinha somente coloridas e brilhantes plumas escondendo seus seios e outras partes íntimas, que caminhava de um lado para o outro buscando por um acompanhante. Paramos em uma parte do corredor que me dava visão para a porta.

Que merda! Meu tio, o Bispo Negro com a Rainha Branca em direção ao escritório, precisava pensar rápido.

— Procure-me mais tarde, talvez eu esteja interessado em algumas brincadeiras a três, quando encontrar a minha acompanhante — dispensei a garota — preciso ter uma palavra com a Rainha Branca — blefei — sabe onde posso encontrá-la?

— Que coincidência, ela está logo ali — apontou a garota e sorri a ela em agradecimento.

Comecei a caminhar pelo corredor em direção ao trio.

— Já avisei a Bia — ouvi Phil e torci para que eu conseguisse os abordar antes que abrissem a porta.

— Rainha... — corri para a alcançar — vossa Excelência Bispo Negro, Torre Negra... — ela já tinha aberto a porta do escritório e voltou a fechá-la.

— Peão Branco.... — disse ele confuso, talvez pela quantidade de peões, já que ainda não fôramos apresentados.

— Bispo, este é o Peão Branco quatro, do exército do Cavalo Branco dois, embora tenha ligações com nosso amigo aqui, Torre Negra.

— Claro, muito prazer, meu jovem — disse ao oferecer a mão para um cumprimento.

— O prazer é meu — retribuí ao firme aperto — ótimo que encontrei vocês, acho que é um bom momento para visitarmos as suítes disponíveis, tenho intenção de ser investidor em uma das temáticas.

— Você não é um membro ainda, Peão — insinuou a Rainha — e Torre Negra já possui uma.

— Não, mas eu sei que os meus investimentos são bem-vindos — a história precisava dar certo, sabia do risco de Bia ser pega, também sabia que eu estava na lista de pessoas que podiam representar um ônus ao clube, por outro lado, o poder do dinheiro era inquestionável.

Notei que a Rainha, meu tio e o Bispo de entreolharam, aquele seria o momento da verdade, torcia para que ao menos Bia tivesse sido capaz de se esconder.

— Rainha Branca poderá fazer as honras da casa, ela adora falar sobre as suítes.

— Não considere nada diferente, entretanto, acho que seria uma ótima oportunidade para estreitarmos relacionamentos, já que ainda não conheço todas as peças desse ilustre tabuleiro.

— Claro, por que não? — o Bispo ainda pareceu em dúvida, mas, por fim, aceitou, quando meu tio se despediu deles e nos deixou.

— Levem-me direto para uma que eu possa reformar e transformar em um aposento para um *Dom* e suas inúmeras simultâneas *Subs* — não tinha ideia do que eu estava falando, mas foi o máximo que consegui improvisar para tirar o casal de perto da porta do escritório.

O *tour* foi rápido, aparentemente Bispo Negro tinha pressa e eu, mais ainda. Fui levado a uma suíte decorada como um quarto de hotel e me explicaram que ela estava disponível para ser reformada baseado no gosto do locatário, mediante a um contrato de doze meses.

— Bia fora do escritório — ouvi Phil e dei um respiro aliviado, agora eu tinha pressa para sair dali.

— Preciso levar a planta da suíte a um arquiteto para ver se ele aprova, uma vez aprovado comprometo-me a ficar ela, podem enviar a documentação para o meu e-mail?

— Claro, Rainha Branca, que é a sua anfitriã, poderá cuidar dessa burocracia. E, se me desculpem, preciso resolver outros assuntos.

— Foi um prazer, vossa Excelência — estiquei a mão para um cumprimento de despedida no qual fui retribuído imediatamente.

— Peão Branco, eu o acompanharei até a área pública do térreo.

— Será um prazer, minha Rainha.

Assim que chegamos à área da festa, aliviado, observei Beatriz caminhando em minha direção. Ela me alcançou e colocou seu antebraço em volta do meu, mesmo eu estando acompanhado da Rainha.

— Espero que estejam apreciando a noite — a mulher mascarada não resistiu à provocação — aliás, eu não a vi durante o espetáculo — fixou o olhar em Beatriz.

— Eu gostei tanto do que comecei a ver que tive que procurar um banheiro para me *aliviar* — sorriu sentindo-se vitoriosa com a própria mentira.

— Que desperdício, minha querida, você poderia ter usado qualquer integrante de nossa equipe.

— Ainda estou tentando me livrar das amarras morais da minha criação — respondeu Beatriz com o olhar atrevido e levou o dedo indicador aos lábios da Rainha Branca, escorregando a carícia até a base de seu pescoço — mas tenho certeza de que, em uma próxima, saberei exatamente como buscar o meu *alívio*.

Fiquei chocado com a sua ousadia, mas isso nos rendeu a rota de fuga,

pois a Rainha Branca deu um passo atrás, para evitar que o falso flerte evoluísse e tentou encerrar logo o assunto conosco.

— Espero que venham mais vezes, quem sabe, com alguns convites avulsos mais, consigamos avaliar se este Peão não poderia ganhar um título de peça suplente? — estaria ela me especulando ou dizendo a verdade?

— Com certeza voltarei — respondi tentando dar mais realismo — agora, com a sua licença, Vossa Majestade, levarei minha acompanhante, é vez de ela me *aliviar* — tentei imprimir em meu rosto uma expressão lasciva na esperança de ser tão bom ator quanto a repórter.

— Divirtam-se, se quiserem podem usar algumas de nossas suítes, ou se já quiser experimentar a suíte que acabamos de visitar.

— Obrigada, mas Max me prometeu apresentar seu apartamento, parece que ele tem duas *submissas* muito interessantes para participar de nossos jogos sexuais — disse em voz sensual aquela Beatriz que eu desconhecia.

— Querida, por favor, sem nomes aqui — murmurou também sorrindo.

Despedimo-nos buscando o melhor caminho para não cruzarmos com mais ninguém e logo estávamos na limusine que nos levou para longe daquele local.

— E então? — sussurrei disfarçando um sorriso.

— Consegui mais do que imaginava ser possível — respondeu enquanto eu sentia a tensão se dissipar.

Contive minha curiosidade de perguntar como havia sido sua missão até que a *limusine* nos deixou na porta de meu edifício e subimos para meu apartamento, onde Abbey, Vincent e Elisabeth nos aguardavam na sala.



Capítulo 22

Maxwell

— Vou preparar um café para vocês — a sempre prestativa Abbey nos deixou para podermos conversar à vontade, eu não queria que ela se envolvesse naquela questão suja.

— E então? — finalmente perguntei após me sentar no sofá, afrouxando o nó da gravata.

— Acho que encontrei bastante material que pode nos ajudar.

— Como você conseguiu entrar? — perguntou curioso Vincent.

— Ah, usei esses *hashis*, cortesia da CIA, eles possuem um sistema

eletromagnético embutido para abrir fechaduras eletrônicas — apontou para os objetos prendendo novamente seus cabelos.

Concordei balançando a cabeça, quando planejamos a missão, Phil me interrogara por duas horas pedindo todos os detalhes que eu me lembrava do local, por mais ínfimos que fossem.

— E como você... ai! — grunhiu Vincent rindo ao ser interrompido, com uma cara de poucos amigos.

— Continue, Bia — pediu Elisabeth que dera um beliscão na coxa de meu amigo.

— O *notebook* que você disse que estaria na mesa realmente estava e ligado, provavelmente para as transações financeiras da noite — começou a contar Bia, sentada ao lado da irmã — quando terminei de copiar alguns arquivos do disco rígido, fui até a porta, mas antes que eu tocasse na fechadura para a abrir, a maçaneta foi movimentada ao mesmo tempo em que ela se destravava.

— Foi por um triz que a Rainha Branca não entrou no escritório — disse aliviado por ter conseguido a tirar de lá.

— Tive que agir rápido, Phil já tinha me avisado da possibilidade do Bispo Negro me flagrar, mas, para a minha surpresa, não foi ele quem entrou e sim o Rei Branco e Rupert. Como o plano estava bolado, dei dois passos e saí do caminho e me escondi atrás de uma grossa cortina que havia em frente à janela panorâmica, por sorte o tecido chegava até o chão e assim não corria o risco de ninguém ver meus pés descalços.

— Pés descalços? — perguntou Vincent.

— Para ninguém ouvir meus passos eu tinha tirado as sandálias — sorriu — fiquei encolhida o máximo possível de encontro à parede e percebi, pelas vozes, que havia várias pessoas no escritório.

— E? — novamente Vincent não controlou sua curiosidade.

— Vince! — ralhó Elisabeth com as inúmeras interrupções.

— É que esse suspense me mata, parece um filme da franquia Missão Impossível.

— Muito bem — recomeçou Bia — ouvi vozes discutindo, uma delas era feminina. Questionaram Rupert porque ele convidou Max — narrou voltando o olhar para mim — ele respondeu que não teve opção, se recusasse talvez despertasse sua desconfiança e, afinal, ele no clube como um associado era uma forma de mantê-lo sob vigilância até terem certeza de que seu interesse por Perla realmente desaparecera.

— Você conseguiu ver alguém? — perguntei para Bia.

— Não ousei movimentar a cortina — respondeu e continuou — mas a voz feminina insistiu dizendo que você era um risco, que poderia causar problemas em razão das ilegalidades cometidas contra Perla durante o leilão.

— Ilegalidades? — eles não têm a mínima noção do que fizeram — Disseeram onde ela está? — cortei esperançoso.

— Infelizmente não disseram mais nada sobre ela.

— E ninguém te reconheceu enquanto estava caminhando entre o público? — Elisabeth perguntou.

— Acho que não, nunca tive contato com Rupert ou qualquer membro do clube, mas...

Beatriz ficou em silêncio mordendo o lábio inferior.

— Bia, não me esconda nada — pedi já angustiado.

— Citaram meu nome, parece que descobriram que eu fui a repórter que investigou as fazendas com trabalho escravo e sobre a morte do pai de Perla.

— Merda, isso está ficando fora de controle — exaltei-me ao me levantar do sofá e caminhei até a cozinha, onde Abbey avisara que o café estava pronto.

Tentando colocar a cabeça no lugar, ajudei a trazer bandejas com xícaras de café e biscoitos.

— Max, se não precisar de mais nada vou me deitar, há assuntos que não preciso saber e hoje estou exausta — Abbey se despediu e se retirou para o quarto de visitas, que utilizava quando dormia em casa.

Acenei de forma positiva para Abbey, com a certeza de que nada do que eu fizesse seria o suficiente para demonstrar a minha gratidão a ela e voltei-me para o trio que ainda debatia sobre a nossa ida ao clube.

— Acredito que você esteja correndo perigo — voltei-me para Bia.

— São ossos do ofício — pareceu não se importar — mas marquei de me encontrar com Phil amanhã cedo para entregar esses apetrechos. E Max, Phil também está arriscando sua carreira para nos ajudar, afinal, não tínhamos um mandado para invadir o *notebook*, ou mesmo espionar essa reunião privada.

— Eu sei Bia, vocês estão sendo a minha única esperança — tinha que reconhecer, eles não tinham qualquer obrigação de me ajudar extraoficialmente.

— Como a investigação dos dados da transação bancária que você fez semanas atrás resultou em nada, Phil está focado nos primeiros dados do *upload* dessa noite. Acabei de receber uma mensagem dele dizendo que há uma lista de nomes que utilizaram os *serviços* do *Hell's Club* e, infelizmente, há pessoas muitos influentes; juízes, altos membros do escalão da polícia, membros do governo, congressistas, empresários, atores e atrizes de Hollywood.

— Meu Deus, vai ser um escândalo quando você publicar essa matéria — sorriu Vincent — você pode até ganhar um *Pulitzer*^[48]!

— Se conseguir descobrir onde ela está, ficarei mais do que satisfeita. Será uma vitória a mais se ainda puder ajudar famílias a se reencontrarem e impedir que crimes como o que foi praticado contra Perla e seu pai aconteçam — confessou Beatriz.

— Então você realmente quer dizer que ela desapareceu e seu pai foi assassinado por causa das pessoas desse clube nojento? — Vincent parecia revoltado, assim como todos nós.

— Provavelmente sim — respondeu Bia — talvez não eles diretamente, mas seus associados, pois tudo se encaixa. Jovens imigrantes são separadas de suas famílias, as mais belas são enviadas para casas de prostituição, as especiais podem ter um prêmio maior, como o *Hell's Club*. Mas há sempre um padrão, já que os demais familiares são direcionados para fazendas como mão-de-obra escrava.

— Eu achei que esse fosse um país seguro e de primeiro mundo! — Beth soltou frustrada.

— Infelizmente, a corrupção e o crime existem em qualquer lugar. E neste caso, observamos que o esquema é global. Não são apenas latinos que atravessam a fronteira México-americana, qualquer imigrante corre esse risco, principalmente se forem abordados pelos policiais corruptos que fazem parte da lista de pagamento dessa organização criminosa — explicou Bia.

— E temos provas? — Vincent perguntou.

— Por enquanto apenas suposições que construí junto com Phil, espero que exista algo nos arquivos que copiei que ligue esse círculo interno aos crimes que investiguei — Bia retirou o colar e após desencaixar a grande pedra central de esmeralda, mostrou um pequeno dispositivo eletrônico.

Uma hora depois me despedi deles, eu queria que a repórter dormisse em um quarto de hóspedes até o amanhecer, quando então a levaria para encontrar Phil, mas ela riu de minha preocupação, afirmando que para quem já fizera matérias em áreas de conflitos em comunidades carentes no Rio de Janeiro e zonas de guerra no Oriente Médio, aquela matéria era relativamente tranquila.

Vincent me prometeu que ficaria de olho nela e os acompanhei até entrarem no elevador, que logo fechou as portas.

Fui para meu quarto e após tomar uma ducha me deitei na cama olhando para o teto e pensando em como e onde Pearl estaria.

Deus a proteja, por favor.

*** *** ***

Na noite do dia seguinte, Phill e Bia foram ao meu apartamento, eu passara um péssimo dia em meu escritório, tentando me concentrar sem sucesso, evitando me encontrar com Rupert, até que avisei Bonnie que estava indisposto e voltei para casa antes do horário normal.

— Conseguiram algo? — perguntei ansioso os convidando para entrar oferecendo o sofá.

— Há muitos arquivos, alguns criptografados, que os analistas estão tentando quebrar o algoritmo, mas conseguimos uma pista, havia uma lista de frequentadores do clube e após cruzarmos os dados encontramos um nome suspeito, John McKinley — explicou Phil.

— Nunca ouvi falar... — forcei a memória tentando o associar a alguém ou alguma empresa.

— Ele é, coincidentemente, o CEO do Geo Group, uma empresa privada que administra vários Centros de Detenção em todo o Estados Unidos, seu contrato com o governo chega à casa do bilhão pelo tempo de concessão — completou Bia.

— Acredita que ele possa estar envolvido com o desaparecimento de Pearl?

— É uma pista, talvez se fizermos uma visita a ele sejamos capazes de captar algo, caso esteja envolvido — disse Phil.

— Se eu conseguisse uma entrevista, talvez pudesse pressioná-lo — sugeriu Bia.

— Acho que posso ajudar, de empresário para empresário, será fácil cavar uma reunião de negócios — decidi, eu faria qualquer coisa para encontrar a minha pequena e no estado em que estava, qualquer pista era importante.

— É melhor não, Max, você é um cara marcado, está na mira do Hell's Club — disse o agente minando os meus planos.

— Então, com os meus contatos, posso cavar uma entrevista de Bia com ele, nada que cobrar alguns favores não faça com que algum editor aceite colocar seu nome em um trabalho *freelancer* de Bia.

Foram somente dois telefonemas e consegui uma entrevista entre John McKinley e Beatriz. Usamos o programa americano de terceirização dos Centros de Detenção pela iniciativa privada como pretexto. Fora garantido a ele que a reportagem focaria apenas nos benefícios, sem nenhum tipo de crítica ao sistema.

Nas primeiras horas do dia estávamos voando em direção à cidade de Boca Raton e no final da manhã eu a deixava na porta da sede da Geo Group, a empresa privada que administrava inúmeros centros de detenção.

Estacionei o veículo e ajeitei o fone de ouvido do microfone de captação externa que Bia usava escondido em um broche na lapela do *tailleur*.

— *Senhorita Simpson, que prazer e honra!* — John McKinley a cumprimentou.

Ela se apresentara com a identidade falsa que Phil providenciara.

Pesquisáramos sobre ele, o CEO era um descendente de escoceses de quase dois metros e cabelos ruivos, em impressionante forma física, apesar dos quase sessenta anos.

— *Senhor McKinley, obrigada por aceitar me receber de forma tão rápida, entendo o quão ocupado é* — ouvi som de cadeiras sendo arrastadas.

— *Confesso que agradeço o interesse da imprensa em nossa*

empresa.

Por alguns minutos ouvi Bia entrevistar McKinley sobre a empresa e seu contrato com o governo, para administrar inúmeros centros de detenção de imigrantes, até que ela o surpreendeu.

— Senhor McKinley, além dessa entrevista, eu gostaria de um favor pessoal...

— Se estiver em meu alcance — respondeu em tom desconfiado o CEO.

— Uma amiga minha, imigrante, por enquanto irregular, foi detida em Nova Iorque e desapareceu, não encontrei seu nome no sistema, talvez o senhor pudesse me ajudar pessoalmente, sei que se pedir aos diretores dos centros que o senhor administra serão mais prestativos.

— Eu entendo, mas não os administro, também não controlo o ICE, mas me diga o nome de sua amiga.

— Perla Becker, é uma brasileira de dezenove anos — ouvi Bia passar todos os dados sobre minha pequena e o som de um teclado de computador.

— Realmente ela não consta em nossos registros, mas pode ser que tenha sido internada com outro nome, é comum termos John's e Jane's Doe por falta de documentação dos detidos, nesse caso você teria que ir pessoalmente em cada uma das localidades.

— O senhor não poderia me mostrar os registros fotográficos dos detentos? Eu consigo reconhecê-la.

— Infelizmente, esses são dados sigilosos, já estou infringindo as regras apenas por pesquisar para você — o tom de voz antes simpático parecia ter endurecido.

— Certo, mesmo assim, muito obrigada — Bia agradeceu e ouvi que ela se levantava — Ah, antes de partir, como sou uma repórter freelancer, além dessa matéria positiva que meus empregadores pediram, estou escrevendo uma matéria independente, resultado da minha investigação sobre irregularidades na prisão de imigrantes ilegais e o tratamento que eles vêm recebendo do governo e das instituições públicas e privadas de detenção — percebi a ênfase na instituição privada na voz dela — porque se a minha amiga não foi levada imediatamente a um Juiz de Imigração em Nova Iorque e nem teve direito a um telefonema, é sinal de que algo ilegal ocorreu, da mesma forma se lhe foi negado o uso do telefone em alguma instituição, seja pública ou privada.

— Senhorita Simpson, nosso grupo administra inúmeros centros de detenção, não me atendo aos processos operacionais de unidades específicas — ouvi sua voz tensa — obviamente se chegasse ao meu conhecimento condutas ilegais eu instauraria uma investigação, nossa política é pautada na obediência das leis americanas e calcada nos direitos humanos.

— Interessante, talvez o senhor não esteja sabendo das acusações de estupros praticados por guardas, de má alimentação, maus-tratos, tratamentos desumanos e até mesmo cirurgias de extração de útero sem autorização — ouvi Bia atacar.

— Senhorita, acredito que esta reunião está encerrada — o tom de voz soou raivoso — obviamente suas acusações são levianas e o grupo que dirijo nega qualquer violação de direitos humanos ou participação nesses crimes.

— Desculpe tomar seu tempo, senhor McKinley, pensei em lhe dar o benefício da dúvida e a chance de que o senhor mostrasse sua honestidade esclarecendo a prisão e o tratamento dado aos imigrantes ilegais em centros geridos por suas empresas — a voz de Bia soou suave.

— *Tenha um bom dia, senhorita* — praticamente rosnou McKinley e ouvi o som da porta fechando.

Ela saiu do edifício e minutos depois entrou no veículo que eu dirigia e imediatamente saí do local em direção ao aeroporto.

— Conseguiu? — perguntei me referindo a um minúsculo microfone ambiental que ela teria que plantar no escritório.

— Consegui — confirmou com a expressão de vitória, colocando um fone sem fio, que retirou da bolsa, no ouvido — ele está nervoso e falou alguns palavrões, parece que está fazendo uma ligação — avisou após alguns segundos.

Aguardei enquanto Bia se concentrava no que estava ouvindo. Mais uma das ideias de Phil, plantar um microfone na sala do CEO para ver se nossas acusações surtiriam efeito.

— Você realmente é uma garota muito corajosa, mocinha! — abri um grande sorriso para ela, que vinha me surpreendendo a cada dia!

— O que tem em mente agora? — perguntou-me ela enquanto seguíamos de volta ao aeroporto.

— Algumas coisas, mas vamos uma de cada vez, a primeira é — peguei o aparelho celular do bolso, encontrei o contato na agenda, iniciei a ligação, já em viva voz — Phil!

— Deu tudo certo em Boca Raton — ouvi sua voz do outro lado — já estamos com o áudio da sala dele.

— Beatriz foi perfeita! Precisamos que assuma o monitoramento enquanto estivermos no voo de volta para Nova Iorque.

— Tudo bem. Mas, vocês sabem que não podemos usar essa escuta como prova, não sabem? Elas não são oficiais.

— Está claro, mas o que me importa é descobrir o paradeiro de Pearl,

depois que ela estiver a salvo acharemos outra forma de provar que houve irregularidades, só precisamos que ele diga algo que nos coloque no trilho certo — respondi frustrado em como a lei, muitas vezes, dificultava em provar os atos ilícitos.

— Não se esqueça, Phil — Beatriz fez questão de ressaltar o lado dela — você não pode, mas eu usarei cada palavra incriminadora que for dita para dismantelar esse grupo. Agora que estou dentro, vou até as últimas consequências.

— Tenha cuidado, garota...

— Não se preocupe comigo, agente! Preocupe-se em nos ajudar a descobrir onde Perla está, qual o papel do *Hell's Club* nesse esquema e como exatamente o governo pode estar envolvido nisso tudo. Sei que esse é um campo minado, mas temos a grande chance de saber como as gangues de tráfico humano estão operando.

— Parece que estamos no meio do fogo cruzado e Pearl foi a grande vítima disso tudo, que nos alertou que algo muito maior está acontecendo.

— Phil, estamos chegando ao aeroporto, preciso desligar, a missão de descobrir algo através da escuta é sua pelas próximas duas ou três horas, voltamos a conversar quando pousarmos — avisei.

— Combinado, meu amigo!

— E você, Beatriz, vamos com calma! Precisamos garantir a sua segurança também! — repreendi a repórter que tinha o espírito da coragem vivo dentro dela.

— Eu sei me cuidar.

— Acredito nisso, mas não posso permitir que algo aconteça com você por causa dessas investigações. Daqui para frente, quero que esteja sempre alinhada com Phil.

— Não preciso desse rabugento para garantir a minha segurança — reclamou com uma careta quase adolescente.

— Não precisa, mas assim que serão as regras daqui para frente!

Despedi-me de Bia no aeroporto em Nova Iorque e voltei para casa. O apartamento ecoava de tão silencioso, Abbey não estava e a ausência de Pearl era quase palpável, sentia uma falta tremenda de seu sorriso e da vida que ela trazia para esse lugar.

O silêncio foi quebrado pelo som do meu celular, era Phil.

— Descobriu alguma coisa?

— McKinley acabou de comprar uma passagem, em voo comercial, para Nova Iorque, ele está indo para o *Hell's Club*! — meu amigo parecia empolgado ao telefone — depois que vocês saíram ele deu um telefonema e parecia nervoso, captamos sua voz falando com alguém dizendo que uma repórter foi até o local para o interrogar sobre a ilegalidade de prisões de imigrantes e, em específico sobre Pearl.

— Tenho certeza de que ele faz parte do esquema — elevei a voz irritado.

— Todo o cuidado com a Bia é pouco a partir de agora. Na ligação ele foi insistente em querer falar com o círculo interno da realeza. Ao que parece, o interlocutor dele orientou-o a não conversar pelo telefone e comparecer em uma reunião na próxima quinta-feira.

— Filho da mãe! — sentei-me na cama para poder processar tudo isso — Eu sempre suspeitei que pudesse haver mais neste lugar! Pessoas poderosas coniventes com o nível de atividades daquele lugar só deixou claro que poderia haver muito mais ali.

— Fato! Tudo o que investigamos sempre nos leva a ele, Max. Pearl, uma imigrante ilegal ter ido parar lá, capturada através de uma gangue que trafica pessoas para as fazendas de trabalho escravo ou antros de prostituição.

— São muitas teorias, buscamos algo concreto! — precisava me controlar, mas era difícil quando falávamos da vida de Pearl.

— Mas temos que considerar tudo. Ela pode ter sido detida pela polícia, você me disse que ela não estava com o passaporte, de repente não a registraram com o nome verdadeiro e foi parar em outro Estado. A ligação do CEO da Geo Group com o clube só reforça essa possibilidade. Agora, qual a ligação do clube com a prostituição de imigrantes ilegais? Pelo que investigamos, o caso do leilão de Pearl foi único.

— Por que um clube exótico de tão alto escalão teria ligações com o tráfico humano? — questionei intrigado, todos tínhamos as mesmas dúvidas.

— Ainda não tenho as respostas, assim como também é difícil ligar o lugar às fazendas de trabalho escravo, a pista que Bia encontrou é o suficiente para uma reportagem, mas não o bastante para uma investigação policial. De qualquer forma, amigo, tenha em mente que tráfico humano é o terceiro maior crime no mundo, perde somente para tráfico de drogas e armamento — meu amigo ficou em silêncio um segundo dando suspense à informação.

— Diga Phil, eu o conheço, tem algo que você está escondendo de mim.

— Max, McKinley ligou para um número privado dentro da sede de sua empresa — completou.

— Rupert! Meu tio só pode estar envolvido! Ele é uma peça do tabuleiro! Vou arrancar a informação dele! — senti-me revoltado, sangue do meu próprio sangue.

— Tenha calma, devemos agir com inteligência, não podemos arriscar a vida de Pearl.

— Está certo — respirei fundo tentando me acalmar — qual é o plano dessa vez?

— Você deve ir trabalhar normalmente para que ninguém desconfie,

enquanto isso Bia e eu vamos checar as listas de detidos em todos os Centros de Imigrantes administrado pelo Geo Group. — avisou.

— Mas você me disse que já fizeram isso — meu amigo ficou em silêncio.

— Vou usar o sistema de reconhecimento facial da CIA, agora que afunilamos a investigação para os que pertencem ao Geo Group, pois algo me diz que estamos no caminho certo. Agora, se ela foi levada clandestinamente aí não teremos muitas opções senão irmos pessoalmente de centro em centro com uma ordem judicial — finalmente disse — e são dezenas, espalhados por todo o território dos Estados Unidos.

— Inferno! — tinha vontade de quebrar alguma coisa para aliviar a tensão — Vou acionar Collin, meu advogado, para que ele providencie as ordens judiciais necessárias, como precaução.

— Faça isso, tentaremos identificá-la nos bancos de dados por meio das fotografias que costumam tirar no momento da admissão, por enquanto é a nossa melhor chance.

Após encerrarmos a ligação, caminhei até a sacada para observar a cidade, minha vontade era partir para cima do *Hell'ss Club* e de meu tio com todo o poder da minha empresa. Estava mais do que na hora de eu assumir a presidência total, ser o verdadeiro CEO, mas eu precisava de mais evidências do que conseguíamos até o momento. A conexão era frágil, sem provas, podiam ser todas coincidências.

Minha pequena, *me* aguarde, vou encontrá-la, prometi silenciosamente.



Capítulo 23

Perla

Por dias segui as orientações de Francisca sobre minha segurança, podia sentir o olhar cobiçoso de Maria quando estávamos no refeitório ou na quadra. Tentava afastar meu temor pensando em Max, tinha certeza de que ele estaria me procurando, era questão de tempo até que ele me localizasse.

Precisava acreditar nisso, pois era o que estava me mantendo viva.

Quando eu menos esperava, após o café da manhã, uma agente prisional veio até a nossa cela e avisou para Francisca arrumar suas coisas, pois sua deportação havia sido autorizada.

— *Chica*, tome cuidado, evite ficar sozinha longe das vistas das agentes prisionais — avisou enquanto arrumava seus poucos pertences.

— Obrigada, Francisca, nunca vou esquecer o que fez por mim — mostrei a minha gratidão tentando evitar que lágrimas me viessem aos olhos.

— Você tem meu contato, reze para a Virgem Guadalupe, com certeza seu *hombre* virá retirá-la desse *infierno* — referiu-se a Max e me abraçou mais uma vez.

Observei-a ser escoltada pelo corredor, quando a porta de metal fechou com um estalo, após elas atravessarem, senti-me solitária e deitei-me em meu catre olhando para o teto, esperando a hora passar, já que eu não podia entender o motivo de sempre me negarem a ligação telefônica.

No horário do jantar fomos chamadas para o refeitório e no percurso senti os olhares de várias mulheres, ergui o rosto e caminhei com coragem, Francisca me dissera que demonstrar medo era demonstrar fraqueza.

— Olá *chica*, acho que você será minha nova amiguinha — ouvi Maria sibilar quando passei por ela e suas companheiras, caminhando para uma mesa afastada carregando meu *bandeja* com o jantar.

Iniciei a minha refeição em silêncio, meu olhar fixo na comida, quando senti que alguém se sentava ao meu lado e de soslaio encontrei o olhar duro e o sorriso cínico de Maria.

Sua mão tocou meu joelho e subiu pela minha coxa me deixando tensa.

— *Como és macia, chica* — sussurrou e sua mão subiu mais ainda procurando minha intimidade.

Sentindo o ódio percorrer meu corpo, agarrei as bordas da bandeja de plástico e subitamente a virei com toda minha força acertando-a em cheio, no rosto, fazendo-a cair para trás toda suja com a comida que voou.

— Tire suas mãos nojentas de mim! — fui enfática segurando com força o

cabo da colher, que infelizmente era de plástico.

— Cometeu um erro, *chica* — ela rosnou e se ergueu me agarrando pelos cabelos, desferindo uma joelhada em meu estômago, que me fez cair.

Eu poderia parecer uma menina inocente, mas em minha infância brigara muito na margem de rios com outros garotos que tentavam se aproveitar do fato de eu ser uma menina. Encolhi minhas pernas enquanto ela me chutava e lancei os dois pés contra seus joelhos e a ouvi gritar enquanto caía segurando um deles.

Nesta altura já se formava um aglomerado e não compreendi o motivo pelo qual os agentes prisionais não apartavam nossa briga. Pareciam coniventes com tudo. Três mulheres da gangue de Maria começaram a me chutar, encolhi-me em posição fetal defendendo minha cabeça com os braços até que, bastante machucada, percebi que a líder e suas comparsas eram afastadas de mim, enquanto mãos fortes me erguiam do chão.

— Já basta! Quem começou essa confusão? — perguntou a agente prisional mais velha.

— Fui eu — respondi na hora.

— Muito bem garota, uns dias na solitária vão te fazer se acalmar, não sei de que pardieiro de país do terceiro mundo você veio, mas aqui na América temos regras — afirmou me empurrando para fora do refeitório.

Levaram-me para outra ala do centro de detenção que eu não conhecia e me deixaram em um minúsculo quarto que tinha apenas um catre e um vaso sanitário. Não havia janela e uma luz amarelada fazia minhas vistas doerem.

Deitei-me no catre após apalpar meu corpo, apesar de estar dolorido e vários hematomas começarem a surgir, não parecia haver qualquer fratura. Havia vestígio de sangue por minha roupa, resultado dos cortes em meus lábios e supercílio.

Talvez ficar isolada me protegesse e desse tempo para que Max me

encontrasse e me resgatasse, eu precisava ter esperança.

Maxwell

Sentado em minha poltrona na sede das empresas Reed, fiquei observando a cidade pela janela panorâmica, dois dias se passaram desde a minha última conversa com Phil. A busca nos registros fotográficos não levava a nada, nosso temor era de que Pearl estivesse registrada fora do sistema, nesse caso ela bem poderia ter sido extraditada.

Queria acreditar que se ela realmente tivesse chegado ao Brasil estaria livre e nesse caso tinha certeza de que ela tentaria entrar em contato comigo. Meu medo era do que poderia lhe acontecer estando ainda em solo norte-americano, será que tentariam eliminá-la? Bia me contara histórias terríveis sobre guerra de gangues e assassinatos nesses centros de detenção para imigrantes.

Eu fora trabalhar, tentava parecer descontraído, até mesmo me queixara com Rupert e Alisson sobre a ineficiência da polícia que não conseguira localizar a *pequena ladra selvagem*, tentando manter as aparências, mas na verdade não conseguia me concentrar em nada.

O ramal interno na minha mesa tocou chamando minha atenção, atendi irritado, pedira para que não fosse incomodado.

— O que é Bonnie? — perguntei de forma rude.

— Desculpe, senhor Reed — gaguejou — mas é que tem uma mulher querendo falar com o senhor pelo telefone...

— Não estou com paciência para ninguém, pegue o recado ou transfira para outro diretor — levei o dedo à tecla do telefone para encerrar a ligação.

— É que disse ter um recado da Pearl... — falou rapidamente.

— Pearl? Por favor, complete a ligação — pedi sentindo o coração

disparar — obrigado Bonnie, por favor, não comente com ninguém sobre esse telefonema, certo?

— Perfeitamente, senhor — sua voz soou mais aliviada.

— Maxwell Reed! — atendi com uma incontrolável ansiedade.

— *Señor* Max, serei breve pois tenho direito apenas a um telefonema, por isso preste atenção! — a voz soou com urgência — Conheci Perla em um Centro de Detenção em San Antonio, infelizmente ela não soube me fornecer seu número particular, mas o telefone de sua empresa está listado publicamente. Parece que desrespeitaram os direitos dela, se quiser ajudá-la agora sabe onde a encontrar. Adeus.

— Espere! — quase gritei — Ela está bem?

— Eu a ajudei como pude, mas tem uma líder de gangue de olho nela, tiraram-me do centro e estou sendo deportada, então recomendo que se apresse.

— Muito obrigado, senhora?

— Francisca Ibanhez Abrantes — anotei seu nome no bloquinho em cima da mesa.

— Não esquecerei o que fez, aguarde notícias minhas.

— Obrigada — disse após um segundo de indecisão e então desligou.

Imediatamente liguei para Collin e o instruí a descobrir tudo que pudesse sobre Francisca Ibanhez Abrantes e como ela poderia ser ajudada, fosse financeiramente para se estabelecer em seu país ou para poder reencontrar familiares, caso eles estivessem na América.

Também o avisei que voaríamos o mais rapidamente possível para o Texas, pois Pearl poderia estar ainda detida. Bonnie fez um milagre para conseguirmos uma autorização de voo para San Antonio de forma tão repentina.

O Texas nunca me pareceu tão longe quanto dessa vez, considerando as

quatro horas e meia de voo.

Collin e Bia estavam comigo. Phil não podia aparecer como a figura que nos ajudava dentro das autoridades americanas, mas estávamos em constante comunicação. Se confirmássemos que fora negado à Pearl o direito de entrar em contato comigo, teríamos um sério caso de abuso contra o governo do meu país.

Não conseguia nem pensar sobre o resto, pois se algo grave tivesse acontecido a ela...

No aeroporto, uma limusine nos aguardava para nos levar ao tribunal local e depois para onde fosse necessário, o combinado fora que o motorista ficaria à nossa disposição.

Um advogado especialista em casos envolvendo imigrantes nos aguardava no Tribunal de Imigração, onde, com um mandado fizemos com que todas as fichas de imigrantes capturadas em Nova Iorque naquela janela de dias fosse avaliada.

Após duas horas esperando, finalmente encontraram o processo de prisão, sem foto registrada e sob o nome de *Jane Doe* e possibilidade de nome como Perla Becker.

Fomos informados que a fiança havia sido arbitrada em quinze mil dólares, entretanto, ninguém sabia me informar o porquê de eu não ter sido comunicado no ato da sua detenção, muito menos o motivo de ela ter ido parar no Texas sem ninguém ser avisado. Estranhamente seu processo estava fora do *sistema on line*.

Chegáramos bem a tempo, sua deportação estava marcada para os próximos dias.

Responsabilizei-me pelo pagamento imediato da quantia estipulada, entretanto, o alvará de soltura somente seria expedido no dia seguinte em razão do adiantado da hora.

Tínhamos uma reserva no Hyatt Hotel e foi para lá que nos dirigimos. Collin e Bia conversavam entre eles sobre os detalhes do caso e combinaram evoluir a conversa durante o jantar, eles até me convidaram, mas eu não tinha cabeça para nada disso.

E foi tenso e aflito que passei a noite, girando de um lado para o outro, sem conseguir dormir, e vi o sol nascer ansioso por pegarmos a estrada rumo à libertação de Pearl.

Ao amanhecer, dirigimo-nos até o Centro de Detenção de Imigrantes que ficava cerca uma hora de distância de onde estávamos, eu pesquisara sobre o local, era um tipo de cadeia administrada pela Geo Group em nome do *U.S. Immigration and Customs Enforcement (ICE)*, esse tipo de negócio estava em alta nos Estados Unidos, com o governo passando a administração de inúmeros centros para a iniciativa privada.

Isso comprovou nossas suspeitas de que McKinley estava envolvido, assim como o *Hell's Club* e nessa história toda, só podia acreditar que meu tio Rupert também.

Havia inúmeras queixas contra maus-tratos, separação de famílias e abusos sexuais de mulheres por guardas contra vários desses centros administrados por empresas privadas que buscavam lucro máximo com investimento mínimo, a Geo Group não era diferente.

Não tinha como julgar o que podia ser fato e o que era sensacionalismo ou acusações difamatórias, a única coisa pela qual eu rezava era que Pearl estivesse bem.

Nada tirava de minha mente que ela fora perseguida por meu tio e seus comparsas do maldito clube, somente assim se explicava como ela podia ter sido enviada para o Texas, enquanto em Batavia, uma cidade a 552 Km de Nova Iorque, existia um Centro de Detenção.

Teria isso acontecido por eu tê-la mantido comigo por tanto tempo?

Teriam ficado preocupados em razão de Bia ter descoberto o esquema de corrupção e trabalho escravo em fazendas? Será que algumas daquelas propriedades pertenciam aos membros do *Hell's Club*? Eram ainda muitas perguntas sem respostas, mas eu estava determinado a consegui-las.

Minha vontade era pegar o jatinho e voar até Boca Raton para confrontar McKinley e descobrir o motivo do complô que parecia existir por detrás da detenção da minha pequena, e se o homem não colaborasse eu estava disposto a usar todo o poder de minhas empresas para destruí-lo.

Mas, novamente, Phil e Bia me pediram calma.

Entretanto, minha paciência estava quase no fim, eu não era um homem vingativo, mas me descobri capaz de muitas coisas em nome da segurança de Pearl.

Aguardei impaciente, por horas, na companhia de Collin, Bia e o doutor Mulrey, nosso advogado especialista local, esperando que Pearl fosse liberada.

Perla

Isolada no quarto sem nenhuma janela e sua incômoda luz sombria e amarelada, marquei o tempo pelas refeições servidas e pelo apagar das luzes.

Na tarde do segundo dia, após o almoço, uma agente prisional me retirou da cela, eu estava me sentindo imunda, o quarto não tinha ducha, eu tentara me limpar usando a toalha de rosto que molhava com a água que havia na pequena pia ao lado do vaso sanitário.

Meus ferimentos ainda estavam doloridos e como não havia espelho no local, não tinha certeza se fora capaz de limpar todo o sangue de meu rosto.

Levaram-me até uma sala, onde li a placa *Principal*, entendi que era a sala do diretor operacional. Lá dentro, fiquei frente a frente com uma mulher de

meia idade e expressão severa, com os cabelos presos em um coque austero.

— Você entende minha língua? — perguntou sem me convidar para sentar-me na cadeira em frente sua mesa.

— Entendo — desde que a pessoa não falasse muito rápido e não tivesse um sotaque muito carregado eu seria capaz de entender perfeitamente.

— Parece que pagaram sua fiança, enquanto você toma um banho vamos preparar os documentos de sua soltura — avisou com um esgar do nariz, como se eu estivesse cheirando mal, ou tivesse nojo de mim.

— Obrigada — tentei ser educada, apesar de minha vontade de gritar minha revolta pelo tratamento que nós, os imigrantes, recebíamos naquele local, quando o que a maioria desejava era somente começar uma nova vida na América.

A agente que me escoltara me segurou pelo braço e me empurrou para fora da sala, depois me acompanhou até o setor dos quartos, onde fui deixada.

Peguei minha toalha e o sabonete, fui até o banheiro, por sorte, àquela hora, todas deviam estar na quadra para o banho de sol. Eu pretendia tomar uma ducha e aguardar no quarto até que viessem me buscar.

Meu coração saltava dentro do peito, Max! Com certeza ele me encontrara e conseguira me livrar daquele local.

Com os olhos fechados aproveitei a água quente que caía sob meu corpo castigado e dolorido, mas um risinho me fez abri-los assustada. Olhei para trás e encontrei o olhar cruel de Maria, ela estava com duas outras mulheres de sua gangue.

— Tomando uma ducha, *guapa*? Vai ficar limpinha e cheirosa para mim? — perguntou retirando seu macacão.

Mesmo sem querer, observei seu corpo, sua pele possuía inúmeras tatuagens que remetiam a sua gangue, M-13, seus músculos eram definidos e fortes.

Encerrei o meu banho quando ela abriu o fluxo de água da ducha dela. Tentei não responder, faltava muito pouco para eu poder sair dali, então peguei a toalha e me enrolei, cobrindo o que foi possível do meu corpo.

— Onde você pensa que vai? — ela perguntou sem se voltar para me encarar, enquanto suas duas capangas bloqueavam meu caminho ficando na minha frente.

Voltei-me para ela sentindo a ira me corroer por dentro quando ela desligou a ducha, aproximando-se de mim com o corpo e os cabelos pingando água, além do sorriso de antecipação nos lábios.

Fiquei tensa quando ela puxou a toalha de meu corpo, deixando-me nua, Maria tocou meus mamilos com a ponta dos dedos e eu dei um salto para trás, tentando me resguardar.

— *Me* deixe em paz! Eu estou indo embora hoje! — gritei.

— Ah que pena, mas acho que ainda temos tempo para uma despedida — aproximou-se novamente enquanto suas comparsas riam baixinho.

Ela tentou me agarrar, mas me desvencilhei de seus braços a empurrando, o que apenas a fez gargalhar, uma de suas capangas me empurrou pelas costas, com força, fazendo-me ir na direção de Maria, que me agarrou tentando me beijar.

Debati-me furiosamente, mas ela era mais forte e senti seus lábios se forçando contra os meus, por um instinto os mordi e Maria gritou, socando o meu rosto, fazendo-me cair no chão.

— *Perra loca (cadela louca)*! — gritou enfurecida e começou a me chutar, assim como suas duas companheiras.

Senti que meus braços foram imobilizados acima de minha cabeça, ao abrir os olhos vi Maria forçando minhas pernas, obrigando-me a abri-las.

— Vou te mostrar que eu sempre tenho o que quero te arregaçando com meus dedos e depois te chuparei todinha — riu com a maldade evidente.

Debati-me novamente, mas eu não conseguia me livrar de três mulheres mais fortes do que eu.

— *Help! Please, help! (Socorro! Por favor, socorro!)* — gritei com todas minhas forças.

— *Cala-te, perra!* — recebi um golpe violento em meu rosto que me fez turvar a visão e quase desmaiar e logo veio o gosto de sangue em minha boca.

Senti novamente minhas pernas serem abertas com brusquidão, quando pensei que seria violada por aquela mulher desprezível, ouvi gritos irados e logo depois eu era erguida pelas agentes prisionais.

— Vocês três, dessa vez é a solitária! — ordenou a mulher que me amparava e as outras três agentes que a acompanhavam empurraram Maria e suas companheiras para fora do banheiro, já algemadas.

— Venha garota, vamos embora daqui — disse a agente de forma gentil e foi a primeira vez que percebi um pouco de calor humano em alguém naquele lugar, fora Francisca.

Amparada, segui para o meu quarto para vestir o macacão pela última vez, ainda escoltada fui levada para uma sala onde me entregaram um saco plástico lacrado com as roupas que eu usava no dia em que fora detida.

Rapidamente me despi do macacão sem me importar com a agente que me acompanhava e vesti minhas roupas.

Sentia os lábios doloridos e meu olho direito parecia estar inchado, dificultando minha visão.

Fui levada até a sala da diretora onde tive que assinar alguns papéis que nem me dei ao trabalho de ler, rubricando nas linhas onde ela apontava. Depois me guiaram para o *hall* de entrada do centro de detenção, onde, para meu alívio e felicidade, encontrei o olhar amoroso e assustado de Max.

Maxwell

Finalmente, no fim da tarde, observei uma agente prisional escoltando minha pequena pelo saguão onde aguardávamos.

A minha primeira reação ao vê-la sendo trazia foi de um alívio imensurável, Pearl estava viva!

Entretanto, quando ela se aproximou, fiquei chocado! Percebi que seu rosto estava coberto de hematomas, o olho direito inchado de forma assustadora, assim como seus lábios que estavam partidos, a dor daqueles machucados atingia o meu peito e jamais senti-me tão impotente.

Se eu sempre fora um homem forte, que não deixava transparecer os sentimentos, naquele momento quase desmoronei e sabia que meus olhos começavam a marejar.

Olhei para ela buscando sua expressão, eu ainda não podia me aproximar, ela permanecia no poder da agente que a escoltava e o que vi em seu olhar foi que demonstrava força e orgulho.

Abracei-a imediatamente após ser liberada, tentando confortá-la, não podia imaginar o que ela passara naquele local durante os dias em que estivera presa.

— Você está a salvo agora, doçura! — pousei sua cabeça em meu peito — Nós vamos para casa.

Olhei para o doutor Mulrey com a expressão severa e fiz um discreto gesto para que ele entendesse que eu queria que os responsáveis pelo estado de Pearl fossem descobertos e punidos. Imediatamente ele compreendeu que nós voltaríamos para casa e ele ficaria lá, cuidando dessa investigação. Bia também parecia chocada e revoltada.

Pearl permaneceu calada durante todo o trajeto rodoviário e depois no

avião. Parecia exausta. Limitou-se a recostar a cabeça em meu peito e adormeceu.

Durante o voo, liguei para Vincent pedindo que me aguardasse no apartamento, pois a minha pequena precisaria de um médico, não sabia até que ponto aqueles eram ferimentos superficiais. Eu tinha tantas perguntas para fazer a ela, principalmente sobre a violência que sofrera, mas este não era o melhor momento.

Collin já tinha colhido algumas evidências de quebra de protocolo em sua detenção, além de abuso de autoridade, isso tinha que bastar, pois eu não permitiria que Pearl sofresse ainda mais exposição. Agora ele trabalharia com Mulray, era inconcebível que ela não tivera direito nem a enfermagem, por isso, não importava o que alegassem, ninguém sairia impune.

Quando chegamos, Bia pegou um taxi e foi direto ao encontro de Phil, eles precisavam juntar as peças de um quebra-cabeças que agora eu era o maior interessado. Collin seguiu em outro taxi e eu trouxe Pearl de volta ao lugar onde ela pertencia, o seu lar.

— Como você me encontrou? — murmurou ainda aconchegada em meu peito.

— Francisca Ibanhez Abrantes, ela me ligou na empresa — expliquei acariciando seus cabelos.

— Ela é uma boa mulher, se não fosse por ela nem imagino o que teria me acontecido — revelou com voz ainda mais fraca.

— Não se preocupe, pedi para Collin providenciar tudo que for possível para ajudá-la, como forma de agradecimento pelo que ela fez.

Pearl apenas assentiu balançando a cabeça e novamente mergulhou em seu silêncio.

Já no apartamento, a única coisa que ela pediu antes que Vincent e Beth a examinassem foi que precisava de um banho. Apática e esgotada, disse que se

sentia imunda naquela solitária e o banho precário que tomara na detenção não fora o suficiente para a limpar.

Abbey correu para preparar-lhe uma sopa.

Pearl não chorava, também não ria, ela não tinha expressão. Não queria pressioná-la, não podia fazer isso. Era claro o quanto havia sofrido e ainda estava de pé e eu a admirava por isso.

— Pode ser o estresse pós-traumático — comentou Vincent — precisamos dar um tempo a ela.

Quando ela terminou o banho, o casal de médicos a examinou em seu quarto e pediram privacidade. Por mais que eu quisesse estar ao seu lado, eles acharam melhor que ali houvesse somente a influência médica.

— Ela está bem machucada, alguns dos ferimentos infeccionaram pois não foram adequadamente higienizados, não deram tratamento médico qualquer, pois a colocaram na solitária.

— Não consigo a imaginar neste pesadelo — senti uma descarga de gelo e agonia percorrer o meu corpo.

Beth ainda estava com ela no quarto, Vincent explicou que ela terminava a assepsia dos ferimentos e sozinhas teriam maior liberdade para uma conversa entre mulheres e na língua em que ela tinha maior conforto em conversar.

— Eu tirei mais amostras de sangue, não tenho certeza se ela se alimentou direito nesses dias, como já tinha o quadro conhecido de anemia, quero saber se ele se agravou.

— Ela... — não era capaz de ser explícito. A dor dela doía em mim e quanto menos Pearl a expressava, mais devastado me sentia.

— Violentada? É isso que quer saber? — era fácil para ele, enquanto profissional médico precisava ser capaz de abordar todos os assuntos, mas não era tão fácil para mim — Não. Ela só foi surrada e lutou bravamente, estou surpreso

que não tenha nenhuma costela quebrada ou algo assim.

— Psicologicamente?

— Eu não sou especialista, mas eu acho que é esperado que esteja neste estado. Ela deve voltar ao normal aos poucos. Claro, se isso não acontecer posso recomendar um psiquiatra, mas o meu julgamento é que aquela mocinha é mais forte do que todos nós e ela lutou bravamente para manter todos os seus pedaços de pé. Ela precisa se alimentar bem, descansar e... principalmente do básico, muito carinho. Só isso.

— Isso é o que não me falta para dar a ela — eu tinha tanto disso para dar que mal me reconhecia.

Olhei para dentro de mim, jamais fui daqueles homens que moveu mundos por uma mulher. Obvio que eu as tratava de forma única, mas jamais deixei de fazer algo por mim para fazer por elas e nunca encarei isso como egoísmo, era mais porque havia um limite para eu me doar, só que com Pearl, parecia que esse limite não existia.

— Eu sei amigo, consigo ver algo mudado em você, ela te transformou. Coloque isso na sua cabeça, a idade dela nada tem a ver com a sua maturidade e essa menina impressiona a todos nós.

Quando me despedi do casal de médicos, fui até a cozinha para pegar o jantar de Pearl e pedi para que Abbey voltasse para a casa dela para descansar. Daqui para frente, eu cuidaria da minha pequena como se ela fosse mais importante do que a minha própria vida.

Levei a bandeja de sopa para o seu quarto e ela se alimentou em silêncio. Não podia pressioná-la a nada, tudo a seu tempo.

— Agora você precisa descansar — disse ao beijar-lhe a testa, com carinho, já pronto para levar a bandeja de volta para a cozinha.

— Pode me abraçar enquanto eu tento pegar no sono? — fui surpreendido

pelo seu pedido e o meu coração inflou-se de alegria por saber que eu podia fazer algo por ela, nem que fosse somente a proteger em meus braços.

— Claro, meu amor — respondi com um sorriso terno — façamos assim, eu vou levar essa bandeja para a cozinha, colocarei o meu pijama e deitar-me-ei aqui contigo para que possa dormir tranquila.

— Tudo bem — vi o seu sorriso pela primeira vez desde que a resgatara.

Nada mais tiraria Pearl de perto de mim.



Capítulo 24

Perla

Passamos a noite abraçados. Ficamos em silêncio até eu pegar no sono.

Falar sobre o que havia acontecido comigo naquele inferno trazia-me as dolorosas recordações de um dos piores momentos da minha vida, por isso eu evitava falar e Max respeitava o meu silêncio. Nem por isso ele deixou de estar ao meu lado.

A minha alma doía mais do que os meus machucados, essa era uma das poucas certezas que eu tinha.

Embora Max tenha evitado o máximo possível me deixar sozinha em casa,

ele tinha duas reuniões no meio da tarde, que precisava participar no escritório, então, deixou-me sob os cuidados de Abbey, que vinha sendo como uma mãe para mim.

No início do anoitecer Max voltou para casa e só então Abbey foi embora. Era claro que eu me sentia mal por o tirar de sua rotina, por outro lado, o seu carinho vinha sendo importante demais.

Ainda estava com o corpo completamente dolorido e os remédios me davam sonolência. Não queria parecer uma coitada ou incapaz, por isso, enquanto ele tomava banho eu busquei força e fui para a cozinha.

Supondo que um simples creme de abóboras não seria o suficiente para Max resolvi preparar uma entrada para ele. Eu tinha aprendido uma receita nova na internet e no improviso encontrei tudo o que precisava.

Peguei o queijo brie na geladeira, coloquei em um refratário, fiz alguns furos na superfície e reguei com mel, adicionei pimenta e alecrim e o coloquei para assar.

Se tudo desse certo, a casca permaneceria dura e o miolo do queijo derreteria, assim eu poderia tirar a tampa salpicar com nozes e amêndoas picadas para servir com as torradas, já que eu não tinha assado nenhum pão.

Assim que o tirei do forno Max chegou e abraçou-me por trás, com cuidado.

— Você não deveria estar descansando? — perguntou ele ainda abraçado a mim, distribuindo beijos em meu pescoço.

— Preciso voltar a me animar — confessei ciente de que a minha tristeza não podia me vencer, eu tinha que ser mais forte do que ela — talvez, ocupar a mente seja a melhor coisa.

Ameacei pegar a panela de creme de abóboras do fogão, mas ele imediatamente a tirou das minhas mãos para a colocar sobre a mesa.

— Essa parece-me muito pesada para você com esses braços ainda roxos.

Ele tinha razão, não era só a dor que não me permitia esquecer o ocorrido, as marcas no meu corpo eram um forte lembrete. Também queria beijar Max desesperadamente, mas meus lábios doíam.

Sentamo-nos à mesa e ele me serviu da sopa, não seria dessa vez que eu provaria das torradas com brie e nozes, pois movimentar os lábios era penoso, mas Max atacou o queijo quente e notei sua expressão animada ao degustar a iguaria.

— Isto está maravilhoso, Pearl!

— Obrigada — de repente disse a ele.

— Não precisa agradecer, é verdade, está ótimo mesmo.

— Na verdade, o “obrigada” é por estar cuidando de mim.

— Ah, doçura — pareceu tentar escolher as palavras ao deixar o pedaço da torrada com queijo de lado e tocar na minha mão — eu quase enlouqueci sem você aqui. Vamos conseguir o seu *greencard*, vai dar tudo certo, você verá.

— Quando eu fui capturada na fronteira e apanhei pela primeira vez, achei que nada seria tão difícil de sobreviver como aquilo. Mas eu olho para o meu corpo hoje e todos os tapas e chutes voltam para a minha mente. É como um pesadelo que não cessa. Maria tentando uma forma de conseguir me violentar, as autoridades omissas, mas eu não podia fraquejar, sabia que não sobreviveria se não fosse forte, se não fosse fria, Francisca me ensinou isso — senti, pela primeira vez depois que ele havia me resgatado, as lágrimas quentes escorrerem tão fartas até chegarem ao meu queixo.

— Ei, doçura, meu amor — deu a volta na pequena mesa e veio sentar-se ao meu lado para me abraçar — acabou! Daria tudo para poder apagar essas lembranças de você, mas eu não posso, entretanto, ninguém mais vai tirá-la daqui. Você sempre estará protegida comigo.

Depois de muitas lágrimas e um longo momento de silêncio, senti-me melhor. Aquelas lágrimas eram a bola na minha garganta e só agora me livrava dela. Entretanto, o alívio que aquele momento me trouxe não significava que todos os meus problemas estavam resolvidos. Meus sentimentos por aquele homem estavam tomando uma proporção que eu não sabia se seria capaz de os controlar.

Quando eu me acalmei ele voltou a sentar-se em sua cadeira original e motivou-me a finalizar o meu jantar, quando também se serviu de uma tigela de sopa.

Eu já estava pronta para me deitar, vestindo a camisola azul, minha preferida. Olhei-me no espelho de corpo inteiro e observei cada marca em meu corpo e senti saudades do Brasil. A minha vida era difícil, mas eu era feliz em meu país.

Ouvi as batidas na porta e era Max, que foi me buscar em meu quarto.

— Venha — disse ao segurar a minha mão — este é um quarto de hóspedes e você não é mais uma hóspede nesta casa — levou-me para a cama de seu quarto e cuidadosamente me recebeu em seus braços para me deixar confortável ao seu lado.

— Max — sussurrei abraçada a ele — por que está se arriscando tanto?

Eu entendia o quão perigoso era esse jogo no qual ele estava se metendo. Os assassinos de meu pai, a polícia, esse clube nojento. Max era somente um empresário e agora falávamos de disfarces, escutas, CIA e eu começava a me preocupar, jamais fora a minha intenção trazer qualquer problema para ele, ainda mais a ponto de precisar investigar ações ilícitas.

Antes de me responder, ele envolveu-me ainda mais em seus braços e foi como se eu sentisse o seu calor me penetrar naquele gesto protetor.

— Eu poderia inventar qualquer desculpa para parecer politicamente correto — elevou o meu queixo para olhar-me nos olhos, enquanto agora eu

estava sobre o seu peito — mas a verdade é que a única coisa que não consigo suportar é que me tirem você novamente e se há algo, ou alguém, no *Hell's Club*, disposto a isso, eu vou impedir.

— Você realmente quer que eu fique? — indaguei convicta de que este era o momento da verdade.

Eu já tinha perdido tudo com essa loucura do sonho americano, mas parecia não haver mais nada para mim em lugar algum. Não tinha mais o meu pai, minha única família, meu único porto seguro. Ter Max por algumas semanas e o perder seria muito difícil, então o ideal era que ele me dissesse de uma vez por todas.

— Mais do que tudo, Pearl — suspirou fundo — Abbey e eu, agora, somos a sua família e nada te faltará.

Tentei compreender o que ele estava dizendo, sem inferir, sem assumir, eu queria ter a certeza com todas as palavras.

— Max, eu sei que preciso de ajuda nesse sentido, mas não é o que eu quero — insisti na minha pergunta — eu não quero um provedor, pois qualquer coisa que me dê hoje eu farei questão de o ressarcir. Eu, na verdade, me refiro a isso... — pousei a mão sobre o seu peito, direto em seu coração — algo que dinheiro algum pode comprar.

Sabia que estava na casa dele há muito pouco tempo, também podia compreender que nosso envolvimento era tão recente, só que, um homem como ele podia ter Nova Iorque inteira aos seus pés. Eu era somente uma garota do Brasil que tinha vindo parar, sem um tostão no bolso, de forma ilegal, em um país de primeiro mundo. Se houvesse a chance de eu me machucar, que fosse agora e não tarde demais.

— Pearl... — ele segurou a minha mão que pousava sobre o seu coração — eu não posso suportar a ideia de você sair ferida do que está acontecendo entre nós. Resisti ao máximo, mas não consigo mais negar que eu a quero

desesperadamente. Eu estou apaixonado por você.

Fechei os olhos com sua voz ecoando em minha mente, mas seu reflexo era dentro do meu peito. Ergui o corpo e toquei os meus lábios sobre os dele, muito rapidamente. Não tinha ideia do que dizer, não sabia o que sentia e tinha medo de que aquelas fossem palavras de momento.

Então, Max girou comigo na cama e pôs-se sobre mim, tomando o cuidado para não deixar o seu peso recair sobre o meu corpo ainda dolorido e marcado.

— Eu quero acreditar — disse a ele — mas também sei que fui eu quem o pressionou a chegarmos até aqui. Sei que você entende como me sinto, sei que meus sentimentos podem ser imaturos, mas eles estão vivos e gritando dentro de mim.

Deslizei o dedo indicador acompanhando a linha de seu rosto e o vi fechar os olhos, sua respiração profunda e o silêncio sufocante dentro do quarto.

— Existem sentimentos que não conseguimos explicar — sussurrou em meu ouvido — mas temos certeza de que são especiais e forte — sussurrou do outro lado — e eu a quero ao meu lado, loucamente — finalizou pousando seus lábios sobre os meus em um beijo lento e profundo.

Sua mão direita percorreu a lateral do meu corpo, desde o meio da minha coxa até os meus seios e eu soube que ele acreditava no que dizia, seu coração o denunciava, seu beijo fora transparente.

— Eu já tive muitas mulheres, Pearl — voltou a me encarar com o coração gritando sob o meu peito — é verdade. Mas nenhuma delas despertou em mim a vontade de continuar deitado em uma cama, agarrado a ela, independentemente de haver sexo. Sabe por quê? Simplesmente porque, com você, além de sexo eu tenho todo o resto, o carinho, a companhia, os sorrisos...

Quase perdi o ar.

Tanta coisa me foi tirada nessa vida, mas de todos esses momentos difíceis, brotava o sentimento. Max me queria de verdade e eu a ele.

Maxwell

Cheguei ao escritório no meio da manhã, deixei Pearl na companhia de Abbey com ordens expressas de que ela não deveria sair do apartamento.

Perto da hora do almoço Rupert entrou na minha sala sem ser anunciado, afinal ele ainda era presidente das empresas Reed, mas por pouco tempo, pois eu marcara uma votação da diretoria para que fosse votada a destituição dele como CEO. As instruções que meu pai deixara na época eram que eu somente deveria assumir a presidência quanto estivesse apto e eu estava mais do que qualificado para continuar o que meu pai iniciara.

— Max! Que história é essa de marcar uma reunião para debater a sua ascensão à presidência sem me consultar? — Rupert tentava esconder a irritação — Pensei que havíamos concordado que isso ocorreria ano que vem!

— Decidi que não desejo esperar — encarei-o com raiva.

— É a maldita selvagem, não é? Fiquei sabendo que você a encontrou no Texas — jogou na minha cara.

— Onde você e os membros do *Hell's Club* a colocaram? — acusei-o ao me levantar e caminhei até ele.

— Eu? Do que está falando? Por que me daria ao trabalho disso? — titubeou dando um passo para trás ao ver minha expressão de raiva.

— Se eu descobrir que você está envolvido nisso, tio, juro por Deus que eu o farei pagar na justiça e se a justiça fechar os olhos, farei de tudo para afastá-lo permanentemente das empresas que meu pai construiu! — fui incapaz de esconder meus sentimentos.

— Não seja tolo, essa menina é uma prostituta, concordou em vender a virgindade, se a tivesse usado e devolvido ao clube ela teria recebido um bom dinheiro!

— Desgraçado! — soquei-o com um direto de direita que o levou ao solo.

— Você está louco! — gaguejou se levantando com dificuldade, tentando limpar o sangue que escorria do nariz e da boca.

— Vou lhe dar um aviso, ao senhor e aos membros do *Hell's Club*, fiquem longe de Pearl, não ousem se aproximar dela ou eu juro que os destruirei um por um — avancei com os dedos fechados pronto para socá-lo outra vez, mas não o fiz.

— Jesus Cristo! Você está fora de controle — gaguejou e saiu da minha sala.

Bufei exasperado, eu não seguira a orientação de Phil de manter a calma e as aparências, não consegui ter sangue frio o suficiente, mas fora muito bom extravasar minha raiva.

Cheguei em meu apartamento e para minha surpresa, Bia e Phil estavam sentados na sala conversando com Pearl, que parecia bem mais alegre e disposta, enquanto Abbey se entretinha em preparar algo para servir.

— Max! — minha pequena me abraçou e beijei levemente seus lábios.

Não me cansava de me surpreender com o brilho que ela trazia para a minha vida. Era algo tão inexplicável.

— Viemos contar o que descobrimos — avisou o agente.

— Eu vou ajudar Abbey na cozinha, espero que não se importe de eu tê-los convidado para o almoço — disse Pearl.

— Doçura, minha casa agora é sua, você sabe disso — sorri enquanto a observava ir até a cozinha.

— E então? — sentei-me no sofá e observei a dupla com expectativa.

— Meus analistas conseguiram extrair muitas informações do *notebook* do *Hell's Club* — começou Phil — descobrimos mensagens logadas com geolocalização das empresas Reed, entre membros do *Hell's Club* e outras pessoas.

— Eles cruzaram os dados com os arquivos que consegui em minha investigação na boate de Javi e Jessica Viego e no computador da fazenda onde o pai de Pearl foi assassinado — Bia diminuiu o tom de voz para que minha pequena não ouvisse da cozinha, a morte do pai ainda doía muito em sua alma sensível.

— Cruzamos também com os dados que conseguimos no banco utilizado pelo *Hell's Club* em suas transações localizado em um paraíso fiscal — completou Phil.

— E? — perguntei ansioso.

Eu precisava desses detalhes. Mensagens entre a localização da minha empresa e o clube só poderiam ser obra de Rupert! Meu próprio tio, minha família. Como ele fora capaz?

— Está tudo ligado, Max — o agente bateu a mão em uma pasta de plástico que estava em cima da mesa de centro em frente ao sofá e as poltronas onde estávamos — há um grande esquema criminoso em volta dos membros do *Hell's Club*, embora ainda não tenhamos identificado todos.

— Tráfico humano de imigrantes utilizados para trabalho escravo e comércio sexual, inclusive com o envio de jovens para países do leste europeu onde são obrigadas a participar de filmes pornográficos, corrupção policial, tráfico de armas, ligações com os cartéis mexicanos de drogas, tráfico de influência, venda de sentenças judiciais, lavagem de dinheiro, inclusive utilizando suas empresas.

— Como? — interrompi bruscamente Bia — Lavagem de dinheiro usando

minhas empresas? Isso não é possível!

— Sim, há algumas transações suspeitas envolvendo o nome de algumas subsidiárias de seu grupo — esclareceu Phil.

— O esquema é maior do que imaginávamos, há megaempresários, políticos, juízes e policiais — Bia parecia contrariada e enojada com tudo o que descobrira.

— Max, eu ajudei como pude, mas sou um agente Operativo da CIA e nós não podemos nos envolver em questões domésticas, usei todos os meus favores para ajudar na investigação, só que muitas dessas provas são desqualificadas, nunca poderão vir à tona — explicou Phil — ou eu assumo a investigação de forma oficial e isso pode expor a Pearl, ou meus limites ficam por aqui.

— Quer dizer que não podemos fazer nada? — revoltei-me ao sentir na pele como a lei era cega — toda a dor causada à Pearl, ao seu pai e a tantas pessoas inocentes como eles, que apenas buscam uma vida melhor aqui nos Estados Unidos, esses bandidos ficarão impunes?

— Não foi o que eu disse — Phil ergueu as mãos em defensiva — eu me refiro a ser hora de passarmos o caso para o FBI^[49], caso vocês queiram ir adiante, mas não consigo garantir que Pearl seja poupada. Há muitos crimes federais envolvidos, eles vão adorar, mas ao assumirem, passarão como um trator.

— Então vamos em frente — disse ao pensar um pouco sobre o assunto — eu protejo a dignidade de Pearl.

— Tenho alguns contatos no *Bureau*, passarei o caso para eles, mas o advirto, será um escândalo que poderá manchar o nome de suas empresas, seu tio Rupert pode vir a ser preso — advertiu.

— Não me importo, se meu tio é culpado ele deve pagar, e se tiverem que fazer uma auditoria em minhas empresas, sou o primeiro a autorizar — declarei decidido.

— O almoço está pronto — Pearl entrou na sala com seu sorriso maravilhoso.

— Nossa, estou faminto — riu Phil — e o cheiro está maravilhoso.

Sentamo-nos à mesa para desfrutar de um almoço tranquilo, talvez a paz daquele momento fosse necessária, pois em breve uma tempestade cairia sobre nós.

Perla

Olhei-me no espelho, os hematomas e inchaços no rosto haviam desaparecido. Embora o meu corpo ainda estivesse manchado de ligeiro roxo amarelado, eu não sentia mais dor. Sabia que as cicatrizes permaneceriam dentro de mim, não em meu corpo, mas em minha memória.

Max vinha sendo excepcional comigo, paciente, carinho, amoroso.

Eu tinha os meus momentos de tristeza, papai fazia muita falta, mas assim como fora com mamãe, eu me esforçava em erguer a cabeça e seguir em frente.

Max tinha ido correr sozinho nesta manhã de sábado e eu decidi preparar o almoço mais cedo, pois ele sempre ficava faminto após os exercícios.

Servi a mesa no terraço da cobertura, ao ar livre. Desde que tinha passado aquele tempo na solitária eu vinha preferindo lugares mais abertos. Não que eu estivesse traumatizada, mas porque começava a dar valor ao céu, sol e ar.

Quando Max me encontrou lá em cima, já de banho tomado, fico surpreso com o imprevisto, já que a mesa que havia na cobertura não era para refeições e servia somente como decoração.

— Almoço ao ar livre? — perguntou beijando-me o pescoço ao me abraçar por trás.

— Sim — deixei-me sentir o seu calor ao redor do meu corpo — o dia não está excessivamente quente e eu gosto daqui.

Almoçamos com calma, ele aproveitou para me explicar que tinha dado entrada no pedido da regularização da minha situação de imigração. Não havia como saber se um pedido assim seria deferido, entretanto, explicou que queria tentar tudo pelas vias normais, antes de seguirmos para algo mais drástico.

— Quando regularizarmos a sua situação no país poderemos pensar em um curso universitário para você — disse Max, de repente, ao tocar em minha mão para impedir-me de tirar os pratos da mesa.

— Universidade?

— Sim, por que não? — puxou-me em direção à mureta da parte de melhor vista do apartamento.

— Você já me ajudou com tantas coisas, Max... Como posso aceitar mais isso?

— Isso é pensar em seu futuro, doçura, eu acredito muito em seu potencial.

Senti seus braços ao redor da minha cintura e seus lábios passeando pela curva do meu pescoço, enquanto o mundo parecia tão pequeno e insignificante lá fora.

Max ficava constantemente rijo quando nos abraçávamos, mas ele tinha medo de me machucar, que eu sentisse dor nos diversos hematomas pelo corpo, por isso vinha se controlando e muito. Claro que a responsável pelo nosso jejum era eu mesma, por esses dias eu me sentira tão apática e o seu respeito aos meus sentimentos e vontades era o que eu mais valorizava neste homem que estava ao meu lado.

Mas já era hora de eu parar de sentir pena de mim mesma, nem mesmo Max sentira pena, pelo contrário, demonstrava tanto orgulho de mim.

Levei a mão à sua virilha, alcancei a sua rigidez e o massageei sobre o moletom, ouvindo seus discreto gemidos enquanto ele continuava a me estimular, agora acariciando o lado interno da minha coxa, por baixo do vestido.

Coloquei a mão dentro de sua calça, alcancei-o pronto e quente e quanto mais agressiva era a minha massagem, mais firmes eram também os seus toques em meu corpo. Max deixava-me fervendo. Ele era doce, carinhoso e cuidadoso, mas eu sentia que ele também poderia ser firme, duro, enérgico, que seria igualmente maravilhoso.

— Eu não sou mais uma virgem, Max — disse o comprimindo com força, com uma das mãos, ao mesmo tempo em que eu baixava a sua calça com a outra.

Ele também sabia que o contraceptivo já fazia efeito.

Foi de imediato que ele me comprimiu contra a mureta com o seu corpo e arrancou a minha calcinha, fazendo-a deslizar pelas minhas pernas até cair no chão.

— Eu não quero machucá-la — sussurrou em meus ouvidos, brincando com o meu centro molhado e ansioso.

— Nada do que você faça com amor poderá me machucar.

Imediatamente suas mãos subiram até os meus seios, os massageando com firmeza, comigo cada vez mais firme presa entre a mureta e seu corpo e senti uma única e agressiva estocada.

Eu não me importava se alguém pudesse nos ver, pelo contrário, a ideia de correremos esse risco me excitava ainda mais, a violência com a qual Max chocava seu corpo ao meu era deliciosa, quanto mais firme ele me invadia, mais dele eu queria.

Senti sua mão puxando a minha perna direita para trás, para que se entrelaçasse à dele, proporcionando melhor acesso ao meu centro, enquanto ele me sustentava com a outra mão, seguindo com as duras e firmes investidas em

meu interior que o acolhia ainda mais profundamente.

Filmes de romance mostravam sexo e amor como algo tão lento e cuidadoso, por que, então, eu me sentia enlouquecidamente excitada com a firmeza com a qual Max me estocava, com toques que chegavam a ser até brutos?

Não era melhor e nem pior do que sexo romântico, era igualmente maravilhoso.

Quando ele combinou as estocadas com a pressão da massagem em meu clitóris, senti que a firmeza falhava em minhas pernas, eu não poderia mais me sustentar pois minha força começava a ser canalizada em um único local e foi ali que ela explodiu e tomou o resto do meu corpo com uma velocidade inexplicável, como se sangue frio seguido do choque térmico do sangue quente comesçassem a correr dali em direção ao resto do meu corpo, no mesmo ritmo em que batia o meu coração.

Max virou-me de frente para ele, não se importando com o meu estado de êxtase misturado com exaustão, simplesmente possuiu os meus lábios, com uma fome que eu desconhecia, e voltou a me estocar, dessa vez puxando-me para o seu colo.

Ele já tinha se livrado da calça e da cueca e eu nem sabia como ou quando o fizera.

Comigo em seu colo, ainda extremamente rijo dentro de mim, caminhou até o interior da sala de paredes de vidro e sentou-se no sofá, deixando-me por cima. Foi quando eu tirei a sua camiseta, apreciei o seu físico impecável e ele me ajudou a me livrar do vestido, sem que nos desconectássemos.

Voltando a ganhar forças, comecei a cavalgá-lo incansavelmente, deixando-o rendido aos meus movimentos, apreciando o leve balançar dos meus seios, que as vezes ficavam escondidos pelos meus cabelos.

— Como você é linda, Pearl! — exclamou quase que como em uma extensão de seus pensamentos.

Quando as sensações pareciam terem se tornado insuportáveis para ele, pela mudança de sua expressão, ele levou as mãos às minhas costas, para me apoiar e curvou-se sobre mim, deitando-me no sofá, induzindo-me a abraçar sua cintura com as pernas e recomeçou a me estocar com força e a cada atrito eu sentia intensificar o formigamento central.

Era impossível não gozar quantas fossem as vezes que Max me estimulava e finalmente o meu interior voltou a se comprimir involuntariamente, abraçando o seu membro inchado e rijo, dificultando suas penetrações, mas dessa vez eu pude sentir nitidamente ele se expandir, jorrando seu líquido quente dentro de mim. Cada uma dessas sensações, combinadas com o meu êxtase, deixaram o meu coração batendo de forma quase que enfurecida. Eu já estava sem ar, meus gemidos misturavam-se aos de Max e então ele possuiu os meus lábios em beijo gentil e profundo.

— O que você está fazendo comigo, Pearl? — sussurrou antes de voltar a me beijar, ainda dentro de mim — Como eu amo você, minha pequena.

Senti o meu coração ainda mais acelerado com aquelas palavras de surpresa. Max me amava! Perdi o ar, perdi a fala, perdi tudo o que eu tinha na vida, mas ganhara o amor.

— Eu também amo você... — finalmente consegui sussurrar, sem evitar uma lágrima, seguida de outra e mais começaram a surgir — Eu tive tanto medo de jamais voltar a vê-lo enquanto estava presa naquele inferno.

— Shhh... — disse ele levando o dedo indicador lentamente aos meus lábios para me silenciar e depois beijou uma das minhas lágrimas — Não há lugar nesse mundo que eu não iria atrás de você. Eu escolhi estar ao seu lado e ninguém vai mudar isso.



Capítulo 25

Maxwell

Três dias depois a tempestade realmente começou.

Embora a conta para a qual eu havia transferido o pagamento da *compra* de Pearl, que ficara registrada em minhas transações bancárias, tivesse evaporado, eu sabia que o conteúdo do *notebook* do *Hell's Club* havia dado insumos para diversas linhas investigativas, além de conter documentos incriminatórios.

Salvo os dois reis e as duas rainhas do clube, que permaneciam um mistério, tínhamos a identidade de todas as demais peças do tabuleiro, além de outros membros. Um grupo de *coyotes* também estava nos registros do local, mas as investigações eram muito preliminares.

A fim de não comprometer a investigação e não ter problemas com agência de segurança nacional, Phil parou de compartilhar comigo detalhes sobre as descobertas, com a promessa de que eu seria o primeiro a saber quando chegassem a um ponto de vista concreto sobre os arquivos investigados.

E foi nesta manhã que ele me mandou uma mensagem pelo celular avisando que ele estava na companhia de Bia, no saguão do meu prédio.

Pego de surpresa, vesti uma roupa qualquer, rapidamente e em silêncio para não acordar Pearl, que dormia placidamente em nossa cama e os recebi.

— Jesus Cristo! Não são nem seis da manhã! — exclamei os convidando para entrar.

— Como eu prometi, passei o caso para o FBI que ficou bem interessado, vim convidá-los para nos acompanhar, estou como simples observador do *Bureau* e os agentes vão cumprir um mandado de prisão, só não posso adiantar ainda quem é o nosso alvo. Por hora, precisamos aguardar mais detalhes — disse olhando para o relógio.

Concordei e fui até o quarto acordar Pearl, que se trocou rapidamente e insistiu em nos preparar panquecas. Foi irritante ouvir Bia e Phil conversando amenidades com ela, enquanto meus amigos pareciam determinados a me manter no escuro.

Por volta das oito o celular do agente tocou e ele atendeu, segundos depois desligou.

— Está na hora, vamos? — convidou.

Descemos com a dupla até a portaria, onde três SUVs pretas aguardavam. Entramos em uma delas, eu ao lado de Phil que assumiu o volante e no banco traseiro Pearl e Bia.

Com as sirenes ligadas abrimos caminho pelas ruas já movimentadas da cidade. Aquele trajeto era familiar e logo descobri o porquê, pois estacionamos

com uma freada brusca em frente ao edifício onde ficava a sede das minhas empresas.

Saltamos do veículo, os agentes federais que nos acompanhavam já estavam a postos, pois haviam estacionado antes de nós. Todos usavam coletes com a sigla FBI nas costas e portavam armas. O que pareceu ser o líder já estava na porta do prédio e aproximou-se de nós, cumprimentando primeiramente o Phil.

— Este é o Agente Especial Eron Timoty, do FBI, e está encarregado do caso — apresentou-me o homem de meia idade de cabelos entremeados de fios brancos e como todos usando colete.

Sem oportunidade para trocarmos qualquer palavra, um outro agente se aproximou e entregou para Timoty algumas folhas de papel.

— Os mandados, senhor — disse sem se prolongar.

Todos pareciam saber exatamente o que fazer e como fazer e eu ainda estava sem entender muita coisa, embora pudesse desconfiar. Vínhamos gastando esforços na investigação do *Hell's Club* e a teia de ações ilícitas em que ele estava inserido. Não podíamos ignorar que Rupert, meu tio, era parte do tabuleiro, Torre Negra, então, do que exatamente ele era culpado?

— Vamos lá — ordenou Timoty e o seguimos.

— Seja honesto comigo, Phil, o que está acontecendo? O que viemos fazer aqui? Em quais sujeiras exatamente o meu tio está envolvido? Teria sido ele a tentar fazer Pearl desaparecer para evitar um escândalo após Bia descobrir sobre o assassinato do pai dela?

Meu amigo ignorou minha pergunta enquanto entrávamos no elevador, uma vez que começou a falar aos sussurros por um radiocomunicador preso na lapela de seu terno. Pearl, ao meu lado, segurou com força minha mão e Beatriz estava com a expressão séria, o clima era de pura tensão.

Chegamos ao andar da presidência, vários agentes do FBI já estavam no

local. Caminhamos pelos corredores sob o olhar espantado das secretárias e assistentes, passamos pelas salas dos diretores principais, depois pela minha como vice-presidente, até entrarmos na sala da presidência.

Outros agentes já estavam no local, Rupert sentava-se em sua poltrona e me encarou.

— Max! Que diabos está acontecendo, ninguém me diz nada!

— Eu não sei, Rupert! — joguei um olhar enfurecido ao meu tio — Mas, talvez tenha a ver com a tentativa de deportação de Pearl ou os negócios ilícitos do *Hell's Club* — voltei a o acusar.

Ele era o meu próprio tio, como fora capaz de se envolver em algo assim?

— O quê? Está louco? Eu já disse, sou apenas um sócio de um clube de prazeres, nunca tive nada a ver com a prisão dessa menina — meu tio parecia genuinamente estarecido, seria ele também um bom ator?

— Estamos aqui porque o identificamos como membro influente do círculo interno do *Hell's Club*, esse círculo está envolvido em sequestros, assassinatos e outros crimes federais — cortou o agente Timoty.

— Eu faço parte do círculo interno e desconheço qualquer crime dessa natureza, nossos divertimentos podem até ser considerados imorais, mas não creio que sejam ilegais — irritou-se — todos que servem ao clube assinam contratos e são muito bem pagos pelos serviços que prestam! Se é sobre Pearl, eu já expliquei, Max — se voltou para mim — ela seria paga tão logo você a devolvesse ao clube ou a liberasse. Quem a comprou foi você e não eu.

— Como ousas? Seu maldito! Você mandou prender Pearl para que fosse deportada e não exigisse justiça pelo pai que foi escravizado e morto! — avancei pronto para quebrar a cara de meu tio, mas fui detido por um agente e por Pearl, que segurou meu antebraço.

— Eu nada tenho a ver com essa garota! — Rupert tentou se recompor.

— Max, por favor, calma — pediu-me Pearl com o olhar assustado e recuei tentando ganhar consciência do que eu estava fazendo.

— Ela tem razão, Max — Bia também pediu.

— Senhor Rupert Gerald Reed, o senhor está preso, tem direito a um advogado, se não tiver ou não puder pagá-lo uma Corte Federal indicará um defensor, tem o direito de permanecer em silêncio, qualquer coisa que disser pode e será usada contra o senhor no tribunal — avisou Timoty — Fui claro?

Rupert concordou balançando a cabeça.

— Certo, podem levá-lo — ordenou Timoty e um agente o algemou.

Meu tio passou por mim e Perla com um olhar de desprezo e lançou outro, de ódio, para Bia e Phil.

Enquanto os agentes federais levavam Rupert embora, juntamente com o seu *notebook*, convidei o agente e a repórter para me acompanharem até minha sala, o que meu amigo fez após se despedir de Timoty.

— Vocês terão que depor — avisou o agente do FBI antes de sair com sua equipe.

— Que tal me contarem o que mais descobriram? — pedi para aos dois após entrarmos em minha sala.

Ofereci o conjunto de sofá para que eles se sentassem, enquanto uma assustada Bonnie providenciava café para todos.

— O *notebook* tinha mais informações valiosas guardadas em um subarquivo criptografado, não sabemos ainda qual *peça do xadrez* era encarregada da contabilidade, mas o arquivo secreto possuía um diário com nomes, datas, transações comerciais e resumo de reuniões do círculo interno — começou Phil.

— Meu tio, Rupert, de quais crimes está sendo acusado? — insisti.

— Por enquanto, como membro oficial do tabuleiro, todos os crimes, mas não deixaremos vaziar as verdadeiras acusações na mídia. Isso seria um grande alerta aos demais membros do clube que permanecem sob investigação. Rupert está sendo levado em segredo e conto com a sua ajuda para mantermos a discrição dos que foram testemunhas neste andar.

— Posso cuidar disso — respondi preocupado com o que isso poderia cascatear de negativo para a empresa.

— Não vamos prender os demais ainda, não queremos assustá-los e causar uma fuga em massa do país, ou queima de arquivos, mas todas as peças conhecidas estão sob vigilância. Assim como McKinley, que se sujeitou a manter Pearl incomunicável, em seu Centro de Detenção, até que fosse deportada — continuou Bia — ninguém poderá deixar o país. O FBI precisa apurar quais deles têm conhecimento de como Perla foi parar naquele leilão, e o que aconteceu com o pai dela.

— Jamais quis trazer um desconforto para a sua família, Max — lamentou-se a minha pequena e puxei-a para a agasalhar em meu peito.

— Não fique assim, Pearl. Eu que estou surpreso que o meu tio esteja envolvido em tantas coisas ilícitas.

— Na verdade, a caça às bruxas somente começou. Temos que identificar os reis e rainhas. Esse clube era uma fachada para angariar poder e influência, foi assim que subornaram oficiais do ICE para deterem e encaminharem Pearl para San Antônio, ficaram preocupados com o fato de termos invadido a fazenda onde seu pai foi morto — explicou Phil voltando o olhar para Pearl.

— Rastreamos uma ligação para os policiais que efetuaram a prisão ilegal, ela saiu da sede de suas empresas — disse Bia.

— Meu tio Rupert, como ele pôde? — pensei em nossa família, nas festas natalinas e outras nas quais ele comparecera na casa de meus pais. Depois da morte deles nos afastáramos, pois enquanto eu seguia para a universidade, tio

Rupert assumia a posição de CEO da empresa, mas ainda tínhamos o vínculo de sangue e voltamos a nos aproximar quando comecei a trabalhar na empresa.

— Ele se recusou a colaborar com os investigadores, por enquanto não temos certeza se ele, como Torre, tinha o poder necessário para tomar decisões ou se somente as executava. Tudo nesse clube é encoberto por mistério — suspirou Phil passando a mão na barba malfeita.

— Então nada acabou ainda? — perguntou Pearl.

— Entendo que com essa ação federal, pode ser que você esteja a salvo, Pearl. Mas, infelizmente estamos só no começo. As investigações abrangerão diversos Estados, esperamos conseguir identificar todos os membros do círculo interno — disse Phil — os desdobramentos são difíceis de avaliar.

— Não vamos arriscar — afirmei — não brincaremos com a sorte.

— Lembrem-se, ainda há um problema para ser resolvido — Phil trouxe-nos o alerta — Pearl é uma ilegal nos Estados Unidos, o caso dela vai a julgamento, provavelmente depois que o FBI colher seu depoimento sobre a investigação do esquema de sequestro de imigrantes e trabalho escravo.

— Ela veio para cá atrás de uma nova vida, foi sequestrada, vendida como escrava sexual, teve o pai assassinado e ainda corre o risco de ser deportada? — indignou-se Bia.

— São as leis — o agente parecia constrangido — infelizmente a política do atual governo é anti-imigração.

— Puro absurdo! — declarei inconformado — Mas não se preocupe, minha pequena. Não permitirei que seja deportada, Collin já está me ajudando com essa burocracia.

— Isso é bom sinal, Max. E nesse interim, recomendo que voltem a tentar viver normalmente. O Caso agora está com o FBI, eu mesmo estou quase pronto para voltar ao trabalho de campo, com as investigações sendo comandadas daqui,

ainda tenho algumas coisas a tratar com Timoty e depois volto para Langley, provavelmente para outras missões da CIA, ou para assumir outra turma de treinamento de agentes.

— Não sei como os agradecer — os olhos de Pearl marejaram de lágrimas.

Perla

Com a prisão de Rupert, Max fora imediatamente declarado como CEO da empresa e com isso a sua agenda de trabalho estava impossível, passávamos menos tempo juntos do que gostaríamos.

O fato fora abafado na imprensa pelo próprio FBI, principalmente porque a polícia estava envolvida em corrupção na minha captura e quase deportação. O FBI precisava manter o sigilo enquanto ainda buscava as provas legais. Nada sobre o clube era mencionado mídia, o país vivia como se nada estivesse acontecendo.

Com o processo correndo em segredo, eu fora interrogada inúmeras vezes, pois eles estavam firmes nas investigações, a prisão de Rupert não significava que o esquema na fronteira havia sido desmantelado, as acusações contra ele não eram claras ainda, esse era um trabalho sem fim. Existiam inúmeras gangues que traficavam seres humanos, a que me capturara fora somente uma delas, mas a promessa do Agente Especial Timoty era de que eles travariam uma incansável batalha contra este tipo de crime.

Aos poucos eu sentia que a adrenalina dos últimos acontecimentos também baixava dentro de mim e começava a tentar levar uma vida normal.

Max fez questão de contratar um motorista particular, nem ele e nem o agente Phil achavam prudente que eu saísse sozinha, pelo menos por enquanto, e como eu não podia ficar presa dentro de casa para o resto da vida e queria muito

retomar as aulas de panificação no centro de imigrantes, acatei a recomendação.

Joey não era exatamente um motorista, ele dirigia um dos carrões de Max, mas era um segurança treinado.

Essa fora a condição para eu poder voltar a frequentar o centro e ir ao mercado, entre outras coisas que qualquer ser humano normal faz, não posso dizer que gostava da ideia, mas eu a acatava e seguia exatamente as instruções, era o melhor para todos nós. Jamais falar com desconhecidos, jamais sair da mira de Joey, evitar sair de casa por motivos desnecessários, ter sempre o celular a postos para uma ligação de emergência e não deixar de ter meu passaporte comigo.

Com Max chegando em casa cada vez mais tarde, pelo excesso de trabalho, sobrava pouco tempo para sairmos como um casal, mas eu não me importava com isso.

O meu amor sabia compensar a sua ausência com muito carinho. Não podia haver mulher mais sortuda nesse mundo do que eu, ao ter um homem como ele ao meu lado.

Maxwell

À noite, quando eu já estava com Pearl, o meu celular tocou e percebi se tratar do editor da revista Time^[50].

— Samuel, tudo bem? Gostou da repórter que te enviei? — atendi imaginando como aquela matéria bombástica da Bia repercutiria quando publicada.

— É sobre isso, Max, a repórter não apareceu no horário marcado, esperei por mais de uma hora, até liguei, mas ninguém atendeu — ouvi a voz do editor levemente irritada.

— Algo deve tê-la atrasado, mas não se preocupe vou verificar, prometo

que a matéria que ela tem vai ser digna de um prêmio Pulitzer — enfatizei.

Eu não havia adiantado muita coisa, esse privilégio deveria ser todo da Bia e o pobre do meu amigo Phil que gerenciasse a crise na CIA e no FBI.

— Está certo, se você diz. Ela tem o contato da minha secretária, peça para que reagende a entrevista. Infelizmente essa semana eu não consigo mais, mas tenho alguma disponibilidade semana que vem — concordou e desligou ainda parecendo contrariado.

— Estranho — disse para Pearl que me encarava atentamente — Bia não apareceu no encontro que eu consegui.

Liguei para o número dela, mas caiu na caixa postal, será que ela estava com Phil? Liguei para meu amigo.

— Não, Max, eu ainda não a vi hoje, porém, marcamos um jantar tardio — avisou — devo me encontrar com ela daqui uma hora.

— Certo, avise para ela que o editor está aguardando a entrevista ser remarcada — pedi.

— Tudo bem, darei o recado. Nunca sabemos o que aquela perspicaz garota está aprontando — riu o meu amigo e logo desligou.

— Alguma coisa está te preocupando? — Pearl tocou minha mão enquanto se enroscava em mim como uma gatinha cheia de dengo.

— Não, nada, apenas ansioso pelas notícias — sorri para a minha pequena, não querendo contaminá-la com a minha ansiedade, apesar de achar estranho o comportamento da Bia, mais ainda essa tranquilidade de Phil.

Ou talvez fosse somente eu mesmo, que depois de tudo o que havia acontecido estava um pouco impressionado.

Após um banho juntos e a ceia leve, ficamos namorando no sofá da sala como dois adolescentes, enquanto assistíamos um filme qualquer. Sentia-me feliz

por a ver voltando ao normal, sendo forte para não carregar qualquer trauma.

A minha pequena era uma guerreira de dar inveja.

Eu, por outro lado, estava cansado e não consegui terminar de assistir ao filme, por isso decidimos ir para a cama cedo. Com Rupert fora de cena eu acumulara o meu trabalho e o dele. Sabia que eu precisava eleger um novo vice-presidente para ocupar a minha antiga posição o mais rápido possível.

Com Pearl aconchegada em meu peito, adormeci muito rápido, mas fora um sono agitado e acordei assustado. Sentia meu coração disparado no peito, ao meu lado Pearl dormia com a expressão terna. Olhei para o relógio digital na mesinha ao lado da cama, não passava de três da madrugada.

Tentei voltar a dormir, mas algo não estava certo, a sensação de urgência do sonho não me abandonava. Sentei-me no pé da cama, de repente percebi o que estava errado, havia luz no corredor e ela passava pelo vão da porta.

Eu tinha certeza de a ter mantido apagada. Sentindo um arrepio na pele, levantei-me e fui até a porta, coloquei a mão na maçaneta, mas antes que eu a virasse ela se moveu em minha mão e a porta foi aberta.

Para a minha surpresa, um vulto estava defronte ao vão, instintivamente joguei meu ombro contra ele, ouvindo o som abafado do choque contra o concreto.

— Pearl! Ligue 911! — gritei para que ela acionasse o serviço policial de emergência.

O vulto tentou me atingir usando o cabo do que parecia uma arma, senti o impacto no ombro, quando por instinto desviei a cabeça. Nesse momento Pearl acendeu a luz do quarto que iluminou o corredor, possibilitando que eu observasse um homem da minha altura e de complexão física forte, ele usava uma touca, deixando apenas os olhos descobertos, a pele em torno estava escurecida com tinta negra, assim como sua roupa.

Consegui agarrar o punho armado e bati com força na parede por duas vezes, obrigando-o a soltá-la, foi quando desistiu de lutar pela arma e me atacou desferindo uma joelhada contra meu abdômen, obrigando-me a me afastar, em seguida, atacou com socos dirigidos contra meu rosto, que defendi colocando meus antebraços nas laterais de minha cabeça.

Ele tentou um chute lateral em minhas costelas, mas o espaço do corredor era pequeno e eu me aproximei ainda mais dele, atacando com uma sequência de *ganchos* de direita em sua costela, emendando um *cruzado* de esquerda em seu rosto e outro *gancho*, dessa vez em seu estômago, o que o fez se curvar com um grunhido.

Desferi um *uppercut* em seu queixo que o jogou contra a parede novamente.

Meu adversário tentou contra-atacar avançando, mas novamente eu o acertei, dessa vez com uma sequência de diretos e um *cruzado* de esquerda que o levou ao chão.

Foi quando, pela minha visão periférica, percebi algo vindo em minha direção, afastei o rosto e senti algo duro resvalar em meu queixo. Grunhindo de dor me joguei contra outro atacante, empurrando-o pelo corredor até a sala, fazendo-o cair após bater no sofá.

Montei em cima daquele assassino, pois foi isso o que eu assumi, que fora enviado para me matar, ou pior ainda, matar Pearl!

Essa constatação fez meu sangue ferver e permiti que minha ira transbordasse, fazendo-me socá-lo vez após vez, sem me importar com o sangue que respingava e sujava meu corpo e o chão do apartamento.

— Max! — ouvi o grito de Pearl.

Olhei para trás, o primeiro homem que nos atacara havia se recuperado e agora a mantinha presa com uma “gravata” pelo pescoço, a arma apontada para a cabeça de minha pequena.

Avancei dois passos em sua direção, rosnando como uma fera e uma vontade louca de matar aquele homem pela ousadia.

— Fique onde está, senhor Reed — o homem avisou e apontou a arma para mim e depois para Pearl, fazendo-me ficar imóvel.

De repente levei um golpe nas costas e cai no chão.

— Escute aqui, filho da puta, sua sorte é que nossas ordens são apenas para pegar a garota — rosnou o atacante colocando a arma em minha boca — aguarde nossas instruções.

Tentei me levantar e fui atingido na nuca, a escuridão me envolveu e meu último pensamento foi.

Pearl!



Capítulo 26

Maxwell

Acordei com um pano molhado em meu rosto.

— Pearl! — gritei por impulso.

— Max, o que aconteceu aqui? — perguntou Phil enquanto sentia mãos delicadas limpando a área dos meus olhos.

Segurei aquelas mãos com a vã esperança de que fossem da minha pequena, mas eram de uma mulher desconhecida.

— Levaram a Pearl! — ameacei levantar-me de onde estava deitado com um movimento brusco e Phil empurrou-me de encontro ao travesseiro, foi aí que

eu gemi sentindo uma pontada na nuca.

— Calma, amigo. Devagar. Deixe a agente Jocelyn terminar de limpar esse sangue do seu rosto.

Sentei-me no sofá tentando controlar a ânsia de vômito e o pavor do que poderia ter acontecido com a minha pequena. O edifício onde morávamos era seguro, possuía alarmes e uma equipe treinada, como eles haviam conseguido invadi-lo? Não que isso me importasse agora, mas demonstrava o quão profissionais eram, pois adentraram o imóvel e até desativaram os alarmes de meu apartamento.

— Pearl! — voltei a me exaltar — Como podem estar tão calmos?

— Não estamos, mas há uma equipe do FBI no rastro dela — disse meu amigo ao oferecer-me um copo de água e um analgésico — Bia também está desaparecida.

— Como é? — precisei parar por um momento para tentar processar o que ele estava dizendo — Como assim a Bia também desapareceu? — recusei o remédio, mas o agente foi insistente ao me obrigar a tomá-lo.

— Primeiro, Max, quero saber o que exatamente aconteceu aqui — perguntou Phil demonstrando sua frieza profissional — tenho fortes suspeitas de que quem quer que tenha levado Pearl também levou a Bia, é improvável que seja uma coincidência, ela não apareceu em nosso jantar. Sondei discretamente Elisabeth, mas ela disse que havia visto a irmã saindo no meio da tarde para a entrevista e não se falaram mais.

Contei, com detalhes, sobre o ataque e que eu imaginava que teriam vindo nos matar, mas na realidade era um sequestro, agora ainda mais apreensivo pela possibilidade de ser um duplo sequestro.

— Acho que disseram que entrarão em contato. Mas não tenho certeza se foi um delírio meu — voltei a mão à nuca, onde sentia uma forte dor — como chegaram até aqui?

— Estávamos seguindo uma pista — foi evasivo e apontou para um rapaz que já tomava a mesa de jantar com equipamentos e para a moça que ainda tentava limpar os meus ferimentos — e interceptamos uma ligação daqui para 911, originada pelo celular da Pearl. Chegamos muito rápido, mas não o bastante para impedir que ela fosse levada.

Nesse momento meu celular tocou.

— Senhor Reed, ouça com atenção pois não repetirei — ouvi uma voz abafada — se quiser sua garota e a repórter de volta, providencie a transferência de dez milhões de dólares, a quantia deverá ser depositada nas contas que indicaremos em breve.

— Espere! — tentei falar, mas a ligação foi encerrada.

— Eles querem dez milhões de dólares e estão com as duas — disse sentindo o meu maior pesadelo tornando-se real.

Tinha quebrado a minha promessa à Pearl, prometera cuidar dela e que estaria a salvo comigo e agora ela estava nas mãos sequestradores, outra vez mantida em cativeiro.

— Filhos da mãe! — exclamou Phil com a expressão de raiva, mas logo voltou a se controlar, acalmando o tom de voz — Você não pode ceder à chantagem — avisou.

— Farei tudo que eles pedirem — ignorei o seu autoritarismo e encarei o olhar taciturno de um agente contrariado — dinheiro não é problema o que importa são as vidas de Pearl e Bia.

— Preste atenção, Max! Você não fará nada por impulso. Nós estamos no comando e sabemos lidar com essas coisas — irritou-se o meu amigo — Vou ligar para Timoty, o FBI tem que ser avisado.

— Não! E se os sequestradores descobrirem? Não podemos pôr em risco a vida das meninas, eu consigo o dinheiro, basta o tempo para liquidar alguns

investimentos — expliquei — nem precisarei usar fundos das empresas Reed.

— Max, nada garante que eles vão soltá-las, essa não é a melhor forma de agirmos, farei de tudo ao meu alcance para as localizar, inclusive usando os recursos da CIA — prometeu o agente — mas temos que acionar o FBI. Você precisa confiar em mim. Justamente por isso tenho que saber sobre cada detalhe que aconteceu aqui. Você disse que lutou contra dois homens?

— Sim...

— Então deve haver alguma mancha de sangue, temos que identificar as evidências e coletar qualquer pista.

— Há no corredor e talvez perto do sofá — levantei-me e aponte para onde lutara com o segundo homem.

— Não deixe que o local seja limpo antes que façamos a coleta — ordenou Phil — avisarei o Timoty, uma equipe de peritos virá para examinar seu apartamento, por sorte vamos conseguir alguma pista no banco de dados de DNA^[51] — o agente deu um meio sorriso pegando o celular e se afastando para conversar com os federais em privado.

— Eu só espero que elas fiquem bem — pagaria qualquer quantia, mas acho que o meu amigo estava certo, eu precisava confiar nele, caso contrário, confiaria em quem? Graças a ele e Bia que encontráramos a Pearl na primeira vez — Preciso avisar Elisabeth, ela tem o direito de saber sobre a irmã.

— Não faça isso ainda. Não queremos envolver mais pessoas do que o necessário. Deixe-nos investigar um pouco mais.

— Eu não posso ficar calado, Phil...

— Dê-nos algumas horas — pediu antes de voltar para o telefone.

Essa situação tinha saído completamente fora do controle. Dois sequestros? Como é que eles conseguiram orquestrar tudo isso? Qual era o poder

desses bandidos e o que exatamente queriam com a minha pequena?

— Está tudo certo, uma equipe virá de forma discreta para colher os materiais genéticos e as pistas, o FBI vai dar prioridade absoluta, talvez à noite já tenhamos algo para pesquisar junto ao banco de dados de DNA — avisou o agente caminhando em minha direção.

— Phil, faça de tudo para localizá-la — pedi tomado pelo desespero.

Perla

Acordei em um quarto escuro. De bruços, com as mãos e as pernas dobradas amarradas em minhas costas, não podia me mexer, mas não sentia dor. Ao que me parecia eu não havia sido machucada, embora a posição em que fora deixada provocava dormência em meus membros.

A forte penumbra permitia-me somente enxergar traços de móveis. O local era pequeno e simples.

Também estava amordaçada, o que me impedia de gritar.

Fechei os olhos e busquei minha última lembrança e era sangue, muito sangue. Max! Ele estava machucado! Depois disso, tudo virara um borrão em minha mente.

O que exatamente queriam comigo? Eu não tinha nada para dar, nada de valor. Aqui, neste país, eu era uma ninguém e a maioria fazia questão de deixar isso muito claro.

Comecei a me debater, em vão, isso só machucava os meus pulsos e tornozelos, meus gritos saiam em forma de gemidos abafados. De repente, a porta se abriu.

— Oras, já acordou, Bela Adormecida? — ouvi a voz rude e no meio da penumbra um rosto envolto pelo capuz, com abertura modesta que somente

ocultava até os olhos.

Tinha muitas perguntas para fazer, mas sabia que elas não seriam respondidas e com uma faca nas mãos aquela silhueta em roupas negras aproximou-se de mim.

— Não se mexa — encostou a lâmina em minhas costas — pois ainda não quero machucá-la — e com isso cortou o cordão que amarrava meus braços aos meus pés, sem, contudo, liberar meus pulsos e tornozelos, que permaneciam presos entre eles.

Fui capaz de me virar, sentindo a incômoda dormência e formigamento se espalharem pelo meu corpo antes de cessarem.

A voz não me era familiar, muito menos o biotipo, sabia somente que se tratava de um homem. E sem qualquer outra palavra ou explicação a pessoa misteriosa deixou o quarto e trancou a porta.

“Ainda não quero machucá-la” era a frase que agora não me saía da cabeça, eu definitivamente estava em perigo e precisava pensar rápido.

Maxwell

Phil e o casal de agentes não deixaram o meu apartamento, pelo contrário, transformaram uma das salas em uma central de monitoramento.

O clima estava tenso quando, por algum motivo, eles deixaram escapar que o prédio estava sendo vigiado pelo FBI e mesmo assim Pearl havia sido raptada.

— Por que estávamos sendo vigiados? — indaguei de imediato, irritado pelo meu desconhecimento, mas sua resposta foi vaga.

— É procedimento padrão dos federais. Você é sobrinho de um homem que acabou de ser preso, assumiu a posição dele na empresa. Pearl havia sido

negligenciada no centro de detenção por um ato corrupto, é claro que vocês ficariam sob vigilância para atos suspeitos, eu só não contava que os agentes seriam tão relapsos.

— É inconcebível que tínhamos o FBI envolvido e agora a minha pequena está desaparecida! Como é que não há nada nas câmeras de segurança?

— Houve um reporte de falha de sistema às quatro da manhã, feito pelo responsável pelo monitoramento diretamente à empresa que gerencia as câmeras. O serviço foi reestabelecido quinze minutos depois, o incidente foi registrado como uma pane no sistema central e afetou pelo menos metade dos prédios monitorados pela empresa. Embora eles estejam sendo investigados, não há indícios de envolvimento de funcionários, ao que tudo indica houve sabotagem externa.

— Eu fiz uma pesquisa — a agente que havia limpado os meus ferimentos entrou em nossa conversa — a empresa que administra as câmeras parece de boa reputação. Estamos lidando com algo grande, Phil.

— Quando chegamos aqui, elas já estavam operantes e fomos gravados. Mostra exatamente o momento em que eu apresentei a minha identificação da CIA para subirmos.

— Minutos antes de vocês chegarem — a agente Jocelyn continuou a explicação — as câmeras de rua, que não são operadas pelo sistema privado, mostram este furgão suspeito estacionado aqui nos fundos, em frente à saída de serviços do prédio. Pelo ângulo não conseguimos captar quem ou o que está sendo colocado em seu interior, mas vemos claramente quando o motorista entra no veículo. A sequência de câmeras de rua nos indica a sua trajetória, até que o perdemos de vista. Pedimos uma busca nos prédios e garagens da região, também temos uma placa, trata-se de um veículo roubado.

— Não consigo entender como eles podem ter entrado e saído do prédio sem que o porteiro e os seguranças os vissem? — exasperei-me com a falta de segurança de um edifício voltado para pessoas com tão alto poder aquisitivo.

— O porteiro estava ocupado na portaria reportando a falha à empresa de monitoramento, um dos dois seguranças do prédio estava em seu intervalo e o outro, dado a falha das câmeras, saiu de seu posto para a ronda como estipula o protocolo padrão. A porta da saída de serviços que fica sempre trancada foi arrombada — explicou Phill — entraram e saíram rapidamente sem ninguém perceber, o agente do FBI que vigiava o local foi pego de surpresa e levou a pior.

— Pior como? — voltei-me para o trio de agentes, mas a conversa foi interrompida, pois o celular do agente começou a tocar.

Cada vez que ele atendia a uma ligação vinha uma nova informação, uma nova peça desse quebra-cabeças sem nexo algum.

Phil parecia compenetrado ao ouvir e falava pouco. Quando encerrou a ligação correu para outro *notebook* que estava ligado sobre a mesa e acessou o sistema interno da CIA.

— Temos uma confirmação de DNA! — afirmou o agente ao puxar uma ficha do sistema — Raymond Jackson, ele é um assassino de aluguel, cumpriu penas em estabelecimentos de segurança máxima, embora seja suspeito de ter trabalhado com a máfia, é conhecido por ser um *freelancer*, muito inteligente, estamos pesquisando seus comparsas.

— Um assassino de aluguel? Pearl! — desesperei-me ao jogar o copo de uísque longe, que se espatifou contra a parede — Não é possível que já estamos aqui há doze horas e vocês ainda não descobriram mais nada! É óbvio que isso é obra do clube! O que mais poderia ser? Levem-me ao meu tio que eu extrairei a verdade dele com as minhas próprias mãos, nem que para isso eu tenha que tirar a sua vida!

— Calma, amigo... não é assim que as coisas funcionam — embora ele tentasse manter-me calmo, eu conseguia ver que todos estavam nervosos na sala. Isso deixava-me cada vez mais inseguro sobre o que estava acontecendo.

— E nada deles para me passar o número da conta. Eu farei o depósito,

Phil, juro que assim que tiver essa conta darei o dinheiro a eles...

— Agente Phil? — chamou o analista — Temos algo!

Eu fui o primeiro a correr até o rapaz, o meu nível de desespero beirava o limite da sanidade, seria capaz de acabar com qualquer um e era bom esse moleque ter algo concreto.

— Diga agente Ruffler.

— Vasculhei as gravações de todas as garagens no perímetro onde o furgão sumiu, através de inteligência artificial. Seis garagens públicas e três privadas. Aqui está — apontou o rapaz para a sequência de filmagens — eles chegam no quarto andar e estacionam ao lado deste Nissan Altima, vejam o portamalas sendo aberto. Em momento algum o motorista do Nissan deixa o veículo, que está com os vidros escurecidos. Imediatamente ele parte e os dois integrantes do furgão entram neste Ford Explorer. Temos as placas e os agentes do FBI estão tentando traçar a rota dos dois veículos.

— Vocês são o FBI e a CIA juntos! — continuei impaciente — Qual a dificuldade em rastrearem mais rapidamente? É a vida de Pearl em perigo!

— Calma amigo — Phil espalmou o meu peito para que eu voltasse a me sentar — isso é como achar uma agulha no palheiro, mas temos um time de elite dedicado, achar a Pearl e a Bia são a nossa prioridade! Se chegamos aqui tão rápido a ponto de sermos capazes de dispensar a polícia do 911 foi porque jamais deixamos de atuar no caso. Só não podíamos deixar que essa gangue soubesse.

— Você quer dizer que mentiu que voltaria para a Virgínia? — por um minuto fiquei sem reação — Vocês sabiam que Pearl e Bia corriam este tipo de perigo e não me disseram nada?

— Não foi isso o que eu disse, Max! Bia estava investigando comigo — tentou corrigir sua colocação — eu disse que o FBI continuaria a investigar pois a quadrilha de tráfico de pessoas não foi capturada. Ou você acha que eles estão satisfeitos em terem somente o seu tio? Eu tinha uma equipe de prontidão

monitorando você e Pearl o tempo inteiro e se conseguiram entrar aqui no prédio, foi por uma questão de minutos, infelizmente o agente que estava de plantão não teve a mesma sorte, ele está morto.

— Como é? — levei as mãos aos cabelos, tirei alguns minutos para processar tudo aquilo — No que exatamente estamos metidos?

— O clube movimenta milhões a cada sessão especial. O esquema vai além de tráfico humano, envolve lavagem de dinheiro pesada. As contas em paraísos fiscais irrastráveis.

— São eles que estão com a minha pequena e a Bia?

— Não temos certeza. Talvez a realza seja somente testa de ferro de algo maior, temos muitas hipóteses, mas poucas confirmações. Pearl é a evidência viva de um esquema multimilionário e sujo, enquanto ela estiver neste país será um risco para eles, Bia também, pois ela é uma repórter.

— Vocês usaram a minha pequena como isca?

— Não! De forma alguma! Mas sempre houve a possibilidade de virem atrás dela. Nós tentamos ao máximo a proteger...

— Seu filho de uma puta — eu estava prestes a acabar com Phil ali mesmo, mas dessa vez foi Ruffler que me impediu.

— Calma! Calma! — disse ele exaltado colocando-se entre mim e meu amigo agente — Eu tenho um sinal. Coordenadas de latitude e longitude. O Nissan Altima foi filmado, possivelmente está escondido em um dos raros sobrados com garagem no Brooklyn, o FBI está capturando imagens via satélite do local.

— Precisamos ir até lá! — imediatamente virei-me para a tela do computador.

— Calma, Max! Sei como se sente, mas não podemos colocar tudo a perder. Precisamos ter certeza — Phil voltou a jogar-me contra o sofá — se eles

descobrirem que temos pistas pode ser muito pior para a Pearl. Tenha calma e deixe o FBI e CIA agirem.

Pearl

Tentei não me desesperar, precisava pensar em algo para conseguir me livrar das amarras, mas até a minha locomoção era difícil. Tentei partir a corda que atava os meus pulsos através do atrito com a cabeceira da cama, mas a madeira era polida demais. Mesmo assim eu continuei insistindo.

De repente ouvi a porta sendo destrancada e na penumbra só percebi um homem mau encarado que arrastava alguém com um capuz para dentro do quarto.

— *Quuuu ãããooo...* — tentei me fazer ser ouvida, mas a mordaca me impedia de articular as palavras.

— Fique quieta sua vagabunda! — gritou ele ao empurrar a pessoa de capuz para a cama onde eu estava.

Ela parecia ser uma mulher, tinha os pulsos amarrados nas costas e os pés, que estavam desamarrados para que ela pudesse andar, foram imediatamente atados como os meus. Antes de deixar o quarto ele retirou o capuz da mulher e fiquei chocada: Bia!

— Nada de conversinhas paralelas vocês duas! — debochou o mau encarado, já que estávamos amordaçadas, e voltou a nos trancar no quarto.

— *Iiii aaa* — tentei pronunciar o seu nome, mas o som anasalado saía como relincho abafado.

— *Earlll* — Bia fez uma expressão de alívio e confesso que, por mais assustada que eu estivesse, também senti que sua presença era reconfortante.

— *Earlll, aiii* — ela tentou fazer uma manobra na cama e colocou os pés amarrados próximos às minhas mãos, amarradas pelos pulsos na minha

lombar — *em ua aa o eu êis...*

Era muito difícil compreender o que ela dizia e com calma ela tentou dizer isso múltiplas vezes, cada vez mais movimentando seus pés em direção às minhas mãos.

Ela certamente queria que eu buscasse algo dentro de seu par de tênis, portanto tentei descalçá-la e ela começou a sinalizar para que eu não desistisse.

— *Ua aa* — repetiu algumas vezes.

Claro! Uma faca! Ela deveria ter uma faca ou canivete escondido dentro de um dos pés de seu calçado e comecei a procurar, com dificuldade e incapaz de olhar o que estava fazendo com as mãos nas costas, removi a palmilha e achei a lâmina, ultrafina.

Com agilidade, ao perceber que eu a havia encontrado, ela virou-se de costas para mim, colando seus pulsos aos meus e mesmo com a baixa mobilidade e o dobro de cuidado para não a machucar, comecei a tentar cortar a corda.

Aquela lâmina não era assim tão afiada, mas talvez, com paciência, eu fosse capaz de soltar a Bia e isso já seria um ótimo progresso, pelo menos uma de nós com as mãos livres faria muita diferença, só precisava torcer para que ninguém entrasse no aposento e nos surpreendesse, pois se acontecesse, estaríamos liquidadas.



Capítulo 27

Maxwell

Como uma fera enjaulada, eu andava em círculos em minha sala, que fora transformada em uma central do FBI com agentes da CIA junto, Phill e Timoty *me* garantiram que uma equipe ia investigar discretamente o endereço onde o veículo estava guardado.

Meu celular tocou com um número desconhecido, ele estava conectado em um equipamento em cima da mesa de jantar, onde um agente do FBI o monitorava.

Em um sinal, contando até três com os dedos, enquanto eu me aproximava, aguardei a autorização para atender a ligação em modo viva voz.

— Pronto...

— Senhor Reed, anote com atenção a conta que vou lhe fornecer, pois não repetirei — ouvi a voz.

Peguei uma caneta e um bloco de notas, que estavam em cima da mesa.

— Pode falar...

— Conta 087628-X, Banco Internacional de Cayman, o senhor deverá efetuar um depósito de dez milhões de dólares, se quiser que Pearl seja devolvida.

— Eu preciso de pelo menos mais algumas horas para conseguir liquidar investimentos, ou precisarei de autorização da diretoria para usar recursos da empresa, mas isso levantaria muitas suspeitas.

— Não tente me enganar, senhor Reed, eu conheço os trâmites, o senhor tem até amanhã ao meio-dia — a voz enfureceu — Outra coisa, o senhor Turner está o seu lado?

Olhei para Phill, que concordou enquanto o agente fazia sinal para que estendêssemos a conversa.

— Estou aqui — avisou meu amigo.

— Senhor Turner, se quiser ver sua amiga repórter com vida, é melhor avisar ao FBI e a CIA para não interferirem.

A ligação emudeceu.

Olhei aflito para o agente que manuseava o equipamento eletrônico.

— Temos um número e uma coordenada — avisou animado.

Enquanto Timoty, por meio de um celular, distribuía ordens para seus agentes, eu me sentei no sofá e olhei para o relógio, eram dezesseis horas, Perla estava sequestrada desde a madrugada e Bia desde o dia anterior.

Os sequestradores não haviam dado qualquer evidência de que estivessem

vivas e isso me deixava angustiado. Por uma hora aguardei impaciente até que o celular de Timoty tocou e ele o atendeu ao primeiro toque.

Observei sua expressão, que parecia séria e até mesmo frustrada, respondendo em monossílabos e frases curtas que não consegui ouvir.

Quando encerrou a ligação, tanto eu como Phill estávamos em pé, o encarando com expectativa.

— E então? — perguntei sem lhe dar tempo.

— Localizamos o celular que foi utilizado, era um modelo pré-pago e estava dentro de um cesto de lixo na entrada de uma estação de metrô próxima daqui.

— Isso quer dizer? — perguntei impaciente.

— Quer dizer que nossos sequestradores são espertos, sabiam que estávamos monitorando suas ligações — explicou Phill antes do agente do FBI — usaram um celular impossível de rastrear, potencialmente uma linha clonada, em local de fácil rota de fuga e descarte que é o metrô, é impossível descobrir quem ele é, mesmo usando as imagens das câmeras de segurança, essa estação é uma das mais movimentadas de Nova Iorque.

— Puta que pariu! — irritei-me — E agora?

— Acho que devemos invadir a casa que estamos monitorando, meus agentes detectaram movimento dentro dela — sugeriu Timoty.

— Mas, e se elas não estiverem lá? — era arriscado, eles sabiam que Phil estava envolvido e conseqüentemente o FBI, se algo desse errado eu não queria nem pensar sobre o que poderia acontecer.

— É a nossa única chance, se você pagar o valor que eles estão pedindo, elas serão mortas, acredite em mim, já trabalhei muito com sequestros, não podemos ceder — explicou Timoty.

— Faça isso — decidiu Phill por mim.

Meu Deus! Que nada aconteça com Pearl e Bia.

Perla

O que eu mais temia tornou-se real, ouvimos barulho na tranca e ficamos imóveis quando um de nossos sequestradores entrou trazendo uma garrafa de água. Após ele trancar a porta por dentro, ficou nos encarando por um momento, até que foi até Bia e retirou sua mordaca a fazendo beber água. Em seguida, aproximou-se de mim e retirou minha mordaca também, colocando a garrafa em meus lábios, forçando a entrada do líquido, bebi o máximo que consegui, até que me engasguei e tossei muito, fazendo-o rir de forma desagradável.

Ele colocou novamente a mordaca e percebi um brilho em seu olhar, que se direcionou à minha camisola, agora molhada, fazendo meus mamilos colarem no tecido.

Com um olhar repugnante, aquele homem asqueroso ousou levar a mão até meus seios e os apertou a ponto de eu sentir dor e soltei um grunhido abafado pela mordaca, tentando me desvencilhar daquele toque nojento.

— Ei! Não faça isso com ela! Esqueceu que ela vale dinheiro? — elevou o tom da voz Bia, que ainda não tivera sua boca amordaçada após beber água.

— Cale a boca, puta — rosnou voltando o olhar para ela, mas ainda com as mãos sobre mim, apalpando-me com mais força, fazendo-me gemer de dor outra vez.

— Ela vai te dar trabalho, poupe-a, eu, ao contrário, prometo me comportar e deixá-lo se divertir — pediu Bia para o meu espanto.

O homem olhou para a repórter, Bia era uma mulher belíssima, a blusa parcialmente molhada dava a noção de seu corpo, com os seios maiores que os

meus, causando súbito interesse no homem que me largou e se aproximou dela coçando a barba malfeita.

— Vamos lá, uma chupada e você nos deixa em paz... — insistiu Bia com um sorriso nos lábios.

— Sempre preferi as mais velhas e com seios maiores — riu o homem e jogou a garrafa plástica no chão, aproximando-se enquanto retirava o cinto e baixava o zíper, puxando um membro já ereto para fora — se chupar com gosto, talvez eu a mate rapidamente para que não sofra — riu quase encostando o pênis na boca de minha amiga.

Tudo aconteceu muito rápido, ele, ainda com um sorriso no rosto, não percebeu a lâmina fina que já estava na mão direita de Bia brilhar sob a luz da lâmpada, quando ela, de forma brusca, enfiou-a na garganta do sequestrador.

Mordi os lábios para não gritar de susto e pavor, enquanto Bia se agachava e pegava a arma que estava nas costas do homem que agora agonizava, mais ocupado com o ferimento do que conosco.

Com habilidade, ela abriu a culatra e pareceu ter ficado satisfeita ao ver a arma carregada, em seguida, aproximou-se de mim para cortar as cordas que me prendiam e retirou a mordaca.

Só então pude processar o risco que corremos, fora uma grande sorte que eu conseguira cortar a corda que a prendia antes do bandido entrar no quarto, com as mãos livres ela pegou a lâmina das minhas mãos e quando tentava cortar a corda de seus pés e ouvimos a porta, ela imediatamente voltou à posição simulando ainda estar presa, ocultando a lâmina nas mãos.

— Você está bem? — perguntou enquanto eu esfregava meus punhos doloridos e marcados.

— Estou, onde você aprendeu isso? — fiz um gesto vago para o homem caído no chão — Por que você tem uma lâmina na palmilha de seu tênis?

— É uma longa história — Bia sorriu — agora devemos sair daqui, não encontrei nenhum celular com ele, pode ser que haja algum com os que estão fora do quarto.

Concordei balançando a cabeça afirmativamente.

— Perla, você tem que fazer tudo o que eu te pedir, certo? — encarou-me fixamente segurando meu antebraço.

Meneei a cabeça novamente, mordendo os lábios.

— Se eu pedir para você se esconder, você se esconde, se eu pedir para você correr, você corre sem olhar para trás — seus olhos tinham uma expressão dura.

— E você? — murmurei.

— Eu tenho um certo treinamento e experiência, você não pode ser repórter em zonas de guerra e comunidades dominadas pelo tráfico se não souber se virar — respondeu suavizando a expressão — o importante é você me obedecer prontamente, para que eu possa nos proteger, fui clara?

— Foi — segurei sua mão e a apertei suavemente entendendo sua disposição em me proteger.

Bia aproximou-se da porta e usando a chave que pegou do homem, agora estirado no chão em uma poça de sangue, destrancou-a e silenciosamente girou a maçaneta abrindo uma fresta por onde espiou, com a arma em punho.

— Pronta? — sussurrou.

— Pronta — concordei enchendo-me de coragem.

Eu já tinha passado por tanta coisa desde que cruzara a fronteira, estava convicta de que teria força para também para passar por mais essa.

Maxwell

O sol estava quase desaparecendo atrás dos prédios e casas daquele bairro, quando o furgão adesivado com as cores e nome de uma companhia de gás estacionou do outro lado da rua, de frente para a casa onde, ao que tudo indicava, era o cativeiro de Pearl e Bia.

Timoty e Phil coordenavam a operação sentados em bancos de frente para vários monitores, operados por um agente, como eles, eu também usava um colete balístico, embora não portasse armas. Apesar da sugestão deles de que eu aguardasse em meu apartamento, nada me faria ficar inerte enquanto a vida da mulher que eu amava corria perigo.

Também me sentia responsável por Bia e embora isso pudesse me custar a amizade com Vincent, nem ele e nem a Beth sabiam sobre o que estava acontecendo. Mais um motivo para sermos capazes de levar a repórter a salvo de volta para casa.

— *Alpha team (time)*, pronto — ouvi uma voz sendo transmitida no equipamento.

— *Bravo team* pronto.

— *Charlie team*, pronto — ouvi outra voz enquanto observava, por cima dos ombros dos agentes, os monitores de várias câmeras que filmavam a entrada da casa e mostravam a visão dos policiais, provavelmente por câmeras acopladas em seus capacetes balísticos.

— Muito bem, senhores, avancem com cautela — ordenou Timoty.

Observei uma das telas, o agente parecia ter aberto a porta de um furgão, ele era o primeiro da fila e seguia rente às casas do lado da rua.

Phil me explicara o plano de invasão, uma equipe entraria pelos fundos usando uma casa geminada do outro lado da rua, enquanto outra invadiria pela

garagem, que ficava sob a propriedade, e uma terceira pela porta da frente. Eles estavam armados com granadas atordoantes de som e luzes e os primeiros deles com espingardas calibre doze de munição antimotim, embora os demais portassem submetralhadoras.

O agente que eu observava pelo monitor se afastou e um segundo subiu o lance de quatro degraus até a porta, carregando nas mãos um aríete de metal.

— Agora! — ordenou Timoty.

O agente desferiu um golpe violento e a porta se abriu, imediatamente ele saiu para o lado e o líder da equipe avançou sua espingarda apontada para frente com uma potente lanterna iluminando tudo.

— FBI! — ouvi várias vozes gritando pelos monitores e explosões de som, luz e gases, quando as granadas foram lançadas, conforme avançavam de cômodo em cômodo, até alcançarem o segundo andar.

Ouvi gritos, mas as imagens estavam indeferidas em razão da fumaça e da movimentação rápida dos agentes.

— Limpo! Limpo! — comecei a ouvir a equipe de campo avisar.

— Temos somente um casal de meia idade — um dos agentes avisou e Timoty apontou para a tela do monitor onde se via um homem e uma mulher deitados em uma cama com expressões assustadas.

— Encontrei o veículo alvo! — outra voz avisou e pelo monitor, observei o veículo usado no sequestro dentro da garagem.

— Vamos! — ordenou e descemos do furgão atravessando a rua e entrando na casa pela porta arrombada.

Seguimos Timoty até o segundo andar e entramos em um quarto onde o casal estava sentado.

— O que significa isso? — perguntou o homem.

— Meus agentes devem ter lhe mostrado o mandado de busca — começou Timoty — estamos atrás dos proprietários do veículo na sua garagem, potenciais sequestradores.

— Não sabemos nada de sequestro — a mulher interveio — somos professores aposentados, nunca tivemos problemas com a polícia ou a Justiça, como podemos ter algo a ver com sequestradores?

— O veículo na garagem de vocês foi usado em um sequestro — intervi irritado, com vontade de agredi-los até que confessassem o que sabiam.

— Nós não temos carro, por isso alugamos a garagem — respondeu o homem — esse é um novo inquilino, pagaram adiantado, em dinheiro, o direito de três meses de uso. Sabemos o quão difícil é arrumar um lugar para estacionar um carro nessa cidade e somos uma das poucas casas com garagem, sempre fizemos do nosso espaço uma renda a mais.

— Por um acaso seria esse homem? — perguntou Timoty mostrando a fotografia de Raymond Jackson, um dos invasores do meu apartamento.

— Esse mesmo — respondeu a mulher após observar a fotografia.

— Ele estava na companhia de outro rapaz — continuou o idoso — disseram que estavam a negócios na cidade e iriam usar pouco o veículo, dois dias atrás eles saíram e voltaram de madrugada, sei disso porque ouvi o som da porta automática se abrindo e fechando, a garagem tem controle remoto que eu entrego para o locatário, e esta madrugada o fizeram novamente.

— Certo, pedimos antecipadamente desculpas pelo transtorno e gostaríamos que acompanhassem nossos agentes para prestarem depoimento. Também pedimos a colaboração com um retrato falado do segundo indivíduo — pediu Timoty.

— Estamos prontos para colaborar — concordou a mulher.

Phil fez um gesto e eu o acompanhei até a rua.

— E agora? — desesperiei-me e pela primeira vez percebi o quanto meu amigo também estava abalado.

— Eu... não sei...

Meu Deus! Onde Perla e Bia estariam?

Perla

— Pronta? — sussurrou Bia voltando o olhar para mim.

— Pronta — concordei enchendo-me de coragem.

Ela fez um gesto e abriu a porta, manteve-me um passo atrás de minha amiga, enquanto ela caminhava pé ante pé, os braços esticados para frente, ambas as mãos segurando a pistola.

Estávamos em um corredor, as paredes eram de madeiras, assim como o quarto onde estávamos. O local tinha um ar pesado, com cheio de mofo, a aparência era de decadência, teias de aranha espalhadas pelos cantos e uma grossa camada de poeira.

Chegamos a outra porta e Bia novamente a abriu com cuidado, saímos no que parecia uma sala, havia móveis cobertos com lençóis que um dia foram brancos, mas que agora eram cinza por causa da poeira. A lareira, há muito não usada, ficava em um canto, o que assumir ser a janela estava coberta de tapumes. Em um dos cantos, uma escada de madeira levava ao segundo andar, havia mais duas portas abertas que levavam a outros aposentos e outra que parecia ser a saída e foi para lá que nos dirigimos, mas antes de a alcançar, percebemos um homem carregando uma lata de cerveja na mão adentrando o espaço onde estávamos.

— Ei! — exclamou surpreso deixando a lata cair e levando a mão à cintura para alcançar a arma, que estava enfiada na parte da frente da calça.

Antes que ele tivesse chance de a sacar, Bia efetuou um disparo certeiro

contra o peito do homem que caiu de costas no chão com o impacto.

— Corra! — ordenou ela ao ouvir gritos vindo de um dos aposentos e som de passos correndo.

Saímos pela porta que parecia ser a principal e nos vimos em uma propriedade interiorana. Havia grama e árvores espalhadas em volta, banhadas pela luz dourada do crepúsculo.

Bia me empurrou para que eu corresse na sua frente, havia um veículo próximo e para lá nos dirigimos, mas antes que o alcançássemos ouvimos disparos de arma e o vidro se estilhaçou.

— Merda! — Bia se voltou e efetuou dois disparos em direção à casa — continue correndo — apontou para o que parecia um bosque.

Corri o mais depressa possível e me embrenhei por entre as árvores de pinheiros, detive-me por um momento, apoiada em um tronco para recuperar o fôlego e me virei, Bia estava não muito longe, mas parecia mancar.

Voltei em sua direção e percebi que sua calça estava machada de sangue.

— Você está ferida! — constatei o óbvio.

— Não é nada — arfou fazendo uma careta de dor — Perla, ouça-me por favor, pois eu somente vou atrasá-la e seremos ambas recapturadas, pegue a arma, ainda há oito projéteis, o mecanismo é simples, aponte e puxe o gatilho, tente não fechar os olhos ou puxar com força, tem que ser um movimento suave de esmagar a tecla — explicou colocando a arma em minha mão e encaixando meu dedo no gatilho.

— Bia...

Sabia que eu não podia fazer isso, eu não deixaria a minha amiga sozinha, ferida, à mercê dos sequestradores. O que ela estava insinuando fazer era loucura.

— Apenas corra até alcançar alguma casa de fazenda ou uma estrada e

peça socorro — orientou — agora, corra! — ordenou enquanto o som de vozes irritadas se aproximava.

— Eu não posso fazer isso.

— Perla, se há uma chance para nós duas é você achar alguém que possa vir me resgatar. Eu dependo de você nesse momento e confio que conseguirá nos tirar dessa enrascada.

Sabia que por um lado ela estava certa, mas por outro, Bia era um ser humano, minha amiga e eu a deixaria só neste momento tão crítico, não sabia o quão grave era o seu ferimento e não queria ter que tomar essa decisão, eu não queria deixá-la sozinha!

Olhei em direção à casa, entre as árvores os facho de luzes de lanternas surgiam, o sol sumira no horizonte e a escuridão aumentava.

Com lágrimas nos olhos, corri pela floresta abandonando minha amiga. Detive-me por um momento e voltei o olhar em sua direção, na penumbra da noite que avançava. Observei que Bia corria em sentido contrário.

Eu precisava de uma boa estratégia ou acabaria por matar a nós duas. Nossas vidas estavam em minhas mãos. Agora não era momento para chorar e sim para pensar!



Capítulo 28

Maxwell

Voltamos para o apartamento, a noite avançava assim como meu desespero, Timoty ficara com o casal e os levara para um depoimento oficial no escritório do FBI em Nova Iorque.

Phil estava sentado no sofá com o olhar perdido, se meu amigo que era da CIA estava naquele estado, que chances Pearl e Bia teriam? Tudo bem, não era justo o julgar dessa forma, sabia que ele estava sem dormir há muito mais tempo do que eu. Estávamos todos exaustos e frustrados.

Por volta das vinte e uma horas o celular dele tocou.

— Alguma novidade, Timoty? — meu amigo atendeu no primeiro toque.

Aproximei-me dele ansioso, quase retirando o celular de sua mão.

— Sim, isso é ótimo, um helicóptero, certo, estaremos no heliponto mais próximo, mande-me as coordenadas por mensagem — Phil desligou e com um sorriso se voltou para mim.

— Temos uma pista — pareceu animado — o casal Sutler fez um bom retrato falado que possibilitou identificar o segundo criminoso, e melhor ainda, parece que o esporte preferido da Senhora Sutler é ficar observando a vizinhança da janela. Ela anotou a placa de um veículo que os acompanhava, deixaram este veículo aqui e seguiram em um Camry.

— Sabemos para onde este Camry foi? — perguntei enquanto nos preparávamos para sair.

— Com a placa conseguimos verificar as câmeras de segurança, saíram da cidade pegando uma rodovia, ele foi filmado ao passar por um dos pontos de monitoramento rodoviário e não passou pelo seguinte — explicava enquanto seguíamos para a rua.

— Isso quer dizer que pegaram algum acesso? — entramos em um dos carros descaracterizados do FBI que nos aguardava estacionado no meio fio.

— Possivelmente. São trinta quilômetros entre um ponto de monitoramento e o outro — Phil parecia animado enquanto fazia-me vestir o colete a prova de balas.

— Trinta quilômetros me soa muita coisa para uma pista tão vaga.

— Não se deixe enganar, meu amigo. Essa é uma pista muito relevante para nós — Chegamos muito rápido a um prédio comercial e subimos até o heliponto para aguardarmos pelo helicóptero que viria nos buscar — significa que agora há uma área em que podemos nos concentrar, já temos agentes vistoriando a região via satélite — avisou e fez uma ligação.

Observei a cidade iluminada pelas infindáveis paredes de vidro dos edifícios, percebi no céu as luzes piscantes de um helicóptero se aproximando, as hélices produzindo uma corrente de vento, até que pousou sem desligar o motor.

Era uma aeronave com a sigla do FBI na porta, que quando se abriu avistamos Timoty e mais alguns agentes armados, provavelmente os mesmos que participaram da invasão da residência.

Entramos rapidamente na aeronave e a porta foi fechada, para que imediatamente alçássemos voo. Após nos sentarmos, colocamos os fones do rádio de comunicação interna.

— Tenho quatro equipes na estrada aguardando instruções — avisou Timoty.

— Meus analistas estão enviando para meu celular as imagens da região delimitada — avisou Phil que estava olhando para a tela de seu smartphone — há algumas propriedades rurais na região, com estradas vicinais que levam até elas, saindo da rodovia. Vou te mandar e você envia para as equipes, vamos começar pelas mais suspeitas, em ordem de proximidade!

Depois de alguns minutos, percebi que o helicóptero começava a perder altitude, estávamos fora da cidade de Nova Iorque, mas não tinha certeza se havíamos cruzado a fronteira com algum dos estados fronteiriços.

O potente holofote iluminava a rodovia em direção à zona delimitada como a possível rota usada pelo veículo suspeito.

“Pearl! Agente firme, estamos chegando.”

Perla

Precisava recuperar o fôlego, por isso apoiei a mão em uma árvore enquanto a outra abraçava o cabo da pistola. Segurava aquela arma com tanta

força que sentia meus dedos doerem.

Tentei ignorar o resto da dor, mas sabia que os meus pés estavam machucados, pois fora sequestrada usando apenas minha camisola, estava sem sapatos ou meias.

Eu devia continuar correndo, procurar uma casa de fazenda ou uma estrada onde conseguisse encontrar ajuda, mas como poderia abandonar a Bia? Ela que se tornara uma amiga! Como poderia conviver comigo mesma se algo acontecesse com ela? Até quando eu dependeria dos outros para me salvar?

Eu devia assumir o controle de minha vida! E se alguém tivesse que morrer por causa da minha própria situação, que fosse eu mesma.

Respirei fundo e voltei por sobre meus passos, apesar da noite ter chegado, a lua cheia iluminava meu caminho. Tentando me esgueirar entre as árvores, retornei em direção à cabana.

Avistei suas luzes e me deitei no chão, arrastando-me pela terra e mato, tentando ignorar o desconforto e os arranhões que isso causava em minha pele protegida apenas pelo cetim da fina camisola, que agora estava ficando em frangalhos.

Alcancei a casa, a porta pela qual fugíramos estava fechada, mas consegui ouvir vozes irritadas dentro do imóvel.

— Temos que sair daqui, se aquela vagabunda encontrar ajuda não vai demorar para este local estar infestado de agentes do FBI! — ouvi uma voz rouca.

— Inferno! Ela era a galinha dos ovos de ouro! — outra voz falou.

— Essa vaca matou Rick e Jensen! — ouvi um som abafado seguido de gemidos, provavelmente estavam agredindo a Bia.

Que merda! Eles a haviam recapturado mesmo.

— Vamos sair daqui e levá-la conosco, ainda podemos usá-la como moeda

de troca, acredito que o *bacana* vai pagar para ter a amiga de sua namoradinha inteira.

— E a chefe, vai deixar soltá-la depois que recebermos o resgate? — a segunda voz perguntou.

— Não, assim que ela ligar avisando que tem a *grana*, nossa ordem é para apagar as duas, pois não querem deixar rastro algum — a voz rouca riu — mas prometo que antes ela vai sofrer um pouquinho — ouvi outro som abafado e mais um gemido.

— Se a chefe souber que a brasileira fugiu estamos *fudidos* — a outra voz parecia preocupada.

— Merdas acontecem o tempo todo e com essa grana estaremos longe se algo estourar, vamos dizer que tivemos que apagar a outra — a voz rouca pareceu não se preocupar — fique de olho nessa puta, vou ver como está nosso carro, você não tinha que ter atirado nela, seu imbecil!

Ouvi som de passos e me afastei, escondendo-me na quina da lateral da residência. Observei um homem alto saindo, a luz do interior da sala o iluminando até que ele fechou a porta e começou a caminhar em direção ao veículo, uma vez dentro dele, ligou o motor, também acendeu os faróis.

Segundos depois o veículo estava em movimento, sob baixíssima velocidade, até ser estacionado na frente da casa e ele caminhou até o alpendre para completar uma ligação.

— Sou eu, tivemos um imprevisto, a brasileira tentou fugir e a apagamos no bosque.... — ele ficou em silêncio por um momento — ei, não precisa ser grossa, ainda temos a repórter, estamos saindo daqui. Além disso, não tem nada aqui ao redor, vão demorar para encontrar o seu corpo.

O homem ficou em silêncio ouvindo.

— Certo, assim que estivermos no novo lugar entraremos em contato, e

você nos avisa quando o bacana depositar a grana — ele ficou em silêncio por um momento — não se preocupe, nós damos um jeito e então, a gente tem a nossa grana e você segue com o seu plano de infiltrar quem quiser nesse país, o G20^[52] se tornará uma piada — riu de forma desagradável antes de desligar o celular.

Gelei ao ouvir aquela conversa. O plano deles, o tempo inteiro, sempre foi de nos matar e agora Bia estava sozinha, presa outra vez, precisei respirar fundo para voltar a me concentrar, tinha que entender o que eles fariam agora para decidir o que eu podia fazer também.

Ele entrou na casa, sabia que eram somente dois, pois ele comentara isso ao telefone. Eu contava com dois fatores, a arma e a surpresa. Embora parecesse simples apontar e esmagar o gatilho, não sabia se conseguiria, nunca em minha vida tivera uma arma de fogo nas mãos, mas eu tentaria qualquer coisa.

Este não era o momento para se pensar duas vezes. Minha amiga precisava de mim, assim como eu precisei dela antes. Enchi-me de coragem e da quina da residência estiquei os braços apontando a arma para frente, fechando um dos olhos para tentar firmar a pontaria e ali fiquei.

Não demorou e a porta se abriu, a luz da sala iluminando o alpendre, um homem saiu e logo em seguida Bia foi empurrada brutalmente, quase caindo ao chão, mas ela conseguiu se equilibrar mesmo mancando em razão do ferimento na perna, seus braços pareciam amarrados para trás. O outro homem veio em seguida dela e foi para ele que apontei a arma.

— Bia! Deite-se! — gritei surpreendendo a todos e puxei o gatilho.

Senti o coice da arma em minhas mãos e o puxei novamente, tentando manter a arma apontada para o homem que se virara para mim, a poucos passos de distância.

Com o segundo disparo percebi que ele caía para trás.

Quando o segundo homem percebeu o que acontecia, voltou-se para mim

com uma arma na mão, ouvi disparos e me encolhi, escondendo-me na quina da casa, sentindo a madeira explodir perto de meu rosto onde os disparos acertaram.

— Puta! — ouvi o homem gritar.

Apontei a cabeça na quina e percebi que Bia, caída no chão, lançou uma rasteira nele, fazendo-o cair do alpendre.

Dei alguns passos tentando o colocar na mira no exato momento em que o homem se levantava com a arma dele nas mãos.

— Desgraçado! — gritei com ódio.

Todas as lembranças do que eu passara, minha travessia da fronteira, a captura e envio para um bordel, minha venda para aquele nojento clube de elite, o leilão de minha virgindade, a notícia da morte de meu pai, transformado em um trabalhador escravo, minha prisão em um Centro de Detenção, meu sequestro. Aquilo tudo, em frações de segundos, enquanto eu puxava o gatilho, sentindo o coice da arma, o cheiro de pólvora ao mesmo tempo que via o homem apontar sua arma para mim.

Tudo fora como em câmera lenta, acho que apertamos o gatilho simultaneamente, eu cheguei a ver as faíscas de fogo saindo do cano de sua arma e sua cara de ódio.

Maxwell

O helicóptero estava sobrevoando uma área de densa vegetação e pinheiros que não parecia muito extensa, em altitude baixa, mas na escuridão. Talvez já estivéssemos em Nova Jersey ou Connecticut, não conseguia me localizar.

Phil, no celular, conversava com uma analista em Langley, usávamos um satélite para vasculhar a região.

— Identificamos uma cabana com um veículo com as mesmas características do que procuramos! — avisou animado e passou as coordenadas para o piloto.

De repente os holofotes iluminaram uma clareira e a cabana, o helicóptero circulou em volta comigo debruçado sobre a porta da aeronave que estava aberta, ao lado de dois agentes com fuzis e miras telescópicas.

Observei o local com a ajuda de binóculos, havia duas mulheres caídas ao chão no que parecia um alpendre, uma delas com certeza era Pearl, usando ainda a camisola com que se deitara comigo na noite em que fora sequestrada, a outra somente poderia ser a Bia, perto da porta havia um homem caído, assim como outro ao lado de um veículo preto em frente à cabana.

Meu Deus! Ninguém ali se mexia, o que havia acontecido? Estaria ela viva? E Bia?

— É a Pearl! — gritei desesperado — Você precisa pousar!

Um agente com óculos de visão noturna afirmou que não parecia haver mais ninguém no local além dos quatro do lado de fora.

O helicóptero deu outra volta, aproximando-se para pousar alguns metros longe da cabana, antes mesmo de ele tocar o solo quatro agentes e Phil saltaram e com fuzis nas mãos. Saltei logo em seguida, junto com Timoty, quase torcendo o tornozelo e sem me importar corri mancando até os alcançar.

Meu coração estava disparado no peito e não era pela adrenalina da ação, mas pela preocupação com as meninas.

Timoty segurou-me por alguns minutos, ele não queria que eu me aproximasse antes que a equipe em solo revistasse os dois homens caídos. Tentei me livrar do agente e correr até lá, mas ele estava prestes a aplicar a força, por isso, contrariado e imobilizado, permaneci onde estava e percebi quando Phil e um agente pareciam debruçados sobre Pearl e Bia.

O agente se levantou para falar por meio de um rádio, dando ordens que não consegui captar, eu estava longe delas e a minha concentração focada em tentar ver qualquer movimento que me desse a esperança de que estivessem vivas.

Aqueles segundos foram como horas até que Phil se voltou em nossa direção e fez um gesto para Timoty, que me soltou imediatamente.

Atrás do agente, Pearl começou a se levantar, enquanto Bia se apoiava nos antebraços, ainda deitada.

— Pearl! — sussurrei não acreditando, ao correr em sua direção.

— Max! — ela fez o mesmo e jogou-se em meus braços. Sua pele estava arranhada, a camisola em frangalhos. Abracei-a com força, ela procurou meus lábios e a beijei, feliz em tê-la comigo, nossas lágrimas se misturando.

Aquelas foram horas de tensão, eu não podia aceitar a hipótese de ficar sem ela, jamais deixei-me perder a esperança de que a teria de volta ela tinha virado a minha vida de pernas para ar de uma forma maravilhosa.

A minha pequena vinha passando por incessantes provações e fora tão forte encarando a todas de frente, não tinha como não ter orgulho de sua força! Culpava-me pelo fato de que, por duas vezes, enquanto deveria a proteger eu a deixara ser tirada de mim. Eu precisava aprender a protegê-la melhor daqui para frente.

Retirei a jaqueta do FBI que eu usava por cima do colete, que me fora entregue quando invadíramos a residência na cidade, para cobrir seus ombros, pois seu corpo estava gelado e ela começava a tremer.

Com ela aconchegada em meus braços aproximei-me de meu amigo e que estava com Bia, abraçando-a transparecendo aliviado.

— Você está bem? — perguntei também preocupado e a alcancei para um abraço, assim que Phil permitiu.

— Estou — respondeu ela mais séria, que parecia lidar com tudo melhor

do que Pearl, que ainda estava agarrada em meu braço com lágrimas nos olhos.

— Um ferimento na perna, mas parece que o projétil atravessou — explicou Phil lançando um olhar compassivo para a repórter — essa garota é durona.

— Um dos homens está vivo — avisou Timoty apontando para o que estava caído ao lado do carro — um disparo no ombro e outro de raspão na cabeça que o colocou desacordado.

— Eu o ouvi conversando pelo celular, referia-se ao mandante do sequestro como “a chefona” — avisou Pearl após estremecer em meus braços tentando relaxar seu corpo tensionado.

— Isso é ótimo, agora podemos descobrir quem é a mandante desse crime e a colocar atrás das grades, se ele não colaborar vai pegar prisão perpétua — sorriu Timoty — precisamos somente torcer para que sobreviva para depor.

Peguei o celular enquanto Pearl estava abraçada a mim e Bia nos braços do agente Phil, pois ela tinha dificuldade de ficar em pé.

— Vincent, temos uma emergência, Bia tem um ferimento na perna e vamos levá-la para o seu hospital. Chegaremos em uma hora — calculei com base no tempo em leváramos para encontrar o local — é um ferimento produzido por arma de fogo, mas ela está bem, aguarde-nos com um especialista.

Antes que o meu amigo médico me metralhasse de perguntas eu desliguei a chamada.

Phil, eu e as meninas embarcamos em um segundo helicóptero, também do FBI, que acabara de chegar. A cena do crime ficaria a cargo de Timoty, mas eu sabia que a nossa luta ainda não terminara.

Precisávamos pegar ‘a chefona’ para ficarmos em paz.

— O que aconteceu? Como te sequestraram? — perguntou Phil para Bia tão logo se ajeitou em um banco da aeronave ao lado dela.

— Eu estava indo me encontrar com o editor da *Time*, de repente ouvi um veículo frear no meio fio, mal me virei e fui agarrada por um homem e jogada dentro de um furgão pela porta lateral, colocaram algo na minha boca, um pano, acho, e perdi a consciência. Quando acordei já estava na cabana, três homens conversavam e ao perceberem que eu tinha despertado levaram-me até a Pearl — explicou com expressão cansada.

O celular de Phil tocou nesse momento e ele atendeu, ainda observando Bia que encostara a cabeça no metal da aeronave, fechando os olhos.

— Agente Turner — ele ficou por um momento em silêncio ouvindo o que tinham para falar — certo, obrigado.

Ergui uma sobrancelha para o meu amigo que coçava a barba malfeita e tinha também a expressão de cansaço.

— Descobriram quem são os reis do *Hell's Club* — disse e Bia imediatamente abriu os olhos.

— Pelo amor de Deus, deixe de suspense — irritei-me com seu silêncio.

— O Rei Negro foi identificado como Stuart Worrington, o pai de seu amigo congressista Kinsley, foi ele que usou de seus contatos políticos para que o juiz de imigração de San Antônio fechasse os olhos para as irregularidades do processo de Pearl.

— Filho da mãe! Como o Kinsley pôde fazer isso? Não que fosse exatamente meu amigo, mesmo porque eu sei que rola muita coisa nos bastidores sujos da política, mas como ele pôde fazer isso comigo? Com Pearl? E por quê?

— Calma, temos uma equipe que inicia agora a vigilância de Worrington, não queremos prendê-lo ainda, pois não sabemos quem são as Rainhas, mas acredite, não haverá impunidade dessa vez.

— E o Rei Branco? — perguntei.

— Matheus Osmond III — respondeu laconicamente Phil.

— O megaempresário da área rural? — espantei-me novamente. Matheus é de uma família tradicional, com inúmeras fazendas e lavouras, já fora um dos maiores produtores de bovinos do mundo.

— Ele mesmo, descobrimos muitas fazendas dirigidas por *laranjas*, mas que originalmente pertencem a *holdings* no exterior, onde há o uso de mão-de-obra escrava, ou quase escrava. Ele tem participação nessas *holdings* — completou Phil.

— Como vocês descobriram tudo isso? — apontou curiosa Pearl.

— Pelo *notebook* do *Hell's Club* — continuou Phil — havia algumas salas do clube que somente eram acessíveis por meio de biometria, inclusive o escritório que Bia invadiu, onde estava o equipamento. A CIA conseguiu invadir o *firewall* com os logs de acessos feitos através daquele *notebook* usando algumas linhas de código que Bia plantou no equipamento, com isso foi possível quebrar o algoritmo de segurança, um deles do cadastro biométrico que estava no servidor.

— Você quer dizer que através desse cadastro temos como saber quem são todos eles?

— Não exatamente. Mas acharam os registros com os apelidos Rei Negro, Rei Branco e outras peças do xadrez. Baixamos os registros biométricos e comparamos com o banco de impressões digitais nacional e pronto, tivemos as identidades de vários membros. A situação é tão escandalosa que um juiz federal aceitou emitir um mandado com data retroativa para justificar a investigação por todos os meios do *Hell's Club*, isso inclui nossa pequena missão de espionagem — concluiu Phil.

— E as rainhas? — perguntou Pearl — Eu tenho certeza que a mandante do sequestro que deve ser alguma delas, pois ouvi um dos homens se referindo a uma *chefa*.

— Infelizmente elas não estavam registradas, pelo que descobrimos as rainhas não usavam biometria, como constantemente usavam luvas como parte de

seus trajes, são as duas únicas pessoas que acessavam a sala através de código pessoal — continuou meu amigo.

— Quando isso vai acabar? — bufei irritado.

— Estamos só no começo, as investigações vão abranger vários Estados, amanhã cedo todas as peças do xadrez que foram identificadas estarão sob fortíssima vigilância, queremos evitar escândalos enquanto não temos a identidade das rainhas — disse Phil — os desdobramentos são difíceis de avaliar.

— Isso só vai acabar quando identificarmos e prendermos as rainhas — Bia concordou com o agente.

Se existia um consenso naquela aeronave, esse era que enquanto o mandante do sequestro não fosse capturado, as meninas jamais estariam em segurança e eu devia isso a elas.



Capítulo 29

Pearl

Só agora, baixada a adrenalina, eu tomava real consciência do que estava acontecendo, e compreendia a gravidade da situação.

Bia e eu havíamos assassinado pessoas.

O agente Phil não deixou ninguém falar conosco para tomar os nossos depoimentos antes que fôssemos atendidas. Eu estava no hospital, mas só precisavam fazer a assepsia dos meus cortes nos pés e arranhões nos braços. Queria ter ficado com a Bia, mas ela entraria em uma rápida cirurgia na perna, embora o seu caso não fosse grave.

Elisabeth e Vincent me visitaram rapidamente para ver como eu estava e me agradeceram por eu não a ter abandonado. Senti-me constrangida, pelas palavras me consideravam um tipo de heroína, a verdade era que Bia só estava nessa enrascada por minha causa e fora quem nos havia salvado em primeiro lugar.

Por serem cirurgiões cardíacos, o casal de médicos não precisava acompanhar a cirurgia de Bia, mesmo assim, decidiram entrar no centro cirúrgico.

Com os meus pequenos ferimentos já assepsiados e após passar por uma entrevista médica, fui liberada para ser interrogada e Max foi barrado de me acompanhar, felizmente Phil esteve ao meu lado e entendo que faria o mesmo com Bia, quando fosse a sua vez.

Contei tudo o que eu me recordava, desde o momento da invasão ao apartamento, as duas trocas de carros, onde no segundo eu passara um longo tempo no porta-malas, até a minha afirmação de ter sido sedada. Eu não tinha muitas lembranças de como havia chegado naquele quarto escuro.

Dei os detalhes de como conseguira, com uma lâmina escondida na palmilha do tênis de Bia, cortar a corda e como ela, nos defendeu de um dos sequestradores, tendo que matá-lo em legítima defesa e em seguida a fuga alucinada daquela casa, nossa separação e finalmente minha decisão de voltar.

Contar como eu tivera o sangue frio para efetuar os disparos foi a pior parte.

— Na primeira vez eu não pensei, sabia apenas que eles matariam a Bia e eu não podia permitir que isso acontecesse, por isso disparei. Mas quando o segundo homem percebeu o que estava acontecendo eu pensei sobre tudo o que vivera até então, a raiva, a dor e disparei novamente.

— Foram disparos precisos — comentou a agente que me interrogava — você já sabia manusear uma arma?

— Não, apenas segui o que Bia me disse, aponte e puxei o gatilho, acho

que foi sorte, estava a poucos passos de distância.

Era difícil processar tudo aquilo agora que eu estava em segurança. Sentia-me em choque, eu não conseguia rir, nem chorar e nem sentir. As únicas coisas que me traziam algum sentimento eram saber que a Bia estava viva e que Max jamais desistira de mim.

— Precisa de um copo de água para continuar? — perguntou a agente enquanto eu me via ali, sentada naquela cama, vestindo a camisola hospitalar.

Olhei para a jarra de água, lembrei-me de todo aquele sangue na cena do *crime*, percebi o meu estômago revoltado. Outra vez, veio-me à mente que eu tinha assassinado um homem e não sabia se o outro sobreviveria.

Apontei para a pequena bacia hospitalar, a única coisa que eu vira perto da cama e talvez Phil tenha percebido que eu estava empalidecendo, pois ele foi ágil ao me entregá-la e virei-me para o lado, envergonhada daquela situação, para vomitar tudo o que eu nem tinha mais no estômago, ainda com a imagem daquele sangue na minha mente.

— Você está bem, Pearl? — perguntou ele ao tomar a bacia metálica das minhas mãos, quando eu parecia me recompor.

— Posso ficar com Max agora? — perguntei sentindo-me exausta.

— Vocês já têm o que precisam — Phil praticamente afirmou para a agente do FBI — vamos deixá-la descansar.

Somente percebi a agente acatar através do sinal afirmativo com a cabeça e em seguida deixou o quarto.

— Vou pedir para Max levá-la para casa. Tente não pensar sobre o que aconteceu.

— E a Bia? — perguntei ansiosa.

— Ela está bem, sua irmã e Vincent estão acompanhando a cirurgia. Beth

quer ficar com ela, mas estou discutindo com Max se essa seria mesmo a melhor opção, enquanto não capturarmos o mandante do sequestro acho que as duas ainda estarão em perigo.

— Isso nunca acaba...

— Confie em nós, Pearl. Sei que já sofreu muito, mas pegaremos quem quer que esteja fazendo isso. Nem você, nem Bia e ninguém mais passará por algo assim. Só nos dê um pouco mais de tempo, um pouco mais de paciência.

— Phil... o dinheiro que queriam para o resgate era somente para pagar o serviço dos sequestradores. A pessoa que está por trás disso não quer dinheiro. Eu ouvi o que disseram. Existe algo mais, o bandido que sobreviveu — engoli em seco, ainda não conseguia me acostumar com a ideia de que eu havia matado um homem — mencionou algo sobre o verdadeiro plano ser algo maior, que todos iriam rir do G20... mas eu não sei do que isso se trata. Muito menos sei o que eu tenho a ver com isso.

— Você tem absoluta certeza dessa informação, Pearl?

— Sim, absoluta, ele mencionou que o G20 se tornará uma piada. O que é isso?

— Eu acho que você precisa ir embora daqui com Max. Nós colocaremos uma equipe reforçada de segurança para os monitorar. Se eu descobrir alguma coisa irei imediatamente para o apartamento de vocês.

— Não posso deixar a Bia aqui. Eu preciso vê-la.

— Fique tranquila, a cirurgia dela não é de risco. Assim que ela tiver alta acho prudente que ela fique com vocês no apartamento. Não a quero neste hospital nem tendo uma equipe de segurança para a monitorar, eu ficarei aqui com ela nesse meio tempo.

Compreendia que existiam coisas além do meu conhecimento, na Polícia, e sabia que o agente tinha muito mais para me falar do que queria, estava claro

pela sua mudança de expressão.

Maxwell

Já era início da madrugada quando cheguei em casa com Pearl, escoltados pelo FBI.

Alguns dos equipamentos dos agentes ainda permaneciam sobre a mesa da sala, mas o apartamento já estava limpo e as manchas de sangue da briga que eu tivera com o sequestrador desaparecido.

O combinado era que teríamos um agente no *hall* do elevador social, outro no *hall* do elevador de serviço e um terceiro que ficaria na área da cobertura.

Phil esperaria o procedimento de Bia finalizar e a traria para ficar conosco, contra a vontade de Vincent e Elisabeth, mas, neste momento, o FBI teria mais condições de zelar pela nossa segurança se estivéssemos todos juntos. Ela ficaria com o antigo quarto de Pearl e sabendo que o meu amigo agente já não dormia há quase quarenta e oito horas, ele ficaria com o outro quarto de visitas, no andar da cobertura.

Precisávamos estar preparados, pois assim que as Rainhas fossem descobertas o FBI começaria a exercer uma série de mandados de prisão.

Preparei a banheira para Pearl relaxar um pouco, mas ela me puxou para ficarmos juntos na água quente. Eu não tinha certeza se conseguiríamos dormir com todos os últimos acontecimentos, estávamos muito agitados, mas precisávamos tentar.

— Como você está, minha pequena? — ela virou-se de lado e encostou a cabeça em meu peito.

— Eu matei um homem, Max... — disse ela ainda sem saber como

continuar aquela frase.

— Meu amor, pense de outra forma, você foi forte o suficiente para fazer uma escolha — acariciei seus cabelos parcialmente molhados — entre a vida daqueles bandidos e a de vocês. Nem sempre temos as melhores opções, mas precisamos acreditar em nosso julgamento.

— Eu sei, mas isso é algo que jamais imaginei na vida. É tão errado, eu sei que seríamos nós ou eles, eu sei que tomei a decisão certa, mas não quer dizer que ela não me machuque.

— Estou do seu lado, nós superaremos isso juntos.

— Tive tanto medo de não voltar a vê-lo...

— Pearl, amor, eu também. Você não imagina como fiquei com apavorado com a ideia de perdê-la — sussurrei em seu ouvido enquanto deslizava a esponja macia pela frente de seu corpo — se algo houvesse acontecido... — emudeci ainda tomado pela violenta emoção.

— Max, você me ensinou a ser forte, o amor que eu sinto por ti foi o que me fez não entrar em desespero, eu sabia que você não descansaria enquanto não me encontrasse, que estava disposto a qualquer sacrifício por mim, essa é uma sensação tão especial, de não estar mais sozinha — respondeu voltando o rosto para mim.

— E eu amo você, minha pequena guerreira — beijei suavemente seus lábios — moveria céus e terras para tê-la de volta e se algo lhe acontecesse, se alguém lhe fizesse mal, eu perseguiria o infeliz até no inferno.

Terminamos o banho e fomos para a cama, onde puxei-a para o meu peito e a abracei firme, pela segunda vez ela fora tirada de mim, também pela segunda vez eu a resgatara de volta. Essa situação precisava acabar, estávamos em zona de guerra, mas eu iria até as últimas consequências com Phil, para podermos ter um pouco de paz.

Nosso sono foi agitado, dormimos pouco, mas felizmente o bastante para conseguirmos descansar para recuperarmos as energias. Perto das nove horas da manhã Vincent me ligou avisando que ele se responsabilizara pela alta de Bia no hospital e que embora o agente a estivesse trazendo para cá, ele e sua irmã passariam aqui diariamente para acompanhar o progresso de seu quadro clínico.

Com a barba ainda maior, Phil tinha olheiras, mas disse que fora capaz de dormir o suficiente no hospital, quando adentrou o apartamento empurrando a cadeira de rodas de Bia, acompanhado pelos dois agentes que operavam os equipamentos que foram deixados sobre a mesa da sala.

— Alguma novidade? — perguntei ansioso, enquanto Pearl corria para abraçar a amiga.

A dupla de agentes, Ruffler e Jocelyn, voltou para as suas posições e fez um gesto para o meu amigo, para oferecer-lhe um café.

— Com base no que Pearl me contou eu busquei mais informações do serviço secreto — disse ele enquanto seguíamos para a cozinha — foi por desengano de consciência, Max, e eu nem deveria estar falando sobre isso com você, mas a pauta do G20 pode afetar a segurança nacional. Entre os assuntos que estão abordando há a imigração, guerras e terrorismo, a estabilidade do preço do petróleo e armamento nuclear...

— Não estou entendendo nada, Phil — servi as canecas de café enquanto Pearl tirava uma das cadeiras para acomodar a cadeira de rodas da Bia — isso tudo é muito vago. Vocês estão mesmo se referindo ao verdadeiro G20? O grupo de ministros de finanças e chefes dos bancos centrais das maiores economias do mundo — o agente somente moveu a cabeça em sinal afirmativo.

— Conhece René Gibson? — o agente tomou o primeiro gole.

— René Gibson? — ri das maluquices do agente, ele estava delirando — A atriz que foi recém indicada ao globo de ouro?

— Essa mesma.

— Você tem certeza de que está em seu juízo perfeito? G20, atrizes de Hollywood?

— René Gibson fechou um contrato milionário para ser garota propaganda de um grupo árabe de exploração de recursos naturais, um dos temas recorrentes do G20.

— *Okay*, mas Brent Bailey^[53] também é o garoto propaganda da Shell^[54] e não vejo nada de ilícito nisso, onde exatamente você quer chegar?

— Estamos falando dela! René, atriz, fecha contrato com grupo árabe de magnatas, assunto que está sempre na pauta do G20 e encontramos evidências de que o invasor que prendemos aqui no seu apartamento tem ligações com ela.

Voltei a caneca e café para a mesa antes de dar o segundo gole e encarei o agente, mas foi Bia quem me deu a resposta, quando adentrava a cozinha tendo a cadeira de rodas empurrada por Pearl.

— O homem contra quem você lutou nesta casa já foi segurança particular de René anos atrás. Faz todo o sentido, pois quando acordei na cabana eles estavam falando sobre terem o trabalho “graças a atriz gostosa” — disse a repórter ao recusar o café.

Levei a mão aos cabelos, esfreguei o rosto e inspirei o ar com força.

— Não, não faz, Bia. Para mim isso não faz o menor sentido. Uma atriz com ligações com um grupo árabe do setor de gás, energia e petróleo, ter um ex segurança que invadiu o meu apartamento e ser graças a ela que eles foram contratados para o trabalho sujo de sequestrar uma imigrante ilegal e uma repórter.

— Pense racionalmente, Max — pediu Phil ao me empurrar o seu celular com a página do navegador aberta, apresentando o resultado da busca das fotos da atriz — olhe bem, tenha em mente que atores e atrizes são camaleões.

Peal juntou-se a mim enquanto olhávamos as incontáveis fotos que

retornaram da busca.

— Puta que o pariu! — soltei de súbito ao parar em uma foto onde a maquiagem da atriz não estava excessivamente trabalhada, os cabelos loiros de largos cachos e a pele tão alva quanto a roupa, a cor dos olhos não era a mesma e isso dava uma boa diferença quando somado à máscara. Olhei para Pearl e Pearl olhou para mim.

— Rainha Branca! — dissemos simultaneamente — As cores dos olhos e cabelos são diferentes, mas sim, são a mesma pessoa — completei sozinho.

— Os agentes Ruffler e Jocelyn estão trabalhando agora, lá na sua sala, vasculhando os registros da atriz para, através dela podermos identificar também a Rainha Negra. Tudo começa a fazer sentido, o Rei Branco, Worrington, pai de Kinsley anti-imigração declarado recebe fortes investimentos políticos do Rei Branco, Osmond III, o empresário rural proprietário indireto das fazendas de trabalho escravo e tem sido assim por anos. Nelas exploram petróleo, principalmente no Texas, local para onde o pai de Pearl foi levado.

— Foram eles que o mataram? — Pearl perguntou com os olhos já úmidos.

— Não eles diretamente, mas tem sido uma prática comum já que não há como reclamarem o sumiço desses imigrantes. Eu lamento muito, Pearl. Ele estaria vivo se não tivesse tentado fugir.

Abracei a minha pequena firmemente, mesmo com ela demonstrando a sua vulnerabilidade, impressionava-me por estar suportando tudo isso bem.

— E qual a ligação deles com a René, a Rainha Banca, fora do clube? E com Pearl?

— René fez alguns comerciais de televisão para as empresas de laticínios de Osmond quando era menos famosa. Foi a única ligação que encontramos, entretanto, ela é a única de todas as peças do tabuleiro que tem contracheque. Rastreamos uma fundação que paga a ela uma quantia fixa mensal, que é mantida

pelo clube.

— René também teve um caso com o congressista Kinsley, o que a coloca praticamente como uma peça central de ligação entre os dois reis. Não será diferente com a Rainha Negra, temos quase certeza.

— Ela é a articuladora de todo o esquema? — percebi a raiva e a revolta no olhar de Pearl ao fazer a pergunta.

— É o que precisamos provar, Perla — Bia entrou na conversa.

— E as demais peças? — questionei ansioso.

Onde o meu tio se encaixava nesse cenário? O quanto ele estava envolvido nisso tudo? Ele estar na cadeia já era escândalo demais para a empresa suportar, quando isso viesse à tona, um envolvimento maior em um esquema desses, era melhor eu começar a me preocupar com o valor da minha empresa no mercado.

— A grande maioria é membro investidor. Pode haver troca de favores, favorecimento, mas só um ou outro parece estar envolvido, boa parte está lá por puro prazer e claro, expandir relacionamentos no mundo dos negócios dos poderosos.

— O que diz o meu tio?

— Acredite Max — o agente terminou a sua caneca de café enquanto eu ainda nem tinha tocado na minha — Rupert já nos disse o bastante. Agora precisamos que você nos ajude.

— Farei qualquer coisa!

— Queremos que a Reed Inc. faça um convite para René Gibson estrelar uma campanha de marketing de sua empresa, exija entrevistá-la pessoalmente na sede — dessa vez o pedido veio de Bia.

— É *pra já* — disse ao tirar o telefone do bolso e ligar para Bonnie.



Capítulo 30

Maxwell

A minha sala estava sendo monitorada e eu, pronto para receber a René. Por ela ser uma celebridade, também fora montado um esquema de segurança onde um dos elevadores estaria dedicado a ela para evitarmos tumulto.

Com o roteiro na ponta língua, apesar de ela ser a atriz, dessa vez quem atuaria seria eu!

Bia e Phil tinham inúmeras desconfianças e acreditavam que somente uma conversa cara a cara nos daria a oportunidade de extrair tudo o que ela sabia.

Foi muito difícil ouvir todas aquelas desconfianças e não sair correndo

atrás de cada uma daquelas peças envolvidas no tabuleiro mais sujo e sórdido que eu já tinha visto na vida. Mas tínhamos ido longe demais para colocar tudo a perder agora.

Se as suspeitas se concretizassem, todas aquelas ligações...

Phil havia me treinado, ao menos eu me considerava preparado, mas era difícil controlar a vontade de sufocar, com as minhas próprias mãos, cada um daqueles que a CIA e o FBI achavam estar envolvidos, principalmente sabendo que até agora, somente o meu tio estava atrás das grades e se o serviço secreto estivesse certo, meu tio não tinha a menor culpa por todo o resto, ele era culpado única e exclusivamente de ter trazido o clube para as nossas vidas, alimentar aquela máfia do sexo com dinheiro e a postura preconceituosa em relação à Pearl.

Era difícil compreender esse preconceito mundial em pleno século XXI, onde seres humanos não eram tratados com respeito e igualdade, salvo quando tinha muito dinheiro para os ajudar a ganhar o respeito. Realmente, o dinheiro pode comprar quase tudo.

— Senhor Reed — era Bonnie que surgia na porta — sua convidada acaba de chegar — ela abriu espaço para que René Gibson entrasse.

Olhei-a de cima a baixo, mantendo sempre o meu sorriso, como qualquer homem faria ao ter uma linda mulher em sua frente, principalmente sendo ela famosa.

“Lembre-se, ela é uma atriz, você terá que ser hábil com uma pessoa talentosa como ela” — foi a primeira orientação que recebi de Phil durante as horas em que ele me preparou para conduzir a situação.

Agora, a olho nu, existiam semelhanças, mas foi quando percebi o poder de uma boa maquiagem. A atriz, que estava de frente para mim, pois fui recebê-la na porta e a conduzi até o jogo de sofás da minha sala, estava muito bem produzida, a maquiagem chegava a mudar o seu tom de pele.

Os cabelos pareciam escovados, estavam impecavelmente lisos e tinham o

tom loiro, bastante diferente da figura ruiva que perambulava mascarada pelo *Hell's Club*. Qual das versões dessa camaleoa usaria uma peruca?

— Senhorita Gibson.

— Senhor Maxwell Reed — disse ela e a voz também não era exatamente a mesma.

— Somente Max — pedi, atentando-me ao fato de que não era exatamente o tom, mas sim o sotaque, a atriz brincava com os sotaques, assim como fazia em seus filmes e isso dava a impressão de vozes diferentes.

— Neste caso, somente René, por favor.

Tentei buscar da memória o que ela havia me dito na minha primeira vez naquele inferno:

“O meu papel principal é conhecer potenciais sócios como você, seduzi-lo para tornar-se um membro e com isso ganhamos força em nosso clube ... Na verdade eu faço a parte que nenhum dos outros fundadores gosta de fazer. Rainha Negra, Reis Branco e Negro discutem negócios, eu, entretenho os nossos hóspedes favoritos. A Rainha Negra jamais seria carismática a este ponto.”

— Estou intrigada e empolgada com o seu convite.

— Sou um homem de negócios, René — olhei direto em seus olhos azuis, diferente dos de cor violeta da Rainha Branca — portanto serei direto e objetivo. A Reed Inc. está em busca de uma garota propaganda e o seu nome foi um dos sugeridos pelo departamento de marketing e como se trata da imagem da minha empresa, decidi ser prudente conhecer melhor as opções que temos, pessoalmente.

— O que quer saber a meu respeito, Max? — perguntou-me ao jogar o seu confiante olhar enquanto eu o retribuía — Como vê, atrizes também são pessoas normais, como qualquer outra. Mas, assumo que, em sua posição de destaque nesta empresa e com o seu poder aquisitivo, já deva conhecer muitas outras

celebridades.

— Bastante o suficiente para saber que as aparências nem sempre refletem a realidade. Vocês vendem uma imagem, qualquer que seja a que busquemos, mas eu não busco somente a melhor imagem, busco a melhor pessoa para esse papel — servi dois copos de martini e entreguei um a ela, voltando a me sentar no sofá para ficarmos, outra vez, frente a frente.

— O que exatamente busca?

— Uma pessoa sem *máscaras*, que cativa o público por ser quem é.

Ela comeu a primeira azeitona da taça antes de dar um modesto gole na bebida.

— Interessante isso, Max, pois todos temos máscaras. A vida é um jogo, basta saber jogá-lo e ficar do lado certo da batalha, um homem interessante e poderoso como você deve saber disso. Poderia ter me convidado para um jantar, ao invés dessa fria reunião em seu escritório, teria sabido como sou em meu meio social — devolveu a taça à mesa, que agora tinha uma marca de batom no local onde havia dado o seu primeiro e único gole.

— Não achei que fosse prudente, embora seja tentador. Soube que já teve um envolvimento com um dos meus amigos e neste caso, achei que o melhor caminho seria deixar a nossa conversa no âmbito puramente profissional.

— Kinsley? — ela riu — Isso foi há alguns anos, éramos dois jovens tolos e inocentes e sabemos que a imaturidade nos faz cometer muitos erros.

— Como sabe que me referia a Kinsley?

— Atores, milionários homens de negócio, políticos... estamos todos à mercê das especulações da mídia, com maior ou menor grau, todos temos uma vida pública e sempre sabemos uns da vida dos outros.

Antes que eu pudesse responder, a nossa conversa foi interrompida pela porta que se abriu rapidamente.

— Max... Bonnie disse que você queria falar comigo — disse Alisson que se deteve imediatamente ao ver que eu não estava sozinho — sinto muito, não sabia que estava acompanhado.

— Já que está aqui, por que não vem conhecer René Gibson? — tentei não me mostrar irritado com ela e apontei em direção à atriz para as apresentar — Agora me pergunto o motivo de uma pessoa tão influente e talentosa não ter sido convidada para a minha festa de aniversário? — aguardei uma resposta e Alisson somente deu-me um sorriso sem graça e aproximou-se da atriz, oferecendo-lhe a mão.

— Esse problema teria se resolvido se você tivesse me passado a sua lista de convidados, como pedi — respondeu a diretora para mim.

— Estou entrevistando a René para ser a nossa garota propaganda como sugestão do departamento de marketing, quem sabe você não possa me auxiliar?

— Eu não sabia que estávamos trabalhando em uma nova campanha — disse ela ainda sem se sentar.

— E eu não sabia que vocês se conheciam, apesar de parecer que ambas apresentam um curioso lapso de memória.

— Onde quer chegar? — dessa vez a diretora não soou muito amigável.

Peguei uma pasta parda de documentos sobre a mesa, ao lado da minha taça de martini e entreguei à Alisson, que a abriu desconfiada para olhar o seu conteúdo.

— O que é isso?

— Parece bastante claro, não parece? Uma foto sua com Kinsley e René em uma festa privada. Parece-me a comemoração da vitória dele nas eleições.

— Eu não tenho o controle sobre os convidados de um político — ela voltou a sorrir e devolveu a foto à pasta, entregando-a de volta para mim.

— Na verdade — ofereci o sofá à Alisson para que se sentasse ao lado da atriz — eu pedi para Bonnie chamá-la aqui pois preciso da ajuda de seu julgamento no cunho desta contratação — e dessa vez foi René que me olhou desconfiada.

— Não acho que eu seja qualificada para esse julgamento — alegou ela mas continuei ignorando suas colocações.

— René estrelou o comercial de um forte grupo petrolífero internacional, o mesmo grupo que você vem insistentemente querendo que eu avalie para o incluir em nosso portfólio.

— Aonde você quer chegar? — Alisson metralhou-me com os olhos.

— Você a indicou para o trabalho no grupo internacional três anos atrás, deve conhecer muito bem os pontos altos dela, caso optemos por a contratá-la como nossa garota propaganda.

— Aquele foi um trabalho como qualquer outro para mim, Max — René antecipou-se desconfiada — sou uma atriz, vivo de contratos e indicações, é assim que o *showbiz* funciona. Temos um papel, criamos um perfil e o desempenhamos da melhor forma que conseguimos, para que seja realista o suficiente.

— Esses contatos incluem indicações de altos executivos para grandes corporações? — apontei para Alisson.

— Não sei do que você está falando — Alisson levantou-se do sofá, mas apressei-me em tocar o seu ombro, com delicadeza, para que ela voltasse a se sentar.

— Não sabe que foi René quem entregou o seu currículo para Rupert? Que foi através dela que veio parar aqui nesta empresa?

— Meu currículo estava com os melhores *headhunters*^[55] do país. O que esses profissionais fizeram para que ele chegasse até Rupert, eu desconheço — face à negativa de Alisson, voltei-me para René — ou você vai negar que conhece

Rupert e entregou o currículo a ele?

— Não vou negar, sim, eu conheço Rupert e entreguei o currículo a ele — confessou a atriz e notei a expressão de Alisson fechar-se ainda mais, jogando um olhar assassino para René.

— De onde vocês se conhecem?

— Sinto muito Max, mas acho que eu já não faço mais parte dessa conversa — disse a atriz tentando livrar-se da situação constrangedora, mas eu iria até o fim.

— Sente-se! — fui ríspido sem elevar a voz — Não perguntarei novamente, de onde vocês se conhecem?

— Eu não quero problemas com a minha carreira — antecipou-se René — o grupo petrolífero precisava de uma garota propaganda que representasse a América e eu fui contratada através do meu agente. Alisson já trabalhava para eles como consultora independente de investimentos e se interessou pela minha forma de lidar com pessoas, uma qualidade minha, com isso me ofereceu outros contratos. Temos uma relação estritamente profissional. Há pouco mais de um ano ela me usou para intermediar a entrega de seu currículo para Rupert, é mais ou menos essa a nossa história. Ela queria trabalhar aqui para tentar fechar uma aliança de investimentos bilionários com a empresa petrolífera, área onde sei que ainda atua como consultora independente.

— Sua vaca! — gritou a diretora.

— Eu disse, Alisson, se um dia esse *barco* parecesse afundar, que eu pularia antes de me afogar. Sempre deixei isso claro.

— Que *barco* é esse, René? — perguntei o óbvio esperando a resposta mais óbvia do mundo.

— Eu sou só uma *hostess*, uma encantadora de pessoas. O talento que ela precisava ter, mas não o tem, para aumentar a sua rede de relacionamentos. Eu

tenho um contrato de trabalho com o clube e o meu papel limita-se ao que acontece lá dentro, somente. Não tenho qualquer envolvimento com as atrações de lá, só convenço sócios a investirem mais e mais de seu dinheiro.

— E o dela?

— Ela o administra para o grupo petrolífero — finalmente revelou e senti-me vitorioso pois estávamos sendo filmados.

— Já basta, não ficarei aqui ouvindo absurdos — exaltou-se Alisson ao levantar-se do sofá, mas antes que ela pudesse fazer qualquer coisa Phil entrou na sala com um grupo do FBI.

Encurralada, Alisson agiu rápido, como em um reflexo ela pegou a taça de martini sobre a mesa de centro e a quebrou com um golpe na quina, tomando René como refém ao forçar a parte pontiaguda do cristal sobre a garganta da atriz, dando alguns passos atrás, saindo da área do sofá, para poder ficar, ao mesmo tempo, de frente para mim e para os agentes, quando vi um discreto filete de sangue lentamente escorrer pelo pescoço da atriz.

— Não deem mais qualquer passo, ou ela não vai sobreviver.

— Tenha calma, Alisson — pedi ao olhar para a expressão assustada de René.

— Calma? — ela cuspiu as palavras — Essa vaca gananciosa, sempre atrás de mais dinheiro. Eu só precisava que você fizesse a transação de investimento, Max. Depois de colocar o nome da Reed Inc. na primeira transação o mercado veria como um movimento sólido e buscarmos mais aporte entre os demais investidores seria muito fácil, uma entrada revolucionária do grupo árabe em solo norte-americano. Nada disso chegaria a este ponto.

Elevei a mão discretamente para o time do FBI, para que permanecessem onde estavam, essa história já tinha causado tragédias demais e eu não queria outra, principalmente na minha sala.

Dei a mesma quantidade de passos que Alisson, para a deixar abrir distância e para ficarmos sem o sofá e a mesa entre nós, mas não me aproximei além disso.

— Por que o investimento é tão importante para você? — questionei com a voz mansa, ainda temendo pela vida de sua refém.

— Este país vive a constante luta sobre o preço do petróleo com a Rússia e a Arábia, mas aqui estamos nas mãos de empresas privadas que brincam como querem com as regras e o controle do mercado. Estamos nas mãos dos ditadores de preços internos. Será que você não percebe que os mercados voláteis ameaçam de falência as empresas de energia no mundo? Nosso país redefiniu a indústria e logo estaremos à beira do caos, precisamos tirar o controle do petróleo das mãos desses loucos. Precisamos de alguém com pulso firme para tomar o poder do petróleo desses exploradores privados e o governo não consegue fazer isso.

— E você acha que o melhor é ter nossas empresas sendo compradas ou controladas por investidores estrangeiros?

— Grupos árabes, como o Elmahdy!

— Você quer extremistas controlando o nosso país e o mundo? — fiquei atordoado com a notícia. Alisson era louca? Ela queria juntar dois dos três maiores países exploradores de petróleo em uma nação ainda susceptível a guerras? Para quê? Terrorismo?

— Extremistas não! Na guerra do petróleo, vencem os mais fortes e aqui, estamos à mercê do setor privado!

— Isso é insano Alisson, você não sabe do que está falando. Petróleo? E o que Pearl tem a ver com isso?

— Era somente para você ser filmado com ela em uma das suítes do clube. Ela foi uma escolha aleatória, surgiu de ocasião, era bonita e você sempre teve fama de conquistador, seria uma arma que teríamos para o forçar a ficar do nosso lado, mas você tinha que dar uma de bom moço justamente com aquela

selvagem?

— Você usou um ser humano inocente para uma sujeira dessas?

— Ela devia nos agradecer, estava prestes a ser estuprada no bordel. Depois, você ainda teve que envolver a repórter intrometida que descobriu que o pai da selvagem havia morrido em uma das fazendas controladas por Osmond? Ele exigiu que eu sumisse com Pearl para evitar questionamentos na justiça, eu consegui que ela fosse para um centro de detenção, lá seria fácil pagar para alguém assassiná-la, havia uma gangue salvadorenha pronta para isso, mas novamente você e a intrometida interferiram! Os reis e as demais peças do nosso círculo exigiram que eu desse um jeito na situação, por isso orchestrei o sequestro, após você pagar o resgate elas seriam mortas e seus corpos nunca seriam encontrados, pois elas vinham trazendo problemas demais.

— Você é louca, deveria ser tratada! — respirei fundo para não perder a cabeça — Estamos falando de vidas, de pessoas! O pai de Pearl foi assassinado em uma das fazendas de Osmond!

Não podia arriscar que René, uma simples marionete nessa história saísse ferida.

As investigações do FBI e da CIA tinham apontado a possibilidade de ser Alisson a Rainha Negra e consequentemente a estar por trás das ações contra Pearl e Bia, por causa de sua ligação com a atriz, e eu tinha ficado enojado, mas precisávamos de uma confissão, pois as evidências que tínhamos eram frágeis.

René, a Rainha Branca, era o elo de ligação entre praticamente todas as peças, mas a única da realeza que não fazia parte das ações ilegais. Era somente uma ótima atriz manipuladora que atraía o figurão que o grupo desejava, arrancando deles o dinheiro necessário para uma sociedade.

Alisson trabalhando para o grupo árabe Elmahdy havia sido colocada como a controladora do *Hell's Club*, o mesmo grupo era o maior parceiro de Osmond III nas fazendas de trabalho escravo de exploração agrícola e extração de

petróleo, entre outros minérios. Stuart Worrington, o pai de Kinsley Worrington ficava responsável por toda a articulação política. Ele não atuava como congressista eleito há anos, mas tinha muitos políticos em suas mãos, inclusive o filho.

— Aquele clube é só a nossa diversão, temos objetivos mais nobres do que sexo não convencional.

Olhei outra vez para o time de agentes, que apesar de apreensivos e apontando as armas para Alisson, estavam imóveis na entrada da sala, qualquer movimento em falso poderia resultar em algum inocente ferido.

— Eu não concordo com nada disso, mas se era só dinheiro que vocês queriam, ou manipulação empresarial, isso é muito fácil, deixe a René e vamos negociar — pedi ao dar dois lentos passos em direção a elas.

— Você realmente acha que sou idiota a ponto de acreditar que a esta altura você quer negociar?

— É só dinheiro — dei mais um passo.

Precisava arriscar, os agentes não conseguiriam fazer nada de onde estavam, sangue já manchava a roupa de René, que permanecia calada, mas apavorada com lágrimas nos olhos. Aproveitando-me da exaltação de Alisson, tinha conseguido aproximar-me mais dela, talvez não o suficiente, mas precisava arriscar.

— Por favor... — comecei com a voz calma e baixa e fiz outro sinal para o grupo de agentes.

— Nós assumimos daqui — anunciou Phil, chamando a atenção de Alisson, que desviou o olhar por uma fração de segundos.

Esse foi o exato momento em que arrisquei, jogando-me sobre elas em um movimento rápido, segurando firme sua mão com o cristal quebrado, emendando com um golpe de pernas e fomos todos ao chão, mas René estava livre e fui com

todo o meu peso sobre Alisson para a imobilizar.

— Neste tabuleiro, o xeque-mate é do Peão Branco sobre a Rainha Negra e não sobre o Rei — soltei aliviado.

De repente, a sala foi invadida pelos agentes, alguns socorreram René, Phil imediatamente ligou para Timoty que aguardava a ordem para invadirem os domicílios de Osmond e Worrington para os prender, o clube seria desmantelado.

Meu tio Rupert solto, pois era inocente e foi a sua confissão ingênua que deu a Phil a última pista que precisávamos para desmascarar a Rainha Negra, ele dissera, em um dos inúmeros interrogatórios, que fora René a o convencer a contratar Alisson e jamais soube que ela poderia ser uma das rainhas.



Capítulo 31

Perla

Finalmente Max voltou para o apartamento e eu corri para os seus braços.

— Terminou? — perguntei aflita.

Depois de tudo o que Phil e Bia nos contaram sobre as suspeitas em relação à Alisson, senti-me ainda mais preocupada por Max servir de isca para arrancarem uma confissão.

Foi somente neste momento que Phil nos revelou que no meio das investigações Rupert passou de suspeito para testemunha e permanecia sob custódia, não como prisioneiro e sim como colaborador.

Graças às conexões que René tinha com todas as peças do tabuleiro que puderam ligar uns aos outros na vida real, só que a peça mais difícil de todas, a Rainha Negra, praticamente um fantasma, apareceu da ligação de Rupert com a Rainha Branca.

Se realmente Alisson fosse capaz de tudo isso, além da responsável pela minha captura pela polícia da imigração e posteriormente o meu sequestro com Bia, não fazia ideia do que mais ela ousaria fazer.

— Sim, está tudo acabado, Pearl, a mandante do seu sequestro e responsável indireta pela morte de seu pai está presa, acabou — respondeu após me beijar nos lábios.

Max contou tudo o que aconteceu em seu escritório, eu estava aliviada. Não era somente a questão da minha segurança, falámos de pessoas e embora o tráfico humano tivesse várias caras e várias facções responsáveis, ao menos, aquelas que sofreram pela mesma facção que eu teriam justiça. O processo demoraria anos, ele me disse, mas era um começo.

Fui surpreendida pelo fato de tudo girar em torno de uma guerra ainda maior, a guerra do petróleo, os interesses políticos e o poder! Grupos estrangeiros buscando controlar os Estados Unidos através da extração de recursos naturais.

— Rupert será liberado. Embora o seu comportamento em relação a você tenha sido deplorável, ele não foi responsável pelos crimes do clube e nem pela sua denúncia.

— Isso não o torna menos culpado por preconceito — respondi contrariada.

Passei a entender que existem diversos tipos de preconceito, em todos os lugares, alguns mais evidentes e outros menos. Eu sofria o preconceito de ser uma imigrante vinda de um país menos favorecido. Perguntei-me se esse seria o meu futuro na América, sofrer por fazer parte de uma minoria ou por não seguir os padrões estipulados pela sociedade.

Um país de sonhos e esperança para todos, que fora um pesadelo para mim, quase violentada, fora denunciada, espancada, sequestrada e nisso tudo, perdi também o meu pai. Carregaria comigo muitas memórias de um péssimo começo.

— Agora temos que nos concentrar em seu *green card* — puxou-me para o sofá e abraçou-me firme, dessa vez, sem a musculatura enrijecida de tensão.

Estávamos livres das ameaças, tínhamos um ao outro, talvez juntos fôssemos capazes de deixar os traumas para trás.

E vivendo momentos maravilhosos com Max, que se dividia entre o trabalho e a atenção a mim, também mergulhei nos estudos, a possibilidade de conseguir, um dia, ingressar em uma universidade trazia-me ótimas perspectivas de realizações pessoais.

Ele também cuidou de algo que era muito importante para mim, trasladar os restos mortais de meu pai para o Brasil, para que ele fosse ao descanso eterno ao lado de minha mãe. Assim que eu conseguisse regularizar a minha situação de imigrante e pudesse transitar livremente entre os países, ele prometera me levar até lá, ao Amazonas, para visitar o túmulo deles.

Enquanto Alisson e os reis do clube aguardavam julgamento por fortíssimas acusações, por algum tempo eu observei Max lutando para conseguirmos um visto de permanência para mim, mas ele havia exposto uma grande quantidade de gente importante, pessoas que conheciam gente poderosa nos círculos do poder. Além disso, por mais que em legítima defesa, eu havia assassinado um cidadão norte-americano. A gravidade do meu caso, que era único e envolvia tantos nomes importantes, chegara com extrema rapidez até as últimas instâncias.

E a minha situação não era favorável.

A publicação da matéria da Bia na revista Time causou um escândalo sem

precedentes, equipes de televisão e repórteres praticamente acamparam defronte a portaria do prédio, mesmo ela tentando preservar minha identidade, o que não foi possível, pois meu nome constava na investigação do FBI e os detalhes acabaram vazando, para irritação de Max que ligou na mesma hora para Timoty.

Para piorar, o governo americano parecia mais disposto a apagar os traços do que havia acontecido do que me ajudar e foi com tristeza que Max me avisou que o visto havia sido recusado e eu seria deportada.

— Pearl, eu não quero ficar longe de você, case-se comigo, assim eles terão que te conceder o *green card* — pediu.

Senti meus olhos marejarem, que mulher não adoraria receber um pedido de casamento? Ainda mais de um homem honrado e gentil como o meu namorado! Um homem que eu amava com todas as fibras de meu coração.

Mas aquele pedido era loucura, não que eu duvidasse de seu amor, mas casamento era sério, para mim tratava-se de algo para toda uma vida e não queria que ele se casasse apenas por ser uma forma de me manter no país, apenas por um impulso de seu nobre coração, estávamos juntos há tão pouco tempo, como poderíamos nos casar? Eu seria vista como uma interesseira, a golpista que queria ficar rica fisingando um bilionário.

— Max, eu te amo — toquei seu rosto com a ponta de meus dedos — mas não posso aceitar, não posso ser dependente de você dessa forma, sempre vou imaginar que você se casou comigo apenas para me ajudar, ou por pena de mim, da minha situação.

— Não diga isso, meu amor, o meu pedido é sincero...

— Eu sei que nossos sentimentos são fortes, mas eu não acredito que sejam incondicionais — revelei com pesar.

— O que quer dizer com isso? Eu a amo, você precisa acreditar!

— Mas você largaria tudo para me seguir de volta ao Brasil? — perguntei.

— Eu... — seu segundo de indecisão foi uma resposta.

— Eu sei que você tem uma grande empresa para conduzir, centenas de pessoas dependem de você, eu jamais o pressionaria dessa forma — cortei quando percebi que ele insistiria — você está no seu momento de glória e eu preciso batalhar para conquistar o meu.

— Você quer dizer que vai voltar ao Brasil? — sua expressão de dor foi como uma faca em meu coração.

— Eu não me sinto acolhida ou bem-vinda neste país. A única coisa que os Estados Unidos da América me deram foi o seu amor, Max, e o carinho de Abbey. Todo o resto foi desprezo, preconceito, julgamento. Por quanto tempo ainda serei apontada na mídia como a imigrante leiloadada? Por quanto tempo serei vista e julgada pela minha origem humilde ou pela minha virtude ‘vendida’ a um bilionário? Este país jamais me acolherá, como poderei viver desta forma? A minha ‘má reputação’ impacta até a Reed Inc.

— Pearl...

— Eu pensei muito sobre qual seria a minha decisão caso houvesse uma negativa do seu governo. Estive conversando com Bia, a família dela é dona de um hospital e ela me disse que seus pais ficariam felizes em me financiar em São Paulo. Eles estão dispostos a entrar em uma sociedade comigo para que eu abra a minha própria confeitaria — expliquei.

Não era uma caridade o que a família Costa faria por mim, eram apenas negócios, Bia entraria como a sócia representante até que eu pudesse comprar a sua parte, uma vez que ela não tinha interesse em largar a carreira jornalística.

— Eu posso financiar a sua confeitaria — Max insistiu — aqui em Nova Iorque, basta você se casar comigo para que ganhe o direito de ficar neste país.

— Max... — disse com os olhos já úmidos — eu não posso correr o risco de me casar com você e daqui alguns meses, ou algumas semanas você desistir de mim. Estamos no auge do fogo da paixão, é muito pouco tempo para sabermos se

o que há entre nós é real ou só um impulso. Além disso... — agora as lágrimas rolavam por meu rosto livremente — não posso ser aquela que viverá sempre de caridade. Eu tenho que vencer por meus próprios méritos e esforços, somente assim vou me considerar digna do sacrifício de meu pai — beije seus lábios — e do amor que você sente por mim.

— Pearl, estamos falando do nosso futuro.

— Se eu for a pessoa certa para você, o nosso futuro ainda existirá... — abracei-o com força, com toda a paixão que cultivava dentro de mim, com toda a certeza do meu amor — e se seus sentimentos são tão fortes por mim como julga, ainda assim será capaz de fazer amor comigo, mesmo que essa tenha o sabor da última vez — pedi o abraçando com força.

Maxwell

Eu estava aturdido, pensei que Pearl aceitaria meu pedido de casamento, era o jeito mais fácil de conseguir sua permanência nos Estados Unidos.

Collin, meu advogado, foi claro ao explicar que eu mexera com gente muito importante e a recusa do visto dela era um tipo de retaliação das pessoas que estavam enfrentando a Justiça no que ficou conhecido como o caso *Hell's Club*, um assunto que estivera na mídia com grande destaque.

Se a minha razão podia compreender a Pearl e enxergar que ela estava certa sobre um casamento precoce demais, o meu coração não tinha essa mesma resiliência.

Como é que duas pessoas que tinham um sentimento tão forte seguiriam o caminho de estarem separadas?

Mas minha pequena me surpreendeu, mostrando sua determinação e coragem, eu a amava, meu pedido foi sincero, embora fosse certo que eu não o teria feito se as circunstâncias não me obrigassem, ao menos não em tão pouco

tempo, pois se algo desse errado, seria ela, outra vez, a pessoa que mais sofreria.

Sua pergunta, se eu a acompanharia em sua volta ao Brasil, pegou-me desprevenido, eu tinha acabado de assumir a presidência das empresas fundadas por meu pai, não podia largar tudo nas mãos de outras pessoas, ao menos, não nesse momento em que éramos alvo de um escândalo! E sim, ela estava certa quando dizia que a sua presença em minha vida causava impacto negativo nos negócios.

— Vivemos momentos de vida muito diferentes, Max... — disse ela quando se recusou a se casar comigo — não fique magoado comigo, por favor, dê-me somente uma lembrança, *me* ame como se fosse a primeira vez — pediu ao me abraçar com força.

Peguei-a em meus braços e a levei até o nosso quarto, beijando-a nos lábios com paixão, até que a coloquei gentilmente na cama.

Retirei minha camisa, calça e sapatos, ficando apenas de cueca, o tecido distendido em razão de meu membro ereto e me deitei sobre seu corpo.

Sem deixar de beijá-la, ajudei-a a se despir do vestido, deixando à mostra um conjunto de *lingerie* azul.

Minhas mãos passeavam por seu corpo, deslizando pelas coxas torneadas, subindo pela lateral até alcançarem seus seios, onde elas se detinham em uma carícia forte, alertando-os do meu desejo, deixando-me louco ao massagear seus mamilos turgidos, enquanto seus dedos acariciavam minha nuca, puxando-me pelos cabelos.

Meus lábios passeando por sua pele macia, até que alcancei sua calcinha, brinquei com o tecido até que a despi, fazendo minha língua explorar sua vagina. Seus gemidos se tornaram mais altos e comecei a sugá-la, sentindo seu gosto em minha boca, ao mesmo tempo em que introduzia um dedo em seu interior, acariciando sua rugosidade, fazendo-a se contorcer.

Aquela menina-mulher que conquistara meu corpo, coração, alma e mente

levava-me à loucura.

— Max, Ohh, Max — ela gemeu quando encostei a glândula de meu membro em sua entrada quente e molhada.

Com um impulso, penetrei-a com força, fazendo-a gemer ainda mais alto, suas unhas correndo por minhas costas até que alcançou minhas nádegas e puxou-me de encontro a si, sincronizando nossos movimentos.

Enquanto a penetrava, apoiando-me em meus antebraços, concentrava-me em a observar, como se quisesse gravar sua imagem a ferro e fogo em minha mente. Seus olhos semicerrados, os lábios entreabertos em meio aos gemidos que deixava escapar, seus cabelos espalhados em cima do travesseiro, e o típico delicioso aroma misturado com o cheiro de nosso amor.

— Pearl! Como eu a amo — murmurei em meio a um grunhido, controlando-me para não a machucar com o ímpeto que sentia.

Ela abriu os olhos e ousadamente me empurrou para o lado, deixei-me levar por seu toque e fiquei deitado de costas, Pearl montou em mim, meu membro se afundando em seu interior, suas unhas cravadas em meu peito.

Lentamente ela começou a se mover, nossas pélvis se friccionando, minhas mãos segurando firmemente suas nádegas. Ela se curvou e me beijou com paixão, enquanto eu impulsionava minha pélvis de encontro a ela.

— Max! — gemeu ela e ergueu o rosto para o teto.

Fiz com que se curvasse para alcançar os seus seios, os quais suguei, mordisquei, beijei e massageei com minhas mãos.

Pearl começou a se movimentar mais rápido, ela controlava os seus movimentos deixando o peso de seu corpo cair sobre mim, meu membro entrando e saindo de seu interior, enquanto a segurava com força para que nossa conexão não se desfizesse.

O som de nossos gemidos e de nossos corpos eram como uma sinfonia.

— Pearl, como você é gostosa! — grunhi concentrando-me para não gozar antes dela.

— Max! Meu amor! — soltou um grito e senti seus músculos me apertando de uma forma dolorosamente prazerosa.

Soltei algo parecido com um rugido, segurando suas nádegas e a ergui e desci com força, penetrando-a fundo, sentindo que a pressão em meu baixo ventre se tornara insuportável, até que explodi em um clímax prolongado, gozando fundo em seu interior, enquanto o corpo dela parecia se convulsionar.

Pearl se deitou em cima de mim e a abracei com força, ainda conectados, nossos corações disparados.

— Max, seja o for do nosso futuro daqui para frente, quero que saiba que você foi a melhor coisa que aconteceu comigo — ela se ergueu um pouco para me encarar — eu te amo, sempre vou amar.

— E eu também te amo, minha pequena — beijei-a com suavidade nos lábios.

Eu a amava, mesmo ela estando perto de partir.

*** *** ***

Dois dias depois estávamos no interior de uma limusine, juntamente com Vincent e Beth, em direção à Universidade Columbia, para prestigiar a premiação do *Pulitzer* que Beatriz estava concorrendo com a matéria que fora publicada na revista *Time*.

Na manhã do dia seguinte ela e Pearl embarcariam para o Brasil, juntamente com os pais da repórter que me garantiram que ajudariam minha pequena a montar sua confeitaria e que ela teria todo o apoio em São Paulo.

Eu me sentia dividido entre a tristeza de sua partida e meu orgulho de a ver trilhar seu próprio caminho. Combináramos que eu a iria visitar em São Paulo sempre que possível. Minhas empresas estavam atravessando um período

conturbado em razão do envolvimento de Alisson e meu tio Rupert no agora famigerado *Hell's Club*, o que me impedia de ir de imediato com ela para sua terra natal.

Chegamos no centro de convenções onde ocorreria a revelação do vencedor do mais famoso prêmio de jornalismo, fotógrafos e equipes de televisão filmavam a entrada, procurando os indicados ao prêmio, mas ao menos duas equipes, ao me verem, vieram querendo que eu desse uma declaração sobre o caso, tentando também conseguir algo de Pearl, mas rapidamente entramos no edifício.

Homens de *smoking* e mulheres usando vestidos longos circulavam pelo ambiente, onde garçons uniformizados serviam bebidas em taças de cristais e canapés. Mesas decoradas com toalhas e pequenas lanternas estavam dispostas no salão.

Localizei a que estava reservada para os familiares de Bia e nos acomodamos todos em local privilegiado.

Os discursos se sucederam após os convidados se sentarem, mas eu não prestava atenção, preocupado e triste com a partida de Pearl no dia seguinte, até que ela me deu um toque no antebraço apontando para o palco onde o mestre de cerimônias começava a anunciar os vencedores.

A premiação por categorias começou e os discursos dos vencedores seguiam conforme os anúncios, até que o apresentador mencionou a categoria na qual Bia concorria. Estávamos todos nervosos e na expectativa. O anúncio dos concorrentes foi feito com muito suspense, Perla sorriu para Beatriz, sentada ao seu lado, elas tinham construído uma amizade especial.

— E o prêmio *Pulitzer* para a categoria “Reportagem Investigativa” vai para — o apresentador abriu o envelope e leu o premiado — Beatriz Xavier Costa, pela reportagem “O caso *Hell's Club*”, publicado pela revista Time.

Os aplausos se sucederam e nossa amiga seguiu até o palco, onde recebeu o prêmio e fez um discurso contundente contra a política americana anti-imigração, que fora o foco dela.

Ao final da premiação, o coquetel de honra foi oferecido e embora eu estivesse feliz pela Bia, aliviado por nosso pesadelo ter acabado e Pearl estar em segurança, era incapaz de sorrir com a aproximação de sua partida.

Eu que achei que seria forte, estava aos pedaços.

A família Costa, acompanhada de Vincent, emendou o coquetel da premiação, que foi durante o dia, em uma enorme comemoração, à noite, em um dos mais prestigiados restaurantes da cidade, mas eu não estava no clima para os acompanhar.

Pearl eu voltamos para casa, seria a última noite que eu chamaria o meu apartamento de nosso.

Ela não tinha muitas coisas, tudo coube em uma mala mediana que já estava feita, posta no corredor, e nós passamos a noite em silêncio, agarrados um ao outro. Teria feito qualquer coisa para a impedir de ir embora, mas eu sabia que uma pessoa tão especial quanto ela precisava voar com suas próprias asas. Podá-la seria matá-la aos poucos e eu jamais seria capaz de ser feliz vendo-a presa.

Pearl, Bia e a família Costa embarcaram juntos em um voo direto de Nova Iorque para São Paulo na noite do dia seguinte, enquanto Vincent e Beth ficaram na cidade. Nossa despedida em frente à área de segurança do aeroporto fora um dos momentos mais difíceis da minha vida, entretanto, eu não queria que ela me visse mal e sorri o tempo todo.

Beijei seus lábios com paixão e tamanha era a intensidade dos meus sentimentos que o meu coração quase parou de bater. Quando ela cruzou o raio-x e saiu do meu campo de visão, deixei minhas lágrimas rolarem soltas.

Voltei para o meu apartamento, o silêncio me recepcionou, eu dispensara Abbey para alguns dias de folga depois que ela se despedira em meio às lágrimas de Pearl, a quem amava como uma filha.

Agora eu estava sozinho, percebi o quanto minha vida vinha sendo solitária desde a morte de meus pais, poucos amigos, relacionamentos baseados apenas em sexo, mergulhado no trabalho, para mim tudo parecera normal, foi preciso aquela menina-mulher entrar em minha vida como um raio de sol atravessando pesadas nuvens de tempestade para me mostrar que a vida era muito mais do que eu imaginava.

Entretanto, eu não era do tipo que ficava sofrendo, jamais fui um homem passivo, de deixar as coisas acontecerem e a vida continuava.

Um homem de negócios como eu vivia a base de metas e eu tinha as minhas para a Reed Inc. agora os meus dias seriam afundar-me no trabalho e as fazer acontecer.



Capítulo 32

Quatro meses depois

Perla

— Está linda, Pearl — disse a Bia enquanto a cabeleireira terminava de prender os meus cabelos em uma farta trança frouxa, dando a aparência de um penteado sofisticado.

Eu já estava maquiada e tudo isso foi para o coquetel de inauguração da minha confeitaria.

É claro que eu estava nervosa. Demais!

Foram quatro meses em que eu praticamente não dormia. Durante a primeira semana fiquei hospedada na casa dos pais de Bia, com ela. Mas o meu primeiro objetivo foi achar um lugar para morar, de preferência no mesmo bairro onde abriria o meu negócio. Para isso usamos um consultor especializado em pontos na cidade. O trabalho foi feito de cortesia pela amizade que ele tinha por Bia.

Portanto, uma semana depois eu já tinha fechado contrato de aluguel em uma simples *kitnet*, que em ambiente único tinha o quarto, sala e cozinha. Logo encontramos três pontos comerciais e o contrato de aluguel foi rápido quando o escolhi. Passava o dia acompanhando a reforma e interagindo com os fornecedores de equipamentos, tanto mobiliário quando para a cozinha, embalagens, sacolas. Varava a noite testando as receitas que eu levaria para o cardápio.

Faltando um mês para a inauguração, contratei um verdadeiro confeitoiro, já que o meu forte eram as massas e os pães, embora eu também fosse boa confeitoira.

Como Bia nada entendia desse negócio, ela não opinava. Nosso acordo foi de que sua família seria somente socio-investidora e por isso, eu estava sozinha com todo o processo, salvo a assessoria fiscal e financeira, que estavam me ajudando com a burocracia do alvará, regularização de CNPJ e coisas assim.

Todas as vezes que o meu coração apertava de saudades de Max eu me afundava no trabalho. Estar ocupava me distraía, embora não fizesse doer menos.

Conversávamos com alguma frequência. As possibilidades que a tecnologia nos dava eram o que fazia menos difícil estar longe dele.

Eu aqui batalhando para recomeçar a vida, entregando-me de corpo e alma para fazer o meu negócio dar certo e poder devolver o investimento que havia recebido da família Costa e Max lá, batalhando para não deixar a reputação da Reed Inc. ser manchada pelo escândalo do caso *Hell's Club*. E por mais difícil que a distância tenha sido para nós dois, a minha partida dos Estados Unidos fez

com que o escândalo fosse abafado mais rapidamente.

Talvez eu jamais superasse algumas lembranças, mas não podia deixar que os momentos difíceis pautassem o meu futuro. Somente seria alguém feliz se erguesse a cabeça e recomeçasse, sem ser vencida pelos traumas. A mesma coisa servia para o meu coração, que um dia precisaria se curar.

A vida no Brasil, agora em São Paulo, tinha diversas vantagens para mim. Primeiro que esse país sempre fora o que me dera tão lindos momentos e foi daqui, da terra do verde e amarelo, que tirei tantas alegrias, cuja população sempre me acolheu tão bem. Além disso, aqui eu era uma anônima, podia ser simplesmente a Perla Becker e não a “*leiloadada do tráfico humano*”.

A minha decisão de ir embora não foi só a melhor para mim, foi a melhor para Max também. Sem a minha presença para lembrar a nação americana do escândalo a Reed Inc. também voltava a dar sinais de boa recuperação.

Talvez, muitas pessoas tenham sido capazes de viver o sonho americano, mas eu vivi muitos pesadelos, embora tenha conhecido o amor.

Agora eu estava prestes a encarar o fruto dos meus quatro meses de trabalho incessante. Tínhamos um espaço pequeno, pois era o jeito certo de se começar um negócio.

A vitrine gelada apresentava uma composição de lindos bolos e tortas, com um apelo menos comercial e ingredientes mais voltados à natureza. A minha preferida era a torta de frutas cítricas, que misturava cerejas frescas, morangos, framboesas, mirtilo e amoras.

Uma outra vitrine com pães doces e salgados, todos em porções individuais, para serem degustados em uma das cinco pequenas mesas do salão, além da área do famoso cafezinho brasileiro, que era servido com doces *gourmet*.

Éramos simples no tamanho da obra, mas sofisticados na aparência, não só do local como das guloseimas, e ousados nos ingredientes.

Passaríamos a manhã do dia da inauguração fechados, com o nosso discreto coquetel para convidados e as onze em ponto abriríamos as portas para os primeiros clientes.

Tudo o que havia sido colocado à venda também fora servido aos convidados como degustação e era o que eu mais aguardava saber, suas opiniões sinceras das nossas guloseimas.

Eu quase não tinha amigos na cidade, mas recepcionamos alguns de nossos fornecedores, a família da Bia e outras empresas de festas que poderiam, futuramente, ter interesse em fechar conosco o fornecimento da parte da panificação, bolos e tortas.

Adentrei no salão e fui recebida com uma salva de palmas. Não poderia haver melhor sensação de trabalho cumprido, ainda mais para uma garota tão jovem, que ainda estava prestes a fazer vinte anos.

Cumprimentei um a um, agradecendo a presença. Ofereci a degustação em formato miniatura, explicando a composição de cada guloseima, mas não o segredo de seus sabores.

— Essas minitortas estão fenomenais, Perla — disse a dona de uma das empresas de eventos, focada em sessões de coquetéis corporativos — tenho grande interesse em uma parceria de fornecimento para eventos sofisticados.

— Essas trouxinhas de brie com parma derretem na boca como se fossem uma empada, mas com um toque tão especial — meu Deus, essa era, nada mais, nada menos que Alice Sampaio, a dona de uma das maiores empresas de festas de casamentos da cidade — por favor, mande-me o seu cardápio, podemos testar em algumas degustações para os incluir em potenciais eventos.

Eu sabia, através de um dos fornecedores, que a empresa dela cuidava do *catering*^[56] dos almoços e jantares dessas festas, mas terceirizava toda a parte dos petiscos que eram servidos.

— Pronta, amiga? — perguntou a Bia que tinha se encarregado de fazer toda a assessoria de imprensa da nossa inauguração — Já é hora de abriremos as portas.

— Acho que sim — respirei fundo e coloquei o meu avental.

Éramos um time de cinco pessoas na minha confeitaria. Além de mim, o confeiteiro que me ajudava na cozinha, uma atendente nas vitrines de comida, uma jovem no caixa e um rapaz fazendo a vez de barista, para o café.

Embora eu tivesse me planejado para ficar, pelo menos, a primeira hora atendendo ao público, logo teria que voltar para a cozinha, pois o meu grande desafio era servir tudo muito fresco.

Quando as portas foram abertas, já havia um pequeno aglomerado de pessoas lá fora, eu estava radiante. Recebia os clientes com uma bala caseira de caramelo embrulhada em palha seca de milho amarrada com laço de cetim, cumprimentava um a um.

— Somos um sucesso, Bia — disse quando percebi que eu precisava voltar para a cozinha, para cuidar do abastecimento e a minha amiga pegou um dos meus aventais emprestado para tentar ajudar no balcão, pois a doceria estava bombando após o almoço, momento em que muita gente aproveita para tomar o famoso cafezinho e comer doce.

Estávamos em uma área repleta de escritórios na cidade e no final de semana o local era tomado por moradores dos prédios das avenidas não principais. Sabíamos que teríamos movimento de domingo a domingo na área.

— Somos não, Perla, você é — abraçou-me a Bia — você fez tudo isso sozinha. E se continuarmos assim, prepare-se para contratar mais pessoas.

Corri para a cozinha, precisava assar mais salgados e mesmo exausta da correria dos dias anteriores, não podia me recordar quando havia sido mais feliz.

Não foi antes do início da noite que Max me ligou, tínhamos acabado de

fechar as portas, mas eu ainda precisava dispor a fornada de palitos de aliche que tinham acabado de ficar prontos para esfriarem, eles iriam para as bandejas de venda na primeira hora do dia seguinte.

— Como vai a minha pequena neste dia tão importante? — perguntou ele ao celular e precisei até me sentar sentindo a emoção inflar o meu peito.

— Aparentemente somos um sucesso, Max — contei empolgada, feliz com a repentina ligação.

— Estou acompanhando pelas redes sociais, Bia está alimentando todos esses canais com fotos dos pratos e clientes. Muitos estão comentando.

— Verdade? — eu não tinha conseguido acessar nada com a correria da inauguração e o movimento que havia superado as nossas expectativas.

— Sim, a Doce Pepper Pearl começou muito bem e eu tenho muito orgulho de você — disse em tom mais baixo, íntimo, saudoso.

— Obrigada por ter acreditado em mim, por ter compreendido a minha necessidade de voltar. Isso não quer dizer que eu não sofra sentindo a sua falta — a emoção com a inauguração, a saudade de Max, acho que tudo estava me afetando e deixei uma lágrima cair, sem saber explicar o que exatamente acontecia com o meu coração.

— Eu sinto a sua falta também, dói aqui dentro, Pearl, demais — sussurrou ele e ficamos alguns segundos em silêncio — tenho que ir... — foi o que ele completou.

— Já? Não podemos conversar um pouco mais?

— Agora não, eu tenho um compromisso importante — ouvi o som da porta do carro e barulho da rua de fundo — acabei de chegar. Mas podemos falar mais tarde.

— Eu ainda amo você, Max — confessei com medo de que todo esse nosso distanciamento e o pouco que conversávamos, pois estávamos sempre

muito ocupados, terminasse por fazer com que ele se esquecesse de mim.

— Podemos falar sobre isso mais tarde... — respondeu ele e desligou a chamada.

Ele tinha o direito de seguir a vida, eu não estava lá ao seu lado, não tinha o direito de pedir ou cobrar nada dele.

Sabia que, mais dia menos dia, o que restaria entre nós seriam as lembranças dos momentos bons em que vivemos juntos, pois combináramos de não mais tocarmos nos assuntos das fatalidades.

Não tinha qualquer experiência em amar, em lidar com isso. Max havia sido o meu primeiro amor, o meu primeiro homem e não conseguia entender como seria possível, um dia, esquecê-lo. Ou talvez, isso não fosse mesmo possível, talvez ele sobrevivesse dentro do meu coração como sendo o único amor da minha vida.

Respirei fundo, pois precisava assumir a responsabilidade por minhas decisões. Ter voltado foi o melhor para nós dois, ambos admitíamos isso, o que não queria dizer que não precisássemos estar preparados para as consequências.

Voltei a dispor os biscoitos nas bandejas de venda deixando-os na área específica coberta por tule para que esfriassem e me preparei para ir ao pequeno quarto dos fundos, que tinha convertido em um escritório.

Ouvi batidas na porta de vidro, que já estavam trancadas, pois eu estava sozinha, mas as portas de rolar ainda estavam abertas. Já estava escuro lá fora e as luzes do salão também apagadas, por isso gritei:

— Já estamos fechados — entretanto as batidas continuaram — abriremos amanhã as dez!

Novamente as batidas.

Aproximei-me do salão e acendi as luzes. Do lado de fora havia um homem no escuro, com uma pequena bolsa de *notebook* no ombro esquerdo,

usava terno e tinha também uma mala de viagem de rodinhas, pequena, na mão direita.

Dei mais dois passos antes de perder o fôlego.

Max!

Meu Deus, aquele era Max! Corri até a porta, tirei o molho de chaves do bolso do avental e a destranquei tão rapidamente que não tinha nem consciência do que estava fazendo.

— Max! — joguei-me em seus braços.

— Minha pequena — apertou-me tão forte e depois tomou os meus lábios, beijando-me como se estivesse sedento de mim, suas mãos explorando o meu corpo.

Eu não podia acreditar que ele tivesse viajado isso tudo para me ver, assim de surpresa.

— Nossa... — dei um passo atrás, mesmo querendo ficar em seus braços para sempre — desculpe-me! — ri sem graça — Eu estou cheirando a massas e assados.

— E eu a perfume amanhecido — gargalhou ele ao voltar a me puxar para o seu peito — cheguei esta manhã e fui direto para uma bateria de reuniões, a última terminou há pouco.

— Você veio para o Brasil a negócios? — soltei-me de seus braços para poder trancar a porta.

— Sim... — senti uma pontada no peito, pois tinha esperanças de que ele tivesse vindo por minha causa.

— Espero que tenha feito bons negócios.

— Sim, foram muito bons. Acabamos de fechar um contrato de ocupação de um andar de um dos prédios nas redondezas.

— Vocês abrirão uma filial aqui?

— Sim, há muito campo para investimentos empresariais neste país. Acho que podemos ter uma filial de sucesso. E poderemos nos ver mais vezes, será muito conveniente, Pearl.

— Você está certo — sorri para ele — é conveniente para nós que vocês tenham a necessidade de expandir a Reed Inc. para o Brasil.

— Não Pearl...

— Não? Não é conveniente?

— A minha necessidade de estar perto de você que me fez tomar a decisão de abrir uma filial aqui, não a possibilidade de negócios promissores. Se eu puder trabalhar neste país, poderemos ficar mais tempo juntos. Você não me perguntou se eu teria coragem de deixar os Estados Unidos e vir ao Brasil com você?

— Sim... — senti o frio percorrer o meu corpo, da surpresa, do inesperado, da emoção.

— Bem... eu não o fiz com você, mas estou fazendo por você! — perdi a fala, deixei de respirar. O meu coração gritava desesperadamente. Max realmente tivera coragem de vir atrás de mim?

Ainda muda, eram os meus olhos e as lágrimas que falavam por mim.

— Eu vim ao Brasil, eu vim por você. Eu te amo Pearl, como poderia ficar longe de ti?

Joguei-me em seus braços e ofereci os meus lábios em um beijo quente. Eu precisava dele, do seu calor, do seu toque. Mas, acima de tudo, eu estava feliz, completa, pois aquilo que era mais importante, o seu amor, eu já tinha, Max acabara de provar para mim que eu o tinha incondicionalmente.

Nossos lábios se descolaram somente para tomarmos ar.

— Precisamos de um banho — ele riu comigo em seus braços.

— Um banho juntos... — acariciei sua face, que agora estava com a testa colada na minha — mas não conseguiremos nos mexer se entrarmos ao mesmo tempo no meu minúsculo box, não sei nem se você caberia nele.

— Quanto mais apertadinho melhor — ele riu e voltamos a nos beijar.

Eu não queria me desgrudar dele nunca mais.



Epílogo

Maxwell

No final foi uma decisão fácil montar uma filial da Reed Inc., além de uma ótima oportunidade de negócios, o mais importante era de que eu poderia ficar ao lado de Pearl. Embora ainda precisasse viajar para Nova Iorque uma vez por mês, para olhar de perto o que acontecia por lá.

Comprei uma cobertura em um edifício residencial próximo ao bairro onde Pearl montara seu negócio e deixei a seu cargo a decoração, o que me surpreendeu, mostrando mais uma faceta de sua personalidade, pois o local ficou aconchegante e alegre, bem diferente do meu apartamento de Nova Iorque que era decorado de forma sóbria.

Nossa primeira viagem juntos foi para o Amazonas, para visitar o túmulo de seus pais, eu alugara um jatinho para fazermos uma viagem mais rápida e tranquila e isso nos possibilitou o pouso o mais próximo possível de sua cidade, já que ela não era da capital.

Eu providenciara o traslado, não apenas do corpo de seu pai, mas também de sua mãe que estava enterrada em um cemitério público, para um cemitério particular.

Com um carro alugado, levei minha pequena até o local, o dia estava bonito com o sol brilhando e uma leve brisa soprava. Adentramos no cemitério que era bem cuidado com lápides brancas e algumas árvores, e foi debaixo da sombra de uma delas que encontramos o novo túmulo dos pais de Pearl, debaixo de seu nome, data de nascimento e morte havia apenas uma frase:

“Pai amoroso e marido exemplar”

Ela, que carregava um buquê de flores na mão, se ajoelhou e após afastar algumas folhas da grama depositou o buquê em frente à lápide.

Depois ficou em silêncio, como se estivesse orando pelos pais e eu respeitei o seu momento, fazendo uma prece e prometendo a alma do pai dela que eu sempre a protegeria.

Após algum tempo ela se ergueu e se aconchegou em meu peito.

— Pronta para voltar? — perguntei.

— Sim.

No mesmo dia voltamos para São Paulo.

Viver com Pearl era uma experiência maravilhosa, ela sempre estava de bom humor, uma trabalhadora incansável em sua confeitaria, que estava ganhando renome.

Eu não me via mais sem tê-la ao meu lado, por isso resolvi tomar uma

decisão importante, sem impulso.

Perla

Saí da confeitaria por volta das vinte horas, Max viajara de emergência para Nova Iorque e eu já estava com saudades. Eu entendia essa sua vida de viagens, embora todas as vezes me sentisse triste com sua partida.

Desci do elevador na porta de nosso apartamento, louca para um banho de banheira para relaxar e esperar Max me ligar por videoconferência.

Adentrei na sala e fiquei estática, ela estava iluminada por inúmeras velas acondicionadas em vidros. O chão repleto de pétalas de rosas, todas vermelhas, em uma trilha que levava até a sacada que estava com a porta dupla de vidro aberta e barrando a passagem, Max!

Caminhei até ele entre intrigada e feliz com a surpresa.

— Max!

— Olá, pequena — ele sorriu e fez um gesto me convidando para a sacada onde uma pequena mesa estava disposta, coberta com uma toalha branca e com um castiçal com uma vela, ao lado um balde de metal com uma garrafa em seu interior.

— Ainda não estou entendendo — sorri daquela decoração romântica.

— Pearl, conhecer você foi o acontecimento mais importante de minha vida, apaixonar-me por você me mostrou o quanto a vida pode ser maravilhosa, quero viver ao seu lado, por isso quero te fazer uma pergunta.

Ele se ajoelhou sobre uma das pernas e retirou uma caixinha de veludo preta do bolso da calça, com um gesto ele a abriu para mim, havia duas alianças em seu interior.

— Minha pequena, quer se casar comigo? — perguntou com um sorriso nos lábios.

Senti meu coração disparado no peito e não consegui evitar que lágrimas viessem a meus olhos.

— Oh, Max! — coloquei as mãos na frente de minha boca, ainda não acreditando naquela surpresa — não sei nem o que dizer.

— Apenas diga sim — ele se ergueu e segurou minha mão direita — se este for o seu desejo também.

— Sim, claro que sim — ri e chorei ao mesmo tempo enquanto ele pegava uma das alianças e colocava em meu dedo anelar e depois beijou minha mão.

Com as mãos trêmulas peguei da caixinha a outra aliança e coloquei em seu dedo anelar.

— Eu te amo, Pearl — disse e me tomou nos braços para um longo beijo cheio de paixão.

— Não mais do que eu amo você, Max — voltei a beijá-lo.

Era impossível descrever a sensação que eu tinha, meu coração nem parecia forte o suficiente para aguentar toda aquela emoção. Eu queria dizer mais coisas, mas as palavras ficavam presas em minha garganta tamanha era a minha emoção.

Tentava evitar as lágrimas de alegria todas as vezes que buscava o ar. Nada havia no mundo que eu pudesse amar mais do que amava aquele homem.

Quando cessamos o beijo, em busca de ar, ele pegou uma garrafa de *champagne* e a abriu enchendo duas taças e me estendendo uma delas. Eu ainda não tinha vinte e um anos, mas estávamos no Brasil e aqui ele me deixava beber comedido e foi cruzando nossos braços após o brinde que demos o primeiro gole, agora como noivos e era difícil explicar tudo o que eu estava sentindo, por que dessa vez era o momento certo, pelos motivos certos. Porque o verdadeiro e

mais forte amor sobrevive.

— Espero que esteja com fome — sorriu, eu mesmo fiz o jantar, claro que Abbey me ajudou por videoconferência.

— Estou faminta — acima de tudo sentia-me a mulher mais feliz do mundo — mas antes, preciso de um banho de banheira.

— Isso é um convite? — Max sorriu de forma sedutora.

— Pode apostar que sim — puxei-o pela mão até a nossa suíte.

O banheiro também estava iluminado por inúmeras velas e pétalas de rosa espalhados pelo chão, a banheira já estava cheia de água e nela também havia pétalas flutuando em meio à espuma.

Diferente do cubículo da minha *kitnet*, que Max dividiu comigo nos nossos primeiros dois meses, já que ele vinha mais esporadicamente, aqui tínhamos espaço e muito.

Fiz um gesto com a mão para que ele ficasse parado exatamente onde estava, na porta do banheiro e pedi para a nossa assistente virtual que ligasse a música, a nossa música!

Comecei a mover o corpo no ritmo da melodia e liberei-me da camisa, deixando à mostra os meus seios moldados pelo sutiã meia taça.

Max ameaçou dar um passo em minha direção e outra vez fiz um gesto para que não se movesse e continuei dançando, despindo-me do par de jeans. Ele ficava louco com as minhas micro calcinhas e por sorte eu vestia uma delas.

Prendi os cabelos em um rabo de cavalo e caminhei até ele, começando a explorar o seu abdômen por baixo da camiseta, até que ele se despiu, deixando-me me faltar com beijos em seu peito. Quando ele ameaçou a abrir o cinto, fiz um sinal negativo com a cabeça.

— Não... só eu posso fazer isso — disse com a voz macia e lenta e desatei

a fivela no meu próprio ritmo.

— Você acaba comigo, doçura, sabe disso, não é? — sua expressão de desespero, coberta de desejo.

Deslizei sua calça pelas pernas até que ele estava livre dela e fiz o mesmo com a cueca boxer que eu tanto achava *sexy*. Max sempre estava pronto para mim.

Permiti que ele me tocasse e a primeira coisa que ele fez foi livrar-me do sutiã e começou a beijar e sugar os meus mamilos. Como eu adora o jeito como ele os estimulava.

As vezes gostávamos de sexo quente e selvagem, outras lento e romântico. Não havia um padrão entre nós, fazíamos o que tínhamos vontade, sem pudores, sem receios ou restrições. Eu o provocava muito e ele enlouquecia.

Max beijou-me os lábios como se estivesse matando a fome de muito tempo, sua língua brincando com a minha, seu gosto misturado ao meu, suas mãos estimulando o meu centro pulsante.

De repente, virou-me de costas para ele com rapidez e prensou-me contra a pia, de frente para o espelho.

— Está vendo? — perguntou ele fazendo-me olhar para o nosso reflexo — Essa é a cara do desejo.

— Verdade? Então por que não me fode duro com toda a sua força? — sim eu tinha aprendido a falar sacanagens durante o sexo, Max ficava enlouquecido de tesão com isso.

— Você quer que eu meta fundo enquanto vê o seu próprio reflexo sendo comida?

Só isso foi o suficiente para, de repente, ele arrancar a minha calcinha com uma rapidez sem igual e segurando-me pelos ombros investiu firme dentro de mim. Cada vez mais fundo, mais rápido, mais duro, mais violento.

Eu via os nossos reflexos no espelho e nosso tesão selvagem um pelo outro.

— Mais forte! — pedi enlouquecida — Mete bem fundo, Max!

O barulho de nossos corpos se chocando, meus gemidos cada vez mais altos, enquanto eu brincava com os dedos, estimulando a minha própria área central.

— Como eu amo te foder, pequena diaba! — disse ao puxar o meu rabo de cavalo, fazendo com que eu virasse a cabeça para o lado, o suficiente para que ele conseguisse voltar a me beijar, o que fez com um jeito possessivo e demandante.

— Não pare, Max, mais forte! Eu vou ... vou... — sem conseguir terminar a frase, soltei um grito de prazer enquanto minhas pernas perdiam a força durante a minha explosão, tamanha fora a intensidade do meu ápice.

Agora sustentando-me com seus braços fortes, ele deu mais algumas profundas estocadas e foi a sua vez de explodir dentro de mim, em um jato quente e forte, desabando em um grito tão firme quando o meu.

Estávamos agora ofegantes, nossos corações acelerados, os corpos molhados de suor. Então ele me pegou no colo, pois eu mal tinha forças para falar e me colocou na banheira, sentando-se atrás de mim.

Nossos banhos de banheira sempre eram memoráveis, algumas vezes pelo que acontecia antes, como agora, outras durante pelo durante e algumas outras pelo depois. Mas na grande maioria das vezes eram por todos, antes, durante e depois.

Max e eu éramos fogo puro juntos. “*Pepper Pearl*” como ele dizia. Doce engano o dele, que quando me conheceu achou que eu seria somente a ‘doçura’.

Maxwell

Deitado em nossa cama, fiquei acariciando os cabelos sedosos de minha futura esposa, sentindo-me o mais feliz dos homens.

Ela disse sim!

Em breve nos casaríamos e, quando o momento chegasse, teríamos nossos filhos, construiríamos a nossa história juntos.

Pensei em meus pais, esperava que onde quer que estivessem, vissem minha felicidade e soubessem que eu os amava e tentaria me pautar por seus exemplos para ser um bom marido e um ótimo pai.

Eu tinha essa certeza na vida, que com Pearl ao meu lado eu nunca mais estaria sozinho.

Fim

Sobre a História

Tudo começou com uma brincadeira se conseguiríamos escrever sobre uma garota leiloada sem parecer um clichê bobo.

A história começou a evoluir e resolvemos fazer uma crítica à política americana em relação aos imigrantes. O governo Trump foi um dos mais reacionários das últimas décadas, sua política anti-imigração separou famílias, pais ficaram longe dos filhos, muitas vezes crianças ainda, maridos longe de suas esposas, idosos longe dos familiares que os amparavam e o único pecado daqueles que são barrados, presos e deportados é sonhar com uma vida melhor no que um dia foi a terra da Liberdade e Oportunidade.

Este livro é um romance, uma ficção, cheio de fatos fantasiosos, mas isso não quer dizer que o tráfico de mulheres não exista, que jovens não tenham que se submeter à subempregos e até mesmo à prostituição, que imigrantes que tentam atravessar a fronteira não sejam sequestrados por narcotraficantes que exigem resgate de seus familiares que ficaram para trás, que não sejam humilhados nos dois lados da fronteira, que as condições dos centros de detenção de Imigrantes não sejam abusivas e degradantes.

Isso ocorre e, infelizmente, é mais comum do que parece.

Com o advento do governo Biden, uma esperança voltou a brilhar no coração daqueles que se arriscam a uma entrada ilegal nos Estados Unidos, mas até o momento nada mudou na política americana.

Gê & AG

Com muito carinho!

Pelos Olhos do CEO

Geane Diniz & A.G. Clark



**"Quando o verdadeiro amor te permite enxergar
com os olhos da alma"**

Júlio Cesar é o CEO de uma das mais importantes empresas privadas de mineração do Brasil, para o mundo exterior ele é um playboy aficionado em carros velozes, esportes radicais e belas mulheres, mas poucos sabem que sua alma é marcada por uma dura tragédia.

Catarina é uma escultora de talento, uma jovem meiga, batalhadora e independente, sua restrição social por ser deficiente visual não permitiu que ela conhecesse o amor.

Quando os caminhos deles se cruzam surge também uma intensa atração, mas não é só o amor que vai marcar a vida desses dois jovens, pois eles terão que enfrentar um terrível perigo para poderem ficar juntos.

<https://amzn.to/3qMFOCO>

+18

Paixão Proibida



“Quando um policial infiltrado no narcotráfico se apaixona justamente pela única mulher proibida para ele?”

Matthew é um agente federal do DEA cuja missão é se infiltrar em um cartel para desmantelar o maior grupo de narcotráfico da fronteira entre o México e os Estados Unidos.

Durante a sua missão ele conhece Melanie, uma médica pediatra que é a enteada do líder do cartel, e uma forte paixão surge entre os dois, mesmo sendo ela a mulher mais proibida de toda a Baja Califórnia.

Será Matt capaz de cumprir a sua missão delatando o cartel e ainda

manter vivo o amor de Mel por ele?

Amazon: <https://amzn.to/3hyWl9X>

+18

D e g u s t a ç ã o

Encostei o sedã esportivo blindado no acostamento, a tempestade desabava de forma violenta e era mais seguro parar, ainda mais durante a noite e trafegando por uma estrada em péssimas condições.

Ainda estávamos distantes do rancho de Don Hernández Vasquez, ou como era conhecido: *El Coyote (O Coiote)*, ou *El Jefe (O Chefe)*, o líder incontestável do Cartel de Baja^[57], uma organização criminosa responsável pelo tráfico de drogas para os Estados Unidos, em especial a heroína.

Olhei pelo retrovisor, Melanie, ou como eu a chamava quando estávamos a sós, Mel, sustentou meu olhar com seus belos olhos verdes. Ela era uma mulher exuberante, vinte e nove anos, um metro e setenta e cinco bem distribuídos, com cabelos negros como azeviche e a pele branca, o que denunciava sua descendência México-americana.

Ela era filha de Don Hernández, uma mulher proibida para qualquer um, inclusive e principalmente para mim, que sob disfarce da polícia federal estava infiltrado no cartel como seu guarda-costas.

Eu fora encarregado de protegê-la e agora voltávamos dos Estados Unidos.

— Matt — ouvi sua voz cheia de segundas intenções, chamando-me pelo diminutivo de meu nome Matthew — venha para o banco de trás.

— Mel... — suspirei adivinhando suas intenções — Já conversamos sobre isso, não podemos nos envolver aqui no México, é perigoso demais, se Don Hernández descobrir... — não que eu não tivesse as mesmas intenções, mas

bastaria um deslize nosso para que pagássemos caro por isso e eu não podia arriscar, havia muito mais em jogo do que só o que sentíamos um pelo outro.

A guerra entre os cartéis havia deixado muitas baixas e ela havia se tornado um alvo fácil para qualquer vingança.

— Não sei se aguentarei ficar longe de você — era difícil fingir que eu também não sentia o mesmo, foi quando, ao olhar pelo retrovisor, vi que ela já havia retirado a blusa, ficando apenas com a *lingerie* preta de renda que apertava seus belos seios.

Essa mulher sabia exatamente como me provocar e era difícil resistir a ela, os dias que tínhamos pela frente na *hacienda* de seu pai seriam torturantes.

Loucura ou não, era impossível fechar os olhos aos seus encantos desde que a conhecera e, apesar de errado, apesar de proibido, além de extremamente perigoso, eu estava irremediavelmente apaixonado.

Passei para banco de trás e ela me abraçou, beijando-me com sofreguidão, enquanto retirava a minha camisa.

Ajudei-a sem parar de beijá-la e tirei o coldre de axila onde estava a pistola Glock 9mm que eu pedira como cortesia junto com o carro, deixando-o cair no assoalho. Era mais fácil conseguir armamento nesta cidade do que ter um prato de comida.

Ela se afastou um momento, seus olhos brilhando, com os lábios rubros úmidos e entreabertos em um sorriso de satisfação, enquanto desabotoava minha camisa, o toque de seus dedos em minha pele me arrepiando.

Retirei o cinto e baixei as calças, meu membro latejava apertado pelo tecido da cueca. Ergui sua saia cinza até a cintura, deixando à mostra a calcinha negra, também rendada.

Deitei-a no banco com as pernas entreabertas e me encaixei entre elas. Mel gemeu em minha boca quando, entre movimentos, friccionei meu corpo

contra a sua pélvis, forçando meu membro pelos tecidos, como se quisesse rompê-los, para me afundar em sua carne úmida.

Ela arranhou minhas costas puxando-me para junto de si, enquanto eu tentava me livrar se sua calcinha.

A chuva batia com força no teto e janelas do carro que, mesmo com o ar-condicionado ligado, estava com os vidros embaçados. Nossos olhares se cruzaram e por um momento nos encaramos, esquecendo de nossos problemas.

— Venha... — sussurrou ela.

Penetrei-a de uma vez, de tão molhada que estava, deslizando-me até o fim, fazendo com que ela gemesse alto.

— Que delícia — ela sussurrou e começou a movimentar a pélvis sincronizando seus movimentos com os meus.

Nós dois éramos altos, o sedã, apesar de grande, não era o suficiente, mesmo assim consegui segurar suas mãos acima da cabeça e enquanto entrava e saía de seu interior quente e apertado, beijava seu pescoço e estimulava seus seios por cima da *lingerie*.

Melanie envolveu-me a cintura com suas pernas bem torneadas me prendendo junto a si. Por algum tempo, somente o som da chuva, nossos gemidos, arquejos e os corpos se chocando eram ouvidos.

— Matt... não vou aguentar — gemeu mais alto — goze comigo.

Grunhi em resposta e aumentei a velocidade das estocadas, beirando quase a violência.

— Não pare, por favor, não pare — ouvia-a gritar enquanto seus músculos internos se contraíam apertando meu membro de uma forma dolorosamente prazerosa no momento de seu ápice de prazer e aquilo foi combustível para me excitar ainda mais.

— Mel... — gemi em resposta e em uma estocada final, senti que gozava em seu interior, movimentando-me mais algumas vezes enquanto meu membro pulsava sem parar.

Ela me abraçou com mais força aguardando que nossos corações se acalmassem e beijei-a ternamente, depois me afastei para observá-la. Ela abriu os olhos e me encarou com uma ruga de preocupação que tomava a sua expressão, eu sabia exatamente o que ela queria me perguntar, eu também tinha a mesma pergunta desde que começáramos o nosso caso proibido: *“quando tudo isso terminaria”*?

— Matt, o que vai ser de nós? — perguntou e percebi que seus olhos marejavam.

— Ainda não sei, mas vou resolver — respondi e beijei-a novamente.

Corríamos um perigo mortal, El Coyote, era famoso por sua crueldade e pelo ciúme quase doentio que sentia pela filha.

Contrato com a Máfia



E se você fosse adotado pelo líder da máfia?

Daniel cometeu o erro de se apaixonar pela filha do chefe da máfia...

Agora ele é um justiceiro que vive de contrato em contrato e está de volta em busca do seu grande amor.

Amazon: <https://amzn.to/38Sr65D>

+18

Degustação

— Doze anos se passaram, Daniel! — disse irritada, olhando pela janela do escritório, sem coragem de o encarar — Isso é muito tempo, principalmente quando sabemos que você sequer se importou em me mandar notícias — tentava alimentar a força dentro de mim, tirando energia sem nem saber de onde. Sabia somente que este era o momento para não desabar, não podia me entregar assim, havia muito em jogo.

Além disso, o que ele sabia da minha vida? Aquela Naomi que espalmou a mão no vidro do carro pedindo para ele ficar não existia mais. Ela ficara no passado, caída ao chão entre lágrimas, enquanto eu renascera como uma mulher firme, determinada, obstinada.

— Você sabe que eu não podia ficar. Seria pior para nós dois! — ainda tentou se justificar, enquanto eu respirava fundo para engolir as lágrimas que ameaçavam a se formar, evitando deixá-lo perceber os meus olhos avermelhados — Sair de casa e achar um lugar para mim, na esperança de ter encontros clandestinos com você, mataria um de nós na primeira tentativa — elevou a voz, mas logo tratou de ocultar a sua ira interior.

Estávamos os dois feridos, magoados e mesmo sabendo que eu não estava com a razão, a minha irritação ao encontrar, cara a cara, com aquela mulher, tinha me feito compreender que as fantasias que eu nutria, sobre um dia ele voltar a ser meu, eram somente devaneios da cabeça de uma garota apaixonada que jamais fora capaz de superar o sentimento que vivera por um rapaz.

Só que, hoje éramos um homem e uma mulher. Tudo havia mudado.

— Ela está de volta — soltei sem querer o encarar, trazendo o tom da frieza para a minha voz, incapaz de admitir o quanto aquilo me feria — não há mais nada que o prenda aqui. Obrigada por ter voltado a pedido de papai — completei ao cruzar o escritório em direção à porta, sob o olhar misterioso de Daniel, que estava sentado no sofá de visitas.

— É isso mesmo o que você pensa, Naomi? Que eu voltei somente para a redenção de seu pai?

— Ela cruzou alguns continentes atrás de você, para chegar aqui, não cruzou? — alcancei a maçaneta, mas não abri a porta, não antes de dizer o que estava entalado na minha garganta — Trinta horas de viagem da Ásia para a América do Sul, não é para qualquer um, no entanto, ela está aqui.

— Exatamente, não é para qualquer um — senti que ele se levantou do sofá e mesmo sem olhar em sua direção, o poder que ele tinha sobre os meus sentimentos era tão forte que eu sabia que se aproximava, por isso apressei-me em tentar deixar o escritório — e eu também atravessei os mesmos continentes, assim que você me pediu. E eu já disse, ela não é a minha namorada, ao menos, não mais — espalmou a mão na madeira da porta voltando a fechá-la, impedindo que eu fugisse daquela situação.

— Deixe-me ir... — pedi tentando demonstrar toda a frieza inexistente dentro de mim.

— Você realmente acha que eu voltei somente por causa de seu pai, Na? — repetiu a pergunta aos sussurros, enquanto senti os dedos de sua mão direita acariciando o contorno de minha face, até que chegaram em meu queixo e o forçou para cima, fazendo com que fosse inevitável deixar de o encarar.

Daniel já era um homem maduro, seus traços mostravam que os anos tinham sido generosos com ele. Os cabelos escuros levemente ondulados caíam-lhe muito bem com a pele caucasiana. Mantinha aquele típico brilho nos olhos.

Mesmo com os altíssimos saltos, eu tinha a impressão de que não fora somente o seu corpo que desenvolvera ainda mais, ganhando mais musculatura, pois ele parecia muito mais alto e a camiseta regata de algodão deixava à mostra a belíssima arte das tatuagens que lhe cobriam os braços.

Sentia o seu cheiro exótico ditado pela fragrância oriental, que soava uma combinação de notas quentes com notas frescas, estimulando-me por dentro, fazendo correr o frio intenso por meu corpo sedento pelo prazer, aquela típica sensação que há tanto eu não sentia.

Entretanto, hoje, éramos dois desconhecidos, pois nossas vidas caminharam por estradas tão distintas. E eu acabara de me tornar a *nee-san*^[58], isto é, a mulher a liderar o clã de meu pai. Daniel não podia estar aqui, ele não tinha mais o direito de estar entre nós.

— É melhor você me deixar sair — pedi, incapaz de negar o quanto aquele homem surtia efeito sobre as minhas fantasias e desejos.

Meu coração gritava por dentro, seu toque fazia meu corpo tremer, o sangue fervia-me correndo pelas veias. Quanto tempo mais eu suportaria esconder o que sentia? Estava tudo errado entre nós. Eu tinha uma missão, um dever com o que eu acreditava ser correto e mal havia começado a colocá-la em prática. Daniel representava muita distração e estar assim tão perto dele era de extremo perigo, não só para a minha fraqueza sentimental, mas para ele.

Não podia o arrastar comigo, para aquilo que poderia ser a ruína de todos nós. A máfia era perigosa demais e ele, um *gaijin*^[59] que nada tinha a ver com isso. Peitar o clã não passava de um dever meu.

— Você acha que eu não percebi? — perguntou muito mais em tom de afirmação, quando tocou a minha mão esquerda e acariciou o meu dedo anelar, agora sem o anel de compromisso, tendo a sua boca tão próxima à minha que quase pude sentir o sabor de seus lábios.

Daniel poderia ser a minha salvação ou a minha ruína, mas neste momento, era somente o homem que abalava a minha convicção.

Um Agente para a CEO



Eles se odiaram à primeira vista, mas muita coisa aconteceu à segunda!

Camila, a CEO de uma empresa em ascensão, se vê vítima de uma tentativa de sequestro. Com sua vida em perigo e, mesmo contra a sua vontade, ela ganha escolta da Polícia Federal.

O policial designado é Nicolas (Nick), um indisciplinado agente marcado por um passado obscuro, que recebeu uma árdua missão como punição: proteger a CEO.

Será ele capaz de domá-la, ou se deixará ser domado pela ousada e teimosa Camila?

Amazon: <https://amzn.to/3840LlZ>

+18

D e g u s t a ç ã o

— Negócios são negócios, Jorge! A sua oferta de múltiplo tem que ser muito melhor do que isso para me convencer, eu não tenho motivos para vender um percentual da empresa neste momento — disse ao reparar que já passava das dez da noite e os sinais do cansaço já me pesavam nas costas.

— É uma injeção de capital significativa que pode ajudá-la a potencializar o crescimento, antes de seguir para um futuro IPO[60] — sabia que esse era o seu trabalho e ele era excepcional no que fazia, mas, a única coisa que eu não buscava era ter mais um sócio, ainda mais sendo ele um fundo de investimentos.

— Ofereça-me um jantar no restaurante do Palácio Tangará[61], é o máximo que vai conseguir de mim. Aceito suas dicas de aquisições, entretanto, não me interessa em ser incorporada por qualquer um dos grandes do ramo.

Jorge vinha sendo meu guru de investimentos, com sua ajuda, o crescimento da SoftSkin vinha sendo exponencial, mas eu também tinha tino para os negócios e algo me dizia que não era o momento de abrir mão de um percentual tão significativo do império que eu estava construindo. Muito em breve eu seria mais do que uma empresa unicórnio[62], nós tínhamos o mundo para desbravar e capacidade para fazermos isso sozinhos.

— Como essa mulher é difícil! — riu do outro lado da linha — Achei que estava lidando com uma CEO e não com uma cientista que ainda tem apego à patente de um produto criado em uma universidade anos atrás.

— Só porque estou recusando injeção de capital? — perguntei incrédula — Entenda que eu acredito no meu produto e se isso demandar que eu espere um pouco mais, assim será — desliguei o *notebook* e olhei ao redor da imensa sala decorada com piso de mármore e mobiliário fino. Definitivamente muito mais luxo do que eu precisava para realizar o meu sonho.

— Teimosa — era o que ele sempre me dizia — e linda — já, este tipo de

elogio vinha somente quando ele queria um encontro com ‘final feliz’.

Olhei pela janela e notei que a chuva já tinha amenizado, o temporal com trovoadas deu lugar a uma discreta garoa. Mas isso não fazia mais diferença a essa hora, o pico do trânsito de São Paulo há muito já tinha passado.

— Jantar no Palácio Tangará e nada além disso — insisti ao deixar a sala, olhando ao redor, para constatar algo que eu já sabia, eu era a última a deixar a empresa, como de costume.

Segui em direção ao saguão, fechando a porta de vidro com trava automática atrás de mim e chamei o elevador.

— Muito conveniente querer jantar em um hotel, Cami — arriscou ele, provavelmente recordando-se do nosso último encontro, onde fomos até as últimas consequências.

— Não dessa vez, Jorge, é só pela gastronomia — ele podia ser um ótimo amante, mas já era hora de eu parar de misturar negócios com prazer — preciso desligar, o elevador chegou.

— Você sabe que, se eu estivesse na cidade hoje, você não estaria saindo assim tão tarde do trabalho, não é?

— E você sabe que é por isso que eu me empenho tanto em te fazer ficar fora daqui, não sabe? — ainda tive tempo de responder antes de encerrar a ligação.

Jorge tinha diversos atributos desejáveis, mas o problema era eu, talvez o foco que eu dava para fazer da SoftSkin uma empresa unicórnio estivesse me transformando em uma pessoa fria demais, ou talvez a resposta fosse mais simples do que isso, eu não tinha qualquer sentimento por ele e as poucas noites de sexo casual que tivemos no passado, apesar de boas, tinham que permanecer no passado.

Desci no primeiro dos quatro subsolos e caminhei até uma das vagas

privativas da diretoria da empresa. Leandro, meu motorista, estava encostado no lateral do carro escuro, impecavelmente brilhante, brincando com o celular, provavelmente flertando em algum aplicativo de relacionamentos, como fazia o tempo inteiro.

— Senhora... — ele guardou o aparelho no bolso imediatamente ao me ver e abriu a porta traseira para mim.

— Para casa — limitei-me a dizer. A única coisa que eu precisava era de um bom banho e uma noite inteira de sono.

O Corporate Towers, onde eu tinha montado nosso escritório, na Vila Olímpia, era muito perto do meu apartamento no Itaim. Deixamos a garagem e, como sempre, Leandro pegou a saída da Juscelino. Dávamos algumas voltas para conseguirmos cruzar a avenida, o trajeto sempre me parecia mais longo de carro do que a pé, mas eu não tinha muita escolha, portanto, recostei-me no banco de couro e fechei os olhos por alguns segundos.

Leandro acelerou, desacelerou e fez uma curva a direita. Voltei a prestar atenção ao que ele estava fazendo, já que o caminho normal seria cruzar a Faria Lima e pegar o retorno à esquerda.

— O que houve? — perguntei olhando para os lados para identificar onde estávamos.

— Não se preocupe dona Camila, só achei estranho um veículo atrás de nós, mas parece que não era nada — respondeu ele, sem tirar os olhos do retrovisor.

Minha primeira reação foi olhar pelo vidro traseiro, mas nada vi. O volvo era blindado, pesado e lembrei-me de quando me obrigaram a contratar um motorista que tivesse passado por um treinamento de direção defensiva. Foi daí que surgiu Leandro, mesmo assim, sentia-me segura na cidade, com ou sem blindados.

Talvez, todos ao meu redor fossem neuróticos demais quanto à segurança.

Eu sempre tinha sido uma mulher simples, andava à pé, corria no Ibirapuera e sentia-me em extremo anonimato, mesmo estando à frente de uma empresa que já despontava grande sucesso.

Uma unicórnio!

Liderava uma empresa de cosméticos que estava rumo a este marco com uma linha de produtos de rejuvenescimento, cuja fórmula vinha estudando desde a época do mestrado em Biomedicina. No doutorado, após me associar com outras duas estudantes pesquisadoras, tínhamos achado a fórmula perfeita e fazíamos testes sustentáveis através de células tronco.

O solavanco do carro tirou-me de meus pensamentos mais uma vez, olhei para o lado, estávamos de volta à avenida Juscelino.

— Golf prata — disse Leandro com voz aflita — ligue para 190 dona Camila, placa DIV...

Busquei o aparelho celular na bolsa enquanto sentia-me ser jogada da esquerda para a direita a cada veículo que ele tentava ultrapassar, em manobras perigosas, cortando os retardatários, agora já em altíssima velocidade.

Estávamos perto de um dos principais cruzamentos de São Paulo, Faria Lima com a Juscelino, pois, com o desvio Leandro tinha retornado à avenida da estaca zero, exatamente na altura do prédio do escritório. O local estava sempre com alto fluxo, não importava o momento do dia ou da noite. A cento e cinquenta metros de distância do semáforo, em alta velocidade e costurando os veículos à nossa frente, ele subitamente tinha mudado para amarelo.

— Estamos sendo seguidos na Juscelino — foi a primeira coisa que eu disse ao ser atendida.

— Segure-se dona Camila, nós vamos passar — gritou Leandro ao imprimir maior velocidade ao motor, girando o volante bruscamente para a direita, tentando achar uma brecha entre os carros para cruzar sem causar um acidente — se passarmos e eles ficarem, estaremos seguros.

— É um golf prata — consegui dizer ao telefone antes de quase chocar a cabeça contra o vidro da janela.

— Merda! — ele voltou a gritar junto com o estrondo de várias buzinas e o barulho do atrito de pneus contra o asfalto molhado, mas nenhum som de carros se chocando — Eles passaram no vermelho!

— Placa DIV...

Em zigue-zague, o volvo, apesar de extremamente potente, era pesado por conta da blindagem e o golf muito mais ágil que nós. Leandro saía fechando os carros e recebendo as buzinadas, mas conseguia os ultrapassar com destreza, até o momento estávamos indo bem. Um acidente a esta altura podia até nos manter ilesos por estarmos em um dos veículos mais seguros do mundo, mas a esta velocidade, eu não tinha tanta certeza sobre aquele que se chocasse contra nós.

— Vamos no vermelho agora! — voltou a gritar — Não dá para frear por aquaplanagem[63] — acelerou ainda mais, a ponto de eu colar no banco, e vi o carro que atravessava na perpendicular rodopiar na pista, felizmente, sem atingir ninguém, mas o motorista que nos perseguia parecia ser muito bom e seu veículo, como era menor, muito mais fácil de se manobrar, driblou o amontoado que se formava por conta do que havia rodado na pista e seguiu firme atrás de nós.

— Na Juscelino, sentido Ibirapuera — terminei de dizer à atendente do 190 após retomar o fôlego, tentando me manter firme com os zigue-zagues — alguns carros rodaram na pista, pois passamos no sinal vermelho e nosso perseguidor também.

— Vamos pegar o túnel Tribunal de Justiça — era o mais prudente, pois poderíamos seguir em linha reta, já que, se pegássemos à nossa direita, terminaríamos na avenida Santo Amaro, sem possibilidade de seguirmos em velocidade.

— Estamos em um volvo cinza... — comecei... a única coisa que eu não queria era desligar a ligação com a polícia. Sentia-me apavorada, isso jamais

havia acontecido comigo. Perseguições eram coisas de filmes e não da vida real de alguém curtia jantar com os amigos e, às vezes, comia Mc Donald's sozinha na unidade do bairro, quando se cansava de comida politicamente correta.

— Merda!!!!!! — gritou Leandro quando entrou no túnel — Não posso frear! Vamos rodar na água! Segure-se firme!

Aquilo foi tudo muito rápido, mas eu juro que vi e senti que estávamos em câmera lenta.

Embora ele tivesse deixado de acelerar, senti o impacto brusco do volvo contra a poça d'água e logo era como se ele estivesse flutuando, chocando-se contra a mureta lateral direita do túnel e logo rodou chocando-se contra a da esquerda. Meu celular voou longe e um dos airbags laterais foi acionado, mas sem evitar que eu antes fosse com a cabeça fortemente de encontro ao vidro.

Leandro girava o volante com tanta rapidez que após o segundo choque lateral, demos um giro de 360 graus, já fora da poça, e ele recuperou o controle, acelerando ainda mais, retomando o curso.

Olhei para trás e vi o golf chocando-se contra a mureta, destruindo a lataria lateral. Aparentemente aquele não era um blindado e o estrago tinha sido grande demais para que continuasse rodando, não dava para saber se haviam se ferido na manobra, mas Leandro seguia firme evitando continuar no segundo túnel, para a Sena Madureira, indo parar na rua do Parque.

Ainda em alta velocidade, ele voltou para dentro do bairro optando por ruas pequenas e escuras, mais escondidas, e assim voltamos ao coração do Itaim.

Em silêncio, com o meu coração a mil por hora, mal conseguia respirar e dez minutos depois, entrávamos pelo portão da garagem do condomínio do prédio.

Estava dolorida dos solavancos, exatamente na altura do cinto de segurança a dor era mais intensa, sabia que tinha um enorme galo na cabeça, mas estava viva e devia isso ao meu motorista.

Delegado Hermes



Uma antiga paixão, um crime e um reencontro.

Fernanda é a esposa de um poderoso empresário do ramo de imóveis, mas que no passado foi o grande amor da vida de Hermes. Eles formavam um casal quente e apaixonado, quando, por motivos inesperados seguiram caminhos diferentes... até que... no tempo presente, acontece um crime... o marido dela é assassinado.

ELA? É a principal suspeita.

ELE? O delegado que lidera as investigações.

Seria Nanda uma assassina fria ou uma vítima inocente de um complô? E delegado Hermes, conseguirá elucidar o crime?

Geane Diniz e A.G. Clark convidam vocês a um mergulho neste mistério com um clima de muita sensualidade e sedução.

Amazon: <https://amzn.to/3ghFwzb>

+18

Degustação

Acordei, já com o incômodo calor do sol batendo em meu rosto, mas não conseguia abrir os olhos. Sentia muita sede e aquele típico gosto amargo na boca, junto com a indesejável enxaqueca.

Coloquei o travesseiro sobre a cabeça e tentei virar-me para o outro lado da cama, à fim de me proteger da luz que vinha da janela aberta. Não tinha ideia do quanto bebera na noite anterior, mas sabia que fora muito.

Ainda às cegas, tateei o lado ‘dele’ na cama e constatei que os lençóis estavam intocados. É claro que ele não tinha vindo dormir em casa outra vez. Por que eu me importava em saber?

Aliás, por que, até hoje, eu ainda me dava ao trabalho de achar que alguma coisa poderia ser consertada entre nós? Não havia amor, cumplicidade, confiança, amizade... nem qualquer outra coisa. Era tudo uma obrigação que eu cumpria, da imagem da boa esposa posando para um mundo de mentiras.

Dentro dos portões da casa, que nem sentia ser minha, era a típica esposa infeliz, podada de sonhos, que precisava estar presente em todos os eventos sociais, quer fossem do trabalho do marido ou da alta sociedade. Entre meus afazeres, fazia parte, ser impecável ao receber, em nossa casa, os casais da aristocracia corporativa, que renderiam ótimos negócios para a empresa.

— *O sucesso é feito de bons relacionamentos e amizades com as pessoas certas, Fernanda* — dizia meu marido.

Quatro anos atrás, depois de ter renunciado à felicidade, aceitei também abandonar a prática da arquitetura, a única coisa que havia restado e me dava prazer, sabia que não seria uma ótima ideia, pois o escritório começava a decolar, mas, meu marido achava que o meu tempo seria melhor empregado se eu me dedicasse a ele e aos eventos sociais da empresa que ele geria. Era como se fosse um emprego, faltava somente o meu pró-labore.

O pedido de casamento chegou em um ótimo momento, para a felicidade da minha família, que, na época, tentava esconder da sociedade paulistana as dificuldades financeiras pelas quais passávamos há pelo menos cinco anos. Só não foi um ótimo momento para mim, porque a vida que eu sempre tinha sonhado morreu no dia em que Roberto surgiu.

— “*Somos a família Cervino Abrantes, temos o nome e uma reputação a zelar!*” — dizia papai — “*Esse casamento é um presente, Roberto pode nos reabrir as portas para novos clientes, está disposto a investir em nossos negócios, diferente daquele inadequado rapaz com quem você insiste em se encontrar.*” — O que papai entendia de felicidade, afinal? — “*Uma vez parte da alta sociedade, minha filha, aprenda que o pior erro é se rebaixar. Roberto vai nos ascender.*”

Tudo havia sido planejado por meu pai através de seus contatos. Um casamento arranjado para um executivo que buscava uma linda jovem, culta, dotada de belas curvas, com boas maneiras e que não desse trabalho a ele. Um bibelô da sociedade.

Mas essa não era eu e jamais achei que terminaria assim.

Nesta camada social, ricos não se misturavam com pobres e homens de poder precisavam de um troféu. Envergonhava-me saber que, por mais que tenha lutado contra, para o meu marido, eu era nada mais que exatamente isso.

Controlador e manipulador, como eu saberia que viveria os últimos anos prisioneira de um inferno? Quando foi que sonhei ter uma vida de casada assim?

Eu era o seu brinquedinho, a esposa perfeita para ser exibida como um prêmio no seu meio corporativo. Como o odiava, mas, acima de tudo, odiava a mim mesma, por ter me deixado ser manipulada e controlada, tanto por ele, quanto por meu pai.

Sabia que na época da minha decisão, eu não tinha muita escolha. Mas...

agora... isso precisava acabar.

Papai tinha reestruturado os negócios com a ajuda do Roberto e já voltava ao patamar da solidez financeira. Com isso, era seguro dizer que eu finalmente podia tomar uma atitude quanto a minha vida. Esse inferno que eu vivia, com o meu marido bígamo, ia acabar. O porre da noite anterior era justamente para comemorar as mudanças que viriam.

Muito em breve eu seria uma mulher livre, inclusive para correr atrás dos meus sonhos e reparar o meu coração, se é que existia alguma possibilidade de eu curar as feridas que o sentimento havia deixado dentro de mim. Diziam que as cicatrizes são eternas, mas eu precisava acreditar que não.

Respirei fundo e tentei me situar, sem a mínima noção da hora e sem conseguir me recordar de muita coisa, só que tinha passado a tarde do dia anterior acompanhada de uma garrafa de *Dom Perignon* e iniciado a noite com *Pinot Grigio* da melhor safra. O que quer que tenha vindo depois disso, eu ignorava totalmente.

Ainda com a cabeça latejando, sentei-me na cama, de olhos fechados e fui tentando me adaptar à claridade. Avistei o aparelho celular sobre o criado-mudo e o peguei para poder confirmar a hora, mas ele estava sem bateria. Respirei fundo e frustrada, o conectei ao cabo alimentador de energia.

Precisava de um banho, urgente.

Foi aí que tentei me levantar e ao colocar a perna esquerda no chão, pousei a mão direita sobre a cama e senti uma dor aguda. Era um corte, não profundo, mas de larga extensão. Fechei os olhos tentando me recordar como isto tinha acontecido, mas sentia um bloqueio total, eu tinha bebido demais para me recordar. Olhei para os lençóis de cetim e notei marcas de sangue, provavelmente do ferimento.

Sem me preocupar com a minha nudez, como eu gostava de dormir, calcei o par de chinelos de veludo vermelho e obriguei-me a jogar um penhoar de seda

sobre o corpo, sem o fechar, depois caminhei a passos lentos até a sala, em busca de pistas que me fizessem entender o que tinha acontecido.

Adentrei aquele ambiente silencioso e tudo parecia como sempre esteve, vazio, pálido e gélido. Mais um casarão entre muitos, decorado por arquitetos de renome e completamente impessoal, uma fortuna desperdiçada, quando eu mesma seria capaz de fazer melhor, mesmo estando longe da prática.

O piso de mármore brilhante mostrava um ambiente impecavelmente limpo e sofisticado.

Mais alguns passos, alcancei a varanda dos fundos, sabia exatamente onde olhar, o meu canto preferido da mansão, que era a cadeira estofada de praia que ficava à frente da piscina. E lá estavam as pistas que eu buscava, a garrafa vazia de *Dom Perignon*, a de *Pinot Grigio* e uma garrafa quase cheia de *Chardonnay*, com uma taça ainda com líquido, agora cheirando oxidado.

No chão, estilhaços de outra taça de cristal e um dos cacos manchado de sangue. Meu sangue, provavelmente, assumi ao voltar a sentir o incômodo corte na palma da mão.

Eu não estava no clima de arrumar a bagunça da minha própria noite de porre, ao menos, não ainda. Deixaria para a faxineira que morava na edícula. Em algum momento ela teria que aparecer para a arrumação. Portanto, voltei pelo mesmo caminho e fui direto para o banheiro. Sabe-se lá o que mais encontraria pela casa, mas não estava muito preocupada com isso.

Cruzei a porta da suíte principal, que mais parecia um cômodo decorado de hotel cinco estrelas norte americano. Sem precisar acender a luz, pois os azulejos brancos com discretos detalhes em azul refletiam os raios de sol que entravam pela janela, deixando o local ainda mais iluminado, adentrei o banheiro.

Havia uma enorme linha vermelha no espelho, era como se eu o tivesse esmurrado e escorregado a mão ensanguentada pela extensão da lateral.

Roberto odiava bagunça, mas eu estava muito pouco preocupada com ele,

que provavelmente deveria ter passado a noite com uma de suas putas fixas, já que, sexo comigo não parecia ser o suficiente para ele. Aliás, nem para mim, mas eu não o traía. Não era dessas, jamais seria.

Mais à direita, vi a chave do carro jogada no chão e a minha bolsa, aberta, caída do lado esquerdo.

— *Você realmente acha que deixarei o meu namorado para me casar com um ‘velho’ que nem conheço? — gritei com o meu pai, revoltada com sua proposição. — Está louco?*

— *Estamos vivendo momentos de crise, Nanda, precisamos de uma injeção de capital diferente de empréstimos bancários. Você é a nossa melhor barganha.*

— *Como tem coragem de me tratar como uma mercadoria? Foi para isso que eu estudei a vida inteira? E quanto toda a minha dedicação a aprender línguas e conquistar um diploma universitário? Eu estou decolando agora na profissão.*

— *Deixe de ser ridícula, minha filha — papai riu, daquele jeito que fazia com mamãe, de vez em quando, espalhando todo o seu sarcasmo — você realmente acha que, com ou sem a crise financeira, eu a deixaria ficar com um homem pobre como é esse ‘Zé Ninguém’ com quem anda saindo?*

— *Não fale assim dele!*

— *Te deixei curtir um pouco dessa palhaçada porque ainda não tinha encontrado o seu par perfeito, mas agora está feito. Roberto te quer, aceitou levar o casamento adiante porque sabe que você não causará problemas para ele. Está disposto a investir em nossa empresa a troco de uma mulher bem comportada. Foi exatamente para isso que te criei, minha filha, para ser bem*

comportada e representar a imagem da alta sociedade.

— Isso é um absurdo!

— Ou é assim ou teremos a ruína das nossas finanças, mas não vou ficar aqui argumentando contigo. Você vai fazer o que estou mandando.

— Não! — gritei angustiada. Ele não podia estar falando sério. — Um homem de poder não teria dificuldade de encontrar qualquer mulher disposta a se casar com ele de bom grado.

— Ele quer alguém de classe, que não traga problemas. Nós precisamos desse matrimônio, dependemos dessa sociedade. Ou quer ver sua mãe e eu na pobreza? Quem vai pagar por seus luxos?

— Não! — será que eu realmente precisava de todo esse luxo para viver? Minha vida atual mostrava que não.

— Nanda, seu casamento acontecerá em seis meses. É tempo o suficiente para podermos trabalhar a mídia e começarmos a divulgar fotos felizes do casal mais perfeito do mundo.

— Nunca!

— Poupe seus esforços, você vai se casar com Roberto.

Peguei a chave caída ao chão e notei um pouco de sangue no chaveiro, mesmo assim a coloquei dentro da bolsa. Como eu odiava aquele Audi que ele havia me dado de presente. Meu futuro ex-marido podia ter comprado o meu pai, mas jamais me compraria.

— Que merda! O que será que eu estava tentando fazer?

Agora, além de um banho, eu precisava me recompor. Existia muito a ser digerido daqui para frente. Não havia qualquer chance de eu continuar sendo

esposa de Roberto e sentia-me no direito de buscar a minha felicidade, mesmo que isso me custasse abandonar a vida da alta sociedade e mergulhar no trabalho árduo, como sempre fora o meu plano de recém-formada. Eu só precisava isso ficasse entre mim e o meu marido, sem que meu pai fosse envolvido.

Já tinha aguentado tempo o suficiente, se fora impossível argumentar com meu pai na época do casamento, dessa vez, sentindo-me não mais devedora a ninguém, havia entregado os papéis do litígio a Roberto e ele ia ter que aceitar não trazer papai para a discussão.

Lavei as mãos, tentando limpar o sangue, mas era como se limpasse a minha alma.

— Dona Fernanda! — ouvi gritos pela casa — Dona Fernanda!

Era só o que me faltava, Cícera e seus escandalosos gritos. Eu gostava dela, mas não quando entrava em pânico. A última vez foi porque o gato do vizinho tinha invadido nossa cozinha. O que seria dessa agora?

H e r m e s

Pilotando a motocicleta pelo trânsito pesado e rabugento de São Paulo, fui em direção ao município de Barueri, cerca de vinte quilômetros da capital.

Graças ao GPS, não foi difícil localizar o exclusivo condomínio *Champs-Élysées*, um conjunto de mansões em uma área verde, rodeada por enormes muros, cerca eletrificada e câmeras de vigilância, condomínio de residência de ricos e famosos, que contava, até mesmo, com um heliporto em suas instalações.

“*Provavelmente algum ricoço matou a mulher*” — pensei comigo mesmo, enquanto um segurança do condomínio, na companhia de dois policiais militares, verificava a carteira funcional que eu mostrara para eles.

— O doutor sabe chegar na casa? — perguntou um sargento depois que eu

tive o cadastro confirmado.

— Tenho no GPS — respondi, e com um gesto do policial ao segurança do condomínio, as pesadas portas duplas automáticas foram abertas, dando-me acesso ao belo lugar.

Ruas largas e arborizadas, com calçadas grandes e gramadas, ao estilo americano, com enormes mansões e seus carros importados nas garagens.

Seguindo as coordenadas, entrei na rua que estava configurada e logo vi várias viaturas da polícia militar no local, além de duas caminhonetes fechadas, com a pintura característica da Delegacia de Homicídios.

Ao me aproximar, um policial militar estendeu a mão fazendo sinal para que eu parasse, estacionei no meio fio, retirei a jaqueta e o capacete, que guardei no bagageiro, para, em seguida, pegar o distintivo preso por uma corrente e o colocar no pescoço.

Antes de alcançar os policiais, que haviam formado uma barreira usando fitas coloridas da polícia, percebi que alguns repórteres da televisão e rádio se aproximavam, como sempre, eram abutres atacando uma carniça.

— Doutor, alguma novidade? — perguntou um deles que eu já conhecia.

— Pessoal, fui convocado quase agora, ainda não tenho nenhum detalhe, depois vocês podem entrar em contato com a assessoria de imprensa da DHPP — respondi os ignorando e pronto para cruzar pela barreira.

Observei mais viaturas da polícia militar no local, bem como um sedan prata quatro portas, descaracterizado, que pertencia à minha equipe.

— Aqui, chefe! — gritou um homem branco com cabelos quase totalmente grisalhos e despenteados, de um metro e sessenta, largo como um barril, enquanto se aproximava.

Ele era meu chefe de investigadores, um policial com quase trinta anos de carreira. Muitos já o tinham subestimado por sua estatura e tiveram alguns ossos

quebrados em razão disso.

— O que temos aqui, Doca? — perguntei usando o apelido como era conhecido em toda a corporação, embora seu nome fosse Eduardo.

— Uma merda, chefe, é o que eu digo, o corpo de Roberto Kelson Marques foi encontrado com uma faca cravada em cima do coração e o pescoço cortado — relatou, caminhando ao meu lado em direção a uma expressiva mansão, onde se avistava policiais civis, militares e peritos criminais.

— Como?! — exclamei surpreso, estancando o passo e agarrando seu antebraço com força, enquanto o encarava.

— Está tudo bem, chefe? — perguntou surpreso — Você o conhece?

Todos já tinham ouvido falar de Roberto Kelson Marques, era um mega empresário, envolvido no ramo de construção civil, siderurgia e de investimentos. Um benemérito que aplicava parte de seus lucros em obras sociais, salvara o exclusivo Jockey Club de São Paulo da falência, doava obras de artes a museus, seu nome fora ventilado como futuro candidato à prefeitura ou governo de São Paulo.

E pior de tudo, era casado com Fernanda Cervino Abrantes, a mulher que eu amara com todo o coração, a mulher que eu pedira em casamento e aceitara, prometendo se casar comigo, quando eu terminasse a academia de polícia, mas misteriosamente, três meses antes de minha formatura, tinha me deixado, sem explicações satisfatórias. A única pista que havia deixado fora um bilhete e ao procurá-la, ela ignorara os telefonemas e se recusava a me atender.

Inacessível, amarguei a dor da separação, até que, por fim, soube pelas revistas sensacionalistas a respeito do seu suntuoso casamento.

— Não, não é nada, vamos! — ordenei tentando esconder as emoções que me explodiam dentro do peito.

Entramos na mansão por um espaçoso vestíbulo com piso de mármore

branco, peritos vasculhavam o local procurando impressões digitais, enquanto policiais militares, curiosos, observavam o processo investigativo.

— Pessoal, quem não for da perícia ou da delegacia de homicídios, fora daqui! — ordenei irritado.

Não parei para confirmar se todos me obedeciam e caminhei para o interior de uma espaçosa sala de estar, de pé direito alto, mobiliada com móveis caros e elegantes, decorada com esculturas e quadros. O piso era mármore, uma típica mansão que costumava aparecer em programas de celebridades e revistas especializadas, demonstrando o bom gosto e a fortuna de seu proprietário.

— Como foi que encontraram o corpo? — perguntei tentando ser o mais profissional possível.

— Bom dia, chefia — cumprimentou-me um homem negro de quase dois metros de altura e musculoso, seu cabelo estava cortado rente no estilo militar, era um dos investigadores de minha equipe — a empregada, que dorme na edícula da mansão, ao entrar no escritório, encontrou o corpo do bacana estendido no chão com a faca cravada e o pescoço cortado. Ela correu para o segundo andar e avisou a patroa dela, após ligar para a polícia — relatou.

— Obrigado, Jorge — agradei — onde está a esposa da vítima?

— Ainda no quarto do casal, está em choque, ela disse que acordou com um corte na mão e ao entrar no banheiro, viu mais rastros de sangue, antes que fizesse qualquer coisa, a empregada entrou correndo, gritando que o marido *tava* morto no escritório — concluiu o relato coçando a orelha com a ponta do dedo.

— Muito bem, pessoal, o chefe me ligou logo cedo pedindo discrição. Vamos manter a imprensa e os curiosos longe daqui, não quero saber de fotos vazando para a mídia! — avisei.

— Ihh chefia, os *mike* chegaram aqui primeiro — respondeu Jorge, rindo, referindo-se à gíria pela qual os policiais militares eram conhecidos.

— *Me ajuda aí, caralho!* — respondeu Doca, irritado, dirigindo-se ao seu subordinado.

— Doca, você já sabe o que fazer, quero os computadores da central de segurança do condomínio e da mansão apreendidos, assim como os celulares da vítima, da esposa da vítima e da empregada. Interrogue os vizinhos e se tiverem algo de relevante, já os intime a irem para a delegacia, para serem ouvidos. Especificamente a empregada tem que ser ouvida ainda hoje — comecei a coordenar a investigação enquanto andávamos pela sala.

Paramos no umbral de uma porta de carvalho semiaberta, que assumi ser o escritório. Ao entrarmos, observei a enorme estante repleta de livros, uma das paredes possuía uma imponente janela francesa, que se escondia atrás da cortina de voal. Na parede sul, a pesada mesa de madeira estava disposta, atrás dela a poltrona de couro. Nas demais paredes, diversos quadros eram exibidos de forma assimétrica.

No centro do escritório havia uma mesa baixa cercada por várias poltronas e um sofá, onde cabiam, confortavelmente, cinco pessoas.

Ao lado da mesinha, sob um tapete que parecia persa, pelos desenhos geométricos, a vítima estava estirada em meio à uma enorme poça de sangue, acompanhada por dois peritos, um tirava fotografias, enquanto outro o analisava, sem tocá-lo, apontando com uma caneta, qual a parte do corpo deveria ser fotografada.

A vítima era um homem de cerca de um metro e oitenta, vestia calça social preta, da mesma cor que os sapatos e camisa de manga longa, branca, agora manchada da cor da tragédia igualmente a seu pescoço, resultado do sangue que vertera de um feio corte horizontal. Sua cabeça estava virada de lado, mas percebia-se que seu cabelo era louro e liso.

Ao notar minha aproximação o perito se levantou, enquanto seu companheiro continuava fotografando o corpo.

— Doutor! — cumprimentou-me com um aceno, já que as luvas que usava estavam manchadas de sangue.

— Fábio, o que você tem para mim? — perguntei ao perito-chefe.

— Provável homicídio, um corte horizontal produzido por arma branca que quase decepou sua cabeça, creio que seja a mesma arma que foi cravada em seu peito e acertou, em cheio, seu coração. Há sinais de luta, como o senhor pode ver — detalhou apontando para o ambiente.

Observei que sobre a escrivaninha havia vários objetos desarrumados.

Coloquei um par de luvas entregues pelo perito e ergui o porta-retratos, nele havia a foto da vítima com sua esposa, no dia do casamento. Ele sorria, aparentemente feliz e orgulhoso, trajando um fraque inglês, enquanto ela, exibia um belo vestido de noiva com cristais e sorria, mas seu sorriso não parecia com o que eu conhecera e pelo qual me apaixonara. Soava algo forçado, assim como o olhar, que estava triste.

Deixei o porta-retratos na mesa e observei o restante do ambiente, a mesinha de centro estava com o tampo de vidro quebrado, uma das poltronas virada de lado.

— Qual a causa da morte? O golpe no pescoço ou no peito? — perguntei.

— Só após a necropsia para saber — respondeu Fábio.

— Quero uma busca completa por impressões digitais na casa toda — ordenei impaciente — e depois que seus rapazes terminarem, minha equipe vai revistar todos os cômodos.

— Sem problemas, doutor, estamos quase terminando aqui, falta somente o andar superior. Uma equipe do atendimento médico está com a esposa da vítima, dei uma olhada rápida por lá, ela tem sangue nas mãos e notamos sangue no banheiro, colhi amostras para confrontação de DNA.

— Depois que vocês liberarem a cena eu levo minha equipe para um

exame mais detalhado — disse.

— Tem mais sangue na varanda dos fundos, que dá acesso ao jardim e piscina — informou Doca.

— Sim, encontramos algumas garrafas de bebidas, taças e estilhaços, além de marcas de sangue que já colhemos para futuro exame — explicou o perito-chefe.

— Obrigado, Fábio — agradei e fiz um sinal para que Doca me acompanhasse.

Subimos uma escadaria de alvenaria com piso de mármore, até o andar superior da mansão. No final da escada havia uma sala com alguns sofás e dela, partiam dois corredores. Avistei um investigador da minha equipe parado em frente à uma porta e caminhei até ele.

— Bom dia, chefe — cumprimentou o jovem de vinte e cinco anos, com cabelos castanhos rebeldes, ao estilo de um roqueiro.

— Bom dia, Carlos, a esposa da vítima está sozinha? — perguntei já não confortável com o que sabia que teria pela frente.

— Sim senhor — respondeu mascarando chiclete e fazendo uma bola que estourou enquanto abria a porta para mim.

— Doca, aguarde aqui, deixa eu falar com a vítima primeiro.

— Sim senhor — acatou o chefe de investigadores.

Entrei no quarto, era um ambiente enorme, quase do tamanho de meu pequeno apartamento, seu chão era forrado de tapetes e nas paredes, quadros com motivos abstratos estavam pendurados. Os móveis eram modernos e elegantes.

Percebi que a porta, que deveria dar acesso ao banheiro privativo da suíte, estava fechada e uma fita adesiva da perícia a mantinha lacrada. Diretamente à minha frente, havia uma cama que acomodaria perfeitamente dois casais, com os

lençóis que pareciam de seda, desarrumados somente de um lado.

Perto da enorme janela que dava acesso à uma sacada, que eu vira ao entrar na mansão, havia um outro ambiente, com uma mesinha de centro e quatro poltronas em volta. Em uma delas, de costas para mim, Fernanda estava sentada, seus cabelos negros e longos presos em um coque, parecia estar com as pernas encolhidas junto ao corpo em uma posição fetal de proteção.

Senti um gosto amargo na boca, seguido de uma pontada no coração, fazia muito tempo que eu não a via.

Toques de Sedução

Geane Diniz



Série “Toques de Sedução”

Fabi está de passagem por São Paulo e vive uma noite de amor com Jota. Sem esperança de que tudo vá além do casual ela volta para Londrina sem deixar rastros. Será que a história desses dois ficará por isso mesmo?

Rosana finalmente consegue consumir uma noite quente com o seu grande crush, até descobrir que esse envolvimento pode trazer à tona todo o seu passado, será que ela está preparada para reviver o que ficou para trás?

Lia está cansada de ser traída e decide que nunca mais vai se apaixonar, só que ela não contava com o surgimento de Guto em sua vida. Só que, ele tem um segredo.

Amazon: <https://amzn.to/2Zv7wJC>

+18

Promessas de amor

A.G. Clark



Duologia “Promessas de Amor”

Juan, o inconsequente filho de um Duque é enviado como castigo na companhia de um padre à Mérida onde conheceria Jamila, a bela filha do Sheik, uma jovem à frente de seu tempo, guerreira indomável que não se conforma com a servidão que a sociedade impõe às mulheres e que jurou somente se entregar ao homem que a derrotasse em combate.

Quando Juan a conhece um intenso amor floresce, mas ela fora prometida para outro e sem poder clamar por dama, Juan volta para o Reino das Astúrias e torna-se um guerreiro a serviço do Rei.

E agora, uma grande ameaça paira sobre toda a Hispânia, vinda do gelado Mar do Norte, ele luta bravamente, mas sua grande batalha é consigo mesmo, tentando vencer seu sentimento por Jamila.

Nenhum dos dois imaginava que seus caminhos voltariam a se cruzar e o amor, que nunca fora apagado, gritaria por uma nova chance.

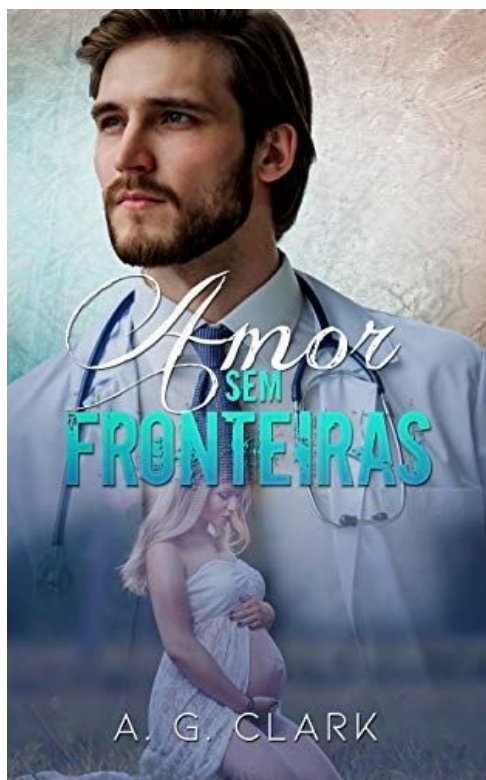
Será que eles são capazes de deixar a honra, crenças e promessas de lado, para se permitirem viver o amor?

A guerreira indomável — <https://amzn.to/3gkrVXJ>

O cavaleiro da solidão — <https://amzn.to/2AWrJhj>

Amor sem Fronteiras

A.G. Clark



*Marcos nasceu e foi criado em uma comunidade carente por sua mãe.
Com sacrifícios e dedicação se formou em medicina.*

*Sthefany nasceu em berço de ouro, filha do proprietário do mais
prestigiado hospital da América Latina, sempre teve tudo que desejou.*

*Frente à frente, foram incapazes de evitar uma paixão avassaladora, que
precisará derrubar muros criados pelo preconceito e diferenças sociais.*

*Dos ambientes sofisticados de São Paulo às ruas de uma comunidade, da
glamourosa Dubai à destruída Aleppo, na Síria, será o amor forte o*

suficiente para vencer as armadilhas do destino?

(+18 - livro único)

Amazon: <https://amzn.to/3b2Pjci>

Agradecimentos

Escrever este livro foi um desafio e uma conquista.

Começamos com uma ideia sem saber como ela terminaria e de repente nasceram Pearl e Max.

Agradecemos, do fundo do nosso coração, as nossas leitoras mais queridas, que têm nos apoiado, nos ajudado e acima de tudo nos acompanhado até aqui.

Agradecimentos especiais à Mariana Eler e Liana Nobre por terem criado e estruturado o nosso grupo de leitura coletiva, uma nos bastidores e a outra na comissão de frente, animando a nossa torcida livro após livro.

Bjks

Gê & AG

Fale com os autores

F a c e b o o k

Perfil - <https://www.facebook.com/escritoragclark>

Perfil - <https://www.facebook.com/geane.jean.diniz>

FanPage - <https://www.facebook.com/geanedinizescritora>

FanPage - <https://www.facebook.com/agclarkescritor>

Grupo - <https://www.facebook.com/groups/geanediniz>

Lojinha de livros – www.escritorageanediniz.com

W a t t p a d I n s t a g r a m

ID: @AGClark2
ID: @GeaneJDiniz



ID: @GeaneJDiniz



ID: @A.G.Clark.autor

F a l e c o n o s c o

G e a n e D i n i z

geane.jean.diniz@gmail.com

A . G . C l a r k

a.g.clark1@hotmail.com

B j k s !

G ê & A G

Notas

- [1] *O Condado de Nassau é um dos 62 condados do estado americano de Nova Iorque. A sede do condado é Mineola, e sua maior cidade é Long Beach.*
- [2] *Considerada a 5ª universidade com melhor reputação do mundo, a Universidade da Califórnia – Berkeley foi fundada em 1868. Tem 25.540 alunos, sendo que 47,1% são do sexo masculino e 52.9% do sexo feminino.*
- [3] *High school – equivalente ao Ensino médio no Brasil*
- [4] *As montanhas Rochosas (ou simplesmente Rochosas) são uma importante cordilheira localizada na América do Norte ocidental.[1] As Montanhas Rochosas seguem por mais de 4 800 quilômetros a partir da parte norte da Columbia Britânica, no oeste do Canadá, até o Novo México, no sudoeste dos Estados Unidos.*
- [5] *A Wall Street é uma rua que corre na Manhattan Inferior, e é considerada o coração histórico do atual Distrito Financeiro da cidade de Nova Iorque, onde se localiza a bolsa de valores de Nova Iorque.*
- [6] *A expressão francesa ménage à trois se refere a uma relação erótica e afetiva que envolve três pessoas.*
- [7] *Bondage é uma prática BDSM que consiste em prender, amarrar ou restringir consensualmente um parceiro para fins estéticos, eróticos ou sensoriais. Um parceiro pode ser fisicamente restringido de várias maneiras, incluindo com o uso de corda, algemas, vendas, coleiras, fita adesiva, mordaça, grilhão, entre outros.*
- [8] *O rio Grande é um dos maiores rios da América do Norte. Nasce nas montanhas San Juan, no estado americano do Colorado, banha o estado do Novo México e, a partir de El Paso, no Texas, serve de fronteira natural entre os Estados Unidos e o México,[1] onde é conhecido como rio Bravo del Norte. Com 3.000 km de extensão, é o quinto mais longo da América do Norte, e o 20.º mais longo do mundo. O rio é utilizado por muitos imigrantes que, com a ajuda de "coiotes", passam ilegalmente para os Estados Unidos.*
- [9] *Homens que mediante pagamento ajudam a atravessar a fronteira México-americana, muitas vezes ligados aos Cartéis de drogas mexicanos.*
- [10] *O green card, oficialmente o US Permanent Resident Card é um visto permanente de imigração concedido pelas autoridades daquele país.*
- [11] *"John Doe" e "Jane Doe" são pseudônimos coletivos que são usados quando o nome verdadeiro de uma pessoa é desconhecido ou está sendo intencionalmente oculto. Fonte: Wikipedia*
- [12] *Pearl - Pérola*

- [13] *Elisabeth Cluther Costa é personagem do livro Amor Sem Fronteiras de A.G. Clark*
- [14] *Mamma mia (em português: Minha Mãe) é uma interjeição italiana, utilizado em situações de surpresa ou angústia.*
- [15] *Carcamano é uma designação pejorativa dada aos italianos e seus descendentes. Usada nesse livro pois é escrito na língua portuguesa, pode ser substituído por Goomba em italiano, que representa amigo ou associado, usado entre homens ítalo-americanos*
- [16] *Squash [squóch] é um esporte praticado com raquetes e com uma pequena bola oca preta de borracha por dois jogadores (ou quatro jogadores para disputa de duplas) em uma quadra/campo fechada por quatro paredes, sendo a traseira de vidro. Nas competições de profissionais, as quatro paredes são de vidro e a bola é branca. Quando a bola atinge a parede, ela é esmagada (em inglês, squashed), o que originou o nome do esporte.*
- [17] *Brooklyn é um dos 5 bairros de Nova Iorque situado na extremidade ocidental de Long Island. A icônica Ponte de Brooklyn, construída em 1883, faz a ligação a Manhattan. Os bairros incluem o sofisticado DUMBO (entre as pontes de Manhattan e Brooklyn), Williamsburg, um foco de música indie, arte e vida noturna, e Coney Island e os parques de diversão. Brooklyn Heights e Park Slope são os bairros verdejantes e repletos de casas geminadas*
- [18] *Beatriz Xavier Costa é personagem do livro Amor Sem Fronteiras de A.G. Clark.*
- [19] *Traduzido do inglês-Existem muitos operadores de táxis amarelos em todo o mundo. A Yellow Cab Company original, com sede em Chicago, Illinois, era uma das maiores empresas de táxis nos Estados Unidos.*
- [20] *The New York Times é um jornal diário estadunidense, fundado e publicado continuamente em Nova York desde 18 de Setembro de 1851, pela The New York Times Company. O The New York Times ganhou 117 prêmios Pulitzer, mais do que qualquer outra organização de notícias.*
- [21] *WASP é o acrônimo que em inglês significa "Branco, Anglo-Saxão e Protestante" (White, Anglo-Saxon and Protestant). Com frequência usada em sentido pejorativo, presta-se a designar um grupo relativamente homogêneo de indivíduos de religião protestante e ascendência britânica que supostamente detêm enorme poder econômico, político e social.*
- [22] *Pretty Woman (Brasil: Uma Linda Mulher /Portugal: Um Sonho de Mulher) é um filme de comédia romântica americano de 1990, ambientado em Los Angeles. Escrito por J. F. Lawton e dirigido por Garry Marshall, o filme é estrelado por Richard Gere e Julia Roberts, e dispõe de Hector Elizondo, Ralph Bellamy (em sua performance final) e Jason Alexander em papéis secundários. A história de Pretty Woman se concentra na prostituta de Hollywood e de pouca sorte Vivian Ward que é contratada por um rico empresário, Edward Lewis, para ser sua acompanhante para várias funções empresariais e sociais, e sua relação em desenvolvimento ao longo da estadia de uma semana de Vivian com ele.*
- [23] *Joint-venture – Empreendimento conjunto ou empresa conjunta é um modelo estratégico de parceria comercial ou aliança entre empresas, visando desde uma simples colaboração para fins comerciais e/ou tecnológicos. Fonte: Wikipedia*

[24] *Lolita* é um romance de 1955 escrito pelo romancista russo-americano Vladimir Nabokov. O romance é notável por seu assunto controverso: o protagonista e narrador não confiável, um professor universitário de Literatura de meia-idade sob o pseudônimo Humbert Humbert, está obcecado por Dolores Haze, de 12 anos, com quem ele se torna sexualmente envolvido após ele se tornar padrasto dela. "Lolita" é seu apelido privado para Dolores.

[25] *Little animal* – pequeno animal ou animalzinho

[26] *Closed caption* – é um recurso de acessibilidade para deficientes auditivos

[27] *Langley* – Langley é uma comunidade não incorporada localizada em McLean, uma região censo-designada do condado de Fairfax, no estado americano da Virgínia. É frequentemente usada como uma metonímia para a Agência Central de Inteligência, já que é o lar de sua sede, o George Bush Center for Intelligence. Fonte: Wikipedia

[28] *Homeland* – O United States Department of Homeland Security (DHS) é um departamento executivo dos Estados Unidos responsável pela segurança pública. Envolve anti-terrorismo, segurança fronteiriça, imigração e aduana, cyber security e prevenção e gestão de desastres. Fonte: Wikipedia

[29] *Elphaba* – Elphaba Thropp é um personagem fictício de *Wicked: The Life and Times da Bruxa Malvada do Oeste* de Gregory Maguire, bem como nas adaptações da Broadway e West End, *Wicked*. No livro original de 1900 L. Frank Baum, *O Maravilhoso Mágico de Oz*, a Bruxa Malvada do Oeste não tem nome e pouco se explica sobre sua vida. Fonte: Wikipedia

[30] *Green Card* – O green card, oficialmente o US Permanent Resident Card é um visto permanente de imigração concedido pelas autoridades daquele país. Diferentemente dos outros tipos de vistos ele não restringe ou limita as ações de quem o tem. Fonte: Wikipedia

[31] *Sparring* é um termo inglês utilizado no ocidente que se refere a uma forma de treino comum a vários desportos de combate.

[32] O jab é um soco empregue nas artes marciais. Existem diversas variações de jab, contudo todas elas possuem características em comum. Com o braço dianteiro da posição base, o punho é impulsinado frontalmente até que todo o membro anterior se encontre completamente estendido. No momento do impacto, a pronação do punho é normalmente realizada com uma orientação horizontal, onde a palma da mão deve situar-se virada para o chão.

[33] *Uppercut* é um soco utilizado em várias artes marciais como no boxe, kickboxing e muay thai. Este golpe é lançado para cima, com qualquer uma das mãos. O uppercut viaja no plano vertical, de baixo para cima, junto ao tórax do adversário e entra pela sua guarda em direção ao seu queixo.

[34] O cruzado é um golpe lateral, de curta distância. Para a execução de um cruzado perfeito, é preciso ter uma boa base e flexionar as pernas, porque essa impulsão será fundamental no fim do movimento. Deve ser feita uma rotação de ombro e quadril, em que a força não é feita para a frente, mas sim para o lado.

[35] No gancho frontal, visa acertar o estômago, é feito um movimento lateral com o ombro,

para haver uma boa angulação para o golpe e, principalmente, para ela evitar que o pugilista fique exposto a contragolpes.

[36] *Clinch, no boxe, é uma forma de livrar-se de uma eventual sequência de ataques desferidos pelo oponente, imobilizando os braços do mesmo com um abraço.*

[37] *Bakery – padaria, panificação*

[38] *Campo de golpe em Hamptons, Long Island.*

[39] *Tubby Tompkins Club (clube do Bolinha) – Bolinha - ("Tubby Tompkins") líder do grupo de meninos que têm, como lema de seu clube, a frase: "Menina não entra!". Bolinha sempre passa por sufocos e vem recorrer a Luluzinha (ou Little Lulu), que sempre o ajuda. Fonte: Wikipedia*

[40] *Aborígene – proveniente do país onde habita, autóctone, nativo ou indígena. Cujas regiões de origem foram posteriormente habitadas por europeus, falando especialmente dos nativos dessas regiões. Fonte: dicio.com.br*

[41] *High school – equivalente ao ensino médio no Brasil.*

[42] *A expressão francesa ménage à trois se refere a uma relação erótica e afetiva que envolve três pessoas.*

[43] *Mara Salvatrucha ou MS-13 é uma gangue formada principalmente por salvadorenhos que atua nos Estados Unidos e na América Central. Existem indícios de que tenha ramificações também no Canadá e na Espanha. Brenda N. Paz, membro da MS-13, foi morta em junho de 2003, aos 17 anos, grávida de quatro meses, após ter contado à polícia tudo o que sabia sobre a organização criminosa. A MS-13 enfrenta outras gangues nas disputas de território. Seus membros se identificam pelos sinais MS, que fazem com as mãos, e pelas tatuagens pesadas (que incluem o "MS-13") espalhadas pelo corpo, inclusive na testa. As ramificações centro-americanas se fortaleceram após a deportação maciça dos integrantes da Mara Salvatrucha que atuavam nos Estados Unidos, para seus países de origem.*

[44] *New York Police Department – Departamento de Polícia de Nova Iorque*

[45] *Firewall – Em informática, um firewall, raramente traduzido como corta-fogo ou corta-fogos, é um dispositivo de uma rede de computadores, na forma de um programa ou de equipamento físico, que tem por objetivo aplicar uma política de segurança a um determinado ponto da rede, geralmente associados a redes TCP/IP. Fonte: Wikipédia*

[46] *Rendez-vous – encontro noturno*

[47] *A Central Intelligence Agency (CIA) ou Agência Central de Inteligência, é uma agência de inteligência civil do governo dos Estados Unidos responsável por investigar e fornecer informações de segurança nacional para o Presidente e para o seu gabinete. A CIA também se engaja em atividades secretas, coleta de dados e contra-inteligência, mas não exerce, a priori, nenhuma função doméstica, se focando em assuntos externos.*

[48] *O Prêmio Pulitzer é um prêmio estadunidense outorgado a pessoas que realizem trabalhos de excelência na área do jornalismo, literatura e composição musical.*

[49] *O Federal Bureau of Investigation (FBI) ou Departamento Federal de Investigação é*

uma unidade de polícia do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, servindo tanto como uma polícia de investigação quanto serviço de inteligência interno (contra inteligência). O FBI tem jurisdição investigativa sobre as violações de mais de duzentas categorias de crimes federais.[3] Seu lema é "Fidelity, Bravery, Integrity" (em português: "Fidelidade, Bravura, Integridade"), correspondente às iniciais "FBI". Seu quartel-general no J. Edgar Hoover Building está localizado em Washington, D.C.. Cinquenta e seis escritórios locais estão localizados nas principais cidades de todo os Estados Unidos, bem como em mais de 400 agências residentes em cidades menores por todo o país, e mais de 50 escritórios internacionais estão localizadas em embaixadas norte-americanas ao redor do mundo.

[50] *Time* é uma das mais conhecidas revistas de notícias semanais do mundo, publicada nos Estados Unidos da América. Uma edição europeia (*Time Europe*, antes conhecida por *Time Atlantic*) também é publicada de Londres, e cobre o Oriente Médio, a África e (desde 2003) a América Latina. Além disso, uma edição asiática (*Time Asia*) é editada de Hong Kong. Uma edição canadense (*Time Canada*) é editada de Toronto. Segundo muitos observadores da imprensa mundial, a *Time* é hoje a revista semanal de maior circulação no planeta.

[51] O ácido desoxirribonucleico (ADN, em português: ácido desoxirribonucleico; ou DNA, em inglês: deoxyribonucleic acid) é um composto orgânico cujas moléculas contêm as instruções genéticas que coordenam o desenvolvimento e funcionamento de todos os seres vivos e alguns vírus, e que transmitem as características hereditárias de cada ser vivo.

[52] G20 – grupo formado por países com as mais expressivas economias do mundo, que juntos debatem os caminhos para manter estável a economia do planeta. Fonte: <https://www.politize.com.br>

[53] Brent Bailey – é um ator, diretor, produtor e roteirista americano de cinema e televisão, nascido em Tucson, Arizona. Bailey apareceu em séries de televisão como *Criminal Minds*, *Rizzoli & Isles* e *Hart of Dixie*. Fonte: Wikipedia

[54] Shell – marca mundial de combustíveis.

[55] *Headhunter* – é o responsável por buscar os melhores profissionais do mercado para uma empresa, geralmente considerando as vagas mais estratégicas dentro da organização

[56] *Catering* – fornecimento de comida preparada para festas, banquetes, restaurantes, outros

[57] Baja - A Baixa Califórnia é um estado mexicano na Península da Baixa Califórnia, na fronteira com o estado americano da Califórnia. A paisagem se estende por montanhas e praias na costa do Oceano Pacífico e do Golfo da Califórnia. Entre as cidades próximas à fronteira americana estão Tijuana, famosa pela vida noturna e como destino de compras, e Rosarito, com suas praias largas e arenosas do Pacífico.

[58] *Nee-san* – tradução literal “irmã mais velha” são as mulheres da Yakuza

[59] *Gaijin* – estrangeiros. Forma como os japoneses chamavam os europeus e adotada para denominar os brasileiros pelos primeiros imigrantes do Japão).

[60] IPO - Initial public offering (Oferta pública inicial) - processo no mercado financeiro em que uma empresa passa a ser de capital aberto com ações negociadas na Bolsa de

Valores

[61] *Palácio Tangará – hotel 6 estrelas de São Paulo.*

[62] *Unicórnio – é uma startup que possui avaliação de preço de mercado no valor de mais de 1 bilhão de dólares.*

[63] *Aquaplanagem – também chamada de hidroplanagem, é um fenômeno que pode acontecer quando o veículo passa sobre uma superfície molhada, pois à medida em que percorre a via, o automóvel perde contato com o solo devido à existência de uma camada de água entre os pneus e a pista. Fonte: grande parte das notas foi extraída da wikipedia.*